

TABELA COMPLETA : FOLCLORISTAS

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
1	Barroso, Gustavo	João do Norte	O Folclore da Guerra	Revista do Brasil, Ed. Monteiro Lobato, SP, Ano VIII, n. 92, agosto de 1923, pp. 383-385	---	FCRB Rev. 19B-20A		Não	Sim	música, dança, embolada, coco, negro	O artigo resgata as "tradições populares" decorrentes da Guerra do Paraguai.	---	Não	Não	Década de 1920	NE, MG	Testemunho próprio, pesquisa bibliográfica e fontes	*1 estrofe - cantiga de "embolada" - (Nordeste; s.a., s.d.) p.385; *1 estrofe - Ode de José de Jesus (s/ lugar) p.384.	O autor pretende coligir dados sobre o vasto e esquecido "folclore" que, segundo ele, nasceu em "todo" o país com a guerra do Paraguai. No caso específico deste artigo, volta-se para as histórias de atos heróicos na guerra. Cita o exemplo descrito pelo escritor Hokmino Lyra (sem maiores referências), em quadra recolhida em Alagoas, sobre uma mulher que se veste de homem para participar da Guerra do Paraguai. Outro episódio é narrado por Rodrigo de Oliveira da Costa, em Minas Gerais, através de uma carta para o autor. Conta a história de dois irmãos mineiros que decidem alistar-se para irem à guerra com o objetivo de conquistarem vitórias pelo próprio merecimento deles. Um "voluntário da pátria" escreve ao autor a anedota do herói da "cometa da morte". Refere-se ao caso do "negro retinto" José de Jesus, que, mesmo sendo baleado e muito ferido, continuou avançando em direção aos paraguaios no front, tocando a "marcha batida" da vitória até ser atingido no peito com um "ferimento mortal". Estes episódios de heróis do "folclore militar" podem ser encontrados nas "Reminiscências do Gal. Dionysio de Cerqueira", assim como no livro de Escragnoilli Taunay (s/ referência, capítulo "Tradições Militares"). João do Norte faz um texto simples com a intenção de buscar o que se acha "esparso na memória coletiva". Lembra que no meio de "manifestações folclóricas inteiramente modernas" pode-se esbarrar com sobrevivências que brotaram no período da guerra do Paraguai. É o caso das cantigas de "embolada", dos "cocos de embigada" dançados no litoral do Nordeste cujas recorrentes referências temáticas a Duque de Caxias e à Guerra do Paraguai em geral mostram a influência que o conflito teve na vida da população.	Rita Paula
2	Magalhães, Basílio de	---	Maracatu e Frevo	Cultura Política, RJ, ano IV, número 43, agosto de 1944, pp.232-238	---	FBN IV-099-0 2-13	O autor era professor de arte da extinta Universidade do Distrito Federal e diretor da Biblioteca Brasileira de Cultura da Epasa, também dirigida por Cândido José Filho. Basílio também foi membro do IHGB.	Não	Sim	música, dança, festa, maracatu, polca, frêvo, negro	O artigo pretende analisar o maracatu e o frevo a partir da busca de seus significados, além de analisar a evolução do frevo e a contribuição das raças no maracatu.	---	Sim	Sim	1900-1920	PE	Pesquisa bibliográfica	Nas páginas 233-234, trancreve trechos de "Folclore Pernambucano" que fala sobre vestuário e personagens do maracatu. Nas págs. 235 a 237 comenta trechos do "Anuário do Carnaval Pernambucano" que fala sobre cortejo da dança.	O autor considera os maracatus atuais uma festa de negros, porém o nome maracatu teria uma origem tupi, significando "muitos maracás", ou seja, grande número de violas, guizos ou chocalhos. Segundo Basílio, os maracatus atuais se encontram descaracterizados em relação aos antigos (coloniais) porque "o primeiro era solene, como representação de cerimônia política ou religiosa (totêmica), evidentemente adulterada pelo muito que os africanos aprenderam, depois de reduzidos a cativo para a lavra do solo americano." (p.233) Nas páginas 233-34-35, o autor comenta sobre maracatu, com base no livro de Pereira da Costa chamado "Folclore Pernambucano" (1908). A conclusão do autor sobre os maracatus seria que "os africanos, deslumbrados pelas nossas loucuras carnavalescas, quiseram tomar parte nelas com certo aparato, e então, aproveitando tudo aquilo que lhes foi possível da civilização luso-brasileira, inventaram um cortejo real, em que introduziam algumas sobrevivências de seu totemismo elementar" (p.235). Quanto ao frevo, o autor informa que este folguedo se originou da polca, sendo o responsável pela evolução polca-maracatu "...o capitão José Lourenço da Silva, ensaiador da Brigada Militar do Estado. Foi ele quem estabeleceu a linha divisória entre o que depois passou a chamar-se frevo e a marcha-polca..." (p.236). Segundo o autor a palavra frevo surgiu "...da idéia de fervura. Não pronunciava o analfabeto o 'ferver' e, sim, 'frever'. E em vez de formar o substantivo 'fervura', faz 'frevura', donde também 'frevor' e 'frevo' (p.237). Vale lembrar que no final do texto existe a descrição de maracatu, com base num livro de Mário Sete (Muxambambas e maracatús), onde se ressalta os instrumentos (tambores e ganzás) e o vestuário (camisa de risca).	Leonardo da Costa Ferreira
3	Magalhães, Basílio de	---	Origem do Maracatu	Cultura Política, RJ, ano IV, n.45, outubro de 1944.	---	FBN IV-099-0 2-13	Basílio de Magalhães foi professor da extinta Universidade do Distrito Federal e diretor da Biblioteca Brasileira de Cultura da EPASA, também dirigida por Cândido Joca Filho. Basílio de Magalhães é membro do INGR	Não	Sim	música, dança, festa, maracatu, festa de reis, reisado, negro, português	Basílio de Magalhães pretende comprovar/contestar Ascenso Ferreira, afirmando que o Maracatu possui muito mais influência branca ou luso-brasileira, pois uma cultura atrasada não poderia ser portadora de um folguedo tão importante.	---	Sim	Não		PE	ensaio	---	Este artigo de Basílio de Magalhães para a Cultura Política, chamado "Origem do Maracatu", não apresenta qualquer descrição de música, vestuário ou dança de Maracatu, visto que Basílio de Magalhães pretende, através desse artigo, realizar um diálogo com Ascenso Ferreira* (ver banco de dados) Revista Acervos do Arquivo - PE, no.2, 1942, pp. 150-163) sobre qual cultura ou raça influenciou o maracatu. Ascenso Ferreira considera o maracatu como tendo se originado das festas em homenagem ao Rei negro dos Reis Magos. Para Basílio, o Maracatu é uma festa em homenagem ao rei branco dos Reis Magos. Para este autor, uma cultura "atrasada" como a negra ou africana, não poderia ser criadora de um folguedo tão belo e importante.	Leonardo da Costa Ferreira
4	Silva, Arlindo	---	Congadas, Moçambiques e Caiapós	Cruzeiro, RJ, vol.11, 29 de dezembro 1956, pp. 28 a 34	---	IHGB	O autor é jornalista da Revista Cruzeiro.	Não	Sim	música, festa, dança, congo, moçambique, congada, congado, africano, caiapó, negro e índio	O objetivo principal é mostrar que no Estado de São Paulo ainda se realizam folguedos tradicionais como os congos, caiapós etc.	---	Não	Sim	1956	SP (Atibaia)	Testemunho próprio do autor	Transcrição de 7 falas que demonstram o diálogo da luta entre o Rei e o General do Congo, além de 2 fotos de moçambiques dançando, 9 fotos de populares fazendo passos de caiapó. Existem também 7 fotos de negros representando personagens do congo, dentre eles destacam-se o Rei e soldados.	Neste artigo para a revista O Cruzeiro, o autor analisa os "tradicionais folguedos do interior paulista", a partir de sua visita à cidade de Atibaia. Arlindo nos relata que os participantes do congo (os negros) encontravam-se vestidos com "calças brancas, camisas coloridas, chapéu branco de aba levantada na frente e enfeitado com fitas de várias cores". (p.29-30). No tocante aos caiapós, o autor nos informa que sua origem era indígena (tribo caiapó), um grupo que vivia no interior paulista, deslocados posteriormente para o Xingu. Segundo o autor, a festa atualmente é comemorada pelos negros e pode ser resumida assim: 10 ou 15 homens formam um círculo em uma praça qualquer e dançam freneticamente, tendo o "page" como figura central; o tal "page" tentava ressuscitar duas pequenas crianças fantasiadas de curumins, que ficavam no chão, fingindo-se de mortas. A festa chegava ao auge com a "ressurreição" dos curumins e logo depois começava. Quanto aos moçambiques, Arlindo faz comentários acerca do vestuário, que se resumia a uma calça e blusa branca, acompanhada de um gorro bordado com flores. Segundo o autor, o fim da escravidão permitiu aos seus praticantes (os negros) divulgar a dança, que acabou misturando-se com o congo, fandango e caiapó. O material fotográfico apresentando é bastante elucidativo.	Leonardo da Costa Ferreira
5	Santos, Joaquim da Silveira	---	Coisas de Antanho: as Congadas	Revista do IHG de São Paulo, SP, volume XXXVII, dezembro de 1939, pp.382185	---	IHGB		Não	Sim	música, dança, festa, congada, congado, santo, São Benedito, negro, escravo	Descreve uma congada realizada em homenagem à São Benedito.	---	Sim	Sim	Final do século XIX (Década de 1880)	SP (São Roque)	Testemunho próprio do autor.	Existem duas cantigas (p.383) proferidas pelo "exército" do embaixador como forma de intimidar os membros da "corte"; há também outras 2 pequenas cantigas (p.384) proferidas pelo mesmo exército com a mesma intenção. Há ainda uma outra cantiga, no final da página (p.384), que é proferida pelo embaixador, lamentando o artigo existe transcrições das falas do Rei, Rainha e Embaixador.	Neste artigo para a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Joaquim Santos faz uma descrição de uma congada realizada em São Roque (SP), no final do século XIX, em homenagem a São Benedito.. O autor ressalta que as congadas correspondem ao "caiapó" indígena e as "cavalhadas" portuguesas. Segundo Santos, a congada era composta de pretos, sendo caracterizada pelo combate de duas forças inimigas, uma composta pelo Rei, Rainha, damas de honra e fidalgos, a outra dos atacantes formada por 30 a 40 conguinhos liderados pelo Embaixador. O autor, descrevendo a congada, afirma que o Rei e a Rainha eram desafiados pelo embaixador que, depois de insultar o Rei, dava início ao combate. O combate terminava com a derrota do Embaixador frente aos fidalgos do Rei. O Embaixador só não era "morto" por causa da intervenção do Rei e da Rainha. Depois dessa "batalha", repetida várias vezes em diversos lugares, os participantes acabavam por organizar banquetes, com boa quantidade de comida e refrescos. O autor também aponta o vestuário dos participantes (escravos) das congadas. Segundo Santos, o que tornava a congada popular não era o diálogo "popularesco" dos personagens, mas a idumentária vistosa e o orgulho com que se apresentavam. A festa comentada realiza-se no tempo da escravidão, pois o autor cita os nomes dos donos dos escravos participantes. As fontes do artigo são o testemunho próprio do autor, que assistiu a essas festas quando era jovem, lembrando no texto que, por ter acompanhado as festas com curiosidade, gravou-as na memória.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
6	Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda - SP	---	Congadas	Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, Gráfica Síqueira, SP, maio de 1944, 13p	---	BAA F.548 (816.1) T763	---	Sim	Não	música, dança, festa, santo, congada, congado, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Festa de Nossa Senhora do Rosário, negro	A obra caracteriza-se sobretudo por um interesse do DEIP-SP em mostrar que existe congadas/tradição folclórica em São Paulo (estado mais moderno e industrializado do Brasil).	---	Sim	Sim	década de 1940	SP	Pesquisa bibliográfica fontes	Esta obra possui 11 ilustrações: p.2 - Rei; p.3 - "pandeiro"; p.6 - "marimba"; p.7 "atabaque"; p.8 - tambaque"; p.9 "bumbo". Seis fotos da Congada de Socorro, 5 fotos da Congada de Atibaia, 3 fotos da Congada de São Sebastião e uma foto da Congada de Sto. Antonio da Alegria. Existem 5 partituras, estando com títulos as da p.11, que são: Saudades ao Festejo, Canto de Marcha e Motivo Guerreiro. Na p.6 existe uma cantiga de uma congada realizada no ano de 1864 (maiores informações ver livro "Campinas de Outora"; já na p.8 há duas pequenas cantigas, ambas executadas pelo "exército do Embaixador".	O DEIP pretende mostrar que o Estado de São Paulo possui uma importante atividade folclórica no Brasil. O livro explica que as congadas paulistas têm uma origem africana, porém a maior parte delas, na sua avaliação encontra-se descaracterizada em relação às festas originais, na África. Segundo o DEIP-SP, a quase totalidade das congadas paulistas é realizada em devoção a N.S.do Rosário e São Benedito. Um ponto interessante do livro é a comparação entre as congadas paulistas e as nordestinas. A diferença estaria no fato de nos folguedos paulistas a figura do Embaixador não "morrer" e apresentar-se como um representante do Rei Mouro. Nos casos nordestinos, o Embaixador representaria a Rainha Ginga. O destaque do livro são as ilustrações e as referências a autores como Luís Castanho de Almeida, Afonso Arinos, Mello Moraes Filho, Gustavo Barroso, Souza Carneiro, Nina Rodrigues, Manuel Quirino, Rafael Duarte, Artur Ramos, Renato Almeida e Joaquim S. Santos.	Leonardo da Costa Ferreira
7	Andrade, Mário de	---	Os Congos	Lanterna Verde, RJ, fevereiro de 1935. p.36-53	A revista pertence a Sociedade Felipe de Oliveira.	FBN I-059, 01, 25	---	Não	Sim	música, dança, festa, congo, maracatu, negro, africano	O texto caracteriza-se sobretudo por um interesse do autor em fazer uma análise e um histórico dos congos, destacando-se o estudo sobre suas "raízes" (evolução), seus cortejos, danças e rituais. O "ponto alto" da obra é uma detalhada descrição que Andrade faz de um congo do Rio Grande do Norte.	---	Sim	Sim	Década de 1930	RGN	Testemunho próprio do autor e pesquisa bibliográfica	Das pp.43 a 47 existe a transcrição de trechos das falas dos integrantes da congada, o Embaixador, o Rei, a Rainha e o Príncipe.	Esta obra, apresentada para a "Sociedade Felipe d'Oliveira", realiza uma análise sobre os congos. Para Andrade, os congos, em sua forma mais primitiva, não passam de um cortejo real, celebrado com danças cantadas. Seu núcleo principal são as "embaixadas" e as "guerras". A sua origem é africana. O autor mostra-nos que, no tocante à dança, a maior influência é africana, mas, quanto à música, é majoritária a influência portuguesa. O "reinado" não tinha tempo pré-determinado, mas os "súditos" podiam tirar o rei do trono, alegando velhice, doença ou descontentamento. Os congos seriam representantes de uma coletividade. Segundo Mário de Andrade, a apresentação dos congos é composta de duas partes. A 1ª. é o cortejo real, e a 2ª., uma representação de uma embaixada de paz ou guerra (mais comum). O autor faz uma detalhada descrição de um congo no Rio Grande do Norte (pp.43-47), mostrando as lutas e os diálogos que envolvem o "embaixador", representante da "rainha", contra o "príncipe", representante do "rei". Nestes diálogos, chama a atenção a presença de nomes e personagens distantes da comunidade: Napoleão, Caxias e países europeus. Encontra-se no texto referência a Koster, Martius, Silvio Romero, Pereira da Costa, Frazer, Stanley, Antonil, Semidt, Koppers e Gustavo Barroso.	Leonardo da Costa Ferreira
8	Magalhães, Alexina de	ICKS	A Marmelada	Almanaque Brasileiro Garnier, ed. Casa Garnier, RJ, volume IX, 1911, p.407-408	---	FCRB Rev.170	A autora é professora e folclorista infantil.	Não	Sim	conceito de música infantil, música, dança, lundu, polca, marmelada	Trata-se da descrição da dança infantil de MG. A Marmelada contém um lundu mineiro denominado "Os três passarinhos".	---	Não	Sim	Década de 1910	MG	Testemunho próprio	Partitura "A Marmelada" - Dança Infantil.	O artigo traz a partitura da música d'A Marmelada com um breve comentário da professora Alexina de Magalhães. Além desta dança infantil, a autora publica a letra de um lundu mineiro, "Os três passarinhos". Segundo a professora, A Marmelada tem o mesmo passo da polca, representado pelo gesto "ingênuo e grave" de advertência. Esta dança infantil é muito conhecida em Minas Gerais, como afirma a autora. O lundu apresentado e recolhido pela autora conta a história da captura de 3 passarinhos: sabiá, tico-tico e rolinha. Com um tom irônico, desenvolve-se a trajetória dos passarinhos. O sabiá e a rolinha foram libertados por dó. O tico-tico continuou preso.	Rita Paula
9	Bastide, Roger	---	O Carnaval em Recife	Revista do Brasil, RJ, volume 1, abril de 1944, pp. 49-52	---	IHGB	---	Não	Sim	música, dança, festa, frevo, maracatu, caboclinho, carnaval, negro, mestiço e caboclo	O autor tem como objetivo demonstrar que o carnaval brasileiro, sendo uma mistura de ritmos, danças, raças, "é o reflexo da democracia brasileira" (Democracia Racial).	---	Sim	Sim	Década de 1940	PE (Recife).	Ensaio testemunho próprio	*Marcha litúrgica das nações africanas - 2 versos. p.51 (s.a., s.e., s.d.)	Neste artigo, publicado pela Revista do Brasil, Bastide analisa o carnaval da cidade do Recife, que difere dos demais em virtude do carnaval variar de região para região. O carnaval do Recife, para Bastide, atrai gente de todos os cantos da cidade, ou seja, das regiões "... dos mocambos ocultos entre os coqueiros, dos bairros pitorescos, das ruas antigas e modernas, onde durante três dias, brancos, mulatos e caboclos descem em bandos alegres e fraternais, para cair no frevo." (p.49). O frevo, para o autor, é a dança que caracteriza - atualmente - o carnaval desta cidade, porém é um fenômeno moderno, visto que, surgiu no século XX. A dança seria fruto de uma mistura de danças mais antigas, com destaque para o coco e a capoeira. Segundo Bastide, o frevo foi criado pelos capoeiras, pois toda vez que sai uma banda militar os capoeiras saíam atrás dela dançando e recordando antigos passos, os quais foram alterados devido o calçamento irregular que os "... obrigava a uma difícil acrobacia." (p.50). Apesar do frevo predominar, as antigas danças ainda são executadas no carnaval, sobretudo aquelas praticadas por "... corpos profissionais, tais como conhecemos através dos documentos sobre festas antigas, ou ainda as danças religiosas dos negros aceitas pela igreja..." (p.50). Os maracatus e os caboclinhos para o autor, seriam tais danças, que com sua música "... mistura tudo e realiza uma inidade superior [efetuando] um trabalho de sincretismo cultural..." (p.51). Esse sincretismo também é realizado por marinheiros cariocas que visitam o Recife nesta época, trazendo influências do carnaval carioca, tais como: a brincadeira de homem se vestir de mulher. Para Roger Bastide esse sincretismo "... É o reflexo da democracia racial brasileira, que une as regiões e confunde as raças". (p.52). Nesse sentido, dá-se uma união racial entre "brancos", "caboclos", "mulatinhas", "cafunos" e "curibocas".	Rita Paula e Leonardo da Costa Ferreira
10	Menezes, Bruno de	---	Batuque	Revista Festa, RJ, março de 1928, p.19	---	FCRB Rev. 225	---	Não	Sim	música, dança, batuque, samba, jongo, lundu, negro	O artigo é sobre gêneros da música negra expressos em versos, destacando seu aspecto sensual e irreverente.	---	Não	Sim	---	Para (Belém)	Testemunho do autor	---	Bruno de Menezes escreve um artigo de uma página sobre o batuque em Belém. Através de versos, traça algumas características do batuque que dedica a Jorge de Lima (s/ referências). Menezes parece brincar com as palavras, o que lhe permite falar na cadência do batuque e fazer referência ao jongo, ao samba, ao lundu. O seu texto está cheio de linguagem figurada ("suarentos corpos lisos"; "carnes retremem"...), expressando o ritmo "sensual" do batuque, ao mostrar os "corpos em requebros". Entre os seus versos rimados, podemos encontrar trechos de uma cantiga ("Nêga qui tu tem? - Maribondo Sinhá") que representa um diálogo entre uma "nêga" e a "sinhá", sempre levantando a questão da raça - "mãe preta deu sangue branco a muito 'sinhô moço" e "o batuque batendo e a cantiga cantando lembram (...) a tristeza da raça".	Rita Paula
11	Viana, Hidelgardes	---	Samba e Foclore	Cultura, Brasília, volume 11, out/dez de 1973. pp.44-50	---	IHGB	---	Não	Sim	conceito de música africana, música, dança, samba, batuque, baiano, lundu, coco, jongo, negro, africano	O objetivo da autora é traçar características do samba diferenciando-o do lundu, do baiano, do coco e do jongo, todas formas de dança oriundas do batuque.	---	Sim	Sim	S/ referências - 1935 - carnaval	Salvador	Pesquisa bibliográfica e testemunho da autora.	* (1) foto de sambista - Foto: Sebastião Barbosa. p. 46; * (2) fotos de sambistas fantasiados tocando instrumentos. Foto de Sebastião Barbosa. p.(s) 49 e 50; * (1) reprodução de desenho c/ negros dançando. s/ autor, s/ data. p.44.	Hildegardes Viana faz um estudo sobre o samba tentando identificar aspectos que o caracterizem. Segundo a autora é comum a confusão entre samba e outras formas de dança. Aliás, o eixo deste artigo é o samba enquanto expressão coreográfica de um "ritmo excitante", a dança samba. Mas, as confusões entre as danças se justificam por terem algumas delas a mesma matriz: o batuque. Viana agrupa cinco tendências originárias do batuque: samba, lundu, baiano, côco e jongo. O batuque, de acordo com cronistas portugueses, denomina, pelo menos, três formas de danças no continente africano, embora, no Brasil, se distingam apenas pelo movimento. Com novas influências toma outras feições, que desembocam no lundu, no baiano, no jongo, no côco e no samba. O lundu é identificado como "dança de par solto, de homem e de mulher" desenvolvido numa roda. Sobre o lundu busca subsídios em Guilherme Mello e Marina de Andrade Marconi.	Rita Paula

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
12	Viana, Arthur	---	Festas Populares do Pará, I. A Festa de Nazareth	Pará, TYP Alfredo Augusto Silva, 1905, 55 p.	O livro possui uma apresentação do editor.	BAA RES.55 (811.4) V617	---	Sim	Não	música, festa,santo, procissão, literatura oral, lenda, festa de Nazareth, Nossa Senhora de Nazareth, português	O autor realiza um histórico, bastante factual, da festa de Nazareth.	---	Não	Sim	Histórico	Pará - Península Ibérica	Pesquisa bibliográfica e fontes (o autor não informa as suas fontes, mas parecem ser fontes religiosas e oficiais.	A obra possui 3 ilustrações, a 1a. com a figura de N. S. de Nazareth, a 2a. com o desenho da Igreja de N. S. de Nazareth e a 3a. uma fotografia da Praça Justo Chermont (Nazareth), todas as ilustrações são provavelmente do final do século XIV e início do XV. Existe na página 48 uma cantiga em homenagem a N. S. Nazareth. Obs. O autor não fornece as fontes.	Nesta obra, Arthur Viana tem como objetivo fazer um histórico da festa de Nazareth, começando pelas lendas e depois comentando as realizações das autoridades e dos fiéis. Viana ressalta que a festa tem uma certa influência portuguesa, porém a festa paranaense adquiriu história própria, verificado na lenda que deu origem à festa no Brasil, bem diferente da existente em Portugal. Neste ponto a obra é interessante, visto que o autor descreve em detalhes as lendas portuguesas e brasileiras sobre o culto a N. S. Nazareth. A obra não possui descrições detalhadas da festa de Nazareth, apenas uma pequena e rápida descrição da procissão (cirio) do ano de 1793, existente nas páginas 31 e 32. O autor termina o livro reclamando da descaracterização da festa, ocorrida na 2a. metade do séc. XIX, em relação à proposta original feita pelo governador D. Francisco de Souza Coutinho em 1793. Esta "reclamação" do autor se deve ao fato de a festa ter perdido o seu caráter religioso e tendo se transformado numa festa puramente comercial.	Leonardo da Costa Ferreira
13	Ribeiro, Luís do Prado	---	Os Congos	Revista do Brasil, Editora Monteiro Lobato, SP, set-dez de 1924, pp. 88-89.	---	FBN IV- 43, 03, 11	---	Não	Sim	conceito de música africana, música, dança, festa, santo, congo, Nossa Senhora do Rosário,festa de Nossa Senhora do Rosário, negro, africano	Descrição de um cortejo de um congo pelas ruas e praças de Juazeiro.	---	Não	Sim	Início do séc. XX	Ruas e praças da cidade de Juazeiro, Bahia.	Testemunho próprio do autor.	P.88, tem-se uma pequena cantiga ressaltando a alegria dos negros com a festa na cidade. Já nas pp. 88/89, uma cantiga que ressalta a figura do general do congo.	Este artigo de Prado Ribeiro, publicado pela Revista do Brasil, qualifica os congos como uma festa africana. Durante o artigo, o autor descreve um cortejo, realizado pelos participantes do congo, pelas ruas e praças de Juazeiro (BA), em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Segundo o Autor, o cortejo, formado de negros vestidos com "... anáguas muito alvas e bordadas, trazendo na cabeça enormes chapéus de palha, enfeitados de penachos multicolors e pequenos espelhos (...), uma capa rendada, daganga e galoes dourados..." (p.88). Prado Ribeiro nos informa que o cortejo tinha a obrigação de passar e parar em frente à Igreja do Rosário, onde se realizava uma missa paga pelos membros do cortejo. Segundo o autor, quando a missa terminava, realizava-se um farto banquete, em homenagem ao Rei e à Rainha, que eram acompanhados de uma "... orquestra aspera de instrumentos metálicos, tocando valsas e shottes sonoros" (p. 89); a festa e/ou banquete tinha vinhos, taças de cristal e foguetório.	Leonardo da Costa Ferreira
14	Vidal, Adhemar	---	Congos	Revista do Brasil, RJ, Fevereiro de 1939, pp. 53-62	4a. fase - Revista do Brasil	IHGB	---	Não	Sim	música, dança, festa, santo,congo,Festa de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Rosário, negro, africano	Transcrição de falas e cantigas de alguns personagens de congos. São dois congos, ambos na Paraíba, uma no interior (Pombal) e outro numa cidade do litoral (Alagôa Nova).	---	Sim	Sim	Século XIX (1900 a 1910)	Paraíba, cidade de Pombal e Alagôa Nova.	Testemunho próprio do autor.	Página 54 - possui uma cantiga envolvendo o secretário e os demais participantes, todos cantam um louvor chamado "Rosário de Maria". Nas páginas 55/56 existe a transcrição de um diálogo entre o Rei e o Secretário. As páginas 58 e 59 apresentam uma cantiga do congo Alagôa Nova, que segundo o autor, lembra uma que ele ouviu em Vassouras (RJ). Nas páginas 59 e 60, existe a transcrição de um diálogo entre o Rei e o Mestre (secretário) e nas páginas 60 e 61 existe uma cantiga.	Neste artigo publicado pela Revista do Brasil, o autor realiza transcrições de cantigas e falas de personagens de 2 congos paraibanos, um na cidade de Pombal (interior) e o outro na vila de Alagôa Nova (litoral). Vidal mostra as cantigas de acordo com a fala dos participantes (os negros), demonstrando dessa maneira o papel e a situação dos personagens do folguedo. O autor também informa que os congos são festas rurais, que só surgiram na cidade por causa da emigração/abolição dos negros e que possui grande influência católica. O autor informa que o congo de Pombal, realizado no dia de N. S. do Rosário, é mais original e perfeito, porque conserva melhor as tradições desse folguedo. Por ser uma cidade do interior, Pombal reúne uma grande quantidade de ex-escravos, que preservam o seu passado africano, não aceitando influências externas. (apesar de o autor ter identificado, na dança, uma influência do côco). O congo de Pombal era composto de Rei, Rainha, secretários, dançarinos (9 ou 12) e violeiro. Dividia-se em duas partes: o "boi", quando o coro chamava o Rei e a outra era quando o Rei iniciava "Zabellinha", que o autor não explica do que se trata. Vidal ressalta que esse congo era o mais antigo da Paraíba, da época do bandeirante Oliveira Lêdo, o primeiro fazendeiro da região. Por fim, o congo de Alagôa Nova, segundo Vidal, perdeu suas características originais por ser numa cidade litorânea, ou seja, mais influenciável a novos modismos. Além disso, os participantes (negros) não se preocupavam com o futuro da festa.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
15	Querino, Manuel R.	---	A Bahia de Outrora	Livraria Econômica, BA, 1922, 301p, 2ªEd.	1ª. edição é de 1916/ a 3ª. ed. de 1955 com 348 páginas.	UFF - BCG 981.4 Q4	Nasceu em 1851 e faleceu em 1923. Era negro e exercia a profissão de professor de desenho. Escreveu livros como "AS artes na Bahia". Participou do movimento abolicionista. Foi membro da Liga Operária e Sociedade Libertadora Bahiana; estudou no Liceu de Artes e Ofícios e Escola de Bellas Artes; em 1871, era pintor decorador e estudava no colégio 25 de Março e fundou os periódicos "A Província", "O Trabalho" e o IHG - Bahia (como sócio fundador).	Sim	Não	música, dança, festa, literatura oral, santo, superstição, chegança, cucumbi, terno, rancho, rancho da burrinha, rancho do boi, bumba-meu-boi, auto de natal, presépio, baile pastoril, reisado, capoeira, festa de São João, festa de Dois de julho, festa do Divino Espírito Santo, procissão dos fogaréus, procissão da encomenda das almas, procissão de cinzas, festa de reis, Irmandade de Santa Cecília, Colégio de São Joaquim, procissão	Neste livro o autor pretende mostrar como eram as festas de antigamente na Bahia, ressaltando suas raízes históricas e seu caráter alegre.	Sim	Sim	século XX.	Bahia	Testemunho próprio e pesquisa bibliográfica	---	Manuel Querino escreve uma história da Bahia dos tempos do império ao início do período republicano. O livro inicia com a descrição dos bailes Pastoris desde a manufatura dos presépios até a véspera do entrudo. Se propõe mostrar o conteúdo "moral" dos pastoris, para além da "parte alegre e divertida". Querino narra o desenrolar do "Baile da Vizinha", um auto que trata da história de um pai preocupado com a educação das filhas. Outras festas religiosas estudadas são as "noites de Reis". O autor divide estas festas em três categorias e regiões: os ternos, os ranchos da burrinha e os ranchos do boi, ou bumba-meu-boi. O primeiro é localizado na capital, o segundo nos arrabaldes e o terceiro no sertão. Sobre as cheganças, Querino nos informa que eram recordações da catequese de cristãos, pela conversão de mouros ou (re) lembranças das festas de Reis, São João e Dois de Julho. O autor nos informa que todos os participantes (compostos pela figura do almirante, piloto, padre, oficiais e marujos) vestiam-se e comportavam-se elegantemente. Neste aspecto, o autor descreve um sujeito chamado João Pacheco que fazia tão bem o papel de "almirante" que conseguiu enganar um general de verdade (história do final do séc. XVIII). O autor também descreve, em versos, uma "batalha" entre um almirante católico e um mouro, com a vitória do primeiro. Querino termina o capítulo ressaltando que a chegança era um dos festejos antigos mais importantes (o autor não problematiza muito a questão). Sobre os cucumbis, Querino nos informa que eram recordações de festas africanas, com homens armados de arcos e flechas, capacetes, penas nas pernas, braços e cintura, além de miangas e dentes de animais no pescoço, à feição indígena. Havia também aqueles que usavam saia de cetim. Os instrumentos eram pandeiros, canzás, chocalhos, tamborins, marimbas e piano de cuia. O autor cita a obra de Oliveira Lima, chamada: "Aspectos da Literatura Colonial Brasileira", como importante para entender o folguedo. Além destas, são descritas a procissão de fogaréus, que relembra a "paixão de Cristo, a festa do Espírito Santo- sobre a qual se referem algumas quadras populares transcritas; a procissão de encomendação das almas, a procissão de cinzas, as cavalhadas e a festa de dois de julho. Esta última comemora a atuação da Bahia na luta pela independência do Brasil. A história da Bahia escrita por Querino, ainda engloba os episódios de formação da Irmandade de Santa Cecília, criada para servir de organização de músicos, e sobre o Colégio de São Joaquim, o colégio de Órfãos. A respeito da capoeira o autor analisa este "jogo atlético" através da formulação o perfil do capoeira de profissão e do capoeira amador. Tanto um, quanto o outro são considerados por Querino com "indivíduos desconfiados". Nesta parte, o autor narra o caso de Cesário da Costa e Antônio Francisco de Melo, capoeiras que conquistaram altos cargos devido as suas atuações na Guerra do Paraguai. AS narrações são para "justificar que a capoeira tem a sua utilidade em determinadas ocasiões". Sobre as superstições, citando casos da Inglaterra, Egito e França, mostra que "não há povo, por maior que seja o seu cultivo científico, que não tenha escapado à participação de crenças supersticiosas".	Leonardo da Costa Ferreira e Nivea Andrade	
16	Lira, Mariza	---	Lundú	Brasil sonoro: gêneros e compositores populares, ed."Anoite", RJ, s.d., 311p, pp.72 - 82	---	FBN(DI V. Música) 780.981. L768b	Introdução da autora.	Não	Sim	música, dança, lundu	A autora mostra que o lundú, apesar de hoje extinto, conseguiu acompanhar e se adequar às mudanças que o Brasil sofreu nos últimos três séculos.	---	Sim	Não	---	---	Ensaio	Anexo: 9 letras de lundú, algumas sem autoria, como: Pai João, Ma Malia, Lundú Bahiano, Chiquita, Brussundanga. Com autor, mas também sem data: "Pesca, seu bem" de Xisto Baía, "A Mucama", de Gonçalves Crespo e a primeira estrofe de "Tem Paciência" de João de Souza Conegundes e "Que é das Chaves" de E. P. Lisboa.	O lundú nasceu do Congo, sendo de origem puramente Africana. Era a música que animava a festa das colheitas, que no início era apenas dança, muito sensual por sinal. Depois foram-se adaptando versos humorísticos e o lundú foi se transformando. Mariza Lira afirma que o lundú era marcado pelo tom amargo e grotesco e pela ironia crítica à vida dura do negro nas senzalas. Com a posterior mestiçagem, o lundú acompanha tal mudança; em "A Mucama" de Gonçalves Crespo se nota (p.76) Mostraram-me um dia na roça dançando Mestiça formosa de olhar azougado Co'um lenço de cores nos seios cruzado Nos lobos da orelha pingentes de prata Que viva mulata! Por ela o feitor Diziam que estava perdido de amor. Seduzidos pelas letras desabusadas, quentes, o lundú ganha o cenário dos homens brancos, vencendo preconceitos, penetrando em ambientes por onde circulavam FAGUNDES VARELA e CASIMIRO DE ABREU. De caráter jocoso e absurdo, as músicas dos lundús tinham o ritmo semelhante aos da polca, sincopados e inquietos. ?????????????????????????????????	Simone Pereira Carneiro
17	Lira, Mariza	---	A Modinha	Brasil Sonoro: gênero e compositores populares. Ed. A noite, R J, s.d., 311 p. pp.13-48.	---	FBN (DIV. música) 780.981/ L768b	---	Não	Sim	música, modinha, músico compositores, trovador, músico instrumentista/tocador, músico cantor/cantador	A modinha para a autora é a mais expressiva forma de música popular brasileira. Mariza Lira identificar as origens históricas da MODINHA.	---	Sim	Sim	Séc. XVIII, XIX e XX.	Rio de Janeiro	A partir de estudos de compositores e letristas de modinhas, pouquíssimas letras estão datadas, mas verifica-se que a grande maioria são do séc. XIX e início do XX.	21 letras MODINHAS (séc. XVIII, XIX e XX)	As modinhas que de início falavam somente de amor, desenganos e desilusoes, passam com o tempo a adquirir novos temas: Feitos heróicos, acontecimentos importantes, glorificação de personalidades, valorização da natureza etc. Grande destaque nesse cenário, é o poeta cearense CATULO que fez várias modinhas, canções e a mais famosa delas: "O luar do sertão". No Rio de Janeiro, merece atenção o cantor carioca EDUARDO DAS NEVES. Suas modinhas alcançaram grande popularidade, onde nada escapava à sua observação: a peste bubônica, a revolta 6 de setembro 1893, Marechal Floriano Peixoto, Augusto Severo. Possuindo grande facilidade de enaltecer personalidades brasileiras, fez "Aconquista do ar" dedicada a Santos Dummont. Eduardo das Neves compôs também lundús e canções de influência francesa. A modinha, apesar de seguir a corrente da história e das influências estrangeiras, será sempre eternamente brasileira. Sua origem ainda é incerta; pode ter vindo da Bahia ou a partir de modificações das canções românticas portuguesas do séc. XVI.	Simone Pereira Carneiro

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
18	Lira, Mariza	---	Congadas taiêras	Brasil Sonoro: gêneros e compositores populares; RJ, ed. A Noite, s. d., 311 p.	---	FBN (DIV. musical) 780-981/L768b	---	Não	Sim	música, dança, festa, auto, santo, rancho carnavalesco, congada, taiêra, São Benedito, São Baltazar, negro, congado, africano	Tradições desaparecidas, como as congadas e as taiêras, surgem hoje nos ranchos carnavalescos.	---	Sim	Não	---	---	ensaio	1 refrão de uma congada; 1 letra completa de uma taiêra (s/ data)	As congadas são músicas primitivas que ilustravam os autos populares, que datam do início do séc. XVII. Essas festas nada mais eram que adaptações burlescas das antigas lutas das monarquias e reinos africanos. Foram muito usadas no interior de Sergipe e, no Rio, nas igrejas do Rosário e Lampadosa, por ocasião das festas de S. Benedito, S. Baltazar e outros santos de côr. A música era marcada por uma melodia saudosista, entremeada de vocábulos africanos, alguns ainda puros, outros já adulterados. Já as tayeras são festas mulatas, que caminhavam todas de branco na frente das procissões de S. Beneditos. Executavam passos característicos ao som de música alegre, com versos ingênuos e pobres: Iderê, rê, rê, rê Ai, Jesus de Nazareth. Virgem do Rosário Senhora do Mundo Dá-me um côco d'água, Sinão vou ao fundo! Virgem do Rosário Senhora do Norte, Dá-me um côco d'água, Sinão vou ao pote! Virgem do Rosário Soberana Maria Hoje este dia É de nossa alegria Meu São benedito É santo de preto Ele bebe garapa Ele ronca no peito Meu São Benedito Foi do mar que vieste Domingo chegaste Que milagre fizeste!	Simone Pereira Carneiro
19	Lira, Mariza	---	Maracatús	Brasil Sonoro: gêneros e compositores populares. Ed. A Noite, RJ, s. d., 311 p.	---	FBN (DIV. musica) 780-981 L768b	---	Não	Sim	música, dança, festa, maracatú, negro	Visão breve do Maracatú pernambucano como um tema regional de grande originalidade e beleza. Hoje em dia é considerado quase que exclusivamente uma modalidade de música popular.	---	Sim	Sim		Pernambuco	Ensaio	Letra completa do maracatú: "Coroa Imperial" de Fernando Lobo (s/ data); 3 refrões de grupos de maracatú: "Leão do Norte" e "Cabinda Velha" (s/ data)	De tradição pernambucana, o Maracatú significa dança bonita, dado que as palavras seja de origem tupi. No desfile, realiza-se uma embaixada em homenagem a um imaginário deus africano. Trata-se de antigas recordações das coroações dos reis do Congo. Nesses antigos Maracatús, que a autora infelizmente não data, era costume carregar em triunfo a Boneca - A dama do passo - a qual chamavam em linguagem africana CALUNGA. Os negros conservaram esse símbolo como sobrevivência de um fetiche religioso, pois, entre os africanos, Calunga era o deus do mar e das águas. O canto, em compasso de marcha, é acompanhado por instrumentos como: violas, flautas, cuicas, chocalhos, pandeiros etc. O Maracatú mais famoso em Pernambuco era o do CABINDA VELHA, sem esquecer o LEÃO DO NORTE, LEÃO COROADO, PAVÃO DOURADO e CABINDA NOVA.	Simone Pereira Carneiro
20	Vidal, Ademar	---	Costumes e práticas do negro (p.33-61)	O Negro no Brasil, Civilização Brasileira, RJ, 1940	Coletânea de artigos apresentados ao 2o. Congresso, Afro-Brasil eiro que ocorreu na Bahia, entre os dias 11 a 20 de janeiro de 1937	BAA 18/C af 1940	---	Não	Sim	conceito de música africana, conceito de música indígena, música, dança, festa, maracatu, batuque, samba, catimbó, acalanto, escravo, negro, africano	Autor mostra que os costumes tanto musicais, religiosos ou medicinais do negro penetravam de forma no Brasil desenvolvendo-se dessa maneira, a figura que melhor representa a miscigenação: o mulato.	---	Sim	Não	Fins do séc. XVIII e meados do séc. XIX	Paraíba	Pesquisa bibliográfica e testemunho pessoal.	Desenho a nanquim, de José Guimarães, intitulado "Negros da Bahia", (sem data); também contém letras de maracatu, acalanto para crianças dormirem e do catimbó.	Para o autor, as práticas musicais negras estão fusionadas com a música indígena, mais especificamente na região da Paraíba. Para Ademar a fácil "adaptabilidade" do negro ao clima quente e úmido facilitou tal ligação. As festas perduraram como o maracatú e batuques. O samba só difere do do primitivo porque se dança com as clássicas umbigadas ainda adotadas nos bailes rurais. Ao utilizar a importante bibliografia (ver final do campo) o autor não desmerece seu próprio testemunho; suas memórias infantis e juvenis são trazidas à tona. O autor descreve rapidamente, em alguma fazenda da Paraíba, a festa de negros remanescentes da escravidão, ao som de batuques, palmas e danças, como também o maracatú em várias portas de igrejas e casas. Em relação às cerimônias negro-fetichistas que eram feitas nas fazendas e engenhos, o autor esclarece que não realizam-se mais, restando como herança o catimbó, erroneamente deturpada. Ademar Vidal deseja antes de mais nada mostrar como a cultura negra está impregnada nas manifestações musicais e religiosas no Nordeste, principalmente no seu caso, o estado da Paraíba. Permanece claramente em seu texto a idéia de docilidade e submissão do negro. O texto de Ademar Vidal foi realizado para o 2o. Congresso Afro-Brasileiro, em 1940, na Bahia, reinando diversos pesquisadores da cultura negra. Bibliografia: "Datas e Noras para a História da Paraíba" - Irineu Ferreira Pinto - 1908-1916. Paraíba. "Medicina dos excretos"- Mário de Andrade, Publicações Médicas, S. Paulo, 1935. "Sobrados e mucambos"- Gilberto Freyre, SP, 1936 "O Folk-lore Negro do Brasil"- Arthur Ramos, Rio, 1935 "Cancioneiro do Norte"- Rodrigues de Carvalho. Paraíba, 1928 "Religioses Negras"- Edison Carneiro, Rio, 1936 "Elementos de Folk-lore musical brasileiro"- F. Rodrigues Valle, SP, 1936 "Origens demopsicológicas da medicina dos excretos"- Mário de Andrade, SP, 1935 "Urucungo"- Raul Bopp, Rio, 1935 "O raio da verdade"- Paraíba, 1932 "Os africanos no Brasil"- Nina Rodrigues. S.Paulo. 1933 "Ensaio de antropologia brasileira" - E. Roquete Pinto, SP, 1933 "Revista I. H. G. Paraibano" volumes 4 e 8; 1911-1912 "Almanaque do Estado da Paraíba" - João de Lyra Tavares - 1910/ 11 "Investigações sobre cultos negros fetichistas do Recife" - Gonçalves Fernandes, Pernambuco, 1935 "O Negro" - Alfredo Ellis. "Diário de Pernambuco". novembro, 1936	Simone Pereira Carneiro

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
21	Diéguas Júnior, Manuel		Danças Negras no Nordeste	O Negro no Brasil, RJ, Civilização Brasileira, 1940, 5 p.	Coletânea de artigos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro que ocorreu na Bahia, entre os dias 11 a 20 janeiro de 1937.	BAA 18 / c 749		Sim	Não	música, dança, quilombo, samba de matuto, negro	Autor enfatiza o cunho positivo das danças como elemento de solidariedade entre as comunidades negras nordestinas.	----	Sim	Sim	início do século XX	AL, PE	Testemunho próprio e pesquisa bibliográfica	Ilustração de Xangô, sem data, sem autoria Trechos do TORÉ, música utilizada na dança do Quilombo	Para o pesquisador, as danças do Nordeste possuem um importante caráter aglutinador da vida dos negros. Mesmo embasado teoricamente, Manuel também observa e descreve o que presenciou no interior de Alagoas sobre manifestações como o Quilombo e Frevos. Os Quilombos, em sua concepção, são oriundos do ciclo histórico colonial, que ainda mantém sua beleza e originalidade, apesar de ser pessimista quanto ao seu futuro. O mesmo poder-se-ia dizer sobre os Frevos, muito presentes nas ruas de Recife, e sobre as orquestras típicas negras com as suas diversas harpas e guitarras. O samba de matuto, considerado dança de transição para o maracatu, teria desaparecido completamente. Nosso autor apresenta um olhar contraditório: se valoriza as danças negras como importantes manifestações, não escapa das visões que consideram a cultura negra como "atrasada". Principais referências para o autor: J. Deniker, Gilberto Freyre (Casa Grande e Senzala), Mello Moraes Filho (História e Costumes), Delajosse (Las Civilizaciones Negro-africanas), Nina Rodrigues (Os africanos no Brasil), José Lins do Rego (Menino do Engenho), Jayme d'Altavilla (O Quilombo dos Palmares).	Simone Pereira Carneiro
22	Diéguas Júnior, Manuel	---	O Coco e suas Origens	Flama, BA, Julho de 1937	Diretores revista: Paim Júnior/Epa minondas Costalina	FBN II-447.01 .02	---	Não	Sim	música, dança, coco, negro	O autor discorda da origem puramente indígena da dança do côco no Nordeste. Acredita que houve um predomínio muito mais forte da cultura negra nesta manifestação do que da influência indígena.	---	Sim	Não	Brasil-colônia	NORDESTE	Ensaio, pesquisa bibliográfica	---	O autor, ao provar a hipótese da importância negra na dança do côco, mostra a fragilidade dos outros pesquisadores (por exemplo Hekel Tavares). De acordo com Diéguas Junior o coco é geralmente visto como uma dança de origem indígena. Porém, nosso autor informa que ao pesquisar entre os viajantes e cronistas antigos (não os cita) não encontrou referências que aliassem o coco unicamente à cultura indígena. Diéguas Junior considera que foi Hekel Tavares que estigmatizou o coco como puramente indígena, só porque este viu índios carijós bailando uma dança parecida com um coco. O autor acredita que "O Coco, de fato, tem o seu bocado de influência índia, mas quase toda assimilada pelo negro. O negro, sim, foi quem fez nascer o coco, em toda a sua alegria berrante, seu entusiasmo alastrador de dançarino e cantor." (p.19). Para o autor, o coco nasceu da fusão entre as danças européias da casa Grande e as danças de terceiro africanos. Logo, o coco passou a ser "Dançado por negros e mestiços que compartilhavam da alegria vinda da Casa Grande, {onde} esse samba foi se misturando com outras danças em que também entrou um bocado de influência indígena. Essas danças iam-se chocando: negros mais índio; negro mais portugueses; portugueses mais índio. O coco possui lembranças de índio. Mas o domínio africano é maior..." (p.19). Deste modo o coco seria uma dança que surgiu do entrelaçamento de três raças, porém coube ao negro a "... Impressão mais forte. Não somente por ser iniciador, inteligente e desenvolvido {mas} pela sua plasticidade mais intensa." (p.19).	Simone Pereira Carneiro
23	Santos, Marciano de	---	A Dança de São Gonçalo	Revista do Arquivo Municipal, SP, março de 1937, p. 85-116.	---	FBN II - 256, 02, 12	---	Não	Sim	dança, festa, santo, dança de São Gonçalo, São Gonçalo, festa das regateiras, português	O autor tem como objetivo registrar o costume da dança que está prestes a desaparecer, tragado pela onda dos novos hábitos que vêm das metrópoles.	---	Sim	Não	século XX, década de 30	Portugal (Porto) / Brasil - São Paulo (Guarulhos)	Testemunho pessoal do autor	Duas fotos legendadas, 1ª colorida, escultura em madeira de São Gonçalo, 2ª preto e branco, escultura São Gonçalo violeiro. Também apresenta quadras cantadas, recolhidas em vários municípios do interior de São Paulo (Bragança, Guarulhos), como também rezas, marcações da coreografia e 24 versos copiados em 1907 pelo 'preto' Lindolfo, mestre da dança.	Na localidade de Amarante (Portugal), conta a lenda que São Gonçalo fora dançador e amigo das prostitutas, fazendo com que elas se desligassem de tal vida, arranjando um bom marido. Daí sua fama de casamenteiro. Intitulada também em Portugal como "festa das regateiras", a dança de São Gonçalo é de origem genuinamente lusitana. Quando se transfere para o Brasil, ganha contornos próprios da cultura cabocla. O santo também é padroeiro dos violeiros, cantadores e tem fama de curar doentes, sendo por isso muito respeitado no interior. No caso de alguma graça atendida, manda-se fazer uma cerimônia ou "função" como eles dizem, revestida de austeridade e respeito. A dança é para o santo e não para namorar ou se divertir aleatoriamente. Após um revestido banquete (sem uso de bebidas alcoólicas) e orações lideradas pelo mestre de reza, inicia-se a parte principal da cerimônia que são as danças. Formada em pares, atravessa toda a madrugada, até o raiar do dia. O autor desse texto discorda dos estudos de Edmund Krug quanto à coreografia utilizada. O autor tem como objetivo registrar um costume prestes a desaparecer, tragado pela onda dos novos hábitos que vêm das metrópoles. O texto contém o estudo integral feito por Edmund Krug intitulado "A Superstição Paulistana", publicado na Revista da Sociedade Científica de São Paulo, janeiro/agosto 1910, conta também com a colaboração dos estudos Theophilo Braga e Afonso de Carvalho.	Simone Pereira Carneiro
24	Azevedo, Luis Heitor Correa	---	Música Negra no Nordeste	Cultura Política, Imprensa Nacional, RJ, n°48, 1945, p. 183-186	---	FBN (DIV. música) 784.481 A 994 N	Professor catedrático da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil	Não	Sim	música, dança, festa, maracatu, toada de Xangô, congo, negro	Autor argumenta que no Ceará, as músicas negras como o congo, maracatu e a toada de Xangô são formas de manifestação do folclore negro, importado de Pernambuco.	---	Não	Sim	décadas de 1930 e 1940	CE (Fortaleza)	Pesquisa bibliográfica e de fontes	Refrão de um maracatu, entoado em Fortaleza.	A pesquisa é baseada em uma gravação discográfica realizada pelo Centro de Pesquisas Folclóricas do Ceará. Tal pesquisa, resultou em 75 discos, contendo 262 documentos diversos, dos quais 18, com 74 documentos, eram de origem negra (congós, maracatus e toadas de Xangô). Para o pesquisador Luis Heitor, o congo, o maracatu e as toadas de Xangô do Ceará são manifestações de importação pernambucana, que se infiltraram no Ceará. Sua hipótese é explicada a partir de um personagem singular: o embarcado Raimundo Alves Feitosa, mulato, teria trazido de Recife sua experiência em cortejos de maracatu, juntamente com o conhecimento de toadas de Xangô, canções que aprendera com uma "mãe de baiana". Em 1935, criou no Ceará um grupo de maracatu intitulado "As de Ouro". Numa região tão escassa de população negra, como o Ceará, o autor considera surpreendente encontrar indícios tão claros e fortes da raiz cultural negra. São referências de seu texto, Gustavo Barroso, "Ao Som da Viola", e Mário de Andrade, "A Calunga dos Maracatus".	Simone Pereira Carneiro
25	Franco, Afonso Arinos de Melo	---	A Música Popular	Kosmos, RJ, abril, 1905, 5 págs.	Discurso proferido em 1905 no Salão Clube dos Diários (Petrópolis)	IHGB	---	Não	Sim	conceito de música brasileira, conceito de música popular, música, dança, lundu, fandango, modinha, tirana, músico compositor, músico instrumentista/tocador, trovador	Autor conclama a todos, a despertar um sentimento de amor à "musa do povo": a música popular. As tradições musicais populares precisam dos seus poetas e compositores, e porque não, futuros estudiosos do assunto.	---	Sim	Não	fim do século XVIII, princípio do XIX.	Relatos de viajantes europeus e testemunho do próprio autor	Ensaio genérico sobre as manifestações populares baseadas em versos típicos de um violeiro goiano, gaúcho, de um pescador e de um boiadeiro.	Pintura publicada em preto e branco, sem data, de I. Batista intitulada "A volta do trabalho".	Os viajantes que visitaram o Brasil no fim do século XVIII e princípio do século XIX são as melhores testemunhas de que no Brasil floresceu, em especial, a música democrática das modinhas, lundus, fandangos e tirannas. Saint-Hilaire assistiu ao lundu no palácio de Vila Rica e festas pela aclamação de D. João VI em Serro do Frio, com o belo coro da matriz. Lord Beckford não escondeu sua fascinação pelas modinhas brasileiras, muito em voga na corte de Portugal. Afonso Arinos na verdade quer chamar a atenção em seu discurso imponente, cheio de citações latinas, para a valorização da música popular, dando a ela inúmeras funções. Em tom emotivo e romântico, conclama a todos presentes o despertar de um amor pela música brasileira. A música popular tem sempre o instinto da popularidade. Embora faça vibrar nos salões aristocráticos, reconhece que ganha autenticidade quando é vivenciada nas aldeias junto às pessoas simples. Também chamada de "musa do povo" como quer Afonso Arinos, a música popular, além de ser a própria manifestação da alegria, tristeza, prazer e dor pode ser útil na formação do papel de cidadão de cada brasileiro. A partir da tradição musical que uma geração passa para outra é possível realizar uma linha contínua de cidadania, respeito ao país e orgulho nacional. O povo ganha ao entoar sua sincera energia, e o governo também ao garantir a valorização do culto das tradições brasileiras. Em seu texto, cita como compositores de modinhas brasileiras Caldas Barbosa e Antonio Jose.	Simone Pereira Carneiro

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
26	Silva, Egídio de Castro	---	"O samba carioca" - Notas de uma visita à Escola do Morro da Mangueira	Revista Brasileira de Música, RJ, 1939. p.45-47	Publicada pela Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, Ministério da Educação e Saúde, tiragem anual.	FBN (DIV. música) 780.5.B1 -1939	---	Não	Sim	música, dança, samba, escolas de samba, clube carnavalesco, sociedade/cordão carnavalesco	As escolas de samba com suas canções são vistas como uma das manifestações mais típicas da vida popular carioca. Tal contato permitiu aquisição de novos conhecimentos capazes de contribuir para fixar e divulgar o folclore nacional.	---	Não	Sim	1939	Rio de Janeiro	Testemunho pessoal do autor junto com a turma do Curso de Aperfeiçoamento em Música da Universidade do Distrito Federal em forma de visita ao Morro da Mangueira.	Letra da música "Nunca Conheci Paixão", colhida na Escola de Samba Estação Primeira do Morro da Mangueira, 1939	Egídio de Castro revela grande surpresa ao presenciar manifestações musicais no Morro da Mangueira. Toda a escola de samba, com seus instrumentistas, cantores e dançarinos atuam como um só corpo em movimento. O samba recolhido é de um ritmo vivo, vigoroso e sensual, demonstrando um casamento perfeito entre letra e música. O pesquisador procura demonstrar que o nível das coreografias utilizadas não está à mesma altura do nível musical. Para ele, não há uma dança propriamente, mas evoluções ritmadas de cortejo, mais pobre e menos original do que os elementos da música. O pesquisador se concentra apenas na descrição musical, não revelando aspectos sociais do Morro da Mangueira. O samba é a "personagem" principal desse encontro.	Simone Pereira Carneiro
27	Freitas, Afonso de	---	Folia do Espírito Santo	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, volume XXIII, 1925, p. 115-131.	---	IHGB	Membros do IHG paulista	Não	Sim	música, dança, festa, santo, festa do Divino Espírito Santo	Manifestações antigas como a Festa do Divino perdiam toda a sua originalidade primitiva com a crescente industrialização e desenfreada urbanização em São Paulo.	---	Sim	Não	final do século XIX - 1920	SP	Testemunho próprio	5 letras de música (década 20) colhidas em Conceição dos Guarulhos (SP). 1 desenho à carvão (sem data) de Oscar Pereira da Silva: retrata um grupo de violeiros tocando descalços, tendo no centro, um homem segurando a bandeira do Divino em frente a uma humilde casa com vários devotos à porta.	Para o autor, as medidas eclesiais criadas no século XVII em São Paulo, proibindo o pedido de esmola sem licença durante os festejos do Divino, não foram por si só capazes de aniquilar a festa. Pela exigência do progresso, da urbanização, o primeiro alvo são justamente as tradições populares em seus diversos costumes. O desmonte das tranquilas e serenas manifestações primitivas estão ligadas à massificação urbana. Sua posição em relação à vinda do imigrante é ambígua. Se trouxe vitalidade e avanço, a imigração também foi um elemento modificador dos usos e costumes. Afonso Antonio não esconde seu saudosismo ao relembrar com nostalgia um passado ingênuo, primitivo e saudável ao mesmo tempo. Cita Mello Moraes, que publicou no Almanaque Garnier de 1905, "A véspera de Reis". Apesar do Natal Brasileiro apresentar como elementos básicos o presépio e a missa do galo, cada cidade, de acordo com seu povo, possui particularidades específicas. O autor não esconde seus preconceitos ao afirmar que a cidade de Joinville, por possuir uma comunidade germânica, tem uma festa natalina alegre, próspera, de grande exuberância e jovialidade. Na antiga cidade próxima de São Francisco, por ser uma comunidade "exclusivamente" brasileira, tal festejo é melancólico, monótono, realizado em grotescos presépios ao redor de vetustas igrejas coloniais. Por isso, o autor acredita que a verdadeira festa das populações brasileiras é a Semana Santa, pela manifestação de uma nostalgia incurável, revelada nesse período, em tom rude e desanimador.	Simone Pereira Carneiro
28	Rosa, Francisco Luís da Gama	---	O Natal	Almanaque Brasileiro Garnier, RJ, 1911, p.411-412	Direção João Ribeiro, tiragem anual	IHGB	---	Não	Sim	festa, festa de natal	análise comparativa entre duas cidades a partir da maneira como cada uma comemora a mesma solenidade. O autor valoriza a festa de Joinville por ser a mais alegre e próspera em função da presença da comunidade germânica.	---	Não	Sim	1909	Santa Catarina (Joinville)	Artigo baseado em testemunho pessoal do autor.	---	Para a autora, a formação da música brasileira acompanha a evolução que a sociedade brasileira atravessa. Mariza Lira acredita que, com a possibilidade de se definir um tipo individual de raça, não se pode também denominar que gênero a música popular carrega. Talvez isso nunca ocorra, porque a revolução de um país e de seu povo é sempre contínua. Uma possível cristalização de formas e gêneros musicais é algo muito remoto. O comentário que a pesquisadora faz em relação às cantigas de rua, vivenciadas na cidade do Rio de Janeiro, é muito interessante. Faz um apanhado histórico, narrando que no tempo dos vice-reis, o fado, a modinha e o lundu eram os gêneros musicais que alegravam o povo. Mas foram as cantigas de rua que melhor expressavam a linguagem galhofeira e ferina do carioca, um povo que ridicularizava, "pondo calvas à mostra", como diz o velho ditado. Como exemplo, cita um costume que, desde os tempos da colônia, era motivo de pilhéria. Com as obrigações dotais impostas pela colônia, a questão matrimonial encontrava dificuldades, diminuindo o número de casamentos. Tanto que se dizia: "casar não é casaca". Para remediar esse mal, em 1749 a metrópole resolveu diminuir o valor do dote. E o povo, irreverente, ironizou em toadas simples tal questão: "Lá em cima daquele morro Ó Dona Tem um pé de jatobá Não há nada mais pió Ai! Si Dona Do que um homem se casá"	Simone Pereira Carneiro
29	Lira, Mariza	---	A influência do ético na nossa música popular	Revista da Música Popular, Rio de Janeiro, março/ abril de 1955, p.30-32	---	FBN (DIV. música) 780.5 B40	---	Não	Sim	conceito de música brasileira, conceito de música popular	Para a autora a influência étnica é marcante e decisiva na música popular brasileira, sendo originária da melodia européia (lusitana principalmente), do ritmo afro-negro e da originalidade do ameríndio.	---	Sim	Não	séc. XVIII, XIX	Rio de Janeiro (mencionadas)	Baseado em pesquisa histórica, porém sem citar suas fontes ou relatos.	Letras e partituras de cantigas de rua "Chegadinho" e "Maria Catucha" (sem data ou fonte) e "Bitu" ou "Cai, cai, balão" de origem lusitana, início do séc. XIX.	Para a autora, a formação da música brasileira acompanha a evolução que a sociedade brasileira atravessa. Mariza Lira acredita que, com a possibilidade de se definir um tipo individual de raça, não se pode também denominar que gênero a música popular carrega. Talvez isso nunca ocorra, porque a revolução de um país e de seu povo é sempre contínua. Uma possível cristalização de formas e gêneros musicais é algo muito remoto. O comentário que a pesquisadora faz em relação às cantigas de rua, vivenciadas na cidade do Rio de Janeiro, é muito interessante. Faz um apanhado histórico, narrando que no tempo dos vice-reis, o fado, a modinha e o lundu eram os gêneros musicais que alegravam o povo. Mas foram as cantigas de rua que melhor expressavam a linguagem galhofeira e ferina do carioca, um povo que ridicularizava, "pondo calvas à mostra", como diz o velho ditado. Como exemplo, cita um costume que, desde os tempos da colônia, era motivo de pilhéria. Com as obrigações dotais impostas pela colônia, a questão matrimonial encontrava dificuldades, diminuindo o número de casamentos. Tanto que se dizia: "casar não é casaca". Para remediar esse mal, em 1749 a metrópole resolveu diminuir o valor do dote. E o povo, irreverente, ironizou em toadas simples tal questão: "Lá em cima daquele morro Ó Dona Tem um pé de jatobá Não há nada mais pió Ai! Si Dona Do que um homem se casá"	Simone Pereira Carneiro
30	Leitão, Antonio	---	Folk-lore: os judas	Almanaque Brasileiro Garnier, RJ, 1912, p. 406-409	Tiragem anual, direção João Ribeiro. A revista possui uma seção de folclore, contendo artigos de vários folcloristas.	IHGB	Nasceu no Rio de Janeiro, 1845, faleceu em 1910. Trabalhou como jornalista no "Diário do Rio de Janeiro", e também como redator do "Jornal do Commercio".	Não	Sim	festa, malhação de Judas	O autor mostra como certas práticas "rudes e grosseiras" do povo são perniciosas para o bem-estar coletivo.	---	Sim	Sim	final do século XIX, início do XX	Rio de Janeiro	Texto em forma de ensaio baseado em fonte da época	---	Na primeira metade do século XIX no Rio de Janeiro, o sábado de Aleluia era considerado o dia mais propício para os cariocas extravasarem toda a sua crítica e ironia em relação ao governo. Apesar de ter em D. Pedro II um fiel defensor da liberdade de expressão e imprensa, a prática da malhação de Judas foi condenada e perseguida pela polícia. O Judas de palha foi sucedido pelo Judas papel. Um Judas em forma de Jornal de 4 páginas, que só circulava no sábado de aleluia, aproveitava-se do dia para difamar meio mundo, alegrando as "lorpas" (imbecil, parvo, grosseiro) e a estimular os maldizentes a repetir o que liam. Seus "editores" eram na maioria "testas de ferro", compositores vadios, ébrios e capangas eleitorais, totalmente desprezíveis, que para obter algum lucro, faziam chantagem com os indivíduos injuriados, propondo negócio: dinheiro ou publicação. Apesar do texto pertencer a uma seção do Almanaque destinada ao folclore, na visão do autor a manifestação não é vista com bons olhos. Pelo contrário, a malhação de Judas é uma ação deprimente, bárbara e que por isso deve ser coibida. O autor menciona a obra "Antiga Cidade" de Coelho Neto.	Simone Pereira Carneiro
31	Carvalho, Rodrigues de	---	Folk-lore do Norte	Almanaque Brasileiro Garnier, RJ, vol. VIII, 1910, pp. 272-77.	---	FCRB Rev. 170	Folclorista, autor do "Cancioneiro do Norte".	Não	Sim	literatura oral, poesia, trova, pejeja, duelo, negro	Transcrição de uma pejeja do Bem-te-vi com o "Madapolão" (Duelos de cantoria)	---	Não	Sim	---	---	Testemunho próprio	---	Rodrigues de Carvalho apresenta ao público uma pejeja que "é a expressão popular para duelos de cantoria entre "trovadores populares". "Bem-te-vi" era um cantador, "mestiço", e "pernambucano". "Madapolão" era um cantador, "negro" e "cearense". Os dois cantadores trocam ofensas. Bem-te-vi ofende Madapolão, e Madapolão o ofende com seus desaforos. O duelo trata, sobretudo, da prática dos dois cantadores. Inicialmente ambos se ofendem, mas logo depois trocam elogios sobre a rapidez e diversidade dos assuntos dos seus duelos. É uma disputa regional, visto que um é de Pernambuco e o outro do Ceará.	Rita Paula

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
32	Almeida, Benedito Pires de	---	A festa do divino (tradições e reminiscências de Tietê)	Revista do Arquivo Municipal, SP, julho de 1939, pp.33-69.	---	FBN II-257, 02, 08	---	Não	Sim	música, dança, festa, festa do Divino Espírito Santo, cururu, samba, caninha-verde	O autor analisa a festa do divino, em Tietê, privilegiando o seu caráter fluvial, no "encontro das canoas". Ela tende a desaparecer, apesar de descrever a festa do Tietê como uma manifestação nacional.	---	Sim	Sim	séc. XIX e XX (década de 20)	SP (rio Tietê)	Testemunho próprio	Letras - cururu, samba e caninha verde. Letras de brincadeiras como "viuvinha". 3 fotos - P/B (preto, branco) legendadas - 1- irmão negro do divino com o uniforme da festa; 2 e 3 - retratam o famoso "encontro das canoas".	Para o autor, a festa do Divino penetrou na alma do tietense de uma forma tão profunda que dificilmente poderá sair. Esteja onde estiver, ele reúne suas economias para retornar à sua cidade e contemplar o encantador espetáculo do encontro das águas. O fio condutor desse festejo, sem sombra de dúvida são as canoas que ligam e unem as diversas comunidades tietenses. A festa dura 45 dias, dos quais 43 em viagens. A subida das canoas dá-se 23 dias antes da data marcada para a descida. No 1o. domingo, festeja-se a subida dos canoeiros que chegam à casa do festeiro, onde após farta ceia realizam-se inúmeras danças ao som das músicas regionais. No dia seguinte, a irmandade se despede recebendo uma "esmola" da família anfitriã. E assim a viagem prossegue por 20 dias em todas as habitações por onde o Divino passa, espalhando prosperidade, saúde, esperança de boa colheita. No sábado, véspera da grande Missa, uma massa de duas a três mil pessoas esperam na margem a chegada dos canoeiros, de onde dirigem-se para a Igreja Matriz e para as barracas de jogos, leilões de animais, restaurantes, circo de cavalinhos, cavalinho de pau etc. No domingo realiza-se a missa e depois a procissão do Espírito Santo, percorrendo as ruas da cidade de forma imponente, com numerosas irmandades e artísticos andores. Percebe-se que nessa imensa festa toda a "sociedade tietense" participa, desde humildes lavradores, mulatos, "pretos", passando por sitiantes, colonos, fazendeiros e até senhoras e senhoritas elegantes em suas melhores vestes. Para o autor, a festa tende a desaparecer, extinguindo o que para ele é de cunho genuinamente nacional.	Simone Pereira Carneiro
33	Freitas, Newton	---	Maracatú	Ed. Pigmalio,; Buenos Aires, 1943. 76 pp.	---	FBN II- 152, 5, 12	---	Sim	Não	música, dança, festa, santo, carnaval, maracatu, candomblé, o huanito, Nossa Senhora do Rosário, negro, índio	O autor discorre sobre o Carnaval carioca; o Maracatú em Recife; o Candomblé em Recife; o papel da mulher na sociedade brasileira; a música; a dança; as práticas culturais incas no Peru.	Maracatú ----- -----p.7 La Plaza Onze ----- p.15 Carnaval, Más que é Carnaval! ----- -----p21 Carnaval Triste ----- -----p.29 Carnaval Alegre ----- -----p.31 Um camdomblé em Recife ----- ----- p.37 Los cerros sonoros ----- -----p. 41 La Bahia de mis abuelos ----- ----- p.45 La mujer em el Brasil ----- -----p 55 La poesía que el progreso no mato ----- ----- p.63 La cana de azúcar, el café y el negro ----- ----- p.67 Lima de los Virreyes ----- ----- p. 73	- Sim Sim	década de 1940	PE (Recife), RJ (Rio de Janeiro), Peru: Lima	Testemunho próprio	---	Newton Freitas escreve um livro fragmentado, no tocante aos assuntos abordados. Embora o título da obra seja "Maracatú", apenas o primeiro capítulo se refere a esta dança. Em "Maracatú", capítulo dedicado a esta festa, Freitas não se detém na descrição do ritual que compõe o Maracatú, somente enumera os personagens (o rei, a rainha, os cortesãos). O que o autor pretende é defender a sua opinião sobre o Maracatú, a sua origem, a sua prática no Brasil, o local onde é mais forte a sua tradição. Segundo Freitas, os "negros" vindos de Loanda e do Congo são os responsáveis pela encenação do Maracatú no Brasil, pois o Maracatú seria a "representação simbólica da realeza". Contudo, no Brasil o Maracatú ganha novos aspectos com a "fusão profunda" entre negros e índios que passam a cantar juntos seus ritos guerreiros e suas canções de morte nas festas. Freitas ressalta que os índios contribuíram, sobretudo, com seus instrumentos musicais, enriquecendo mais o ritmo do Maracatú. O Maracatú dos anos 40, confunde-se com o Carnaval, perdeu os traços da festa do início do século com trajes menos elaborados a músicas específicas. As roupas de seda compõem o vestuário do Maracatú da atualidade, mantos de pele fazem parte dos acessórios, os passos de dança e o samba mais se parecem com "versos carnavalescos" que tocam nas rádios. De acordo com o autor, o Maracatú é, mais e mais, uma festa miscigenada, entreadada à festa de Nossa Senhora do Rosário. A "pátria" do Maracatú é o nordeste do Brasil, particularmente Pernambuco pela forte influência afro-indígena. Além do Maracatú, o autor se dedica ao Carnaval carioca na Praça Onze ("referência a festas populares"; "barbárie em plena civilização moderna"), mostrando que o Carnaval é uma festa de mistura de raças e acontece num espaço sem preconceitos raciais, econômicos e sociais. Freitas ainda escreve acerca da exclusão das mulheres na sociedade brasileira; dos rituais do Candomblé na Bahia (espaço de realização religiosa); das fontes de riqueza no Brasil (cana-de-açúcar, café e o negro); das tradições culturais em Lima (Peru), tais como as heranças do império inca, o "huanito" - dança guerreira religiosa. Embora o livro seja organizado e bem argumentado não há indicação de pesquisa e nem citação bibliográfica.	Ria Paula	
34	Dornas Filho, João	---	O Reinado ou Congada em Itaúna	Euclides, Número avulso do Jornal do Comércio, RJ, vol 11, no. 8, junho de 1941. pp.113-116	---	IHGB	---	Não	Sim	música, dança, festa, congada, congado, reinado, moçambique, santo, negro, Festa de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Rosário	O autor destaca o caráter africano destas manifestações e os inúmeros embates entre negros e a Igreja em torno da realização do Reinado em Itaúna, MG.	---	Sim	Sim	1941	MG (Itaúna)	Testemunho próprio	Cantigas do reinado. p.114 (17 versos) s.d.; s.a. p.115 (11 versos) s.d.; s.a.	O autor escreve sobre a festa do reinado ou congada que acontece em Itaúna, Minas Gerais. O reinado é uma "festa folclórica" em homenagem à Nossa Senhora do Rosário e realiza-se nos dias 15, 16 e 17 de agosto. Segundo Dornas Filho, o Reinado era comemorado pelos "pretos" e tinha um caráter "meio pagão", o que suscitou diversas medidas repressivas por parte das autoridades eclesásticas, como a proibição de participação do vigário e a interdição da capela. O reinado, assim como "a maioria das festas negras", teria recebido influência do catolicismo, o que lhe conferiu um "caráter pitoresco". Dornas Filho enumera as etapas da festa (os grupos "congós" e moçambiques", as danças e os trajes usados. Apresenta ainda um milagre envolvendo a comunidade religiosa e os "pretos". A imagem de N. S. do Rosário teria sido retirada pelos padres da antiga matriz, cuja construção foi feita pelos "pretos". Por três vezes a imagem foi transferida para matriz nova e por três vezes reapareceu na antiga capela, o que forçou o padre a permitir que a imagem ficasse na igreja antiga.	Rita Paula
35	Rodrigues, Nina	---	A Raça Negra na América Portuguesa	Revista do Brasil, Ed. Monteiro Lobato, SP, ano VII, n. 79, julho de 1922, pp. 200-220	---	FCRB Rev. 19B-20A	---	Não	Sim	conceito de festa brasileira, conceito de festa africana, conceito de dança brasileira, música, dança, festa, festa de reis, reisado, rancho, negro, africano	Reunião de capítulos inéditos escritos por Nina Rodrigues sobre a influência da "raça negra" no "folclore brasileiro".	---	Sim	Sim	Final do séc. XIX	BA, RJ	Pesquisa bibliográfica, ensaio.	---	Oscar Freire reúne neste artigo alguns capítulos da obra inacabada do seu mestre Nina Rodrigues. Estes textos datam de 1890 e consistem num estudo profundo do professor da Faculdade da Bahia sobre a raça negra na América Portuguesa. Nina Rodrigues analisa a influência do caráter totêmico na cultura e expressões artísticas da população negra. Mostra que na "Véspera de Reis" (melo Moraes Filho, "Festas e Tradições Populares no Brasil" Rio de Janeiro) e no "Reisado" (Souza Brito. Jornal literário "Renascença" - n.16 - 10/01/1905) a idéia de agrupamento em ranchos, tribos, expressa o agrupamento familiar dos totens. O professor faz vários paralelos entre festas e danças afro-brasileiras com caráter totêmico e avalia a contribuição dos fatores étnicos no folclore do Brasil.	Rita Paula
36	Azevedo, Luís Heitor Corrêa	---	Música Negra do Nordeste	Cultura Política, RJ, Ano V, n. 48, 1945, pp. 183 à 186	---	FBN IV-099,0 2,18	Foi professor catedrático da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil.	Não	Sim	música, dança, festa, congo, toada de Xangô, maracatu, negro	Neste artigo o autor faz rápidos comentários sobre os discos que ele analisou no Ceará, além de fazer também, rápidas descrições sobre festas e músicas negras presenciadas por ele.	---	Não	Sim	Década de 1940	Fortaleza	Testemunho próprio e discos do Centro de Pesquisa Folclórica do Ceará.	Transcrição de uma pequena cantiga feita em homenagem à Calunga (p. 185).	Neste pequeno artigo para a Revista Cultura Política, Luís Heitor faz um rápido levantamento e análise dos discos de música negra do Centro de Pesquisas Folclóricas do Estado do Ceará. Segundo o autor, apesar de o Estado do Ceará não ser majoritariamente de população negra, dos 75 discos gravados pelo CPF-CE, um total de 18 contém música negra e muitos outros apresentam influências diretas dos ritmos musicais negros. O autor mostra-nos que as festas de congós e maracatus, onde se destaca um grupo chamado "As de Ouro", fundado em 1935, são feitas por negros. O artigo também apresenta descrição de festas, principalmente de maracatus, mas também das "toadas de Xangô". O autor nos informa que os negros buscam muitos de seus ritmos e coreografias no estado de Pernambuco, tanto que o "As de Ouro" possui músicas próprias como "Coluna da Hora" e cópias de músicas pernambucanas como "Ó que beco estreito!"	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
37	Barreto, Paulo	João do Rio	Elogio do Cordão	Revista do Kosmos, RJ, n. 24, fevereiro de 1906	---	IHGB	---	Não	Sim	música, dança, festa, santo, carnaval, sociedade/cordão carnavalesco, afoxé, negro, Nossa Senhora do Rosário, Festa de Nossa Senhora do Rosário	---	---	Sim	Sim	fevereiro 1906	RJ (capital)	Testemunho próprio	8 ilustrações de homens vestidos de diversas formas como: baianas, índios, chinês, rei, bobo da corte, arlequim (?), e rico ou mágico (?) e 10 quadras pequenas sobre personagens e/ou cotidiano dos participantes e/ou populares.	João do Rio afirma que, durante o carnaval de 1906, a cidade do Rio de Janeiro ficou tomada do Largo de São Francisco à Rua da Direita por cerca de vinte a quarenta cordões, que dançavam com duzentos tambores e cem bumbos, guiando quase cinquenta mil pessoas. Para o autor, a origem dos cordões está ligada ao "Afoché". Estes cordões teriam uma hierarquia e ordenação, apresentando uma diretoria, dois fiscais, dois mestres-salas, um mestre de canto e porta-machados, além de um homem de frente. O caráter monarquista dos cordões estaria evidente no fato de não existirem cordões chamados "Republicanos da Saúde, Gamboa ou Urca e etc"... João do Rio informa que os principais cordões se encontravam na Gamboa, Saúde, São Diogo e Cidade Nova. Da Urca ao Caju, deveriam existir uns duzentos cordões, a maioria devota de N. S. do Rosário. O autor chega a nomear alguns cordões: Grêmio Carnavalesco Destemidos do Inferno, Rainha do Mar, Filhos do Relâmpago do Novo Mundo, Senhora do Rosário dos Velhos e Vassourinha.	Leonardo da Costa Ferreira
38	Santos, Joaquim da Silveira	---	Costumes Antigos: as festas de São João - O carnaval e o entrudo.	Revista do IHG de São Paulo, SP, vol. XXXVII, dezembro de 1939. pp. 386-389	---	IHGB	---	Não	Sim	conceito de festa popular, música, dança, festa, festa de São João, santo, São João, procissão, foguetório, carnaval, sociedade carnavalesca, entrudo, Mascarda a cavalo, negro, escravo	O artigo caracteriza-se sobretudo por um interesse do autor em descrever festas (carnaval e entrudo), realizadas no interior paulista e que hoje se encontram em decadência ou descaracterizadas.	---	Sim	Sim	Provavelmente século XIX (anos 70 e 80)	São Roque, SP	Testemunho próprio	Na página 388, há uma pequena transcrição de diálogos realizados por dois fogueteiros que comemoravam a festa de São João.	O autor pretende mostrar como eram os costumes antigos, ou seja, as festas de antigamente, que segundo ele, encontram-se hoje (texto de 1939) descaracterizadas ou extintas. Ele se interessa pelo assunto por serem festas populares. A cidade que o autor escolhe para sua análise é São Roque, que ele visitou quando jovem, porque lá ocorria uma grande diversidade de festas populares, hoje extintas ou descaracterizadas. No artigo, o autor realiza uma descrição da festa de São João, que no campo se expressava pelas procissões (com o capelão falando um péssimo latim). Já na área urbana de São Roque, a festa era comemorada com foguetes que eram soltados principalmente por homens, os quais formavam grupos que "brigavam" uns com os outros (O autor menciona o nome das pessoas - escravos, senhores e comerciantes - que participavam do foguetório nas festas de São João). Quanto ao carnaval, o autor começa comparando o de São Roque com as antigas sociedades carnavalescas do Rio de Janeiro e São Paulo, visto que em São Roque também existiam pequenas sociedades (o autor não aprofunda a questão). Também apresenta a "Mascarada a Cavalo", que se resumia em pessoas fantasiadas e mascaradas em cavalos, fazendo evoluções ensaiadas pela cidade. Esta festa terminava à noite, com um baile que só acabava na Quarta Feira de Cinzas. Quanto ao entrudo, há uma rápida descrição, sem maiores novidades, porém o autor se mostra satisfeito com o seu fim, por tratar-se de uma festa selvagem. Em geral, os participantes dessas festas eram escravos e homens livres.	Leonardo da Costa Ferreira
39	Barroso, Gustavo	João do Norte	Os Congos	Revista do Brasil, SP, n* 52, fevereiro de 1918, pp. 191-193	---	FBN IV - 433,02,11	---	Não	Sim	música, dança, festa, congo, congada, festa de Nossa Senhora do Rosário negro, africonos	Comentários depreciativos sobre as lutas que envolvem os personagens.	---	Sim	Sim	Início do século XX	Nordeste	Testemunho próprio do autor.	Na p. 191 registra-se a transcrição de um diálogo entre o rei e o secretário do canto. A 1ª cantiga da p. 192 refer-se à temática do casamento. A 2ª, descreve a relação rei com o príncipe e o embaixador.	Este artigo considera os congos "... como uma relembração saudosa de antigas lutas de reis e chefes de tribos do continente negro" (p. 191). Barroso reproduz os diálogos que relatam as relações e os conflitos dos principais personagens do folguedo (rei, príncipe, secretário e embaixador). Sobre o vestuário, o autor relata que o Rei do Congo vestia "uma coroa de latão e manto de chita vermelha, com os filhos ao lado do trono..." (p. 191); a orquestra, "... saíotes lantejoulados de cocares de plumas, armados de azagaia de papelão dourado..." (p. 191), e o embaixador, "... meias brancas, sapatos de fivelões, grande manto rubro, espadão à cinta e capacete a folhas de Flandres, empenachados heroicamente" (p. 192). Gustavo Barroso não consegue evitar um julgamento depreciativo em relação aos participantes do congo. Considera os negros seres ignorantes e bárbaros.	Leonardo da Costa Ferreira
40	Vieira, José Geraldo	---	Dança e poesia negra no Brasil	Mensário do Comercio, RJ, tomo II, volume II, maio 1938, pp. 665-668.	---	FBN VIII-285,4,1	José Vieira nasceu em 1897 e morreu em 1977.	Não	Sim	conceito de música norte-americana, conceito de música brasileira, música, dança, literatura oral, poesia, escravo, negro, poeta/trovador	Relaciona a cultura negra brasileira com a nossa escravidão e com a cultura negra americana, num ambiente de modernização ou europeização dos países americanos (final do XIX e início do XX).	---	Sim	Não	---	---	Ensaio	Nas pp. 666-667 existem 8 pequenas cantigas que refletem o estado de tristeza do negro por causa da escravidão.	José Vieira analisa a cultura negra no Brasil relacionando-a com a cultura negra nos EUA e a nossa escravidão. Segundo o autor, o negro americano procurou incorporar às suas músicas e danças, os ritmos dos brancos. Já o negro brasileiro, em virtude da escravidão, deixou-se incorporar pela cultura branca, o que o levou a "desfazer-se de suas curiosas danças originárias (...)" e o que delas restou vem caindo em desuso, morrendo aos poucos, no interior mais isolado dos divertimentos urbanos" (p. 665). O autor considera que o negro americano soube incorporar a cultura branca, ou seja, modernizou-se. Já o negro brasileiro foi incorporado pela cultura branca, ou seja, deixou-se europeizar-se ou modernizar-se pelos brancos. O negro brasileiro foi facilmente modernizado pelos brancos, em virtude da escravidão brasileira que foi muito mais eficaz e violenta que a dos EUA. Para o autor, "A escravidão esmagou, talvez, nas fainas dos canaviais e cafezais uma multidão de dançadores e poetas negros, parentes dos bárbaros nômades que iam de Túnis e Argélia até Constantinopla cantando ao som da sambuca encordoada de tripa" (p. 665). José Vieira também faz uma descrição de um poeta dançarino negro, do final do século XIX, chamado Johá (não explica quem é o negro) que canta e dança músicas monótonas em pequenos e esquecidos vilarejos do interior do Brasil. Para o autor, esse poetas acabavam "... sem fortuna e sem glória, (...) que morto, era sepultado na cavidade da jaqueira..." (p. 665). Vale lembrar que o autor informa o nome de alguns poetas e dançarinos negros. São eles: Tito Livio de Castro, Luis Gama, João de Deus do Régo, Patrocínio, Elyseu Cesar e Vicente Ferreira. O autor conclui o artigo afirmando que no cinquentenário da abolição da escravidão brasileira, o negro "... não sabe mais que guarda no sangue a memória de uma dulcíssima música que animou as originais danças descritas e a poesia ingenua de sua raça" (p. 667).	Leonardo da Costa Ferreira
41	Galeno, Juvenal	---	Lendas e Canções Populares	Lendas e Canções Populares, Ceará, vol 1, 1978, 4 ed. 555p	Possui uma apresentação de Cândida Maria Santiago Galeno (diretora da Casa Juvenal Galeno) e uma introdução de F. Alves de Andrade. A primeira edição é de 1865, a segunda de 1892 e a terceira de 1965.	BAA .81 (813.1) G 153	Nasceu em 1836 e morreu em 1931, tendo fundado uma casa de cultura. Filho de agricultores tradicionais, primo de Capistrano de Abreu, publicou poesias na "Marmota Fluminense". Conheceu Machado de Assis, Mello Moraes, Quintino Bocaiuva e Saldanha Marinho.	Sim	Não	Poesia e literatura oral	Este pequeno artigo é uma pequena lenda popular, que pretende mostrar uma pessoa (o sambista) que curte a vida cantando, bebendo uns copos de pinga e que adora "cair" na viração (bordéis).	---	Sim	Não	---	---	poesia	132 poesias	O presente livro de Juvenal Galeno, chamado "Lendas e Canções populares" é na verdade uma coletânea (dois volumes) de poesias populares. Ao todo são cerca de 132 poesias que abordam os mais variados temas e personagens. Os personagens seria figuras típicas do sertão nordestino, tais como o "jangadeiro", "vaqueiro", "escravo", "caboclo", "pobre e/ou cristão", "pescador", "religiosos" e etc. Quanto aos temas, os mais citados são as brigas entre famílias (motivada principalmente pelo sequestro de mulheres), a religiosidade exacerbada e as disputas eleitorais. Destaca-se que em todas as poesias prevalece um significativo tom humorístico. Tal humor ressalta a fome, a miséria, a seca, a escravidão e a exclusão social dos sertanejos. Por fim, ressalto que a maioria dessas poesias foi coletada em viagens do autor pelo nordeste, principalmente o Ceará - seu estado de origem - enquanto outras (não informa quais) são de autoria própria.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
42	Almeida, Fernando Mendes de	---	O Folclore nas Ordenações do Reino - Contribuição Jurídico-sociológica para o estudo da formação de muitos de nossos costumes.	Departamento de Cultura, SP, 1939, 124 p.	O livro está incompleto, na capa possui a expressão: "Separata da Revista do Arquivo, n. 56". A obra, também possui um prefácio de Sérgio Milliet.	FBN II-240, 5, 6	Advogado, poeta, funcionário público e senador pelo Maranhão. Também é considerado, por Millet, um prosador, sociólogo e hirtoriador.	Sim	Não	conceito de folclore, festa, procissão, português, negro, escravo, africano	A relação das leis brasileiras com os usos e costumes populares do Brasil	---	Sim	Não			Pesquisa bibliográfica e de fontes	2 ilustrações, em alusão às superstições, feitas pelo artista inglês Hogarth. (s/ página). 3 retratos de mulheres brancas, com o título de "Três penteados novecentistas" da coleção de Almeida (s/ página). 4 anúncios do jornal "A Lei", dos anos 1837, 53, 57, 58, sobre fugas ou roubos de escravos (pp. 33-34). 2 cantigas de São Benedito sobre o fato de ser preto (p. 58) retiradas da obra de Sílvio Romero "Cantos Populares do Brasil". 3 cantigas de São Gonçalo do Amarante sobre o casamento (p. 48 e 59) retiradas do artigo "A Dança de São Gonçalo" de Marciano dos Santos, publicado na Revista do Arquivo, Departamento de Cultura, volume XXXIII. 15 citações de rituais de superstições portuguesas, sem qualquer referência ao autor ou publicação.	O livro tem o objetivo de analisar os usos e costumes da sociedade brasileira, só que através da relação que esta sociedade mantém com as leis coloniais, imperiais e republicanas. Um fator que torna o livro interessante é quando Almeida atribui a negatividade dos costumes brasileiros ao atraso das leis e não à inferioridade sociológica, do clima ou da mestiçagem. Almeida considera o português como o grande contribuinte do folclore (usos e costumes) brasileiros, já que implantou no Brasil os cultos de santos, as festas religiosas como a do Divino e as procissões. Segundo o autor, as Câmaras Municipais sempre tentaram, através do uso das Ordenações Filipinas e das constituições dos bispados de Évora e Porto, acabar com essas festas e procissões por considerá-las profanas, porém nunca conseguiram. No final do texto, o autor analisa a participação do negro e da mulher nos nossos usos e costumes. Segundo Almeida, suas contribuições foram pequenas e limitadas, por causa da escravidão e do machismo.	Leonardo da Costa Ferreira
43	----	---	Francisca Gonzaga	Weco, RJ, ano III, n.1, fevereiro de 1931	Direção de Luciano Gallet/ Edição: Carlos Welves e	FBN I-468, 01, 02	---	Não	Sim	música, músico compositor, músico maestro, músico instrumentista/tocador	O artigo faz uma homenagem a Francisca Gonzaga	---	Não	Não	---	---	Ensaio	Foto da capa de Chiquinha Gonzaga	O autor faz uma homenagem a Chiquinha Gonzaga, recordando a apresentação de sua primeira polka, "Atraente", muito aplaudida. O autor cita as palavras de Dr. Avelino de Andrade, recordando principalmente o carinho dos franceses com Chiquinha Gonzaga. As composições de Chiquinha Gonzaga são apresentadas como detentoras de grande nacionalismo e são caracterizadas como operetas, peças sacras e "músicas de salão".	Nivea Andrade
44	Estrella, Arnaldo	---	Durante o Carnaval	Weco, RJ, ano III, n.1, Fevereiro de 1931.	direção revista: Luciano Gallet	FBN I-468, 01, 02	---	Não	Sim	conceito de música brasileira, conceito de dança brasileira, música, dança, festa, carnaval, músico compositor, negro	Ênfase na batucada enquanto detentora da nacionalidade do "povo".	---	Não	Sim	1930	RJ (Rio de Janeiro)	Testemunho próprio	---	O autor aproveita o período de carnaval para expressar a sua opinião sobre o que ele chama de "musa popular", a batucada e a produção musical que a acompanha. Sobre este período de festas de carnaval, Arnaldo Estrella comenta que a "Sra. Música" goza as "férias de verão", num "retiro austero", deixando na cidade o gênero popular onde o negro contribui para as "raízes da nacionalidade", trazendo no "coração, a barbárie e o banjo", defendendo esta terra da imitação estrangeira, que "arruína todos os aspectos regionais". O autor lamenta a falta de qualidade nestas produções musicais, mas lembra que, dentre tantas, há "melodias agradáveis", com uma "alegria juvenil", como as de sinhô. Ao terminar o artigo, Arnaldo Estrella faz uma homenagem a Nazareth, que merece ser considerado um grande músico, a despeito das "restrições que, pelo gênero que cultivou, a posteridade lhe possa impôr à glória de artista".	Nivea Andrade
45	Fernandez, O. Lorenzo	---	Considerações sobre a música brasileira	Weco, RJ, ano II, n*4, maio de 1930	direção revista: Luciano Gallet	CBM	---	Não	Sim	conceito de música brasileira	Valorização da arte brasileira sem perder o universalismo.	---	Não	Sim	década de 1920	Brasil	Ensaio	---	Lorenzo Fernandez analisa a situação atual da "música brasileira" que passa por um processo de auto consciência. O autor se preocupa com as "impurezas" existentes na música, naturais de uma "raça" "jovem e em plena fusão". Os dois principais problemas são as tradições "mal compreendidas" e a moda, que usadas em nome da "modernidade" acabam criando uma arte "incoerente" ou "extravagante". O autor discute com a idéia de "Passadismo" afirmando que não acredita em idéias novas e velhas, mas apenas no espírito e nas palavras novas. Pois o conteúdo é sempre o mesmo. Lorenzo Fernandez propõe um universalismo conquistado através da nacionalização, resistindo ao "estreito preconceito do regionalismo exclusivista". E relembra que o objetivo do artista é o da "fraternidade humana".	Nivea Andrade
46	Gallet, Luciano	---	A missão dos músicos brasileiros de agora	Weco, RJ, ano II, n.1, fevereiro de 1930	direção revista: Luciano Gallet	FBN I-468, 01, 02	Diretor da revista Weco	Não	Sim	conceito de música brasileira, conceito de música popular	Ênfase na análise de uma composição musical baseada no "tema popular".	---	Não	Não	---	---	Ensaio	---	Neste artigo, o autor responde a uma questão que sempre lhe é feita: por que harmonizar "canções populares" ao invés de usá-las como tema para composições, como fez Villa-Lobos? O autor responde a questão, informando que, ao compôr sobre as "canções populares" estaria interferindo nestas músicas. Por ter sido formado através da música européia, Luciano Gallet teme interferir na estrutura das canções populares. Estaria, portanto, permitindo a influência estrangeira na música e no "processo brasileiro de música". Por isso se propõe apenas, a harmonizar as canções. E sugere que os próximos compositores, utilizando o seu trabalho, poderão compor sobre as "canções populares", formando a "música nacional"	Nivea Andrade
47	Almeida, Renato	---	A traição da música popular	Weco, RJ, ano II, número 5/6, junho/ julho de 1930.	direção revista: Luciano Gallet	FBN I-468, 01, 02	---	Não	Sim	conceito de música popular, música	Denuncia a deturpação e exploração que vem sofrendo a música brasileira.	---	Não	Não			Ensaio	---	Renato Almeida faz uma crítica à situação da "música popular", que segundo ele, foi deturpada por cantores interessados na comercialização de suas canções. Para o autor, o que provoca esse processo é a ignorância do público e a mudança de objetivos no estudo da "música popular", já que o interesse deixa de ser o "folclore" para se tornar a comercialização.	Nivea Andrade
48	-	---	O fonógrafo a serviço da ciência e da educação	Weco, RJ, Ano II, n.1, Fevereiro de 1930, p. 29	Direção: Luciano Gallet	FBN I-468, 01, 02	---	Não	Sim	música, fonógrafo	Ênfase na necessidade de registrar os cantos populares através do disco para garantir sua originalidade.	---	Não	Não	---	---	Ensaio	---	O artigo defende o uso do fonógrafo, como instrumento de defesa do "folclore", para o registro dos "cantos populares". A situação do "folclore" no Brasil é apresentada como crítica devido à situação de "cantadores de cançoneta" que deturpam as canções e "impõem as suas músicas como sendo folclore". O problema é agravado com a ausência de qualquer reclamação contra os tais "cantadores". Diante desta situação, o autor defende o disco como uma forma de manutenção do folclore.	Nivea Andrade
49	D'monte, Otávio	---	Música Brasileira Popular	Weco, RJ, n. 8, Ano I, outubro de 1929	Direção revista: Luciano Gallet	FBN I-468, 01, 02	---	Não	Sim	conceito de música popular, conceito de música brasileira, música	Status que a música popular conquistou pós Primeira Guerra Mundial.	---	Não	Não	---	---	Ensaio	---	Neste artigo, Otávio D'monte analisa o processo em que a "música popular" tornou-se mais aceita, inclusive pelas "elites". O autor afirma que "o povo" sempre apreciou a "música popular", cantada nas ruas, nas festas, nas noites etc. A "elite", porém, criava resistências. Apesar de apreciar a "música popular", a "elite" não expressava abertamente esta opinião. A "música popular" era considerada "inferior". Para Otávio D'monte, o fonógrafo trouxe a possibilidade de maior difusão destas músicas, mas ainda assim, os violeiros, os cantadores e o violão permaneceram sendo vistos como inferiores. A Grande Guerra é colocada como um marco divisório. Teria quebrado as barreiras sociais e permitido a difusão da "música popular" através das transmissões de rádio. A "música popular" penetrou nas casas de todas as classes sociais. Ao terminar o artigo, D'monte comemora o acesso dos "músicos populares" aos "lucros recompensadores" e ao patamar que deveriam estar: "dentro dos caracteres nativos e folk-loricos".	Nivea Andrade

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
50	Melo, Guilherme Teodoro Pereira	---	A Música do Brasil - dos tempos coloniais até os 10s. decênios da República	Imprensa Nacional, RJ, 1947, 362 p. 2ªed.	Prefácio de Luiz IHGB inseriu o livro no seu Dicionário Histórico Geográfico e Etnográfico por ocasião do 1o. centenário da Independência do Brasil, em 1922. A 2a. edição foi em 1908, Bahia, pela tipografia S. Joaquim.	FBN (DIV. música) 780 981 M527m	Guilherme de Mello (Bahia, 1867-1932) estudou música no colégio dos Órfãos S. Joaquim. Foi bibliotecário do Instituto Nacional de Música. Faleceu sem terminar os preparativos para uma revisão do seu livro.	Sim	Não	conceito de música brasileira, conceito de música popular, conceito de música africana, conceito de música hispânica, conceito de música indígena, conceito de música portuguesa, música, dança, festa, festa de reis, pastoril, modinha, lundu, tirana, congada, congado, rancho, termo, chegança, congo, taieira, cantiga de rua, cantiga de roda, aboiar de vaqueiros, arrazoar dos sertanejos, sertanejo, negro, índio, português, espanhol, reisado	O autor faz uma história da música, preocupado com a influência africana e portuguesa para a música nacional.	Sim	Sim	Brasil colonial até os 10s. decênios da República	Bahia, Rio de Janeiro	Ensaio, pesquisa bibliográfica	Versos, canto e chula do hino tradicional de um terço Partitura e letra da chegança do Marujo Partitura e letra de uma taieira Partitura e letra do Reisado do Boi Bumbá, da Borboleta, do Maracujá, do Pica Pai e do José do Vale Partitura e letra de cantigas de rua e cantares de roda Partitura e letra de canções Bâquicas e Berceuses Partitura e letra de Auçozar Partitura e letra de serraninha Letra de hinos Letra de dois lundus de Laurindo Rebelo Pequeno trecho de uma canção colhida por Jean de Lery	O autor descreve também outros tipos de música que fazem parte dos costumes brasileiros mas não podem ser considerados "nacionais", por ainda conservarem suas características do país de origem. São os Bailes Pastorais. Melo conta a história da modinha desde sua origem na arte trovadoresca do séc. XII. O autor reclama para a modinha o lugar de destaque das artes brasileiras. Ao apresentar a sua história da música do Brasil, Melo faz referência à influência de D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II, descrevendo uma série de compositores do período inicial do Império que denomina, período de desenvolvimento. O período posterior é chamado de "período de degradação" marcado pela valorização da música italiana. A etapa republicana é denominada, período nativista, quando se enfatiza a ópera nacional de Miguez, Nepomuceno e principalmente Carlos Gomes.	Nivea Andrade	
51	Rodrigues, Nina	---	As Belas Artes nos Colonos Pretos do Brasil - A escultura	Kosmos, RJ, Ano I, n. 8, 1904.	---	FCRB Rev. 75	---	Não	Sim	escultura, pintura, africano, negro	Trata-se de um estudo sobre a história e a escultura enquanto expressão artística dos povos africanos.	---	Sim	Não	Período colonial	África	Pesquisa bibliográfica ensaio	Fig. I - Grupo de oito figuras do grupo - Gêge - Nagô. Fig. II - Trono ou banco esculpido do culto de Iemanjá. Fig. III - Ochêr de Chango. Fig. IV - ? Fig. V - Peça do culto de Ochum. Fig. VI - Cofre de Iemanjá (face anterior). Fig. VII - Cofre de Iemanjá (face superior).	Aborda a capacidade artística na pintura e na escultura dos "povos africanos mais avançados em cultura e civilização", mostrando que não é apenas na música e na dança que os "negros" se expressaram. O autor faz um análise dos "negros escravos" que vieram de Andras, do Dahomey, de Whydah, enfim, da família de negros Gêges, a fim de perceber o tipo de produção criada por eles. Observa que a religião é o tema mais abordado por eles, pois criam peças para os seus cultos, sacerdotes representando as divindades homenageadas. Faz referência a cada uma das imagens que consegue catalogar (ver anexo - ilustrações). Nina Rodrigues conclui que as peças da "arte negra" documentam uma "fase" do desenvolvimento da cultura artística, ou uma "fase relativamente avançada da evolução do espírito humano", necessitando, apenas, de "polimento e lapidação". O autor faz este estudo com objetivo de mostrar que os "negros escravos" não pertenciam todos "aos povos africanos mais estúpidos e boçais".	Rita Paula
52	Amaral, Amadeu	---	Poesia Popular - Corrente Urbana e Corrente Rústica	Revista do Brasil, Ed. Monteiro Lobato, SP, Ano IX, número. 109, janeiro de 1925	---	FCRB Rev. 19 B - 20 A	---	Não	Sim	conceito de poesia popular, música, dança, festa, literatura oral, poesia, santo, modinha, lundu, fandango, festa do Divino Espírito Santo, Festa de São João	O artigo baseia-se no objetivo do autor em distinguir dois tipos de produção poética e/ou musical brasileira, uma criada no interior (rústico; sertanejo); e outra criada na cidade (citadina).	---	Não	Sim	Década de 1920	---	Ensaio, testemunho próprio	---	A Revista do Brasil publica o artigo de Amadeu Amaral, anteriormente divulgado pelo "O Estado de São Paulo". O texto discute as características da poesia urbana e da poesia rústica, procurando apresentar as possíveis distinções destes dois estilos. Para Amaral, há dois tipos de cantadores populares, o da cidade e o da roça. O primeiro canta modinhas, lundus e outras "indrôminas artificiais". São os cantadores que usam a "poesia do violão". Já os "cantadores populares da roça" cantam a "poesia dos tropeiros", dos trabalhadores, do fandango, das festas do Divino e de São João. Eles fazem a "poesia da viola". O autor faz uma série de comparações entre a produção popular da cidade e a dos sertanejos, mostrando que a primeira ignora a expressão musical da segunda.	Rita Paula
53	Amaral, Amadeu	---	Os Estudos Folclóricos no Brasil	Terra de Sol, RJ, vol. I, n.1, janeiro de 1924. pp.44-46	---	ABI	---	Não	Sim	conceito de folclore	Trata-se de um artigo cujo autor avalia as contribuições na área dos estudos folclóricos.	---	Sim	Não	---	---	ensaio e pesquisa bibliográfica	---	Amadeu Amaral faz um "resumo" da produção folclórica brasileira, enumerando a contribuição de alguns autores e apontando os objetos dos trabalhos selecionados. Segundo o autor, os estudos de folclore já existem há cerca de cinquenta anos, graças a contribuição de Celso de Magalhães, Silvio Romero, Sant' Anna Nery, Melo Moraes Filho, Pereira da Costa, Carlos von Koseritz, Rodrigues Carvalho, Gustavo Barroso e Leonardo Mota. Para Amaral, a produção sobre o folclore, até esse momento, nos mostra que as regiões Norte, Nordeste e o Sul do país se destacam pelo "intenso amor (...) às tradições locais". Somente nos últimos anos registram-se alguns estudos em Minas Gerais, São Paulo e estados vizinhos. Amaral entende que estes estudos tem pouco cuidado com a "autenticidade" e a "providência" das peças e, ainda, não demonstram preocupações com a "fidelidade na transcrição". Fatores como a falta de "objetividade e imparcialidade científica na colheita e na apreciação dos materiais" alteram o resultado do estudo.	Rita Paula
54	Amaral, Amadeu	---	Folclore	Terra de Sol, RJ, vol. I, n.2; fevereiro de 1924. pp.156-158	---	ABI	---	Não	Sim	conceito de folclore	Trata-se de críticas feitas pelo autor aos estudos elaborados sobre folclore, indicando os pontos negativos e positivos.	---	Não	Não	---	---	Ensaio e pesquisa bibliográfica	---	Amadeu Amaral dá continuidade na seção "Folclore" da revista "Terra de Sol" aos seus estudos sobre "Folclore II". Neste texto, o autor faz um balanço das obras sobre o folclore brasileiro, criticando o "excesso de teorizações imaginosas e precoces" e o excesso de "diletantismo erudito", características bastante presentes nos estudos folclóricos feitos pelos "representantes mais graduados no assunto". Refere-se, sobretudo, a Silvio Romero, a João Ribeiro, a Couto Magalhães, a José A. de Freitas, a Batista Caetano e a Celso Magalhães. Amaral percebe que estes autores criaram as bases para o "folclorismo brasileiro", através de seus estudos sobre a poesia popular, quadras de amor, costumes brasileiros entre outros assuntos e peças colhidas.	Rita Paula
55	Abreu, Luís Leopoldo Brício de	---	A volta do lundu e da modinha. A precursora do sucesso popular.	O Cruzeiro, RJ, volume 11, 29 de dezembro 1956, pp. 36-39	---	IHGB	---	Não	Sim	música, modinha, lundu, músico cantor/cantador	O texto caracteriza-se, sobretudo, pelo interesse do autor em "reviver as músicas do passado", traçar a sua história, expor aos seus leitores "descobertas" acerca da "nossa música popular". O argumento do autor consiste em fazer breves comentários sobre o álbum de modinhas e lundus, de 1853, cantados pela atriz italiana Augusta Candiani.	---	Não	Sim	século XIX	---	Ensaio e pesquisa de fontes	Lito da Revista "Antonio Maria", de Rafael Bordalo Pinheiro, 1882: reprodução da cantora lírica Augusta Candiani, p. 37. Foto - 1854 - Fotografia de Augusta Candiani, em Paris. Coleção Pierre Marie, p. 38. Lizerolles. Partituras e letras das seguintes músicas retiradas de um álbum de 1853: "Esta Noite" - lundu (texto) - Imprensa Lith. de P. Laforge. Rua da Cadeia, 89, p. 36. "Em qualquer parte que esteja..." - Modinha. Música do compositor J. Fachinetti oferecida a Ilma. Sra. D'Anna Maria da Costa, p. 39. "Quando vejo o lindo rosto da mimosa Olivia Bella" - modinha. Por Quintiliano da Cunha Freitas. Canto e Piano, p. 39. "Modinha". Poesia de Magalhães. Música de C. Ignácio da Silva. Imprensa de música de P. Laforge; Rua da Cadeia, 89, p. 38. "Astuciosos os homens são..." - Modinha s/ autor. Imp. de música P. Laforge, p. 38.	A fim de divulgar modinhas e lundus cantados no período imperial, o autor apresenta um álbum do ano de 1853, que pertenceu ao seu acervo particular. Como as músicas a que se refere foram cantadas pela cantora lírica italiana Augusta Candiani, o autor traça a trajetória artística e alguns fatos da vida pessoal da atriz (casamento, carreira artística, separação). Abreu não descreve nenhuma apresentação de Augusta Candiani, no Brasil. Mas esclarece que a cantora lírica "fraquejando-lhe a voz, passou a representar dramas... por todo o Brasil, cantando ainda, modinhas e lundus". O texto traz mais informações sobre a vida pessoal e a trajetória artística da cantora do que sobre os lundus propriamente ditos. A fim de localizar outras referências sobre estas modinhas e estes lundus, o autor menciona a obra de Mário de Andrade, "Modinhas Imperiais", a "Correspondência" de Domingos Gonçalves de Magalhães e o artigo na Gazeta de Notícias, de 1907, escrito pelo cronista João do Rio.	Rita Paula

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
56	Marconi, Marina de Andrade	---	Lundu baiano, desafio coreográfico	Revista Brasileira de Folclore, Funarte, RJ, Ano III, n.5, jan./ abril de 1963. pp.23-36	---	IHGB	---	Não	Sim	música, dança, lundu, músico instrumentista/tocador	O objeto da autora consiste em comparar o lundu das cidades de Franca e Uberaba, no tocante à música e à coreografia.	---	Não	Sim	1960; 1962	Franca (São Paulo); Uberaba (Minas Gerais)	Testemunho da autora	Fotos de Ary André - movimento da dança do lundu feitos por José EufRASINO dos Santos (10). Foto s/a. Augusto Cardoso dançando o lundu, em Franca (1). Foto s/a. O violeiro Juvenal José dos Santos (1). 10 passos diferentes da dança do lundu (Uberaba) - colcheia, semicolcheia; p.28 Documento musical n.1 - lundu - violeiro. Juvenal José dos Santos, Franca, 1961. Registro da autora. Partitura. p.30 Documento musical n.2. Lundu violeiro: Juvenal José dos Santos; Franca, 1961. Registro da autora. Partitura; p.31 Documento musical n.3. Lundu-violeiro. Olegário Antônio dos Passos. Afinação: Rio Abaixo/ Fazenda São Borja, Franca, 1961/ Executado em Bandola. Registro da autora. p.31. Documento musical n.4. Lundu. Executado em viola por Juvenal José dos Santos e dançado por José EufRASINO dos Santos (Flor); Franca; 1961. Registro da autora. p.32 Doc. musical n.5. Embolada. Cantada por Luiz Ferreira com acompanhamento de violão; Franca/1961 Doc, musical n.6. Lundu - violeiros: Rodrigues Pedro de Carvalho e Euripedes Alves Selva/ Afinação: Cebolão - Frutal; Minas Gerais 1962. Recolhido pela autora. p.34-35	Em "Lundu baiano, desafio coreográfico", Marina de A. Marconi mostra como é dançado o lundu no interior dos estados de São Paulo e Minas Gerais. O texto caracteriza-se, sobretudo, pelo interesse da autora em enumerar alguns aspectos para dançar o lundu. Para a realização dessa tarefa, Marconi lança mão da trajetória pessoal dos dançarinos e violeiros mais ilustres das cidades de Franca (SP) e Uberaba (MG). De acordo com EufRASINO, dançarino de lundu em Franca, "o lundu é uma dança solista, muito comum na Bahia, sendo chamado, pelas pessoas mais antigas da cidade onde nasceu, de enfusado." O som da viola ou violão "rasgado" acompanha a dança tornando-a mais animada e provocando certa competitividade. Os lundus, executados por Juvenal José dos Santos, podem variar, no que tange ao ritmo, e foram aprendidos de ouvido. Já Olegário Antônio dos Passos usa como instrumento para tocar o lundum (o autor observa que Olegário fala "lundum" e não "lundu" - mas não comenta), com uma "bandola" - lata de óleo, com 4 furos pequenos, braço de bandolim e quatro cordas. Embora saiba tocar viola, violão e cavaquinho. O lundu de Uberaba, que aconteceu na I Semana de Folclore, em 1962, também foi investigado pela autora. A descrição da dança em Minas Gerais é bastante técnica, da mesma forma que foi feita em Franca. Antônio Ananias é o dançarino e o violeiro mais conhecido da cidade. Além deste lundu, Ananias dança o "lundu de faca", que consiste em dançar com uma peixeira em cada mão movimentando-as no ritmo da música. Estas investigações permitiram algumas conclusões sobre a dança do lundu: 1) o fato dos dançarinos de lundu serem baianos ou aprenderem a dançar com baianos; 2) melodias executadas são semelhantes à da Bahia; 3) as pessoas que dançam ou tocam são trabalhadores rurais; 4) a música é basicamente instrumental.	Rita Paula
57	Viana, Hildegardes	---	Um velho lundu	Folclore. Órgão da Comissão Espírito-Santense de Folclore, Vitória- ES, vol 85, julho-dezembro de 1968, pp.5-6	---	BAA sem indicação	---	Não	Sim	música, dança, lundu, negro	O objetivo do artigo consiste no estudo sobre alguns lundus que satirizam o amor entre um homem e uma mulher negra.	---	Sim	Sim	Não há referência	São Paulo (Bragança); Bahia	Pesquisa bibliográfica	* (13) versos do lundu "Gosto de Negra". Transcrito por Felina Alice de Andrade Ferreira, do Doc. n.559 da Comissão Nacional de Folclore do IBCEC. p.6. (9) versos de lundu da memória de Hildegardes Viana, satirizando a relação entre portugueses e negras. pp. 5 e 6.	Neste artigo Hildegardes Vianna estuda o lundu, fazendo um breve comentário sobre sua definição e detendo-se mais adiante na análise de alguns versos de um lundu. Segundo a autora, o lundu pode ser definido como "canto solista, muito brejeiro, com intenções cômicas evidentes". Esta declaração aponta para o caráter satírico do lundu que "lá pelos tempos antigos" era considerado um termo chulo. Os versos transcritos por Vianna são comparados com o lundu "Gosto de Negra" já analisado por Guilherme dos Santos Neves (in: Folclore; n. 82. "Um Velho Lundu"), visto que ambos têm uma linguagem satírica e tratam do amor de um português por uma negra. Hildegardes Vianna chega a colocar em dúvida qual seria de fato o lundu "Gosto de Negra".	Rita Paula
58	Neves, Guilherme dos Santos	---	O lundu de Mestre Domingos	Folclore, Órgão da Comissão Espírito-Santense de Folclore, Vitória-ES, vol 84, janeiro de 1968, pp.17-18	---	BAA sem indicação	---	Não	Sim	música, dança, lundu, quadra	O artigo consiste em mostrar um pouquinho do lundu de Mestre Domingos no Espírito Santo e compará-lo a variação paulista da peça.	---	Sim	Sim	---	ES, SP	Pesquisa bibliográfica.	* 5 versos de Conceição da Barra e Vitória, Espírito Santo. São Fragmentos dos trinta e dois versos transcritos por Lima, Rossini TAVARES de. Da Conceição do Folclore; São Paulo, 1953.	Neste artigo sobre o lundu do "Mestre Domingos", Guilherme Santos Neves discute a variante capixaba de alguns versos semelhantes ao lundu paulista (de São Roque), divulgada por Rossini TAVARES de Lima ("Da Conceituação do Lundu", São Paulo; 1953). Trata-se de um trabalho cujo autor mostra a importância do ensaio de Rossini para a conceituação do lundu, como dança, música e "o que (mais) se deve entender por lundu". Rossini, segundo o nosso autor, reúne vinte e dois "preciosos documentos" registrados em São Paulo e outros procedentes dos diversos estados brasileiros. Neves diz que o lundu é conhecido como "folguedo menineiro". Utiliza a descrição de Laura Della Monica, no seu livro Rosa Amarela (São Paulo, 1967, pp. 111-114) para mostrar o desenvolvimento do folguedo. Este consiste na formação de uma "fila indiana" e as crianças num movimento de vaivém se aproximam e se afastam de uma outra criança, que representa o Mestre Domingos. Elas cantam quadras. O autor ainda menciona os estudos de Luciano Gallet ("Estudos de Folclore" - Rio, 1943; Doc. n. XII - letra e música); Veríssimo de Melo ("Rodas Infantes Brasileiras" - Separata da Revista do Arquivo Municipal; São Paulo, 1953; p.298), além dos já citados livros de Laura Della Monica e de Rossini TAVARES de Lima.	Rita Paula
59	Neves, Guilherme Santos	---	Um velho lundu	Folclore. Órgão da Comissão Espírito-Santense de Folclore, Vitória - ES, n.82, jan./dez de 1966. pp. 10-11	---	BAA sem indicação	---	Não	Sim	música, dança, lundu, negro	O artigo é um estudo sobre o lundu, contendo versos e partituras de lundus, alguns do século XIX.	---	Sim	Sim	séculos XIX e XX	ES, SP (Bragança)	Pesquisa Bibliográfica	* (2) versos (estrofe e refrão) lundu "Gosto da Negra" (in: ANDRADE, Mário. Ensaio sobre a Música Brasileira; Livraria Martins; São Paulo, 1962, p. 143) - p.10 * 6 versos (ANDRADE, Mário. Melodias registradas por meios não mecânicos. Arquivo Folclórico da Discoteca Pública Municipal, São Paulo; 1946, p. 36) p.10 * 7 versos. Lundu capixaba. Recolhido por Marilena Soneghet (gravada em fio), p. 11. Partitura do primeiro verso fixado pela professora Maria Penedo da Comissão Espírito-Santense de Folclore. p. 11.	O texto baseia-se em alguns estudos de música brasileira e folclore, realizados por Oneyda Alvarenga, Renato Almeida, Mário de Andrade, enfocando o lundu. Segundo Guilherme Santos Neves o lundu é um termo que "vai desaparecendo" e pode ser representado como canto ou dança trazido pelos "negros de Angola" (ALMEIDA, Renato. "História da Música Brasileira"). O autor ressalta o aspecto humorístico e satírico do lundu. Segundo Oneyda Alvarenga, o lundu foi a primeira música negra aceita (e incorporada) pela "sociedade brasileira" ("branca"), embora este lundu tenha sofrido transformações, ganhando características mais fortes de canção (ALVARENGA, Oneyda. Música Popular Brasileira). Neste artigo, Neves copia a transcrição da letra do lundu divulgado por Mário de Andrade ("Ensaio sobre a Música Brasileira" e "Melodias Registradas por meios não mecânicos) que, presumidamente, é do século XIX e foi encontrado em São Paulo. Inclusive, o nosso autor transcreve um outro lundu capixaba bastante semelhante ao lundu paulista.	Rita Paula
60	Oliveira, Manoel Antônio de	---	O samba de Fortaleza	Folclore, Órgão da subcomissão Espírito-santense de Folclore, Vitória - ES, Ano I, n. 6, maio-junho de 1950, p. 3 e 6.	---	BAA sem indicação	---	Não	Sim	literatura oral, música, dança, festa, samba, batuque, alardo, desafio, duelo, quadra, santo, músico sambista	O texto caracteriza-se sobretudo, pela sua descrição detalhada da "tradicional" festa do Alardo que acontece na "Fortaleza" sob o som do samba ou do batuque.	---	Não	Sim	1950	BA, ES	Testemunho do autor	Reproduções fotográficas: lona com bandeirinhas montada na areia da praia, p. 3. Homem, supostamente Manoel Antônio de Oliveira, p. 3.	O artigo de Manoel Antônio de Oliveira, o Manduca Evêncio, descreve o "Alardo", "samba ou batuque" que aconteceu na noite de 19 para 20 de janeiro no sul da Bahia, entre a véspera e o dia da festa do "Santo Guerreiro e Mártir" (não há referência a que santo). O autor acredita que a festa tem origem em Salvador e foi disseminada pelos municípios do sul da Bahia até atingir as localidades espírito-santenses de Itáunas, Conceição da Barra e São Mateus. E realiza-se no interior da "Fortaleza" dos mouros (sem referência a localidade), o que justifica o interesse do autor por esta tradição. A festa tem início com o primeiro "cortador dos mouros (equivalente à função da ordenança do capitão) dirigindo-se às residências dos festeiros pedindo lampioes e candeieiros a fim de iluminar a "Fortaleza", e táboas "para um improvisado assoalho, bancos e mesas". Após a ladainha e a novena na Igreja, o povo dirigia-se para as proximidades da "Fortaleza", onde o violeiro, José Galdino e alguns músicos com os seus pandeiros e chocalhos de folha de flandres já aguardavam para iniciar a cantoria. Havia, ainda, um "elenco de canto" composto por mulheres, que acompanhava os músicos. Ao mesmo tempo, formava-se um círculo onde "uma morena" ocupava o centro, sendo sucessivamente substituída por outras mulheres. O canto consiste em quadras já conhecidas ou improvisadas; em alguns momentos ocorriam "tremendos duelos de canto e de desafios". À meia-noite os participantes da festa traziam "iguarias" para a mesa, dando início a um tipo de ceia em que todos os presentes participavam.	Rita Paula

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
61	Amaral, Amadeu	---	Folclore III	Terra de Sol, RJ, vol. II, n. 4, abril de 1924, pp. 32-34.	---	ABI	---	Não	Sim	conceito de folclore	O estudo do folclore. O autor pontua algumas etapas que devem ser seguidas para elaboração de trabalhos mais objetivos.	---	Não	Não	---	---	ensaio	---	O artigo desta seção é a continuação do estudo sobre as obras que tratam do "nosso folclore". Amadeu Amaral formula críticas à produção no Brasil dos "estudos folclóricos". Nesta terceira parte, propõe critérios para a construção de trabalhos mais objetivos. Amaral acredita que é necessário para o "estudo desses assuntos" um pouco mais de "objetividade" e de "mais documentação para obter um conhecimento mais positivo" sobre o folclore. Sugere que, primeiramente, se observe "os costumes, ritos e usanças do povo", inclusive sua linguagem e sua música. A "coleta" de "expressões tradicionais e coletivas" deve ser feita nos "núcleos populosos urbanos e rurais" e com "populações esparsas". É importante que haja bastante rigor na indicação das regiões, dos lugares e da época, respeitando-se a forma de tais fontes e observando-se as suas variantes, assim como as "idéias, crenças e práticas que as motivaram". Desta maneira, segundo Amaral, pode-se "esboçar com segurança a geografia do folclore brasileiro", juntamente com a sua "história". É precisamente com "método", visando maior objetividade, que se conseguirá "a autenticidade e a identificação" necessárias aos "materiais das ciências positivas". Outro ponto abordado por Amadeu Amaral é a necessidade do estudo desse conjunto que envolve "um todo psicológico" (poesia, música, dança, hábitos de trabalho), "as práticas do povo" e "o meio físico, a habitação, o vestuário..." Além disso, o estudo regional da linguagem é indispensável para explicar as diferentes manifestações de "etimologia popular". Segundo Amaral, para o cumprimento desta tarefa, deve-se seguir o caminho já traçado por Sílvio Romero, lembrando que o próprio não o seguiu constantemente. As etapas dimensionadas acima fazem parte deste projeto.	Rita Paula
62	Machado Filho, Aires da Mata	---	Os caboclinhos	Cultura Política, RJ, volume 10, dezembro de 1941, pp. 292-98.	---	IHGB	---	Não	Sim	conceito de folclore, música, dança, festa, festa do Divino Espírito Santo, caboclinhos, caboclo	Os caboclinhos, parte popular da Festa do Divino, enfatizando a sua importância para o folclore brasileiro.	---	Sim	Sim	1941	Diamantina	Testemunho próprio do autor	Canções de "Os caboclinhos" da Festa do Divino de Diamantina (6 frases p. 293, 10 frases p. 295, 10 frases p. 297). Quadra. "Cantos populares do Brasil". Sílvio Romero (1), p. 297. Diálogo. Papai-vovó e cacique. Festa do Divino, Diamantina, p. 295. Citação. Carvalho, Rodrigues de "Cancioneiro do Norte", 3 parágrafos sobre referência mais antiga dos "caboclinhos". Citação: "Viagem pelo Brasil", II p. 128, p. 298 sobre a festa de Coroação de D. João VI.	O artigo mostra a preocupação de Machado Filho em preservar material sobre o "folclore brasileiro". É com esta intenção que o autor faz um breve estudo e descreve cenas, personagens e alguns diálogos e músicas do ritual dos "caboclinhos". O autor assiste à festa do Divino em Diamantina e cita trabalhos de Mário de Andrade, Flausino Rodrigues Vale, Sílvio Romero, Rodrigues de Carvalho, Von der Stein, Spix, Martius, Moraes Filhos, a fim de traçar alguns aspectos do "caboclinho". Segundo o autor, "caboclinhos" é uma festa com representações de "loas" e "oferendas"; constituída por personagens como por exemplo: caciques, caciquinhos, cacicona, pantalão. As características dos personagens estão bem delineadas neste artigo. O cacique acompanha a cacicona vindo na frente junto ao caboclo-mestre e o pantalão. O cacique é sempre um "menino esperto". O caciquinho e o cacique ficam com a cacicona e representam os "perós-mingús" que escoltam o rei, na interpretação de Rodrigues de Carvalho. A cacicona vem dançando também, manda em todos e a sua função é de chefiar, o que indica para o autor a intenção de "documentar... aspectos relacionados com o matriarcado" presente na cultura indígena do Brasil. A cacicona não usa máscara e, de salto alto, exhibe um vestido enfeitado com rendas e bordados. O pantalão seria uma "réplica mineira da patroá nordestina", e antes disso, o bobo das comédias italianas representando um velho avarento, crédulo e libertino. Atrás destes personagens estão o tapuio levando o mastro representado pelo papai-vovó, mamãe-vovó e capitão-com-pó. O papai vovó usa calças, botas, uma espécie de casaca, uma máscara de velho e uma cabeleira branca. A mamãe-vovó é velha, corcunda e usa um vestido rodado, lenço na cabeça e uma máscara. O capitão-com-pó não é velho, não usa cabeleira e nem máscara, o que o diferencia do papai-vovó.	Rita Paula

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
63	Gallet, Luciano	---	Estudos de Folclore	Carlos Wehrs e Cia., RJ, 1934, 115 pp., 1ª ed.	Compilação de textos de Gallet. Prefácio de M. Andrade	BAA 398-6 G167	Compositor, diretor da revista Weco; professor de música com vários artigos publicados em revista.	Sim	Não	conceito de música brasileira, conceito de música infantil, música, dança, toada, caninha verde, jongo, samba, caboclo, canoa, coco, modinha, cantiga de roda, música infantil, macumba, negro, índio, português, africano, escravo	música indígena; música negra; música portuguesa; folclore musical brasileiro; negros; índios	Introdução O índio na Música Brasileira O negro na Música Brasileira Cantigas e danças antigas do Estado do Rio Temas brasileiros Catálogo das obras de Gallet Escritos publicados de Luciano Gallet	Sim	Sim	Década de 1920	RJ, RGS, RGN	Ensaio com pesquisa bibliográfica	Fotografia e autógrafo musical do autor Pintura de Joaquim Viert sobre os índios tupinambás Pintura de De Bry sobre a dança tupinambá Fotografia do maracá, instrumento dos índios Guajajáras do Maranhão (acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro) Fotografia do colar com apito de osso, dos índios urubus do Rio Gurupí (acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro) Fotografia da flauta de osso dos índios bacairú (acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro) Fotografia de flauta pan, instrumento dos índios uaupês (acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro) Fotografia da trombeta, instrumento dos índios canelas, do Maranhão (acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro) Fotografia da trombeta-troféu dos índios jurunas, do rio Xingú (acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro) Fotografia das imagens de Iansan, deusa dos ventos (Coleção Arthur Ramos, Bahia) Fotografias das imagens de Oxúm e Xangô (acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro) Fotografia dos instrumentos: Adjá, chocalho, xaque-xaque ou chequerê e agogô (Coleção Arthur Ramos, Bahia) Fotografia de um tambor de negros da Bahia (acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro) Fotografia de um Ganzá ou Canzá (Coleção Arthur Ramos, Bahia) Desenho do traçado da dança cateretê Partitura dos índios Perecis, colhido por Roquete Pinto Partitura de do cateretê Toada Carioca (informações do velho preto Antoniozinho, na fazenda de S. José da Boa Vista, em julho de 1927) Partitura do cateretê Toada Mineira (informações do velho preto Antoniozinho, na fazenda de S. José da Boa Vista, em julho de 1927) Partitura da Caninha Verde (informações do velho preto Antoniozinho, na fazenda de S. José da Boa Vista, em julho de 1927) Partitura de um jongo (informações do velho preto Antoniozinho, na fazenda de S. José da Boa Vista, em julho de 1927) Partitura do samba intitulado Samba (informações do velho preto Antoniozinho, na fazenda de S. José da Boa Vista, em julho de 1927) Partitura do samba intitulado Zombadô (r) (informações do velho preto Antoniozinho, na fazenda de S. José da Boa Vista, em julho de 1927) Partitura do Caboclo (informações do velho preto Antoniozinho, na fazenda de S. José da Boa Vista, em julho de 1927) Partitura de Canoa (informações do velho preto Antoniozinho, na fazenda de S. José da Boa Vista, em julho de 1927) Partitura de coco de Ganzá chamado "Boi Tungão" (Informações de Dr. Antônio Bento de Araújo Lima, Rio Grande do Norte, 1927-28) Partitura de coco de Ganzá chamado "O mana deixa eu ir".(Informações de Dr. Antônio Bento de Araújo Lima, Rio Grande do Norte, 1927-28) Partitura de coco de Praia chamado "No pé da serra". (Informações de Dr. Antônio Bento de Araújo Lima, Rio Grande do Norte, 1927-28) Partitura do coco de praia chamado "Ô Iaiá o mei carrêro" (Informações de Dr. Antônio Bento de Araújo Lima, Rio Grande do Norte, 1927-28) Partitura do coco de praia chamado "coco de Usina". (Informações de Dr. Antônio Bento de Araújo Lima, Rio Grande do Norte, 1927-28) Partitura do coco de praia chamado "Olha a Rosa". (Informações de Dr. Antônio Bento de Araújo Lima, Rio Grande do Norte, 1927-28) Partitura do coco de praia chamado "Chô, Maria, chô!".(Informações de Dr. Antônio Bento de Araújo Lima, Rio Grande do Norte, 1927-28) Partitura do coco de zambê chamado "Estrela d'alva". (Informações de Dr. Antônio Bento de Araújo Lima, Rio Grande do Norte, 1927-28) Partitura do coco chamado "Senhora dona Rita". (Informações de Dr. Antônio Bento de Araújo Lima, Rio Grande do Norte,	Luciano Gallet escreve sobre a participação do índio e do negro na "música brasileira" fazendo uma breve descrição de características da cultura negra no Brasil , comentando sobre a religião, e listando os diversos instrumentos musicais. O índio é apresentado como receptível à música europeia, tendo portanto, sua música "destruída" pelos jesuítas. O autor ressalta a "curiosidade, inteligência e docilidade dos indígenas, que logo se adaptaram à música religiosa europeia. Tendo sua "música primitiva" desaparecido, os índios não tiveram nenhuma influência sobre o "folclore atual". Para o autor, o negro já possuía um "feito próprio" que logo se misturou com a "fórmula" musical dos brancos, por conta da convivência constante, do desaparecimento das fronteiras da raça e, também, da própria "diluição" da raça negra ao se misturar com a branca. A participação portuguesa é pouco tratada por Gallet, apesar de ser considerada "tão importante e duradoura quanto a do negro". Na terceira parte do livro, Gallet apresenta diversas cantigas e danças do Estado do Rio, acompanhadas de partitura e letra. O autor "colheu" informações com um morador da fazenda S. José da Boa Vista, em julho de 1927-28. A quarta parte são partituras e letras de "temas brasileiros" : Toada, caninha verde, macumba, coco, jongo, samba, caboclo, canoa, modinha e cantiga de roda. Todos "recolhidos" entre 1927-28 no Rio Grande do Norte, Sul, Rio de Janeiro, e alguns lugares não especificados.	Nivea Andrade

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
64	Bandeira, Manuel	---	Música e co.	Weco, RJ, Ano II, n.5/6, junho /julho de 1930	Direção da revista: Luciano Gallet	FBN I-468, 01, 02	---	Não	Sim	conceito de música brasileira, música	Ênfase temática na Campanha Reagir, uma campanha que incentiva o gosto pela "boa música".	---	Não	Não	década de 30	---	Ensaio	---	Este é uma transcrição do artigo que Bandeira publicou no Diário Nacional de São Paulo, 7 de junho de 1930. O autor faz uma manifestação de apoio à Campanha Reagir, idealizada pelo maestro Luciano Gallet, com o propósito de se opor às rádios que só tocam "música cotidiana". Manuel Bandeira propõe a divulgação da "boa música", mas não expõe com clareza o que gostaria de ouvir nas rádios. Apenas dá indicações que demonstram o sua simpatia pela música "lírica".	Nivea Andrade
65	Andrade, Mário de	---	Edição de homenagem a Luciano Gallet, doente. Luciano Gallet e sua obra.	Weco, RJ, n.8, outubro de 1929	A primeira seção da revista é sempre dedicada a um compositor ou musicista. Este artigo é uma transcrição do artigo de Mário de Andrade escrito para o Diário Nacional.	FBN I-468,01, 02	---	Não	Sim	conceito de música brasileira, música, músico compositor, músico maestro	Ênfase temática na comparação das obras de Villa-Lobos e Luciano Gallet em relação à formação da música.	---	Não	Não	---	---	Ensaio	---	O autor faz uma breve análise da obra de Luciano Gallet, comparando-a e diferenciando-a da obra de Villa-Lobos. Os dois são considerados compositores genuinamente nacionais. Villa-Lobos colocava o seu individualismo criador sobre os "caracteres da raça". L. Gallet demonstrava permanente preocupação em delimitar o que seria nacional, tornando-se, portanto, mais didático na ação "nacionalizadora". Andrade ressalta o forte traço de experimentação nas composições de Gallet e a sua preocupação em defender as "formas brasileiras".	Nivea Andrade
66	Andrade, Mário de	---	A obra póstuma de Luciano Gallet	Revista Brasileira de Música, Ano I, n.1, março de 1934	Revista publicada pelo Instituto Nacional de Música	UFRJ - BAN P780.5 R454	---	Não	Sim	música, dança, caninha verde, cateretê, músico compositor, músico maestro	Análise dos estudos de Luciano Gallet sobre Folclore.	---	Sim	Sim	Década de 1920	RJ, Portugal	pesquisa bibliográfica	---	Mário de Andrade analisa as obras de Luciano Gallet, registrando importantes informações (Quais?????) sobre a origem da caninha verde e do cateretê. O autor faz uma homenagem a Gallet, sem deixar de lado as críticas (Quais????????) à sua obra. As principais obras de Luciano Gallet são as canções populares harmonizadas e o livro Estudos de Folclore.	Nivea Andrade
67	Viana, Arthur	---	Festas populares do Pará	Anais da Biblioteca do Arquivo Público, TYP e Encadernação do Instituto Lauro Sodré, tomo III, Pará, pp. 225-261	---	IHGB	---	Não	Sim	feira, literatura oral, procissão, santo, lenda, festa de Nazareth, cirio de Nazareth, festa do Divino Espírito Santo, Nossa Senhora de Nazareth, Divino Espírito Santo	O autor descreve as festas de Nazareth (principalmente sua lenda) e a do Divino, por considerá-las as maiores festas paraenses.	----	Sim	Sim	Histórico VIII a XIX	Portugal e Belém do Pará	Pesquisa bibliográfica/ análise das fontes, religiosas e oficiais que o autor não cita. Obs.: A pesquisa parece ter utilizado a história oral.	O autor não fornece as fontes. Na p. 249 existe uma pequena quadra sobre os temporais (que atrapalhavam as festas), a cidade e as pessoas. Nas pp. 251-252 existe uma cantiga sobre a importância da 4a. feira da ascensão ou ressurreição. A obra possui uma cantiga (cantada por meninas) homenageando o Divino Espírito-Santo nas pp. 253-254. Nas pp. 254-255 existe uma outra cantiga sobre o Divino, assim como na p. 256.	Neste artigo para os Anais da Biblioteca do Arquivo Público do Pará, Arthur Ramos? faz uma descrição de duas festas paraenses que são: O Cirio de Nazareth e a festa do Divino. Na primeira parte do artigo, Vianna comenta o cirio de Nazareth, ressaltando as diferenças entre as festas portuguesa e paraense. Dentre elas, as lendas que originam as festas. A lenda da festa portuguesa começa numa fuga do Rei Godo em 714 diante da derrota para os muçulmanos, abrigando-se em mosteiro habitado por Abade Romano, que também foge levando a Virgem de Nazareth, só que os dois morrem e a estátua fica esquecida em um monte por séculos até que "salva" a vida de um nobre, chamado D. Fuas, dando início à lenda. Logo depois, Vianna explica a lenda paraense para mostrar que a nossa lenda adquiriu um caráter autônomo em relação a Portugal. A lenda paraense começa quando um caçador acha a santa entre as pedras e a leva para casa, só que a santa sempre volta para as pedras. O mesmo caso acontece várias vezes, até que o governador decide construir uma capela no lugar em que a santa foi encontrada. Nesta lenda não existe datas e nomes. O autor ainda faz um rápido histórico oficial/ factual da festa e uma crítica à festa atual, que perdeu (para Vianna) seu caráter religioso desde o final do século XIX, assumindo um caráter comercial. Neste sentido, Vianna chega a pedir um projeto civilizador para a festa (que ele não explica). Vale lembrar que o autor não faz descrições da festa, das danças ou músicas. Na segunda parte o autor dedica-se a festa do Divino de Belém, sendo bastante significativo as referências à procissão e ao vestuário. O autor ressalta a figura de Martinho José Tavares (mestre Martinho) que é o criador e divulgador da festa no Pará. Vianna elogia mestre Martinho, que mesmo com a velhice e decadência da festa, fruto da evolução ou progresso, que vive Belém, teima em manter e organizar a festa.	Leonardo da Costa Ferreira
68	Campello, Samuel	---	Pastoris de outrora	Rev. do IAHG Pernambucano, Imprensa Oficial, PE, vol. XXVIII, n.131 a 134, 1927. pp.317-321	---	IHGB	Campello nasceu em 1889 e morreu em 1939.	Não	Sim	música, dança, festa, pastoril, negro	A partir dos pastores assistidos pelo autor na juventude, este procura mostrar aos leitores que os pastores atuais de encontram descaracterizados por causa da perda de seu caráter alegre e espontâneo.	---	Não	Sim	Início do século XX (provavelmente entre os anos 1900 e 1910)	PE (Recife - localidade ou bairro de Jaboatão)	Testemunho próprio	Nas págs. 317-318, há uma cantiga de pastoril; na pág. 518, há uma cantiga sobre o Herótildes (organizador dos pastores); nas págs. 318-319, há diálogos entre os personagens dos pastores e na pág. 320, duas cantigas de um pastoril.	Neste artigo para a Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Samuel Campello realiza comentários breves sobre os pastores, além de rápidas descrições de situações cotidianas criadas por esses pastores. O autor destaca alguns organizadores e animadores dessas festas, como o Herótildes, mulato alto e simpático, muito conhecido por fazer belas apresentações, além de teatro, e certos personagens dos pastores. Um exemplo é o "personagem Xandú Pequena" feita por uma mulatinha de olhos pretos, que dançava muito nos pastores de Herótildes. Campello também recorda as possibilidades de os pastores tornarem-se vadiação, o que acontecia toda a vez que os participantes (homens e mulheres pobres) exageravam na alegria, incomodando os vizinhos. A polícia, apesar de constantemente convocada, nunca prendia ninguém. Na avaliação do autor, os pastores atuais (década de 30) haviam perdido o caráter alegre, popular e espontâneo do período de sua juventude, possivelmente, em suas próprias palavras, por estar ficando velho e preguiçoso.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
69	Lira, Mariza	---	Música Popular Brasileira	Revista Conservatório Brasileiro de Música, RJ, p.41-44, jan/março de 1956	A publicação é considerada órgão oficial do Conservatório Brasileiro de Música, possui em seus quadros a profa. Antonieta de Souza como diretora e redatora-chefe; Nonelli Barbastefano, como secretária e O. Machado Sobrinho como superintendente, além de Renato Almeida, Gastão de Bitencourt como colaboradores. Esta edição conta com a colaboração de Andrade Muricy, Liddy Mignone, Paula Silva, Arnaldo Bello e outros. A primeira edição é de 1956, Rio de Janeiro.	FBN (DIV. Música) 780-5 B-24	---	Não	Sim	conceito de música popular, modinha, música de barbeiros, índio, negro, escravo	Busca a música popular brasileira no passado, valorizando a modinha.	---	Sim	Sim	Século XIX	Rio de Janeiro	Análise fontes bibliográficas.	Trecho de uma crônica do jesuíta Fernão Cardim, do padre Gabriel Soares ("Roteiro do Brasil") acerca da preferência musical dos ameríndios (século XVIII). Registro de um viajante anônimo que passou pela Bahia em 1717, sobre a impressão musical do povo (sé. XVIII). Trecho de um ofício do famoso Vidigal - chefe de polícia da Corte - a um juiz ouvidor da cidade sobre um rapaz acusado de tocar serenata (século XIX).	Mariza Lira, utilizou os relatos de viajantes europeus que passaram pelo Brasil, para comprovar a importância musical ameríndia, já que ela mesma comenta que durante três séculos um restrito material foi registrado, com pouquíssimas citações. Em 1557 por exemplo, Jean de Lery, após a expulsão dos franceses no Rio de Janeiro, escreveu em Paris "Histoire d'un voyage fait en terre du Brésil", aonde ele comenta a música dos índios. Como ponto de partida para a fixação e incrível evolução da música popular, a autora acredita que a modinha foi a grande impulsionadora de uma vertente genuinamente brasileira, mas não sabe com certeza sua verdadeira origem. Teria nascido na Bahia, em Portugal no séc. XVI ou teria se originado das "serranilhas galezianas". Com mais segurança, Mariza Lira acredita que a "música dos barbeiros", criada em meados do séc. XIX, no Rio de Janeiro, muito presente nas festas populares, profanas ou religiosas; foi a manifestação popular de onde partiu o trabalho de nacionalização da música brasileira. A música dos barbeiros era uma espécie de "charanga" formada por negros ensaiados na rua da Alfândega pelo mestre de barbeiro, um tal de Dutra; vestiam-se grotescamente e tocavam as músicas mais em voga, lundus, tiranas, fados e fandangos. Os que não sabiam de cor, liam música pregada com alfinete nas costas dos companheiros. Foi essa música de barbeiro que introduziu na execução das músicas populares a síncope, tão falada na música popular. Nesta descrição, a autora omite suas fontes.	Simone Pereira Carneiro
70	Lira, Mariza	---	Música Popular Brasileira - O Fado	Revista do Conservatório Brasileiro de Música, RJ, p.63-65, abril/junho de 1956	A revista pertence ao órgão oficial do Conservatório Brasileiro de Música, tendo a Profa. Antonieta de Souza como diretora e redatora chefe.	FBN (DIV. música) 780.5.B2 4	---	Não	Sim	conceito de música popular, conceito de música brasileira, conceito de música portuguesa, música, fado	A discussão da origem do fado. Qual é sua verdadeira nacionalidade?	---	Sim	Sim		Brasil	Fontes bibliográficas brasileiras e portuguesas, a partir de estudos folcloristas.	Fragmento de um fado, do período colonial brasileiro (sem data) e letra completa do "Fado Hilario" (sem data).	Para a autora, não há dados claros, substanciais para decifrar a verdadeira origem do fado, que na visão da autora foi também como a modinha a forma mais cantada e tocada no tempo da colônia. O fado pode ter surgido no séc. XIX, tanto no Brasil como em Portugal. Nada tem de "rude", é "puro lirismo e dramaticidade". Em Portugal, poetas e escritores não elevam o fado à categoria de canção nacional, não obstante tal canção deixou-se ficar nas tabernas ao som das guitarras ganhando uma importância inesperada.	Simone Pereira Carneiro
71	Andrade, Nair de	---	Musicalidade do Escravo Negro no Brasil	Novos Estudos Afro-Brasileiros, Civilização Brasileira, RJ, volume 2, 1937, p.192-200	Artigos apresentados ao 1o. Congresso Afro-Brasileiro em Recife, 1934 - Prefácio de Arthur Ramos e avaliação final de Gilberto Freyre	BAA 18/(81.96).C 749 1937	---	Não	Sim	conceito de música brasileira, conceito de música africana, música, negro, africano	Autor procura demonstrar que os "pretos" souberam prolongar e manter suas tradições musicais, mesmo em terras não africanas.	---	Sim	Sim	séculos XVIII e XIX	PE e África	Pesquisa bibliográfica e de fontes	Desenho a nanquim legendado: "Negros Dançando" de Lasar Segal	Nair de Andrade procura demonstrar em seu texto que se a história da música negra é escassa em documentação, ela é, por outro lado, rica em originalidade musical. Concorde com Renato Almeida quando o autor afirma que, das três raças formadoras da nacionalidade, foi a "preta" a que maiores pendoros demonstrou para a música. Mesmo citando viajantes e pesquisadores europeus dos séculos XVIII e XIX, como Villoteau, Julien Tiersot e Dr. Rupin, que percorreram a África, procurando registrar e demonstrar a profunda complexidade instrumental e musical de seus povos, Nair de Andrade não consegue se esquivar de julgamentos preconceituosos. Neste sentido, afirma que certas tribos africanas, como os boximanes do deserto de Kalahari, apesar de possuírem extraordinária facilidade musical, são uma raça que ocupa o "último grau na escala social".	Simone Pereira Carneiro

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador	
72	Alvarenga, Oneyda	---	Cateretês do Sul de Minas Gerais	Revista do Arquivo Municipal, SP, dezembro de 1936, p.31-70	diretor Mário Andrade, secretário Sérgio Milliet	FBN 2-256.02, 14	---	Não	Sim	música, dança, festa, cateretê, catira, jongo, caninha -verde, festa do Divino Espírito Santo, negro, caboclo, mestiço, santo	Autora faz uma análise comparativa a partir dos estudos de Luciano Gallet "Estudos de Folclore", entre o cateretê dançado no Rio de Janeiro e o mineiro. Este último observado pela pesquisadora em Varginha em 1935.	---	Sim	Sim	década de 1930	MG (Varginha)	Testemunho próprio do autor, pesquisa bibliográfica.	2 fotos p/b - duas cantadoras "pretas" de cateretês. Desenhos coreografias/ 8 partituras + letras colhidas em 1935, a partir do relato das "pretas" Maria Ordalina e Felisbina Maria de Jesus.	Na região de Varginha, o cateretê ou catira, como também é chamado, faz parte das chamadas contradanças. É marcado pela disposição fixa dos dançadores (ex.: recortado, cana-verde, cirandinha), em oposição às danças quadrilhas, mazurcas e valsas. No Rio de Janeiro é diferente. O cateretê, junto com o jongo e a caninha-verde, são considerados "danças", tendo apenas as palmas e o sapateado em comum com o cateretê mineiro. A autora faz referência ao trabalho de Luciano Gallet sobre o Rio de Janeiro. Nos estudos de Couto Magalhães e Arthur Ramos, nota-se que a dança atingiu não só a região sudeste, como nas festas do Divino em São Paulo, em cujas Câmaras Municipais, por solicitação do clero, proibiram tais manifestações, como também as áreas de Sergipe/ Bahia (não há descrições dessas regiões). Oneyda Alvarenga declara que o cateretê é um ritmo monótono, marcado pela viola e pelo modo característico de cantar de negros e caboclos das zonas rurais. Se musicalmente é frágil, seus versos por sua vez são ricos de assunto: casos de amor, proezas, valentias que infelizmente a pesquisadora não especifica em maiores detalhes. Além da produção desse texto, a pesquisa resultou num filme PATHÉ-BABY, de 20 metros. Apesar da deficiência do material, a autora afirma que o filme permite ver bem as características essenciais da dança. A pesquisadora examinou o filme, mas não informa o local em que pode ser encontrado. L	Simone Pereira Carneiro	
73	Rodrigues, Raimundo Nina	---	A raça negra na América Portuguesa - sobrevivências totêmicas: festas populares e folclore	Revista do Brasil, SP, julho/ julho de 1922, pp. 201-220	Tem Monteiro Lobato como editor e diretor da revista; além de Breno Ferraz e Ronald de Carvalho. A 1ª edição é de 1922 em São Paulo.	FBN IV-135, 2, 1	Na breve introdução de Oscar Freire, o discípulo revela que foi confiado à tarefa de compilar os últimos trabalhos do falecido mestre. Nina vinha organizando desde 1890 um livro com o título "Problema da raça negra na América Portuguesa", porém restou tempo apenas para escrever os 6 primeiros capítulos.	Não	Sim	conceito de música popular, conceito de festa popular, música, dança, festa, literatura oral, rancho, cucumbi, carnaval, clube carnavalesco, sociedade/cordão carnavalesco, conto, negro, índio, africano	Nina Rodrigues mostra de que formas e aspectos a tendência do caráter totêmico se disfarça ou se revela na vida dos costumes negros brasileiros, encontrando-se principalmente nas festas populares e nos ranchos de reis. Na área de contos populares, ao contrário de outros estudos que denotam maior importância à cultura indígena, Nina Rodrigues nota claramente a direta interferência dos contos africanos na literatura popular nordestina.	---	Sim	Sim	1900 a 1905	Bahia	Texto baseado em pesquisa e fontes da época.	- Transcrição de um artigo do jornal: "A Renascença de 10 de janeiro de 1905, escrito pelo poeta Souza Britto, sobre o rancho; como também de Mello Moraes Filho: "Festas e tradições populares" sobre os cucumbis no Rio de Janeiro e do coronel A. Ellis: "The yoruba-speaking people of slave cost of west Africa", London, 1894 (traduzido em português). - Reprodução de contos populares recolhidos por Sílvia Romero: O Kagado e o Teyu (Sergipe). O elefante e a tartaruga (Bahia). A menina dos brincos de ouro (Bahia/ Maranhão), sendo esses dois últimos recolhidos por Nina Rodrigues. - Reprodução do conto yorubano e do africano da Costa dos escravos, na obra do coronel A. Ellis.	Segundo Nina Rodrigues, o culto totêmico, considerado prática de estados mentais descendentes e selvagens, se irradiou de forma diferente quando transferido da África negra para o Brasil. Tal caráter possui íntima conexão com as diversas festas populares e dança dos ranchos. Nas diversas festas e costumes populares, se revela uma intenção totêmica que foi transferida pelos negros e indígenas. Apesar de não ter assistido aos Cucumbis na Bahia, Nina Rodrigues considera-o como a mais importante manifestação das tradições ligadas à cultura negra Bantú. Uma das poucas que escapou da assimilação anônima das diversas festas populares. Por não ter presenciado a mesma, Nina supõe sua extinção, restando apenas no Rio de Janeiro, que ele se restringe através da descrição de Mello de Moraes Filho (FESTAS E TRADIÇÕES POPULARES). O Cucumbi só é superado em "valor histórico" por Palmares, que também foi uma criação e um jeito Bantú. No carnaval baiano, o pesquisador revela a superioridade comunicativa dos Sudaneces, Yorubanos, Emes e Minas, sendo esses que vão tomar a África Bantú, os motivos e idéias dos clubs carnavalescos. Em relação aos contos brasileiros, Nina Rodrigues acredita que muito da influência recebida não é da cultura indígena, como afirma Sílvia Romero nos "Contos Populares". A partir de contos recolhidos na África pelo pesquisador Coronel A. Ellis, entre os povos Nagô ou Yorubanos, Nina Rodrigues verifica que em todos os contos há uma versão equivalente no Brasil, com leves adaptações impostas pelos diferentes ambientes sociais. Obs.: Há descrições interessantes do rancho baiano do início do séc. XX (1900/05) bem como de clubs carnavalescos da Bahia. A Embaixada Africana, Os filhos da África, A Chegada Africana e Pandegos da África.	Simone Pereira Carneiro	
74	Campello, Samuel	---	Fizeram os negros teatro no Brasil?	Novos Estudos Afro-Brasileiros, Civilização Brasileira, RJ, Volume 2, 1937, pág. 222-242	Artigos apresentados ao 1o. Congresso Afro-Brasileiro em Recife 1934, prefácio de Arthur Ramos e avaliação final de Gilberto Freyre.	BAA 18/ (81.96) c 749, 1937	---	Não	Sim	música, dança, festa, auto, bumba meu boi, festa de reis, reisado, congada, congado, maracatu, fandango, chegança, santo, festa do Divino Espírito Santo, negro	Autor procura demonstrar que os negros também fizeram teatro no Brasil, dentro de uma forma rudimentar e popular, através da Congada e do Bumba-meu-Boi.	---	Sim	Não	séc. XIX, XX	PE, RJ, SE	Pesquisas bibliográficas e testemunho próprio do autor	---	Samuel Campello defende a idéia que os negros também fizeram teatro, à semelhança dos autos portugueses, que eram representados no meio das ruas, durante as festividades do Natal, Reis e Páscoa, no séc. XVI, como também dos franceses, na Idade Média. Autos como a chegança ou o fandango, apesar da presença negra, não podem ser considerados, para o autor, como autos negros, pois são francamente de origem luso-espanhola. Da mesma forma, o maracatu e a festa do Divino. Hoje, o que resta destes autos são as congadas. Luiz Edmundo, em seu estudo "O RJ no tempo dos vice-Reis" considera-as um "drama coreográfico". O Bumba-meu-Boi é visto pelo autor como outro exemplo de auto popular genuinamente brasileiro, contrariando teses sobre a sua possível origem francesa, no boeuf-gras das ruas de Paris. Dentre as suas referências, destacam-se Luiz Edmundo, Frei Domingos Vieira "Tesouros da Linguagem Portuguesa", Artur Azevedo, Guilherme de Mello - "A música no Brasil" e Mello Moraes Filho - "Festas e tradições Populares".	Simone Pereira Carneiro	
75	Campelo, Samuel	---	Danças Populares	Revista do IAHG Pernambucano, PE, 1928/29, p.25-31.	---	IHGB	---	Não	Sim	música, dança, conceito de dança brasileira, coco, embolada, coco-de roda, maxixe	Autor defende a proteção das danças genuinamente brasileiras (sambas, côcos, emboladas) clamando por sua "estilização", uma forma de dar maior elegância e ao mesmo tempo condenando a imitação estrangeira.	---	Não	Sim	década de 1920	PE	Ensaio testemunho próprio.	e	Quadrinhas de côco, embolada e côco de roda cedido por José Estevam de Oliveira, conhecido apreciador dos costumes pernambucanos.	Samuel Campello acredita que as danças como côco, embolada e côco de roda podem penetrar nos salões aristocráticos, ganhando verniz civilizatório e com isso percorrer o mundo. O maxixe seria o exemplo perfeito de uma dança que, nascida das rodas ingênuas, foi vitoriosa, dominando a alta sociedade. Ao contrário das danças estrangeiras como fox-trot, o shimmy e o charleston, as danças brasileiras são movimentadas, quentes e irônicas, não precisando que se importe modelos europeus ou americanos. Se as danças populares forem exportadas para o mundo, não perderão seu status de "brasileira". Quando Samuel Campello analisa as coreografias de côcos e das emboladas, deseja reafirmar que tais manifestações devem ser valorizadas e exibidas. Como exemplo, é citada a ida do grupo musical "Oito Batutas" a Paris, em 1924, onde teve imenso reconhecimento internacional. Seguindo este filão, criou-se na mesma época em Pernambuco um grupo musical intitulado "Turunas Pernambucanos", procurando realizar o mesmo percurso de sucesso do grupo carioca.	Simone Pereira Carneiro
76	Andrade, Mário de	---	A Música e a Canção Popular no Brasil	Revista do Arquivo Municipal, SP, janeiro de 1936, p.249-262	Revista de periodicidade mensal publicada pelo Depart. de Cultura de SP	IHGB	---	Não	Sim	conceito de folclore, conceito de música brasileira, conceito de música popular, conceito de música urbana, música, choro, modinha, índio	Mário de Andrade mostra (na primeira parte) que com a interpenetração da zona rural com a urbana, não se pode desprezar a documentação musical urbana. É desconhecida a realidade brasileira, tanto quanto recusar a música popular nacional, só por não possuir ela documentos fixos. E acrescenta no final que a música popular brasileira ainda está pouco estudada.	Texto dividido em 5 tópicos: I- Instituições Públicas II- Discografia III- Bibliografia sobre a música dos ameríndios no Brasil IV- Bibliografia sobre a música popular brasileira V-Direções de alguns músicos e folcloristas que se ocupam de música popular	---	Sim	Não	década de 1930	---	pesquisa bibliográfica e fontes	---	No estudo da música etnográfica, o autor indica dois campos: a música ameríndia, quase desconhecida em suas criações melódicas, e a música popular nacional propriamente dita, que também apresenta pequeno número de obras. Pelos poucos documentos musicais que provem a sua antiguidade e permanência, Mário de Andrade considera que o Brasil não possui canções populares, embora possua música popular: Para uma melodia ser considerada canção popular, deve possuir no mínimo um século de vida, o que dificilmente se conseguiria provar no Brasil, dada a dificuldade de documentação e registro. Outro problema que Mário de Andrade levanta é o desprezo que a música urbana suscita no campo folclórico. Mesmo em grandes capitais do país, registra o autor, encontram-se núcleos legítimos de música popular, onde a influência "nefasta" do urbanismo não penetra. Excetuando Rio e São Paulo, todas as cidades estão em contato direto com a zona rural. Manifestações especificamente urbanas, como o choro e a modinha, não poderiam ser esquecidas no estudo da música popular. Na parte do texto referente a Instituições Públicas, Mário de Andrade esclarece que a Discoteca Pública Municipal contava com um arquivo de discos populares: 360 documentos de música popular dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Mato Grosso, Pará, Amazonas, Paraíba e Rio Grande do Norte.	Simone Pereira Carneiro

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
77	Amaral, Amadeu	---	Reisado, bumba-meu-boi e pastoris	Revista do Arquivo Municipal, Prefeitura do Município de São Paulo - Departamneto de Cultura, vol. 64, fevereiro de 1940, pp.273-84	---	FBN 2257.02-10	---	Não	Sim	música, dança, festa, literatura oral, auto, reisado, festa de reis, bumba-meu-boi, pastoril, quilombo, chegada	O texto tem como característica enumerar as tradições festivas do reisado, bumba-meu-boi, pastoril, chegada e quilombo. O autor se preocupa em mostrar as personagens e fazer um breve enredo da festa.	---	Não	Sim	1937	PE, AL e MA (São Luís)	Testemunho próprio e pesquisa de fontes.	* canções de Bumba-meu-boi. p.274 (6 versos); p.275 (2 versos); p.280 (3); p.281 (1). * canções do Reisado: p.277 (2 versos); p.278 (4); p.281 (1). * canções do quilombo: p.279 (1) * canções da Chegança: p.279 (3) * canção da Pastoril: p.284 (1)	Amadeu Amaral Júnior escreve um artigo sobre algumas festas tradicionais no Brasil, tais como: o Reisado, o Bumba-meu-Boi, as Pastoris, as Cheganças e os Quilombos. O texto é bastante sintético e o autor apenas cita as etapas do "espetáculo", algumas canções e enumera os personagens de acordo com as regiões de Pernambuco, Alagoas e São Luís do Maranhão. Não se aprofunda num estudo sobre o significado destas tradições festivas. Além disso, utiliza como fonte "informantes" que vão até a localidade e observam a festa. Não há referência bibliográfica indicada pelo autor, nem referência a outro tipo de fonte. O artigo está dividido de acordo com as variantes regionais das festas: "Variante Temática - Interior de Pernambuco"; "Município de S. Bento"; "Variante de Alagoas"; "Variante de Capelas"; "Variante de Crato"; "Variante de Canguaretama"; "Variante de S. Luís de Maranhão".	Rita Paula
78	Ferreira, Ascenso	---	O Maracatu	Arquivos Municipais do Recife, Departamento de Estatística, Propaganda e Turismo, vol.2, Novembro de 1942. pp.151 - 163	---	IHGB	Folclorista e poeta pernambucano, autor de "Catimbó" e "Cana Caiana". Realiza pesquisas acerca dos festejos populares do nordeste. "Maracatu", publicado neste número, é o primeiro trabalho da série para a Revista "Arquivo".	Não	Sim	música, dança, festa, maracatu, carnaval, festa de reis, reisado, negro	O artigo mostra as principais características do Maracatu, aponta uma hipótese sobre a sua origem no Brasil e identifica transformações e sobrevivências desta festa ocorridas no decorrer dos anos.	---	Sim	Não		PE (Palmares)	Pesquisa bibliográfica e testemunho próprio	*Toadas "Samba do Matuto" p.152 (1); p.153 (1); s.d.; s.a. * Canto "Nação de Cambinada Velha" de Palmares p.155 (4); s.d.; s.a. * Canto "Nação de Porto Rico" p(s).155 e 156 (6); s.d., s.a. * Canto "Maracatu Sol Nascente" Eduardo Pereira. (2) p.161. s.d. * Canto "Maracatu Leão Coroado". p.157 (7). s.d.; s.a. * Canto "Caninha Verde". p.162. s.a.; s.d. * Canto s/ título. p.159 (1) in: Folklore Pernambucano; p.208 * Canto; s.a.; s.d. p.163 (1 verso) * Correspondência pedindo autorização para coroação do "Rei Negro"; transcrito por Melo Moraes Filho em "Festas e Tradições Populares" - p.367 * Documento transcrito por Pereira da Costa, sobre a coroação do 1o. "Rei do Congo" em Pernambuco, no "Folklore Pernambucano" - p.215. * Melodias escritas por Lourenço Barbosa (capiba). s.d.; s. página. * "Maracatu" - Desenho de Lula Cardoso Aires. s.d.; s.l. * "O Rei" - Desenho de Lula Cardoso Aires. s.d.; s.l. * "Baiana" - Desenho de Lula Cardoso Aires. s.d.; s.l. * "Baianos" - Desenho de Lula Cardoso Aires. s.d.; s.l. * "Bombo Tirador e Gonguê" - Desenho de Lula Cardoso Aires. s.d.; s.l. * Desenho especial para a publicação da Revista. Impresso pelo processo fotolito do Estabelecimento de Drechsler e cia.	Ascenso Ferreira analisa o Maracatu partindo da experiência na sua cidade Natal, Palmares. Esclarece que passou a infância distante do Maracatu, que era repudiado pelos mais velhos e ex. senhores de escravos. Mesmo assim, o fascínio que esta festa lhe causou suscitou o interesse para compreender as origens desta tradição. Segundo o autor, o Maracatu é fruto das festas dos Reis Magos trazidas para o Brasil pelos "missionários catequistas", a homenagem ao "Rei Negro" (Rei Baltazar). Destaca-se do conjunto de festas ligadas ao nascimento de Jesus para fazer parte do carnaval. O Maracatu representa, de acordo com Ferreira, uma "Nação" com seu séquito real ("Rei", "Rainha", "Príncipes", "Damas de Honra", "Embaixadores", "Baísa", "Baianos"), orquestra e dançarinos. Além disso, o Maracatu é uma "Nação" "exilada". Para o autor, o exílio dos negros africanos no Brasil está explícito nesta idéia de "nação" evocada na festa do Maracatu. Ferreira baseia o seu estudo sobre o Maracatu nas obras "Festas e Tradições Populares" de Melo Moraes Filho e "Folk-lore Pernambucano" de Pereira da Costa. Aproveita todas utilizadas no cortejo para justificar as suas afirmações. Em alguns lugares da zona rural, o Maracatu passa a denominar-se "Samba do Matuto", afastando-se dos temas mais tradicionais, aproximando-se dos acontecimentos contemporâneos.	Rita Paula
79	Marques, Francisco Xavier	---	Tradições Religiosas da Bahia: o culto do senhor do Bonfim	Revista do IHG da Bahia, Salvador -BA, n.55, 1929, pág. 375-382	---	BAA F.55 (814.2) M357	---	Não	Sim	festa, santo, festa do Nosso Senhor do Bonfim, lavagem do Bonfim, negro	O artigo descreve a alegria dos populares com o culto do senhor do Bonfim, além de mostrar o "mal-estar" do alto clero e de viajantes estrangeiros com essas manifestações de alegria dos populares.	---	Sim	Não	---	---	Ensaio, tendo por base relatos de estrangeiros, viajantes, religiosos e músicos.	Uma cantiga sem fonte (p.397) expressando o divertimento do povo durante a festa, além de outra cantiga (p.381) intitulada "Entre a Morte e a Fé" de Moniz Barreto, de 1855, que comenta a passagem da imagem do Bonfim pelas ruas de Salvador.	Este pequeno artigo de Xavier Marques caracteriza-se por querer mostrar a alegria e a irreverência que a população vivia durante os festejos ao culto do senhor do Bonfim. O autor se preocupa em informar ao leitor que a festa abrangia todas as classes sociais, que era a maior festa do Brasil durante todos os séculos XVIII e XIX, mas que hoje (1929) se encontra diminuída, em função da ação do alto clero e do estado, que não gostam da "alegria" que tomava conta das classes populares durante os festejos do Bonfim. Quanto a essa questão, o texto de Marques possui citações do bispo de Evora (Portugal - 1534) sobre a necessidade de se conter atos "não civilizados" por parte dos populares em todo o Reino e Colônias e de um francês chamado La Barbinais de Gentil (1717), mostrando seu espanto com a mistura de negros, brancos e chefes locais e a alegria que todos viviam na festa (conotação depreciativa). Estando o texto de Xavier Marques atento a alegria popular, acaba não descrevendo em detalhes qualquer tipo de festa, dança ou procissão.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
80	Damante, Francisco	---	O Bom Povo: festas, costumes e lendas populares	Ed. Monteiro Lobato, SP, 1925	O livro possui uma pequena apresentação feita pelo próprio autor.	BAA .085(81) D154	---	Sim	Não	música, dança, festa, literatura oral, oração, lenda, conto, santo, festa de São Gonçalo, São Gonçalo	O livro descreve, de modo vago, festas e lendas populares, pertencentes ao homem da roça, que segundo Damante ainda não foram convenientemente estudadas e exploradas por outros autores.	1) Fatos e Coisas - Animo e coração de bandeirantep 9 - Vingança de matutosp17 - N. S. Nazarethp23 - Um padre jocosop29 - Coisas do Povop35 - Forças da fép39 2) Festas, Costumes e Lendas Populares - São Gonçalop49 - Costumes Piedososp57 - Festas Tradicionaisp65 - Santa Cruzp71 - Maio, Mariap79 - Como nasceu o Arapongap83 - Quem era o "Urutau"p85 3) Contos Reais - Verbosidadep89 - Um jornalista indígenap95 - Justiça de pazP101	Não	Sim	Final do século XIX e início do século XX	MG, SP (Pirapora, Monte Alegre, Tremendé e Iguapé)	Testemunho próprio	Da pág. 52 a 55 existe uma reza que exalta São Gonçalo; já nas págs. 59 a 61 uma reza para os mortos e nas págs. 62 a 64 uma canção em louvação aos homens que morrem. Na pág. 69, uma pequen cantiga sobre as festas de Bom Jesus de Pirapora; nas págs. 73 a 77 existe uma cantiga em homenagem a Santa Cruz; nas págs. 81 e 82, uma pequena cantiga em homenagem ao mês de maio.	O livro chamado "O Bom Povo" está dividido em três partes: "Fatos e Coisas"; "Festas, Costumes e Lendas" e "Contos Reais". Nesta obra o autor descreve, de modo vago, as festas populares, porém, com detalhes, as lendas populares interioranas. Deve-se ressaltar que não existem descrições sobre o vestuário, as danças e os participantes (que o autor chama de caipiras e roceiros). Damante não descreve a festa São Gonçalo, apenas destaca a alegria popular, quando uma promessa era atendida, as rezas e a devoção que a população tinha com o santo. No capítulo que aborda os "Costumes Piedosos" do homem do campo, o autor ressalta a admiração e o respeito dos roceiros pelos mortos (existe uma descrição de um velório). Este respeito aos mortos seria um exemplo de caridade cristã para os "civilizados e insensíveis" habitantes do litoral, segundo o autor. Sobre as festas tradicionais, Bom Jesus de Pirapora, dos Perdoes, de Monte Alegre, Bom Fim, Tremendé e Iguapé, todas realizadas no mês de agosto, o autor apenas destaca a alegria e o entusiasmo dos populares e comerciantes (que faturam com as festividades).	Leonardo da Costa Ferreira
81	Eros, Volusia	---	Dança Brasileira (a criação do bailado brasileiro, conferência realizada em 20 de julho de 1939 no Teatro Ginástico)	Typografia Batista de Souza, RJ, 1939. 61p.	---	FBN 54.1.15	A autora é coreógrafa e dançarina, além de ser mestiça (definição da autora) e de ter nascido no Morro da Mangueira.	Sim	Não	conceito de dança brasileira, música, dança, festa, frêvo, maracatu, lundu, maxixe, caboclinho, batuque, samba, candomblé, bumba-meu-boi, pastoril, reisado, festa de reis, capoeira, negro, índio, africano	O objetivo principal dessa obra é mostrar os principais bailados do Brasil, bem como descrevê-los e traçar a sua origem, além de procurar defendê-los diante de uma ameaça de europeização.	Índices das fotografias, que servem como tópicos: 1. Malandro carioca, moleque capoeira, sertaneja e frevopág.9 2. Peneirando fubápág.13 3- Frêvopág. 17 4- Maracatúpág. 21 5- Caboclinho ("preaca" autêntica dos caboclinhos do Recife)pág. 25 6- Lundú (indumentária do Brasil Colonial)pág. 29-31 7- Maxixepág. 35 8- Batuquepág. 39 9- Sambapág. 43 10- Samba estilizadopág. 45 11- Candomblé (indumentária autêntica de "iauô")pág. 49 12- Dança selvagem (disposição plumária copiada da tribo dos Urubús ...pág.53 13- Iracemapág. 55 14- Iárapág. 59	Sim	Sim	Primeiras décadas do século XX	Pesquisa bibliográfica e/ou análise de fontes (ver comentários)	Existem 16 fotos legendadas e divididas de acordo com a dança que representam. Nas fotos uma mulher (a mesma em todas as fotos) encontra-se vestida de acordo com o bailado que representa. Há também uma cantiga da dança dos caboclinhos (pág.27), descrição de um samba de capoeira, chamado "Bolé-bolé" (pág.37) e de um outro samba, também da capoeira, chamado "chave" (pág.38).	A autora começa seu livro destacando-se o caráter internacional da dança, cujo exemplo é a música clássica, que se inspirou em criações anônimas de populares franceses, espanhóis, italianos e russos. Volusia, também no começo do livro, lamenta a ação da elite em tentar europeizar a dança brasileira, através da negação em praticar as nossas danças folclóricas. Volusia realiza um histórico, no tocante à origem de nossas danças folclóricas. Sendo assim: O lundu originou as congadas e taiêras; os congos (influência ameríndia/africana) originou o maracatu, os caboclinhos e o frevo; a polka e o lundu originando o maxixe; o lundu, polka, tango e principalmente o maxixe como danças que originam o samba (ou carnaval carioca). A autora também faz referências ao bumba-meu-boi, pastoris e reisados. Vale lembrar que a autora não aprofunda a questão (das origens). Volusia valoriza bastante a mistura de raças como o fator que possibilitou e possibilita a grande quantidade de danças e músicas folclóricas que o Brasil apresenta. Segundo a autora, foi muito importante a influência europeia (principalmente de Portugal e Espanha), da região do sul da África e dos ameríndios. A autora realiza descrições interessantes de vários folguedos como o frevo, samba (principalmente Bahia), maxixe e candomblé. Volusia ressalta muito o contato corporal, a improvisação nas músicas e os passos das danças. O livro termina citando 4 obras, como fundamentais para a compreensão do "folk-dance" do Brasil que são: Festas e Tradições Populares do Brasil (Mello Moraes Filho), Folk-Lore Pernambucano (Pereira da Costa), O RJ no Tempo dos Vice-Reis (Luís Edmundo) e os Congos (Mário de Andrade). Toda a obra foi feita com base em uma conferência realizada por Volusia, no teatro Ginástico, em 1939.	Leonardo da Costa Ferreira	
82	Marques, Astolfo	---	A Festa dos Remédios	Kosmos, RJ, ano IV, n.10, outubro de 1907	---	FCRB Rev.75	---	Não	Sim	festa, santo, festa dos remédios, Nossa Senhora dos Remédios	O artigo é um capítulo do livro em preparação "As Festas Populares Maranhenses", sobre a festa dos Remédios, enfocando a sua trajetória desde o século XVIII.	---	Sim	Sim	---	Maranhã o	---	(1) Reprodução fotográfica da Imagem de N. S. dos Remédios. s.d. (1) Reprodução fotográfica da Capela dos Remédios (1) Reprodução fotográfica da Capela de N. S. dos Remédios. s.d. (1) Reprodução fotográfica - Praça Gonçalves Dias. s.d.	O artigo de Astolfo Marques tem como objetivo expor seu estudo sobre a festa dos Remédios, realizada em São Luís do Maranhão. Esta festividade "popular e religiosa" representa uma das maiores festas trazidas pelo "elemento colonizador" numa referência a religiosidade da festa que tem início na capela de Nossa Senhora dos Remédios desde o período colonial. O autor descreve algumas etapas da festa dividida em "culto interno" e "culto externo". O culto interno consiste na missa, na novena, na ladainha e nos cânticos. O culto externo, que acontece no largo dos remédios, tem várias atrações. Barracas são montadas, brinquedos (balanços, pau-de-sebo), fogos e muita música. Marques comenta também as coisas que impediram a realização da festa em alguns anos, mostrando as soluções encontradas para que o "culto tradicional" não deixe de ser comemorado.	Rita Paula

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
83	Lopes, Oscar	---	Embaixador dos Sertões	Revista do Brasil, SP, Ano IV, setembro de 1921, p.92-94	---	FCRB Rev.25	O artigo de Oscar Lopes é originário do jornal "O Paiz" (s/ referência p/ localização).	Não	Sim	folclorista	Trata-se de um artigo sobre o folclorista cearense Leonardo Motta, no seminário de "poesia matuta" na Biblioteca Nacional.	---	Não	Sim	---	Ceará	---	(5) quadras de amor. Ceará. p.93 (1) décima de Luiz Dantas Quesado. p.93 (4) anedotas "O que é que é?" p.93 (5) desafios "Zefinha do Chabolão e Jeronymo do Junqueiro" p.93	Este artigo faz referência à palestra do "folclorista brasileiro" Leonardo Motta, que aconteceu na Biblioteca Nacional. O autor do artigo, Oscar Lopes, escreveu sobre o trabalho deste folclorista cearense que "em longo convívio familiar com a gente matuta" percebeu "os mais diferentes aspectos da alma e da mentalidade ("da gente matuta") e "tomou parte ... nas suas festas e cerimônias". Leonardo Motta, como um "garimpeiro", recolhe "preciosas gemas" das "rudes selvas", como quadras de amor que podem ser cantadas. As trovas contém um de melancolia e um pouco de malícia, dando a elas um "sabor todo especial". Outro aspecto importante é que o "folclorista cearense" sempre está presente nas festas ou cerimônias que descreve. Segundo Oscar Lopes, o dito folclorista teve recepção entusiasmada da cidade, caso raro, pois "a capital dilui com dolorosa frequência as celebridades das províncias". Leonardo Motta teve "brilhante triunfo" expondo no "centro" (Lê-se capital/cidade) "as cantigas do seu povo".	Rita Paula
84	Nepomuceno, J.	---	O Sorteado	Para Todos, RJ, Ano 1; n.21 - 27, junho de 1919	---	FCRB Rev. 112	---	Não	Sim	?????????	Trata-se da publicação de poesia popular	---	Não	Não	---	---	Produção do próprio autor	---	A coluna "Catulianas - uma nova escola política" é referência para divulgação de "poesias populares", fundada pela revista em homenagem a Catullo da Paixão Cearense. O poema em questão tem o título "O Sorteado" e foi escrito por J. Nepomuceno. A redação escreve uma nota dizendo que este poema veio pelo correio, colocando em dúvida se se trata de um membro da "nova escola política catuliana", pois "sentimos palpitar (nos versos) um leve sentimento de maximalismo legitimamente urbano". O tema abordado é a guerra. Chico Patureba narra ao seu padrinho Marechal Pires Ferreira a sua história e a necessidade de sair do serviço do exército, do qual foi "sorteado". O desejo do nosso protagonista é voltar à sua terra, no Piauí, e ficar ao lado dos seus pais e da sua noiva, Xandoza. O autor abusa da linguagem informal e de adjetivos para o soldado expor ao seu padrinho os seus argumentos a fim de convencê-lo a dispensá-lo do exército.	Rita Paula
85	Andrade, Mário de	---	Trem Azul	Para Todos. Sociedade Anônima "O Malho", RJ, Ano XI, n.587, 15 de março de 1930	---	FCRB Rev. 112	---	Não	Sim	música,dança, festa, carnaval	Trata-se de um breve comentário sobre a "psicologia" do "carnaval paulista", identificando aspectos diferentes desta festa em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Recife.	---	Sim	Sim	década de 20	SP, PE (Recife), RJ (Rio de Janeiro)	Testemunho próprio e pesquisa bibliográfica e de fontes.	---	Mário de Andrade analisa aspectos do "carnaval carioca" e do "carnaval de Recife", com objetivos de estabelecer comparações com a comemoração paulista. Inicia o artigo problematizando a distinção existente, em São Paulo, entre carnavalescos e espectadores. Estes últimos ainda estariam divididos em espectadores que assistem a festa e espectadores que trabalham, como bilheteiros ou vendendo chocolates e balas. No "carnaval paulista", o espectador participaria menos do que no Rio de Janeiro e Recife, pois nestes dois últimos "os carnavalescos são irresistíveis" e contagiam o público. Para Mário de Andrade, o carnaval do Recife ainda é melhor do que o carnaval carioca. O frevo do Recife coloca este carnaval como o melhor do Brasil. Em sua opinião, o carnaval de S. Paulo "jamais" seria uma "festa de unanimidade social", por faltar aos paulistas o "dom da irresponsabilidade... que arrasta outros para dentro do nosso prazer." O "carnaval paulista" teria tido início anos depois do entrudo, por volta de 1860, quando aparece o primeiro "bando carnavalesco" chamado "Zuavos". O "Zuavos" era formado por comerciantes e funcionários públicos que, mascarados, saíam pela "cidadinha" em "passeata". O ponto de partida, conta Antônio Egidio Martins, era a chácara do comerciante Caetano Ferreira Balthar, na rua da Glória, de onde saíam para passar pelo "centrinho". Segundo pesquisa do dr. Eugênio Egas, a impressão sublinhada por um cronista da época foi a de que os Zuavos pareciam tristes e solenes; pareciam "mais um (...) cortejo cívico". Para Mário de Andrade, ainda que São Paulo tenha se modificado, pois "os Zuavos" já tinham, por exemplo, aprendido a cantar, parece que "o fantasma do comerciante Caetano F. Balthar incomodava um pouco", dificultando "os gestos" dos paulistas no carnaval.	Rita Paula
86	Filho, Paulo	---	O que se ouve e o que se vê	Para Todos, RJ, ano 2, número: 67, 27 de março de 1920.	---	FCRB Rev. 112	---	Não	Sim	conceito de música popular, música, dança, samba, maxixe, rancho, músico sambista	Trata-se de um artigo recordando um compositor de "música popular", João Saraiva.	---	Não	Não	---	---	Pesquisa de fontes	---	Na coluna "O que se ouve e o que se vê", Paulo Filho narra a trajetória artística do músico João Saraiva, o Janjão. João Saraiva caiu no esquecimento do público por uma experiência infeliz de montar uma ópera histórica, cuja estréia foi um "fiasco". "O inconfidente" é o resultado de uma composição do autor sobre o alferes José Joaquim da Silva Xavier, após uma viagem por alguns países da Europa, que lhe rotulou de "maestro". O custo desta "inconcebível vaidade" que o fez compor uma ópera foi a morte no anonimato e na pobreza, anos mais tarde. Vale a pena lembrar que Janjão foi forte referência para os amantes da "música popular", da "música boêmia e carnavalesca". Compôs "maxixes", "sambas", que tocavam ininterruptamente no carnaval. Dizia Janjão, que compunha em oito dias, que "a coisa era simples", "as notas variam, mas a música é a mesma"; e ainda afirmava que "minhas músicas estão no alcance de todos: quem não tem voz canta, quem não sabe dançar, dança." Paulo Filho mostra que quando Janjão era "músico de mentira", a população o festejou, pois naquele momento não tinha "pretensões de músico de verdade". Enquanto compositor de "ranchos" era lembrado e cantado.	Rita Paula
87	7	---	"Congadas"	Departamento de Imprensa e Propaganda - Divisão de Turismo e Festas Diversões Públicas, SP, maio de 1944, pp.1-12.	Organizado pela Assistência Técnica de Populares	FBN 146401.31	---	Sim	Não	música, dança, festa, congada, santo, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, congado, festa de Nossa Senhora do Rosário, africaono, negro	Estudo sobre as congadas, particularmente as tradições em São Paulo e no Nordeste. Busca a origem das congadas traçando algumas linhas sobre a sua história. Narra os seus rituais e demonstra preocupação com o eventual desaparecimento dessa tradição intimamente ligada às populações rurais.	---	Sim	Sim	1864, 1905	São Paulo, Goiás, Nordeste	Pesquisa bibliográfica e relatos	* Cantiga. refere-se ao desfecho do "Congo". Trancções de 2 versos de Rafael Duarte no seu livro "Campinas de Outrora". p.6 * Canto - lamento feito ao Rei. Transcrição do estudo de Joaquim Silveira dos Santos. p.8 * Fala do "Embaixador da Paz" e do "General". Transcrição dos versos descritos por João Baptista Conti em "Congadas". pp.9 e 190 * Motivos musicais da "congada de Socorro". Partitura pp. 11 e 12. * "Congada de Atibaia"- fotografias (5). s/p. * "Congada de Socorro"- fotografias (6) s/p. * "Congada de São Sebastião" - fotografia (1) s/p. * "Congada de Santo Antônio D'Alegria - fotografia (1). s/p.	O autor de "Tradições Populares" se debruça sobre as congadas, em especial no Nordeste e em São Paulo. Mostra que as congadas foram trazidas para o Brasil pelos escravos vindos do congo. Tradicionalmente, a festa da congada envolve dois personagens principais: o embaixador e o monarca. O fio da meada se dá com a discussão entre esses dois personagens, o que acaba em guerra. Representam, também, a coroação do Rei do Congo e homenageiam a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Usa-se instrumentos, músicas e movimentos de origem afro-brasileira (sem maiores detalhes). Para este estudo, o autor baseia-se na descrição das congadas escrita por Joaquim Silveira dos Santos (RIHG, São Paulo; XXXVII - Dezembro, 1939), em "O Folclore Negro no Brasil" - de Arthur Ramos; no ensaio "Os Congos" de Mário de Andrade; e em Raphael Duarte - "Campinas de Outrora". A publicação deste folheto se justifica pela necessidade de "conservar cada vez mais vivas as virtudes das nossas populações rurais". O autor acredita que o festejo das Congadas está intimamente ligado às populações rurais e ainda muito presente no interior do Estado de São Paulo.	Rita Paula

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
88	Seppilli, Anita	---	Origens do Carnaval	Revista do Arquivo Municipal. Prefeitura do Município de São Paulo - Departamento de Cultura; vol 97, julho-agosto de 1944. pp.7-34	---	FBN II-258,02 -1	---	Não	Sim	feira, carnaval	O objetivo do artigo é perceber o significado da palavra Carnaval e o sentido que esta festividade adquire na Europa e e, particularmente, no Brasil. Detém-se no aspecto "mítico-orgiaco" que a folia carnavalesca vai-se moldando.	---	Sim	Não	---	Europa; Brasil	Pesquisa bibliográfica	* Fig. 1 - menino com máscara mortuária - povos jorubas (s.p.) (in: PRAMPOLINI, G. Popoli e Miti della Nigéria). * Fig. 2 - vaso grego - "Cortejo barquico" (s.p.) Pintura vascular; Museu de Bolonha (in: E. ROMAGNOLI: "Il teatro Greco"). * Fig. 3 - Mascarada. Cópia retirada de um livro antigo de máscaras. (in: VOGHT e KOCH: "Geschte der deutschen literatur"). * Hinos do cerimonial da Igreja de Aeluis; século XII - p.30 "Farsitos".	A autora faz um estudo sobre o carnaval. Introduz fazendo uma análise etimológica, busca significados psicológicos existentes na representação da língua. Demonstra que o termo carnaval, a princípio associado ao testemunho do Papa Gregório Magno sobre a proibição de comer carne no domingo que precede à Cinzas e ficou relacionado à idéia de jejum. No entanto, o termo germânico correspondente ao jejuem cristão era "Fastnacht". Na Idade Média, a população dizia "Fasenacht" que significava "fazer foliás", dando, portanto, outro sentido ao termo original. O sentido popular (veio do povo da Idade Média) deu um cunho diferente ao termo carnaval. Deixa claro que, se o carnaval na Europa, de um lado, originou-se da tradição da Igreja, por outro, abriga algumas sobrevivências pagãs, toleradas pela Igreja. O carnaval brasileiro, mesmo originário da Europa, segundo Anita Seppilli, se singularizou devido aos "usos e ritos, característicos de civilizações negras". A autora cita a obra de d'Ancona, Le Origini del Teatro Italiano, e de A. Bartoli, Storia della letteratura italiana fino al Petrarca. Além de Nina Rodrigues, Manuel Quirino e Arthur Ramos (sem referência de obra). Para Seppilli, o carnaval é uma festa com espírito de religiosidade místico-orgiaca, dando origem na Grécia, em Roma e na Alemanha ao Teatro; na Itália, aos cantos carnavalescos da Renascença e, no Brasil, sua inspiração musical mais própria e característica: o samba (sem outras considerações).	Rita Paula
89	Motta, Leonardo	---	Musa Matuta	Revista do Brasil. ed. Monteiro Lobato, SP, ano VIII, n.103, julho de 1924. pp.270.274.	---	FCRB Rev. 19B-20A	---	Não	Sim	literatura oral, poesia, anedota, quadra, poeta/trovador	O artigo é resultado da conferência apresentada pelo folclorista Leonardo Motta acerca da produção "popular" no "interior".	---	Não	Sim	década de 20	Paraíba	Testemunho do autor	* 6 estrofes. Poesia Popular; Luiz Dantas Quesado. s.t., p.270-71 * 5 estrofes - "Bem-te-vi"; s.t. p.272 * 13 estrofes - "bem-te-vi"; s.t. p.272 * 10 estrofes - Quadrinhas "brejeiras e amorosas". Praia de Tambau/ Paraíba. p.272. s.a./ s.t. * 3 anedotas; s.a.; s.t.; p.272	O artigo baseia-se numa conferência do Leonardo Motta (folclorista), em Fortaleza. Neste texto, Motta narra algumas experiências vividas por volta do aniversário de "Independência Nacional" de 100 anos. No início de sua explanação, lembra algumas poesias de Luiz Dantas Quesado, "um dos apreciados poetas populares". Diz que o "poeta popular" acima referido é um "cantador septuagenário" que "satiriza os costumes do seu tempo e ironiza os achaques da idade". também faz menção a algumas poesias de "Benturi" João Pedro de Andrade, no Cedro (Lavras). João Pedro é sobrinho do I. "Bentevi", José Pereira de Souza. Segundo Motta, ficou horas escutando "Bentevi", autor de versos "claros", "escoreitos" e "conceituosos". Além disso, coleta quadrinhos na capital da Paraíba durante as "tradicional festas de reis". Em um segundo momento, Motta mostra algumas anedotas, já publicadas no seu primeiro livro (?), sob o título geral "Do Sertão". As anedotas foram "colhidas" em Senador Pompeu (sátira sobre comida estrangeira); Lavras (sátira sobre festa para recuperação da Matriz); Ingazeiras (sátira sobre a sogra).	Rita Paula
90	Silva, Henrique	---	Folk-lore do Brasil Central	Almanaque Brasileiro Garnier, RJ, Ano IX, 1911, pp.412-16	---	FCRB Rev. 170	---	Não	Sim	conceito de folclore, literatura oral, lenda, desafio, décima, quadra, mestiço	Trata-se de um artigo sobre as tradições da população do Brasil Central (Goiás; Cuiabá; Minas Gerais). O autor enumera algumas características do "folclore do interior"; articulando com a formação do brasileiro (mistura das 3 raças).	---	Não	Não	---	Minas Gerais; Mato Grosso	Ensaio	* 2 versos - Desafios improvisados. s.d.; s.l. * 1 verso - Quadrinha (SP; Mato Grosso; MG) s.d.; s.a. * 1 verso - canção da viola, citado em conferência	O artigo de Henrique Silveira trata dos costumes, das "tradições populares", da "vida e dos cenários" no sertão do Brasil Central, o planalto brasileiro. O autor faz uma breve explanação sobre as características da população que habita a região. O mestiço ("o brasileiro de amanhã") é o exemplo das três raças fundidas num só personagem. Lembra ainda que pouco resta dos bandeirantes, dos negros africanos, dos degredados e fugitivos da metrópole, dos ciganos, fazendo-se necessário "salvar... o espólio poético de tantos elementos étnicos" para "reconstruir por inteiro" as "tradições" do "vasto cenário sertanista". Como exemplos do "folk-lore do interior", o autor cita as lendas (representação do espírito aventureiro dos bandeirantes); as décimas (descrições dos costumes e hábitos de vida da "fauna indígena"); os desafios gênero popular dos "caipiras"). Henrique Silva cita e enumera estes gêneros do "folclore brasileiro", sem contudo indicar a fonte. O que pode-se verificar é que menciona autores como: Euclides da Cunha, Sílvio Romero e André Rebouças.	Rita Paula
91	Carvalho, José	---	O Domínio do Folk-lore no Ceará	Almanaque Brasileiro Garnier, RJ, Ano VIII, 1910. pp.281-85	---	FCRB Rev. 170.	---	Não	Sim	literatura oral, poesia, quadra, anedota	Trata-se de um artigo sobre a produção "popular" de anedotas, quadras no Ceará. o texto contém informações sobre o "folclore no Ceará", cujo autor acredita estar num grau superior de "inteligência e espírito do povo".	---	Não	Sim	1908	CE	Testemunho próprio	* 1 verso. Anedota sobre casamento; s.d.; s.l.; s.a. * 12 quadras, inspiradas na história de rapto das noivas, c/ variantes. s.d.; s.l.; s.a. * 1 anedota sobre um judeu e um cearense; s.d.; s.l.; s.a.	Este artigo tem como objetivo apresentar algumas "anedotas" do estado do Ceará como representações do que é "genuinamente do povo". O autor atesta a legitimidade da anedota como manifestação da "tradição popular", pois a anedota "produzida" por um "povo" que sabe rir, torna-o "relativamente inteligente e feliz". Um de seus objetivos é descobrir o que é "genuinamente do povo". Acredita existirem algumas "quadras populares" que possuem "origem culta". Critica o "costume de alguns" de corrigir as "quadras populares", "emprestando-lhes não só idéias, como linguagem mais ou menos correta".	Rita Paula
92	Magalhães, Alexina	Icks	Folk-lore infantil	Almanaque Brasileiro Garnier,ed. Garnier, RJ, vol. VIII, 1910, pp.265-269	---	FCRB Rev.170	A. Magalhães é professora.	Não	Sim	conceito de folclore infantil, literatura oral, poesia	Trata-se de duas histórias infantis de MG, chamadas: "Antes magro na mata..." e "O afilhado do diabo"	---	Não	Não	---	MG	Ensaio	---	O artigo se divide em duas histórias infantis recolhidas em Minas Gerais e divulgadas por D. Alexina de Magalhães, sob o pseudônimo Icks. A primeira (historinha) "Antes magro no mata..." conta a vida de dois ratos, um rato da cidade e outro rato da roça. Mostra que o rato da roça, embora magro e sem acesso a uma alimentação farta, vive uma vida tranquila, sem risco de vida. Enquanto o rato da cidade se alimenta de "coisas finas" de uma casa de "gente rica", mas estava sempre fugindo de uma "gato muito grande", levava uma vida de aventura. A moral da história é "antes magro no mata do que gordo na boca de um gato". Segundo Icks esta história foi ouvida de uma menina de 9 anos e foi um fazendeiro "sem preparativos" quem a ensinou. O "Afilhado do Diabo" foi retirado da coleção da Professora Alexina de Magalhães, "Nossa história", e se baseia na punição que o Diabo deu ao seu afilhado por este ter desobedecido a sua ordem no inferno, banhando-o numa mistura dourada, deixando-o com o corpo douradinho como marca do inferno e soltando-o mundo afora. Mas o menino encanta um "preto velho" e propõe a troca de peles, o que o velho aceita. Ao acabar de tirar a pele do velho, o menino trapaceia, sem passar para ele a pele dourada. Com a pele "preta", o menino consegue um emprego num Palácio, cuja Princesa apaixonou-se por seu corpo dourado ao vê-lo banhar-se escondido. Mais uma trapaça e a Princesa e o menino se casam, alegrando o rei com uma "festa de arromba".	Rita Paula
93	Pacheco, Manoel	---	O Carnavá	Para Todos, RJ, Ano 1, n.11, 01 de março de 1919	---	FCRB Rev. 112	---	Não	Sim	????????????????	Trata-se da publicação de versos populares produzido por um sócio da "nova escola poética Catuliana".	---	Não	Não	---	---	Produção própria do autor	---	"Uma nova escola poética" desta semana traz um poema de Manoel Pacheco, sócio da Academia Catuliana, natural de Minas Gerais, mora em Realengo e trabalha como telegrafista. Manoel Pacheco escreve sobre "O Carnavá" que consiste na descrição dos "festejos de Momo" feita por Tônico Pindoba para "as agentes" do Arraial do Santíssimo. Tônico Pindoba vai passar os três dias de carnaval da "capitá". Retornando para o Arraial, narra o que viu na "Corte", a "semvergonhice", a "esmolambação" do carnaval, cuja "gente" fica "maluca" jogando "confetti" e "lança perfume", comparando a "Avenida" ao "Inferno". O comportamento das "moças" também é observado por Tônico. As "moças" na "Avenida" sempre "mascaradas" ou "vestidas de home", dançam na rua sem nenhuma preocupação, aceitam, inclusive, quando os "home" lhes dão "beliscão". O artigo é uma poesia com 24 versos.	Rita Paula
94	Alvarenga, Oneyda	---	A Influência Negra na música brasileira	Boletim Latino Americano de Música, RJ, abril de 1948, 6: 357-408.	---	FBN (Div.música) 780.5 n.IV	---	Não	Sim	música, dança, festa, lundu, chegança, candomblé, negro, português, africano	A autora procura definir o papel que o negro teve na formação e elaboração de nossa estrutura musical.	---	Sim	Sim	década de 1940	SP, BA e regiões não especificadas.	Pesquisa bibliográfica e de fontes	O artigo possui 37 partituras de melodias do candomblé baiano, colhidas por Camargo Guarnieri, além de trazer as análises de suas notas musicais. A obra possui ainda 13 fotos de instrumentos de percussão, utilizados em festas (geralmente samba e candomblé), com destaque para o atabaque, berimbau e caxixi.	Neste artigo para o Boletim Latino Americano de Música, Oneyda Alvarenga analisa a influência do negro em "nossa música". Segundo a autora, a influência do branco em "nossa música" estaria, entre outras coisas, no uso do estrofe-refrão, enquanto a negra no uso de refrões curtos, sobre poucas palavras, ou no verso-e-refrão, que se encontra presente no samba rural paulista. A autora, durante o texto, desconstrói o fato de certos autores (não citados) atribuírem ao negro o papel de grande formador de nossa música, visto que Alvarenga dá ao português essa função. Oneyda classifica a umbigada como tendo origem africana, o lundu como sendo espanhol e as cheganças de origem portuguesa. Vale ressaltar que a autora faz pequenos comentários sobre estas danças como forma de poder explicar a participação dos negros. Alvarenga conclui que o negro influenciou o instrumental de "nossas músicas", cabendo ao branco a tonalidade, a harmonia, a estrutura e a melodia da música. O grande destaque dessa obra é a análise que a autora faz de 37 partituras de Candomblés baianos.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
95	Andrade, Mário de	---	Maracatu	O Espelho, RJ, junho de 1935. pp. 35/36	---	FBN I.130,02, 01	---	Não	Sim	música, dança, festa, santo, maracatu, São Benedito, Santa Catarina	O objetivo principal desse artigo é mostrar que o maracatu é uma dança originada dos congos/ congadas e que se mantém vivo nas festas populares pernambucanas.	---	Sim	Sim	década de 1920 e 1930	PE	Testemunho próprio, pesquisa bibliográfica	O artigo possui 6 figuras feitas por Reyersbach. A 1a .é da Igreja da Penha, a 2a., um cetro de chefe negro (Kiokeve, Congo), a 3a., um chocalho da dança dos Warual (Congo), a 4a., um tambor de madeira, a 5a., um sino de madeira, a 6a., uma máscara de dança (Boyacca Congo).	Trata-se de um pequeno artigo para o "Espelho". O autor atribui à dança do maracatu uma origem africana, apesar de a palavra maracatu ter uma origem tupi-guarani, podendo ser traduzida como "instrumento bonito". A origem africana estaria relacionada com os rituais impregnados de uma grande religiosidade, tanto pagã como católica. São constantes as louvações a São Benedito e Santa Catarina, assim como a realização de festas e danças perto de igrejas. Encontram-se no artigo referências às personagens do maracatu, como a porta-bandeira, responsável por carregar o estandarte, e a dama do passo, uma negra bonita vestida com roupas bem luxuosas. Estão presentes indicações bibliográficas de Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Fernando Ortiz e Pereira da Costa.	Leonardo da Costa Ferreira
96	Andrade, Mário de	---	A calunga dos maracatus	Carneiro, Edson. Antologia do negro brasileiro, Ed. Globo, Porto Alegre, 1950. p.243-248.	---	BAA 323.15 (81-96) (289 a [199-])	---	Não	Sim	música, dança, festa, maracatu, calunga, negro, africano	O texto caracteriza-se sobretudo por um interesse do autor em analisar o sentido da palavra "calunga", a fim de melhor entender o sentido que lhe dão nas festas de maracatu (onde Calunga é o nome dado à boneca que é carregada lepa dama-do-passo).	---	Sim	Sim		PE e África	Pesquisa bibliográfica e de fontes	3 cantigas que fazem referência às palavras calunga e columba + 1 cantiga que faz referência a religiosidade da dama-do-passo + 1 cantiga sobre catita pernambucana e candômbê. Não há referência quanto as datas das cantigas.	Neste artigo, M. de Andrade estuda o sentido e o significado que a palavra Calunga possui, procurando compreender o seu uso nas festas do maracatu pernambucano. Consultando várias fontes, Cândido Figueiredo, Lucas Boiteuse, Dias de Carvalho, Heli Chatelain, Frei Canecatim, Silvio Romero, Pereira da Costa, Leonardo Mota, Macedo Soares e Arthur Ramos, o autor estabelece a que a palavra tem origem banta, e que no Brasil adquiriu um poder de sentidos. Tais como: senhor, chefe ou grande (entre os habitantes de Luanda), além de boneca ou catita (entre os nordestino e Mato Grosso), porém o mais importante desses sentidos, que a palavra Calunga possui, há o de significar, em angolense, "Deus do Mar". A conclusão de Andrade foi que "... calunga trazia um conceito vago, místico, de grandeza inexplicável, de superioridade misteriosa ou força sobre-humana." (p.244). Porém, para nosso autor, quando a palavra atravessou o Atlântico, provavelmente seu significado mudou passando a designar a boneca carregada pela Dama-do-passo (lembre-se que nosso autor considera os maracatus, festejos populares oriundos dos congos). Logo, M. Andrade considera a Calunga um símbolo de antigas reminiscências de culturas africanas, cujo conceito não está e talvez nunca esteve perfeitamente delimitado dentro da mentalidade negra. Como último aspecto, gostaria de ressaltar o sentido que Andrade atribui a palavra calunga. Nesse sentido, nosso autor usa Heli Chatelain (grande autoridade em dialetos bantos). Bem, este informa que o sentido da palavra calunga é: mística, ou seja, de admiração, de morte, de personificação da morte, de idolo, feitiço, objeto de excitação mística, ou ainda simbola plítico religioso de "rei -deuses". O texto não possui descrições detalhadas de danças ou festas de maracatus.	Leonardo da Costa Ferreira
97	Andrade, Mário de	---	Samba Rural Paulista	Ed. Globo, RS, 1950. p 238 à 287	---	BAA 326.81.C. 289	---	Não	Sim	música, dança, festa, samba, negro	O texto caracteriza-se sobretudo por um interesse do autor em descrever as festas de samba que ocorrem em São Paulo e também alguns de seus personagens, assim como suas funções no contexto da festa, destacando-se o solista e o dono-do-samba.	---	Não	Sim	14/ 1931 e 1933	2/ SP (Lambari a, Pirapora)	Testemunho próprio	---	Neste pequeno texto, Mário de Andrade apresenta alguns personagens da festa de samba. O dono-do-samba tem atribuição de comandar a festa e distribuir a pinga. O solista é o encarregado de fazer composições para que a festa possa começar. O autor descreve o samba como fruto de uma coletividade, um formador de grupo, rancho ou cordão. O principal instrumento de percussão destas festas é o bumbo, tanto que sua colocação é sempre no centro da fila. Os instrumentos são rotativos e todos os homens tocam, contrastando com a menor presença de mulheres. A maior parte dos integrantes é composta de negros. Há uma descrição detalhada de uma dança entre um "negro e uma negrinha", onde o autor destaca os passos, o uso do bumbo (pelo negro), e a sensualidade/ violência dos movimentos.	Leonardo da Costa Ferreira
98	-----	---	Coisas do Interior	Revista do Brasil, SP, outubro de 1921.	---	FCRB Rev. 25	---	Não	Sim	literatura oral, cartas	Trata-se de um artigo sobre "cartas" escritas pela população do interior brasileiro.	---	Não	Não	---	---	Ensaio	---	O artigo enfoca uma prática da população do interior do Brasil: escrever cartas. O autor acredita que "o interior é o repositório intangível de nossas tradições de nossas tradições coloniais". Portanto, escrever cartas é uma realidade mais próxima da "gente do interior" do que o telefone, o telégrafo. Quando falta alguém para escrever, "abrem-se campos vastos" para que esta gente possa se expressar, para poderem "fartar os espíritos inquietos e sonhadores" vem então o "violão", vêm "as modinhas", "as noites ao relento..." A carta é um instrumento importante no interior, através dela pede-se em casamento; felicita; despede; visita; traz receita de bolo, etc. O autor traz alguns trechos das cartas colhidas, "por mera curiosidade".	Rita Paula
99	Mattos, Dalmo Belfort de	---	Escolas e métodos no Folclore	Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo, Departamento de Cultura, vol 64, fevereiro de 1940. pp. 285-288	---	FBN 257.0210	---	Não	Sim	conceito de folclore	O autor enfatiza, sobretudo, os primeiros passos dados para construção do estudo do "folclore". O artigo caracteriza-se pelo cunho científico que o autor confere à "ciência dos costumes".	---	Não	Não	---	---	Pesquisa Bibliográfica	---	Artigo curto, onde o autor pretende fazer uma genealogia do estudo do folclore, descrevendo as tendências fundamentais. Cita cientistas sociais, pensadores que influenciaram o mundo das idéias no século XIX e XX. Mattos busca a influência dessas "escolas" nesta "ciência dos costumes" (folclore), a fim de se dedicar ao "estudo da origem e da migração dos modos de agir". Ressalta que o surgimento da "escola cultural" foi um marco para o desenvolvimento do estudo do folclore, pois possibilitou uma discussão que engloba o método histórico-cultural e utiliza a contribuição da psicanálise, "valorizando a personalidade (do indivíduo) dentro do conjunto cultural". Não sedetém em descrever rituais, festas, tradições folclóricas. O objetivo do autor é pensar como se desenvolveu o estudo do folclore. Para esta tarefa cita a perspectiva de Silvio Romero e seu determinismo geográfico, o determinismo antropológico de Angiolela e Lombroso; a influência da obra "Régles de la Méthode" de Durkheim; e ainda Conte, Espinas, Freud, Frobenius. Além de Silvio Romero no Brasil, ressalta a contribuição metodológica de Arthur Ramos em "O Folclore Negro no Brasil".	Rita Paula
100	Braga, Rubem	---	A Festa das Canoas em Marataízes	Revista do Arquivo Municipal de São Paulo - Prefeitura Municipal de São Paulo - Departamento de Cultura, volume 67, junho de 1940. pp. 205-210	---	FBN 2.257.02. 12	---	Não	Sim	música, dança, festa, literatura oral, poesia, festa do Divino Espírito Santo, festa das Canoas	O artigo comenta a "Festa das Canoas", nome dado a festa do Espírito Santo em Marataízes. O autor enfatiza o caráter de improvisação de cantigas e versos deste festejo, ressaltando que se trata de uma festa tradicional dos pescadores locais.	---	Não	Sim	1940	ES(Marataízes)	Testemunho próprio	* Versos recitados por um maratimba "em um botequim" (improvisado); p.205; p. 206; p. 207; p. 208. * Letra da canção para condução da imagem do Divino p. 206. * Verso improvisado por um folião em homenagem ao "velho" Sebastião Marvila (folião tradicional desta festa que cantava com voz de fasete, p. 210).	Neste texto o autor narra a sua viagem a Marataízes, onde ocorre a "Festa das Canoas". Participa de um papo descontraído entre alguns pescadores num bar da cidade e anota versos que estavam sendo recitados. Faz referências breves ao ritual da festa, enfatizando, apenas, alguns momentos do festejo, como a hora em que a imagem do Divino é levada para um barco grande e enfeitado, onde mulheres, crianças e homens a acompanham, tocando violão, rebecca e cantando cantigas. Para Rubem Braga, trata-se de uma festa "pobre e desorganizada". Crítica também a "intervenção dos veranistas e outros elementos estranhos".	Rita Paula
101	Gomes, Antônio Osmar	---	Significação da Chegança	Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo, Departamento de Cultura, vol 69, agosto de 1940. pp. 233-36	---	FBN 257.02-1 3	---	Não	Sim	conceito de dança brasileira, auto, chegança, fandango, Nau Catarineta	O artigo procura delinear a origem etimológica, a história e os rituais da Chegança. Ressalta que as "grandes navegações" trouxeram para o Brasil esta festa, dando início a uma "folgança popular" com características próprias.	---	Sim	Não	---	Nordeste	Pesquisa Bibliográfica	---	O autor introduz o seu texto sobre a Chegança abordando a origem deste termo. Para esta tarefa recorre ao "Dicionário da Língua Portuguesa de Antônio de Moraes Silva (2a. ed. 1813), ao "Novo Dicionário da Língua Portuguesa" de Cândido Figueiredo e a Mário de Andrade (não cita obra consultada). Através desta pesquisa, Gomes demonstra que a Chegança se origina de autos da "Nau Catarineta" encenados na Península Ibérica. No entanto, Gomes considera que no Brasil as Cheganças perdem as suas características "lascivas" tomando-se, portanto, "danças verdadeiramente brasileiras", visto que os "motivos históricos portugueses" são adaptados. A obra de Gonçalves Fernandes - O Folclore Mágico do Nordeste - é um bom subsídio para Antônio Ormar Gomes ressaltar as características da Chegança diferenciando-a do "Fandango Pernambucano" e de outros autos da "Nau-Catarineta". Cita, ainda, "Cátedras Novas do Brasil"de Fidelino Figueiredo, mostrando a sobrevivência e a manutenção da tradição da Chegança por meio do "Romanceiro" influenciado por histórias e lendas do mar. A Chegança, para o autor, não é apenas uma "encenação dramática"; também representa tradição e lenda de "Reminiscências autenticamente históricas e de fatos de pura imaginação popular".	Rita Paula

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
102	Almeida, Silvio Faria, Alberto	---	O Nosso Folk-lore	Almanaque Brasileiro Garnier, RJ, ano 7, 1909. p.232-235.	---	FCRB Rev. 170	---	Não	Sim	conceito de folclore, conceito de música popular, música, literatura oral, poesia, jogo infantil, jogo do João das cadernetas, jogo do vintém queimado, português	O artigo tem como objetivo buscar a origem	---	Sim	Sim	s/ referência	s/ referência	Pesquisa bibliográfica	* Canção popular portuguesa - s.d.; s.a. - p.235 * (2) Versos de Camões (Lusiadas: VIII, 41; VII; 76- p. 235 * (2) Versos usados para repetição no jogo "João das Cadernetas" s.d.; s.a. - p. 234	O artigo trata de uma anotação de Silvio de Almeida sobre um jogo infantil conhecido pelo nome de "João das Cadernetas". Além deste texto, na mesma coluna, há uma pequena nota de Alberto Faria fazendo uma compilação de uma "canção popular portuguesa" e um poema de Camões (s/ observações). O editor faz uma rápida apresentação de ambos autores (S. de Almeida e A. Faria) pelos seus "estudos cultos" e por serem um dos únicos que tem procurado estudar a "origem do folk-lore". S. de Almeida procura explicar o jogo "João das Cadernetas", que pode ser conhecido como o "Jogo do Vintém queimado", através da relação de um frade com um cavaleiro pobre, ambos agregados a Ordens religiosas militares da Idade Média. O jogo se divide em etapas e contém três personagens (o vilão, o frade e o cavaleiro), disputando um lugar no Inferno, no Purgatório e no Céu. O interessante neste artigo é percebermos que o folclore para estes autores pode variar de brincadeiras tradicionais infantis ao lirismo de uma canção popular.	Rita Paula
103	Magalhães, Alexina de	Icks	Poesias Populares	Almanaque Brasileiro Garnier, ed. Casa Garnier, RJ, vol. VIII, 1910. pp. 271-272	---	FCRB Rev. 170	A autora é professora.	Não	Sim	literatura oral, poesia	Trata-se da transcrição de algumas "poesias populares" de Minas Gerais.	---	Não	Sim	s/ referência	MG	Testemunho próprio do autor.	* "Quadrinha de Oferta de Presentes" (poesia); Minas Gerais; s.a. * "Oferta de criança à lua" (poesia). Minas Gerais, s.a. * s/ título. 1 estrofe (poesia). Minas Gerais; s.a.	A autor escreve quatro estrofes de "poesias populares" de Minas Gerais, cujos títulos são: "Quadrinhas de Oferta de presentes"; "Oferta de crianças à lua"; "Quando eu quis"; a primeira é a única que não tem título sobre a vida e morte de "Lyria". Esta poesia é uma analogia à vida e à morte da natureza. A "Quadrinha de oferta de presentes" é romântica e oferece o amor como presente. É formada por uma estrofe. A "Oferta de criança à lua" é composta por uma estrofe e faz referência à oferenda feita à lua de um menino até ele estar "criado" quando poderia ser devolvido; a lua ajuda a criar o menino. "Quando eu quis" diz respeito a um desencontro devido a diferença de opinião. É composto de uma estrofe.	Rita Paula
104	-----	---	Folk-loristas brasileiros	Almanaque Brasileiro Garnier, RJ, 1911. pp. 406-7	---	FCRB Rev.170	---	Não	Sim	folclorista	Trata-se de um pequeno artigo lembrando a contribuição de Pereira da Costa sobre folclore brasileiro.	---	Não	Não	---	---	Ensaio	(1) Reprodução fotográfica do rosto de Pereira da Costa. p. 406	O texto faz uma breve referência a obra de "um dos mais notáveis folcloristas", Pereira da Costa. Contudo, não há dados biográficos sobre o autor. "Folclore Pernambucano" de Pereira da Costa, publicado pela Revista do Instituto Histórico com 640 páginas é mencionada no artigo como sua obra mestra, tratando, sobretudo de: literatura popular; superstições; lendas; credences; usanças e costumes do povo. O objetivo desta obra é fazer um "estudo do povo". Neste artigo, cita-se ainda a "Alma encantadora das Ruas" de Luís Edmundo; "Era uma Vez", de João do Rio e Viriato Correia; "Pré-História Sul Americana" do Dr. Alfredo de Carvalho; "Nossos brinquedos" de Alexina de Magalhães e a monografia de P. Carlos Feschauer - "A Flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas". Estes autores são incluídos na homenagem feita pela revista aos folcloristas brasileiros.	Rita Paula
105	Marques, Xavier	---	Uma Tradição Religiosa da Bahia	Kosmos, RJ, Ano III, n.3, março de 1905.	---	FCRB Rev. 75	---	Não	Sim	#####	Trata-se de um artigo sobre a festa do Bonfim que ocorre na bahia e é visto como a expressão da tradição religiosa desta região.	---	Sim	Sim	não há referência	Bahia	Pesquisa bibliográfica e coleta de dados	* 1 foto - vista panorâmica do Bonfim (s.a.; s.d.) * 1 foto - capela-mór (s.a.; s.d.) * 1 foto - Sacristia da Igreja. s.a.; s.d. * 1 foto - Um canto da "Casa dos Milagres". s.a.; s.d. * 1 quadrinha ("dísticos") - 10 frases ("Macaco tua mãe tem rabo...") s.a.; s.d.	"Uma Tradição Religiosa na Bahia" diz respeito a festa do Bonfim como uma das "mais vivazes tradições do Brasil", aborda a relação do "povo baiano" com o divino e as suas crenças católicas. O autor lembra a importância da "lavagem do Bonfim", momento em que se lavava o templo religioso e que sofreu fortes modificações no programa da festividade. Nesta "festa d'água e álcool" a população dançava o mais "atrevido fandango", "gargalhava", ouvia "músicas apropriadas ao tom colossal da pagodeira". As "loucuras de Entrudu"- refere-se aos excessos cometidos na lavagem do Bonfim - provocaram a hostilidade sistemática do clero e da imprensa, sendo, portanto, a festa proibida em alguns anos. Faz uma crítica a estas medidas justificando que, o "catolicismo do mestiço branco" não dispensa o "aparato (...) carnavalesco". A festa mesmo acontece do lado de fora, ao ar livre, depois de reprimida a "lavagem", o "povo" instruiu a "segunda-feira do Bonfim", quando todas as atividades são suspensas, e as "legiões da folia" na rua junto com a companhia "Carris Elétricos" dançam e cantam modinhas, sambas, cores ambulantes, violões etc.	Rita Paula
106	Faria, Alberto	---	Pirolito	Almanaque Brasileiro Garnier, RJ, vol IX, 1911, p.409-410.	---	FCRB Rev. 170	---	Não	Sim	conceito de música infantil, literatura oral, poesia, cantiga de roda, quadra	Trata-se de alguns comentários acerca da quadrinha "Pirolito", que se encontra nos "cantos Populares do Brasil" de Silvio Romero, sobre as diferentes versões.	---	Sim	Sim	---	SP, MG	Pesquisa bibliográfica	---	O artigo aborda uma quadrinha publicada por Silvio Romero em "Cantos Populares do Brasil" cujo título é "Pirolito" ("Pirolito que bate, que bate, Pirolito que já bateu: Quem gosta de mim é ela, Quem gosta dela sou eu"). Alberto Faria observa que em Portugal há uma variante para esta quadrinha, ao invés de "pirolito" utiliza-se o termo "Loureiro" ("Loureiro que bate, que bate; Loureiro que já bateu; Loureiro que bate, bate; Num amor que já foi meu"). Esta analogia feita às mulheres e ao loureiro, fornece o "sentido afetivo" da quadrinha e é justificada na "Carta de Guia de Casados" pelo "seiscentista ilustre", D. Francisco Manuel de Mello. D. Alexina de Magalhães Pinto em "Nossos Brinquedos" registrou a quadrinha com o mesmo sentido, embora tenha se verificado uma variante ("Pirolito que bate, bate; Pirolito que já bateu; A menina que eu amava; Coitadinha! já morreu..."). Em Minas Gerais, segundo Alexina de M. P., a palavra "Pirolito" é trocada por "fiorito". O autor chama a atenção para o "fenômeno da apropriação" para justificar essa troca que, já em 1873 era notada por Celso de Magalhães na seguinte citação: "O povo no trabalho da transplantação, transforma primeiro aquilo que lhe impressiona mais os sentidos, e a natureza que o cerca é a primeira a fornecer similares para essa elaboração". (op. cit. FARIA, Alberto. p. 410)	Rita Paula
107	Lima, Hermeto	---	Reminiscências do carnaval de 1876	Revista do Brasil. Ed. Monteiro Lobato, SP, ano IX, n. 111, março de 1925, pp. 270-71	---	FCRB Rev. 19 B - 20 A	---	Não	Sim	festa, carnaval	O autor neste artigo narra alguns episódios ocorridos no carnaval de 1876, na cidade do Rio de Janeiro.	---	Não	Sim	Final do século XIX	Rio de Janeiro.	Pesquisa de Fonte.	---	Hermeto faz breve comentário sobre o carnaval do ano de 1876. Relembra as características desta festa e fatos que ali ocorreram. Para introduzir o leitor ao ano de 1876, faz referência à febre amarela e lembra a quantidade de vítimas da doença no dito ano (3.476). Mas o carnaval aconteceu e os seus "préstitos com carros alegóricos", cada um mais "rico" e "espírituoso" que o outro, apresentaram-se nas ruas. O "tipo popular" deste carnaval vinha "encarapitado" em um trono, e chamava-se José Fernandes de Castro, bilheteiro de loterias mais conhecido como "Castro Urso". Tornou-se alvo da garotada e o tipo mais popular do Rio de Janeiro daquele ano, pela sua "fealdade", que se acentuava no seu grande "nariz abatado". Lima faz menção, ainda, ao carnaval de 1875, quando rapazes estudantes da Escola Naval vieram para o Rio divertir-se no folguedo. No entanto, provocaram tantos conflitos por forçar as pessoas a dançar que, especialmente, na Rua do Ouvidor, o policiamento foi reforçado no ano seguinte. A decisão do chefe de Polícia não agradou a alguns estudantes que manifestaram-se na terça-feira de carnaval, contra o policiamento ostensivo. Os policiais tentaram impedir a manifestação e os estudantes reagiram. Este conflito causou pânico nas famílias presentes e acabou terminando com o carnaval de 1876. Este artigo foi publicado, também, no Jornal do Brasil (s.d.).	Rita Paula
108	Almeida, Guilherme de	---	As Danças	Revista do Brasil. Ed. Monteiro Lobato, SP, Ano IX, janeiro de 1925, p. 24-25	---	FCRB Rev. 19 B - 20 a	---	Não	Sim	música, dança, maxixe, cateretê	Descrição de tipos de danças como o maxixe, o cateretê e o samba. Esta descrição é feita em forma de poesia ou letra de música.	---	Não	Sim	Década de 20	---	Testemunho próprio, poesia	---	Guilherme de Almeida reúne exemplos de maxixe, cateretê e samba. As letras apresentadas não contêm títulos, nem autor, nem data. A letra do Maxixe tem uma série de combinações de palavras com a letra "x" e uma tonalidade sensual está implicitamente presente no seu conteúdo (enlaça; mexe; enrolam; rebola). Parece uma metáfora sobre a forma de se dançar o maxixe. No cateretê realçam-se movimentos de "bater o pé"; "saracoteio" e o ritmo do "batuque". A primeira estrofe do "samba" faz referência à "fogueira de S. João", que, com a chegada da "lua redonda e branca" (como um pandeiro), abre espaço para o samba que "estronda, rebenta, retumba, redomba".	Rita Paula

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
109	Cordovil, Manoel	Neco Cordovil ou Maneco Cordóva	Quinquim Manganga	Para Todos, RJ, Ano 1, n.16 - 05 de abril de 1919. P.1	---	FCRB Rev. 112	---	Não	Sim	poesia	Trata-se da produção poética de um membro da escola Catuliana.	---	Não	Não	---	---	Poesia	---	A revista "Para Todos" possui uma coluna "Catulianas" em homenagem à "nova escola poética" de Catulo da Paixão Cearense, publicando, quase ininterruptamente poemas produzidos por escritores desta escola. Neste número, traz Manoel Cordovil (Neco Cordovil ou Maneco Cordóva) com os seus versos intitulados "Quinquim Manganga". A redação da revista escreve uma nota dizendo que Cordovil é "o discípulo amado de Catulo", comparando-o em linguagem figurada ao "cavaquinho daquele violão". Cordovil mora na Penha e tem como profissão "fazer versos, cantar serenatas e uma por outra vez jogar no bicho". Nos versos sobre "Quinquim", narra a confusão do "maestro" com o seu "berimbau", em Irajá. Neco Cordovil utiliza uma linguagem informal e figurada.	Rita Paula
110	Zéca, Tuliano	---	A Seca no Ceará	Para Todos, RJ, Ano 1, n. 12, 8 de março de 1919. 1 página.	---	FCRB Rev. 112	---	Não	Sim	poesia popular; sertão; flagelado; trabalho no campo	Trata-se da publicação de versos populares de um autor "sertanejo".	---	Sim	Não	---	---	Produção própria do autor	---	O tema abordado na coluna "Catulianas" da revista Para Todos dessa semana é a história de um "flagelado" do Ceará, contada a um "moço" no Rio de Janeiro. O título do poema é "A seca no Ceará" e a autoria é de Zéca Tuliano. Há uma nota da redação alertando que a poesia chegou na Revista pelo Correio, deixando dúvida sobre se a origem é de fato de um membro da "nova escola poética" (Catulianas). São 22 estrofes que descrevem a seca no Ceará, utilizando uma linguagem informal ("Pra rega"; "flô"; "amô"). O autor que assina a poesia é o personagem que narra as mazelas da seca, identifica-se como "seranejo" e "flagelado" e demonstra grande esperança em retornar ao seu "pobre Ceará".	Rita Paula
111	Assumpção, Francisco	---	O sertão lá de Inhaúma	Para Todos, RJ, Ano 1, n. X, 22 de fevereiro de 1919. p:1	---	FCRB Rev. 112	---	Não	Sim	poesia	Trata-se da publicação de uma poesia popular de um membro da "nova escola poética Catuliana".	---	Não	Não	---	---	Poesia	---	Na coluna "Catulianas" desta semana, publica-se um poema de Francisco Assumpção, membro da "Escola Catuliana". O título é "O Sertão lá de Inhaúma" e a poesia é dedicada ao "doutô" Roquete Pinto. A revista "Para Todos" possui uma coluna "Catulianas" em homenagem à "nova escola poética" de Catulo da Paixão Cearense, publicando, quase ininterruptamente poemas produzidos por escritores desta escola. O tema desta poesia baseia-se na vinda de Chico Perrenque à cidade. O quitandeiro Antonio tenta dissuadi-lo para que more na cidade e torne-se seu sócio em um negócio. Contudo, Chico Perrenque recusa o convite, mostrando as qualidades do "sertão", da falta de luz, do sono tranquilo, do "mutirão" na roçada e da festa em comemoração ao fim do trabalho.	Rita Paula
112	Carvalho, José	---	No Domínio do Folclore	Revista do Brasil, SP, Agosto de 1920	---	FCRB Rev. 25	---	Não	Sim	conceito de folclore, literatura oral, poesia, lenda, fábula, apólogo	Trata-se de um artigo sobre as modificações	---	Sim	Sim	---	Ceará	Pesquisa bibliográfica	---	Neste artigo, José de Carvalho discute a relevância das lendas, apólogos ou histórias do nosso "folclore" e lamenta que em "Transformações de espécies folclóricas", capítulo do livro de João Ribeiro, as lendas e as fábulas são pouco oferecidas. As modificações pelas quais passam estas "histórias" no nosso meio, entre o povo, devem ser estudadas, visto que novos elementos étnicos são introduzidos (não diz quais), "modificando", "ampliando" ou "restringindo" os problemas primitivos, em relação à "moral", aos "usos", aos "costumes" e à "linguagem". Assim, lendas, fábulas, apólogos "são recitados nos nossos sertões, de geração a geração, sofrendo sensíveis modificações, de acordo com o novo habitat, o meio e as suas relações morais, intelectuais e físicas. A fim de elucidar a sua tese, José Carvalho publica o apólogo da "Pomba e da Raposa", transcrita também por João Ribeiro. A dita história é origem árabe, mas bastante modificada na versão do Ceará.	Rita Paula
113	Ribeiro, Flexa	---	A Estética do Maxixe	Revista do Brasil, SP, janeiro de 1921, pp. 84-86	---	FCRB Rev. 25	---	Não	Sim	conceito de música brasileira, conceito de música popular, música, dança, festa, maxixe, carnaval, negro	Trata-se de um artigo sobre o maxixe (música e dança) e o caráter nacional da música brasileira.	---	Não	Não	---	---	Ensaio	---	O autor defende, neste artigo, a idéia que o maxixe é uma "arte brasileira". Não descreve este estilo de música, mas arrisca características básicas para a dança do "maxixe". ("corpos enlaçam-se em atitudes magníficas, e uma cadência profunda, interior, os agita, fazendo-os desenhar contornos belos, descrever curvas graciosíssimas, ondular em voltas voluptuosas, em movimentos ricos em unidade, harmoniosas no conjugamento da ação, intensamente sedutores"). Inicia o artigo mostrando que o carnaval motiva a "renovação das cantigas populares" e que é uma festa originária do "Tumulto das Dionísias Rústicas" da Grécia, do "povo que constituiu as bases e as determinantes da civilização mediterrânea, que é a nossa". Portanto, Flexa Ribeiro faz algumas afirmações sobre o carnaval, uma delas é que além de "festejo realmente popular" tem um "caráter democrático", uma festa que "unifica e consubstancia a nacionalidade e a raça". Ao mesmo tempo, afirma que apenas o maxixe se expressa como "criação original (...) a que exprima completamente as origens formativas de nossa raça..." (considera o maxixe parte integrante do carnaval). Contudo, o autor acha necessário o aparecimento de um tipo de Messias (grande compositor como Bizet, Albeniz) que "extraia da nossa sensibilidade" motivos "fecundos e reveladores" do maxixe, para criar uma "arte nova", verdadeiramente nacional. Só após isto é que teremos, de fato, a "Música Brasileira". Na realidade, Flexa Ribeiro considera gênero puro aquele que contém elementos das raças formadoras do tipo brasileiro. Por isso o maxixe é "nativo" e "original mente brasileiro", cujo ritmo engloba "o batuque do negro", o "maracá do índio" e a "guitarra do português". Embora precise ainda de um compositor, por exemplo, para legitimar esse estilo.	Rita Paula
114	Ferreira, Ascenso	---	Presépios e Pastorís	Arquivo Municipal do Recife, volumes 1 e 2, dezembro de 1943. pp. 135-162	---	IHGB	---	Não	Sim	música, dança, festa, pastoril, festa de reis, reisado, auto de natal, presépio	"Presépios a Pastorís" é um artigo que aborda as características destas festas, destacando as diferenças das suas tradições e os pontos que as tornam semelhantes, sobretudo o caráter religioso.	---	Sim	Sim	Século XIX (sem maiores referências)	PE	Pesquisa bibliográfica e de fontes	* Pastoril (Têmpera de Lula Cardoso Aires; s.d.; s.l. * Pastoras (Desenho de Lula Cardoso A.; s.d.; s.l. * Velho e Pastora (Desenho de Lula C. A.; s.d.; s.l. * Músicas (-----) * Jornal do Recife - anúncio do Teatro "Espetáculo Pastoril" - 1944 * Versos (2) Gil Vicente. s/ citar obra. p.138. * "Presépio" do tempo da Guerra do Paraguai. p. 140 a 161 - contém comentários do autor - 1a. e 2a. partes. (44 músicas - João Valença) * Jornal do Recife - artigo sobre presépios nas casas. (janeiro de 1861) - p (?) 138 e 139. * Canto de abertura "Pastoril de Cacaú" - (1) p. 162.	Rita Paula	

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
115	Silveira, Tasso	---	Canções Populares Brasileiras, recolhidas e harmonizadas por Luciano Gallet	Revista Festa, RJ, n. 4, janeiro de 1928; p.7	---	FCRB Rev. 225		Não	Sim	conceito de folclore, conceito de música popular	O artigo divulga e explica o trabalho de Luciano Gallet sobre "canções populares brasileiras", sem publicar as letras e partituras.	---	Não	Não	---	Brasil	Pesquisa bibliográfica	---	Tasso da Silveira escreve uma nota sobre a edição da casa Carlos Wehrs, em três cadernos impressos em Leipzig com harmonizações de "canções populares brasileiras", por Luciano Gallet. Além disso, transcreve uma "breve notícia", assinada por Gallet, que acompanhou a tal obra. São ao todo doze canções que denotam a preocupação de Gallet em investigar e divulgar o "nosso (...) significativo folclore" (1- "Tayéras"; 2- "Luar do Sertão"; 3- "Toca Zumba"; 4- "Tutú Marambá"; 5- "Foi uma noite calmosa"; 6- "Bambalelé"; 7- "Tutú Marambá"; 8- "Sertaneja"; 9- "Arrazoar"; 10- "Puxa o melão sabiá!"; 11- "Setaneja"; 12- "Eu vi amor pequenininho"). A nota explicativa de Gallet sustenta que a publicação destas canções "são puras harmonizações ilustrativas com ritmos característicos"; cuja linha melódica é mantida autêntica e a letra original é respeitada e levado em conta as alterações de grafia, fonética e construção. Há, ainda, uma constante preocupação com a riqueza rítmica, traço importante das "canções populares brasileiras" que deve ser mantido, além, é claro, da sua linha melódica muito característica, o que afirma a "vitalidade do folclore brasileiro" e permite que a "canção popular" seja "incorporada à música universal". Gallet afirma que recolheu, apenas, algumas canções ("na imensa variedade do nosso folclore") que "reproduzem fragmentos diversos da musicalidade popular do Brasil, de Norte a Sul."	Rita Paula
116	Almeida, Renato	---	Música	Terra de Sol, RJ, volume 1, número 1, janeiro de 1924, p.78-79.	---	ABI	---	Não	Sim	conceito de música popular, conceito de música brasileira, música	---	---	Não	Não	---	---	Ensaio	---	Renato Almeida inaugura a seção "Música" da Revista Terra de Sol. Primeiramente, escreve algumas linhas sobre as "intenções" dos artigos que devem ser publicados. Depois, faz comentários acerca dos "Ritmos Brasileiros". Nas "intenções" da seção, divulgadas pelo autor, afirma que é um espaço "aberto a todos". Ali deve ser combatido o "pedantismo", "o passadismo e seus preconceitos funestos", enfim, qualquer objetivo que trabalhe para "retardar a floração exuberante e luminosa da música brasileira". Para o autor, a formação da "música brasileira" deve ser analisada através "de suas origens", "de seus pendores" e "do seu espírito". Em "Ritmos Brasileiros", Renato Almeida alerta para o perigo das imitações, "da escravização das formas estranhas, dos modelos e das escolas", e percebe a necessidade da "nossa música" se impor, de ser brasileira. Renato Almeida entende que "a nossa música é uma flor de cultura", que deve buscar inspiração no ritmo de "nosso meio". A "música brasileira" deve surgir do seu meio, ouvindo da "boca popular o canto ingênuo do seu peito" e aproveitando que na nossa terra há "coloridos quentes" e "uma riqueza de ritmos prodigiosa". Esta música tem um "ambiente sonoro", uma "onda de som" que a envolve. Os "nossos músicos" deverão ser "donos da sua arte", propondo uma exuberância rítmica que o "formalismo" da "tonalidade clássica" não permite. O "músico brasileiro" tem que compreender e traduzir "essa polifonia do ambiente". Renato Almeida termina o seu artigo afirmando que a "música brasileira" "tem de ser um ato de fé".	Rita Paula
117	Almeida, Renato	---	Música - o som e o subjetivismo	Terra de Sol, RJ, vol. 1, n.2, fevereiro de 1924, pp. 218 e 219.	---	ABI	---	Não	Sim	conceito de música moderna, música	Trata-se da discussão sobre a importância do som na produção artística do "músico moderno".	---	Não	Não	---	---	Ensaio	---	Renato de Almeida escreve, na Seção Música da Terra do Sol, um artigo com o objetivo de discutir o valor que "os músicos modernos" passaram a dar ao som. O som é visto por Renato de Almeida como a "essência" da música e não mais como um simples "elemento"; torna-se "força livre" e não "expressão formal". Discute também o excesso do subjetivismo na música. O que o autor almeja no texto é demonstrar, na esfera da música, a função essencial da arte que consiste na "plenitude espiritual", agradando os sentidos. O papel do som é fundamental neste campo, visto que "transfigurado pela emoção criadora (...) faz surgir um mundo de imagens e representações, multiplicando indefinidamente a nossa percepção do universo". Este seria o objetivo do "músico moderno".	Rita Paula
118	Figueiredo, Joca	---	Rosinha do Riachão	Para todos, RJ, Ano 1, n. 13, 15 de março de 1919, p.1	---	FCRB Rev. 112	---	Não	Sim	??????	Trata-se da publicação de versos populares produzidos por membro da "nova escola poética Catuliana".	---	Não	Não	---	---	Produção do próprio autor	---	"Rosinha do Riachão" é o título dos versos escritos por Joca Figueiredo, "novo" membro da Escola Catuliana. Os 25 versos em questão abordam o "idílio" entre "Rosinha do Riachão" e o seu noivo "Quelemente". A noiva narra à sua madrinha, a quem recorre para ajudar no "enxová" (emxoval) a trajetória do seu romance com Quelemente. Foi "nas festas de S. Joã na Roça" que os dois se reencontraram, no meio da "fogueirama", da "pagodeira", da "troça". Deste encontro houve a aproximação que provocou em Rosinha um "fogacho" por dentro. O pedido de casamento, imediatamente aceito por Rosinha, se seguiu a esse encontro, na festa de São João. Os versos estão cheios de exclamações e adjetivos, a linguagem utilizada é informal e as frases são rimadas.	Rita Paula
119	Loreto, J.	---	s/ título	Para Todos, RJ, Ano 1, n. 14, 22 de março de 1919.	---	FCRB Rev. 112	---	Não	Sim	??????????????	Trata-se da publicação de versos na coluna "Catulianas - nova escola poética".	---	Não	Não	---	---	Produção do próprio autor.	---	Os versos publicados na coluna "Catulianas" da revista "Para Todos" são sobre a "bela vida fluminense" do "chefe" Nilo Peçanha. Em nota da redação há uma explicação revelando que os versos de J. Loreto foram enviados via correio, portanto a revista não confirma se este autor faz parte da "nova escola poética" em homenagem a Catullo da Paixão Cearense. Nos 18 versos que compoem a poesia o autor traça a trajetória do político Nilo Peçanha, desde a sua "juventude dourada" à sua "fala no parlamento". Utilizando adjetivos para descrever o "dotô Nilo Peçanha" ("sereno como a montanha", "grande brasileiro"), J. Loreto abusa das exclamações e das interrogações, recorrendo a uma linguagem informal ("frô"; "amo"; "baciau"; "escravidão mardçoada").	Rita Paula
120	Chaves, Eleutherio	---	Casa Cahida	Para Todos, RJ, Ano 1, n. 24, 31 de maio de 1919.	---	FCRB Rev. 112	---	Não	Sim	Poesia	Trata-se da publicação de poesia popular.	---	Não	Não	---	---	Poesia	---	"Catulianas - uma nova escola poética" é uma coluna criada pela Revista Para Todos, em homenagem ao poeta Catullo da Paixão Cearense, para divulgar "poesias populares". Neste espaço desta semana o poema "Casa Cahida" é de autoria de Eleutherio Chaves, da "Nova escola Catulliana" (há um parêntese da redação "dissidente" - sem maiores observações). "Casa Cahida" é a história de um cearense que veio para o Rio de Janeiro. Após trabalhar em atividades diferentes, compra um "terreno" ("meia laranja") no sertão do Andaraí. Dá início à sua plantação e apaixonou-se por "Maricota". Não se passa muito tempo e descobre que a sua Maricota tinha outro namorado. Ao mesmo tempo que faz tal descoberta, a sua casa é colocada no chão por ordem de Frontim para construção da Avenida. O nosso protagonista não esconde sua tristeza, mais em ter perdido a namorada que a casa. A linguagem utilizada é informal e o sentido dos versos trazem um tom de tristeza e melancolia.	Rita Paula
121	Sezefredo da Purificação	---	O Passarinheiro	Para Todos, RJ, Ano 1, n. 21, 10 de março de 1919.	---	FCRB Rev. 112	---	Não	Sim	??????????	Trata-se da publicação da poesia popular	---	Não	Não	---	---	Produção do próprio autor	---	"Para Todos" publica quase toda semana uma coluna, Catulianas - uma nova escola poética, sobre "poesia popular" inspirada no autor Catullo da Paixão Cearense. Nessa semana traz à tona um poema "O Passarinheiro" feito por Sezefredo da Purificação, "grande discípulo" do nosso poeta do norte. "O Passarinheiro" conta a história de um "caçador" que vivia ferindo passarinhos. Até que um dia "um mundo de passarinhos" o atacou, provocando a sua queda na água parada, onde havia peixes que avançaram, "pinicando" o caçador. "O mardçoado" suplicou por ajuda e o urubu acabou salvando-o. Dessa forma, o caçador jogou fora os seus instrumentos de caça e plantou alpiste para os passarinhos comerem. A história é narrada em linguagem informal, focalizando a rotina do homem da "roça". Fica claro, também, a presença de um "moral" que conduz à finalização desta história.	Rita Paula
122	Sezefredo da Purificação	---	Binoca - história do sertão	Para Todos, RJ, Ano 1, n. 15, 29 de março de 1919.	---	FCRB Rev. 112	---	Não	Sim	??????????	Trata-se de uma poesia feita por um membro da "nova escola poética" do nortista Catullo da Paixão Cearense.	---	Não	Não	---	---	Produção do próprio autor.	---	Na coluna "Catulianas" da Revista "Para Todos", Sezefredo da Purificação, discípulo do poeta Catullo da Paixão Cearense, escreve um poema intitulado "Binoca - história do Sertão". Em 28 versos, Pedro Guandú, "cabra quarentão", conta ao seu patrão no rancho a história da "mulatinha faceira" Binoca. Essa "história do sertão" tem um final dramático, com a morte de dois homens que disputavam a Binoca, sendo eles pai e filho. Sezefredo, membro da "nova escola poética" utiliza nos seus versos uma linguagem informal ("fio"; "coronê"; "animá"; "sobresartá") e figurada ("os oio queimava que nem fogueira na noite de S. João").	Rita Paula

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
123	Tatuhu, José	Geca Tatú	A Premissa	Para Todos, RJ, Ano 1, n.19, 26 de abril de 1919.	---	FCRB Rev. 112	---	Não	Sim	Poesia popular; amor; carnaval; pastoril; religiosidade	Trata-se da publicação da poesia popular	---	Não	Não	---	---	Produção do próprio autor.	---	A Revista Para Todos tem uma coluna "Catulianas - uma nova escola poética" dedicada ao poeta do Norte, Catullo da Paixão Cearense. Cada semana divulga um poema de membros da escola. Nesse número o autor é José Tatuhu e o título do poema é "A Premissa", focalizando o sertão de Catumby. A poesia consiste numa promessa que o personagem (s/ nome) faz a S. Onofre para ter condições de se casar com a "piquêna" Simôa. Mas, após ter conseguido o desejado, era preciso pagar a promessa. Saíram os dois para ir à Igreja e no caminho encontraram um "cordão" (Pastoril) festejando o "Carnavá". Os noivos não resistiram e juntaram-se aos folioes, só dando-se conta do pagamento da promessa no "domingo ao madrugá". Culparam-se por não terem ido pagar a promessa, até que foram surpreendidos pela imagem de S. Onofre "sorrindo" para eles, o queos fez entender que o "santo barbadinho" havia perdoado a negligência deles.	Rita Paula
124	Sezefredo da Purificação	---	O Bruzundanga	Para Todos, RJ, Ano 1, n.9, 15 de fevereiro de 1919.	---	FCRB Rev. 112	O autor utiliza o nome da Purificação; talvez seja seu pseudônimo.	Não	Sim	????????????	Trata-se da publicação de versos produzidos por membros da "nova escola poética Catuliana".	---	Não	Não	---	---	Produção do autor.	---	"Para Todos" faz homenagem ao poeta Catullo da Paixão Cearense, publicando alguns poemas do seu discípulo, Sezefredo da Purificação. A revista pretende se tornar "órgão oficial" de uma "nova escola poética" do "grupo Catuliano". O editor sugere que os "poetas cidadãos" abandonem seus "instrumentos clássicos" e comecem a "dedilhar a sanfona" utilizada pelo "novo chefe da poesia popular" (Catullo). Não nega apoio à obra de Catullo e considera-o "príncipe dos poetas brasileiros", lembrando que a revista assumiu esta posição ainda quando Bilac estava vivo. O poema que transcreve tem o título de "O Bruzundanga", é dedicado ao "doutô" Afrânio Peixoto e consiste na descrição dos "encantos" de Chica Malafaia, "o grande amor" de Bruzundanga. Está em forma de poesia, contendo 13 versos que fazem referência ao romance de Bruzundanga com Chica Malafaia.	Rita Paula
125	-----	---	Folk-loristas Brasileiros	Almanaque Brasileiro Garnier,ed. Garnier, RJ,vol. VIII, 1910, pp. 287-90	---	FCRB Rev. 170	---	Não	Sim	folclorista	Trata-se de um artigo sobre os folcloristas brasileiros, enfocando suas produções e áreas de atuação.	---	Não	Não	---	---	Pesquisa bibliográfica	Reprodução fotográfica do rosto de Sílvio Romero (1). p.287 Reprodução fotográfica do rosto de Rodrigues de Carvalho (1) p. 288 Reprodução fotográfica do rosto de Mello Moraes. (1). p. 289 Reprodução fotográfica do rosto de Alberto Faria (1) p. 290	O artigo "Os folcloristas brasileiros" faz uma breve esplanção sobre alguns intelectuais que, de certa forma, abordaram a temática do folclore neste período. O autor considera Sílvio Romero o primeiro dos nossos folcloristas, pois para escrever a sua "História da Literatura" teve que "colher imenso número de fatos da vida popular indígena", do "nortista" e do "habitante do interior". Cita as obras de Romero, tais como: Contos Populares (2 volumes) e Cantos Populares (2 volumes) - coleções de poesias populares. Outro autor que se debruçou sobre o estudo do "tradicionalismo" é Mello Moraes Filho "que sempre (desde jovem) se inspirara na vida e nas lendas do nosso povo". Mas foi Sílvio Romero quem inspirou C. von Koseritz, no Rio Grande do Sul, a reunir alguns fragmentos da nossa "musa popular"; Valle Cabral na Gazeta Literária; Macedo Soares; Félix Ferreira, José Veríssimo; F. Caminha e outros. Fragmentos sobre o folclore são publicados em livros ou na imprensa por Osório Duque Estrada, A. Geddes (?) no Estado do Rio, e lcks (pseudônimo da professora D. Alexina de Magalhães) "em belos livros escolares. Ainda é importante falar em Rodrigues de Carvalho e Alberto de Faria. o primeiro tem estudado a "poesia popular brasileira, colhendo-a no seio da tradição oral" (ex. "Cancioneiro do Norte" a "Novo Cancioneiro do Norte" - Almanque - 1910). Enquanto Alberto de Faria dedica-se a instrução "na erudição comparativa dos folk-lores e de outras origens" Alberto de Faria é um conhecedor de literaturas, aprticularmente, da literatura portuguesa quando contém, principalmete, o "elemento tradicional e íntimo". Obs: O texto é interessante no sentido que, já no início do século, tenta-se definir o perfil dos folcloristas brasileiros através de algumas características dos seus estudos, como: dedicação a literatura, enfoque na "vida popular indígena", abordagem sobre os "habitantes do interior", colheita de "canções populares" e "poesias populares".	Rita Paula
126	Serapião, Joaquim	Quinca Serapião	O Ferradô	Para Todos, RJ, ano I, n*18, 19 de abril de 1919.	---	FCRB Rev. 112	---	Não	Sim	??????????	Trata-se da produção de um poema	---	Não	Não	---	---	Produção do próprio autor.	---	Na coluna "Catulianas", criada pela revista "Para Todos" em homenagem ao poeta Catullo da Paixão Cearense, publica-se poemas dos membros da "nova escola poética". Nessa semana, Joaquim Serapião divulga a sua poesia "O Ferradô". Serapião é mineiro de S. Anna do Arrebenta Rabicho, membro da "nova escola literária". Mora em Realengo, onde produa rapadura. É autor do livro de poesias "Quilidade doluá", que está no prelo e foi prefaciado pelo Cônsul de Portugal, Alberto de Oliveira. O poema "O Ferradô" narra a história de Chico Ferraz, ferreiro de "burrada" e "cavalhada", que leva uma "vida errante" evitando se comprometer com qualquer mulher. A decepção amorosa é o fio condutor dos versos em que o ferreiro explica para a mulher do seu patrão o porquê de sua vida de "sorteiro". A linguagem utilizada pelo autor é bastante informal, o local focalizado é, certamente, o interior do país, cheio de "bataque de sustança" e de "cateretê" (dança).	Rita Paula
127	Fluminense, Américo	---	O carnaval no Rio	Kosmos, RJ, Ano IV, n. 2, fevereiro de 1907.	---	FCRB Rev. 75	---	Não	Sim	música, dança, festa, carnaval, entrudo, samba, zé pereira, sociedade/ cordão carnavalesco, baile carnavalesco	O artigo faz um breve histórico do carnaval	---	Sim	Não	---	RJ, MG	Ensaio	(1) Reprodução da estampa de Debret "Entrudo" - s.p.	Américo Fluminense escreve um texto com o objetivo de percorrer a trajetória do carnaval no Rio. Faz um breve histórico desde as primeiras manifestações de folguedos carnavalescos no Brasil Colonial, mais precisamente inicia com a questão das máscaras. Aos mascarados foram atribuídos crimes e confusões. Em Minas Gerais, no século XVIII, o bando que acompanhava Paschoal Guimarães na invasão da casa do Ouvidor Martinho Vieira, estava todo ele mascarado. Portanto, o uso das máscaras foi muito proibido. O entrudo, mesmo sendo um "jogo brutal", acabou constituindo-se no mais "apreciável" folguedo carnavalesco. Consisto o entrudo "no arremesso de limoes de cêra chios de água simples ou perfumada com essência de benjoin ou canela, e jatos de seringa de irrigação", cujos folioes jogavam nas pessoas, dando-lhes um verdadeiro "banho". As sociedades carnavalescas surgem ainda na primeira metade do século XIX em várias locais da cidade (Hotel de Itatiaia; Tivoli - "estabelecimento de recreio") criando os bailes carnavalescos, com uso de fantasias e máscaras. Em 1851, segundo o autor, foram organizadas duas sociedades: o Congresso das Summidades e a União Veneziana. É por este tempo que aparece o memorável Zé Pereira, "barulhento e alegre esturdió carnavalesco", como o caracterizou Vieira Fazenda na "Notícia" (15/ 02/ 1904). O Zé Pereira se expressava nas suas fantasias medievais e foi o responsável pelo carnaval de rua. Logo depois vieram os Clubes e apareceram as fantasias de diabinhos vermelhos, os velhos, os áz-de-copas. As bisnagas, um pulverizador discreto, que foi usado para espirrar nas pessoas uma água perfumada. Mesmo assim, o entrudo não perdeu o seu lugar e continuou sendo uma prática dos folioes. E o carnaval, uma festa que reúne cada vez mais a "massa da população". Apesar de não "haver mais alegria e nem espírito, há berreiro de taba de mistura com uivos de africanos, em samba".	Rita Paula
128	Almeida, Renato	---	Sobrevivências totêmicas nas Danças Dramáticas Brasileiras	Separata de Revista Folklore Americano, ano 4, nº4, 1956	A revista faz parte da Organização Interamericana de Folklore (Peru)	Itamaraty (RJ) 389-2-25	---	Não	Sim	música, dança, festa, auto, reisado, festa de reis, bumba-meu-boi, negro, índio, africanos, escravos	Renato reintera o que vários estudiosos já tinham diagnosticado antes. Reminiscências nas danças dramáticas de bailados, cantigas e autos populares brasileiros.	---	Sim	Sim	1952	Bahia, Pernambuco, Alagoas e Amazônia	Pesquisa de fonte e testemunho do próprio autor	1 estrofe cantada do Bumba-meu-boi	Ao lembrar os 50 anos de morte de Nina Rodrigues, Renato busca homenageá-lo, resgatando um dos temas mais estudados em sua obra, o caráter totêmico na cultura brasileira. Para isso, busca dialogar com os estudos mais recentes de outros autores brasileiros, como Mário de Andrade, Artur Ramos, Théo Brandão, e estrangeiros, como Adolphe Jensen, Levy Bruhl e Paul Radin. O princípio totêmico, marcado por um personagem, seja homem ou animal, tem no Bumba-meu-boi seu melhor exemplo. Para Renato Almeida, o boi representa o 'ciclo da civilização brasileira', elemento de penetração do interior, no período colonial. O autor procura provar a íntima conexão do totemismo com as danças dramáticas e cortejos de origem negra, indígena e até mesmo portuguesa. Em sua análise, destaca os ritos primários de iniciação, africanos ou indígenas, que sobreviveram nos bailados populares brasileiros, marcados pela idéia mágica da morte e ressurreição e conjugados a fatos mais recentes da história do Brasil.	Simone Pereira Carneiro

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
129	Almeida, Renato		História da Música Brasileira	F. Brigueit e Cia, RJ, 1ª edição, 1926	---	BAA 700/810/A 447 m 1926		Sim	Não	conceito de música brasileira, conceito de música popular, música, negro, português, índio	Seu objetivo é mostrar que há uma necessidade de buscar a 'independência musical brasileira', longe das influências estrangeiras e em consonância com 'temáticas nacionais'.	O livro contém 6 capítulos divididos em: 1- A música popular 2-música brasileira no começo do século XIX 3- romantismo na música brasileira 4-tendências da música brasileira 5-o espírito moderno na música 6- a cultura musical no Brasil	Sim	Sim	período colonial até a década de 20	s/referência	Pesquisa bibliográfica		Renato Almeida considera que a música popular brasileira é 'melancólica' em função da influência das três etnias formadoras, africana, portuguesa e indígena, marcadas por 'espíritos' tristes e sombrios. Afirma que o 'preto' foi o que mais 'penderos' trouxe à música, ao mesmo tempo que possui uma mentalidade rudimentar e grosseira. Renato Almeida vê a história da música brasileira como uma incessante busca de 'expressão própria'. Villa Lobos, inserido no 'espírito moderno', é visto como um importante marco. Sua música é brasileira porque, além de valorizar o 'caráter nacional', registra o 'espírito que a inspira'. Apesar de mostrar-se otimista, prevendo um projeto musical brasileiro, o autor observa que o Brasil ainda não possui de fato uma 'cultura musical perfeita'. Isso se deve ao fato de que as 'vozes populares musicais', como os ritmos africanos ou modinhas, por exemplo, ainda não terem influído na formação da "cultura musical brasileira". Para Renato Almeida, a perfeição musical só pode ser alcançada num cenário desprovido de influências externas. Pode-se perceber, ao final do livro, que a influência dos "pretos" na "cultura musical brasileira" é bastante reduzida pelo autor.	Simone Pereira Carneiro
130	Almeida, Renato		Compêndio de História da Música Brasileira	F. Brigueit e Cia, RJ, 1948	Livro dedicado à Heitor Correa de Azevedo	BAA 70/810 A 447 1948		Sim	Não	conceito de música brasileira, conceito de música popular, música, negro, português, índio, mestiço	Nesta obra, Renato Almeida enfatiza a 'construção nacional' de uma música brasileira, de grande riqueza artística. Afirma que os músicos brasileiros realizam com segurança uma música de 'espírito nacional' de expressão própria, nacionalizada e ao mesmo tempo 'universal'.	o livro contém 5 capítulos divididos em: 1- A música popular brasileira 2- A música brasileira no período colonial 3-O período Francisco Manuel 4- O Romantismo 5- Os contemporâneos	Sim	Sim	período colonial até década de 40, século XX		Pesquisa bibliográfica e testemunho próprio do autor	Contém 10 fotos preto/branco, congada, rosto de Luciano Gallet, Alberto Nepomuceno, Francisco Braga, Villa-Lobos, Oscar Lorenzo Fernandez, Francisco Mignone, Bidu Sayão, partituras de Carlos Gomes, Villa-Lobos, água forte de Carlos Oswald, desenho de Augusto Rodrigues retratando um passo de frevo pernambucano.	Neste livro, Renato Almeida procura fazer uma história da "música brasileira", construindo suas origens e estabelecendo periodicidades. A "música popular", vista como mestiça, já que resultante das influências portuguesa (muito valorizada), negra e indígena, é considerada a base fundamental. Há uma consonância entre a formação da "música brasileira" e a consolidação do Estado Brasileiro. Espécie de espelho político do momento, a música acompanha na mesma intensidade as transformações, crises e superações do período histórico correspondente. No momento em que escreve este livro, Renato Almeida já vê a "música brasileira" consolidada. Para o autor, a música que busca um 'sentido nacional' deve possuir um 'assunto' nacional e empregar instrumentos, vozes e ritmos populares. O compositor utilizará motivos folclóricos ao lado da influência do 'meio universal'. Pela busca de uma "música nacional", destaca Carlos Gomes, o precursor, e Villa-Lobos.	Simone Pereira Carneiro
131	Almeida, Renato		Esboço de uma classificação de canções brasileiras	Série Documentos, CNFL, nº 11, 01.04.1948	---	BAA Nº11 06.04.48		Não	Sim	conceito de música brasileira, música, modinha, lundu, embolada, xácara, romance, modas de viola, ladainha, bendito, cantiga de São Gonçalo, músicas feticistas, candomblé, catimbó, desafio, martelos, pregões, cantigas de bebidas, desportivas, cantos de trabalho aboiô, santo, São Gonçalo	como o quadro de canções ainda não está definido, Renato clama por sugestões ou críticas que possam ser avaliadas e acrescentadas em seus estudos, mas adverte que há uma 'grande relatividade' na classificação, valendo apenas pelo 'caráter aproximativo'.	---	Não	Não		ensaio		Renato divide as canções brasileiras pelo critério dos assuntos: sentimentais - modinhas brejeiras - lundús, emboladas, chulas lírico-narrativas - romances, xácaras, modas de viola religiosas - católicas - ladainha, bendito, cantigas de São Gonçalo feticistas - canto de candomblé, catimbó satíricas - desafios, martelos de ofício - pregões, cantos de trabalho aboiô de diversão - cantigas de bebidas, desportivas Renato adverte que classificou apenas as cantigas solistas, não selecionando as cantigas de danças dramáticas por se constituírem em bailados	Simone Pereira Carneiro	
132	Almeida, Renato		Dances africanas em Amériqúe Latine	Campanha Nacional e Defesa do Folclore Brasileiro, RJ, 1961	---	BAA F.394.32 1 (7/8 =4) A 447 d		Sim	Não	música, dança, festa, candomblé, congo, maracatu, cucumbi, negro, africano	Renato Almeida procura estabelecer conexões da dança africana do Brasil com os países da América Latina, em especial Brasil, Cuba e Haiti, tentando provar que existem semelhanças entre as danças latino-americanas.	---	Sim	Sim		Brasil, Haiti, Cuba, Colômbia, Venezuela, Argentina, Uruguai	Pesquisa Bibliográfica		Para o autor, o negro na América Latina procurou garantir a permanência de sua cultura. A dança, neste caso, seria fruto de uma pavorosa solidão e teria atuado como um meio de integração e defesa do grupo, além de ponto de reafirmação de suas práticas e crenças. A 'liberdade era relativa', já que seus senhores, apesar de fazerem algumas concessões, controlavam tudo. Ao analisar o 'caráter sensual' das danças negras, Renato Almeida não aceita que sejam estudadas apenas sobre esse olhar, pois esta seria uma visão preconceituosa, que atrapaalha um maior entendimento da dança negra. No aspecto religioso, acredita que ocorreu um fenômeno 'psico-social', cuja influência no plano artístico e folclórico foi relativa, pois houve mistura de elementos europeus e indígenas. Em termos de comparação, o autor estabeleceu uma relação entre o Candombe, dança proibida no século XIX, proveniente do Uruguai e da Argentina, com os Congos, Maracatus, Cucumbis e Batuques brasileiros, utilizando para isso descrições coreográficas e rítmicas similares. Da mesma forma, comparou os Cabildos e Confrarias do Peru e Cuba com os Diablitos Negros (Colômbia) e Congos (Haiti).	Simone Pereira Carneiro
133	Almeida, Renato		O bumba-meu-boi e o 'boeuf-gras' francês	Série Documentos, CNFL, nº 34, 01.07.1948	---	BAA Nº 34 (01.07.1948)		Não	Sim	música, dança, festa, auto, bumba-meu-boi, reisado, festa de reis, literatura oral	Renato afirma que não há nenhuma correlação entre o bumba-meu-boi e o 'boeuf -gras' francês. São distintos possuindo funções diferentes	---	Sim	Não		Brasil/França	Ensaio e Pesquisa Bibliográfica		A partir de estudos do ensaísta pernambucando Artur Orlando, que defende a existência de origens francesas para o folguedo do bumba-meu-boi, Renato Almeida desenvolve uma argumentação contrária, sem, contudo, aprofundar as diferenças.	Simone Pereira Carneiro
134	Almeida, Renato		O bumba-meu-boi de Camassarí	Revista Cultura Política, RJ, 1942. (19):193-197	---	BAA F.545.1(8 14.2) A 447		Não	Sim	música, dança, festa, auto, bumba-meu-boi, reisado, festa de reis, literatura oral	Renato busca analisar o bumba baiano, ao mesmo tempo que defende um 'modelo padrão' nordestino.	---	Sim	Sim	1948	BA (Camassarí)	testemunho próprio	2 fotos preto/branco- a primeira é uma pracinha da cidade de Camassarí, e a segunda uma senhora vendendo quitutes na praça.	Renato Almeida analisa o Bumba dessa região e registra as diferenças com os outros bumbas da região nordestina. Fica surpreso com a presença do coro feminino, algo que ele nunca tinha visto antes. Por não seguir à risca um 'modelo' que o autor acredita, mas pouco aprofunda, o bumba de Camassarí não mereceu grandes méritos.	Simone Pereira Carneiro
135	Almeida, Renato		O samba carioca	Série Documentos, CNFL, nº 437, 05.12.1959	---	BAA nº 437 05/12/19 59		Não	Sim	conceito de folclore, música, dança, samba, escola de samba, sociedade/cordão carnavalesco	O autor questiona se as escolas de samba e suas músicas podem ser consideradas folclóricas.	---	Não	Sim	1959	Rio de Janeiro	pesquisa bibliográfica, testemunho próprio do autor		Renato Almeida não considera as escolas de samba como uma modalidade folclórica, pois não possuíam espontaneidade e improvisação. Para o autor, são sociedades recreativas e oficiais, com estatutos e regulamentos. Os enredos, escolhidos a partir de motivos históricos e de grandes personagens, devem ser considerados 'semi-eruditos', já que são impostos pelas autoridades que dirigem as escolas. Quanto à música de samba, Renato aposta no seu caráter popular, apesar de considerar que possui um 'determinado número de modalidades folclóricas'. Mas o samba, por não permanecer em seu 'estado puro', como uma moda de viola ou uma cantiga de Marujada, não pode ser revestido de uma categoria folclórica.	Simone Pereira Carneiro

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
136	Almeida, Renato		A América e Nacionalismo Musical	Ministério da Educação, n°1, 1948.	Separata da Revista: Cultura	Itamaraty (RJ) 415-2-13		Sim	Não	música, conceito de música brasileira, conceito de música latino-americana, conceito de música norte-americana, jazz, mestiço, negro, índio	O autor busca manter um diálogo entre as músicas latino-americanas (incluindo a brasileira) e norte-americana, procurando observar semelhanças, diferenças, originalidades e estilos. Deseja maior intercâmbio musical no sentido de ganhar força e estreitamento nos 'laços da unidade continental'.	divididos em 13 tópicos 1- unidade e diferenciação do espírito continental americano 2-expressões lírica das Américas 3- nacionalismo musical americano 4- qualidade nacional da música brasileira 5-formas musicais americanas 6- caminhos musicais na América 7-temas populares e instrumentos típicos 8- jazz 9-o assunto 10- o índio na música americana 11- a música nos Estados unidos 12- o difícil intercâmbio musical americano 13- a música do homem americano	Não	Não		Brasil, Estados Unidos e América Latina	Pesquisa Bibliográfica		Transitando do Canadá à Argentina, incluindo as Antilhas, Renato Almeida traça uma espécie de perfil musical latino-americano, cujo elemento diferencial de cada povo seria sua 'identidade espiritual'. Nos EUA, por exemplo, não houve mestiçagem, enquanto no Brasil teria ocorrido uma rápida procura pelo branqueamento. Em consonância com os estudos de Mário de Andrade, Renato Almeida afirma que houve duas formas musicais distintas nas Américas: enquanto na América do Norte nasceu uma música de caráter "coletivo", na América do Sul a forma foi 'solista e individualista'. Os protestantes, diferentemente dos católicos, organizaram-se em torno de 'comunidade', construindo a base de um coral coletivo. Renato Almeida revela uma profunda admiração por esse 'povo diferente', que tem no jazz sua maior riqueza musical. Sobre o papel do índio na música, o autor elenca um vastíssimo material de composições e sinfonias que abordam a temática indígena. Apenas no Brasil que não foi tão intensa a contribuição indígena. Para Renato Almeida, "o americanismo será sempre uma forma mestiçada com predomínio europeu". O autor defende a tese de que, para a música americana, a influência europeia foi predominante diante da cultura negra e indígena. No entanto, se há uma base europeia, é difícil defender a existência de um 'idioma musical' distintamente americano.	Simone Pereira Carneiro
137	Almeida, Renato		Formação moderna do Brasil - seguida de uma carta de Graça Aranha	Anuário do Brasil, RJ, 1923	livro dedicado à Rocha Pombo	BAA 301.17 (81) A 447		Sim	Não	conceito de nação	Renato analisa o porquê no processo de pós-independência colônias espanholas e portuguesas construíram destinos diferentes.	---	Não	Não			ensaio		Renato Almeida discute neste texto a questão 'nacional' brasileira. Busca entender a construção da 'unidade nacional' principalmente através de uma 'ordem psicológica', em detrimento dos motivos étnicos, políticos ou sociais. O autor mostra-se otimista em relação à produção de uma cultura imbuída de autonomia espiritual, que manteria o equilíbrio entre 'estado e nação', a proteção oficial e iniciativa particular. O rumo ao desenvolvimento deveria mirar-se no exemplo do passado, nos 'destemidos corajosos' homens colonizadores. A carta de Graça Aranha discorda da perspectiva de se antecipar à colonização um sentimento que só posteriormente seria produzido. Houve mais uma obra política do estado, no caso a monarquia lusitana, do que propriamente um sentimento psicológico.	Simone Pereira Carneiro
138	Ribeiro, João	-	O Folclore	Organização Simoes e Editora CDFB-MEC, Coleção Folclore Brasileiro, v.1, 1969.	A 1ª edição é de 1919, tendo também uma publicação nos Anais da Biblioteca Nacional.	UFF - BCG 398 R484	João Ribeiro de Andrade Fernandes nasceu em Sergipe em 1860 e faleceu no Rio de Janeiro em 1934. Como linguista e historiador, o autor escreveu também "o elemento negro", "curiosidades verbais" e outros.	Sim	Não	conceito de folclore, conceito de folclore infantil, literatura popular, música, dança, cururu, ciriri, literatura oral, expressão, adivinha, superstição, mito, fábula, lenda, apólogo, provérbio, ditado, anedota, jogo, jogo do pega, jogo do dedo mindinho, jogo de filar cigarros	----	-Introdução -O Folclore - A psicologia étnica - A fábula da festa no céu A festa no céu [b] -As fábulas -Metamorfose-Licantropia - Jogos de Folclore infantil -O vilão do cabo - Variantes brasileiras -A história da baratinha - A mesma história - Conclusão -Etiologia - Breve nota às pegadas satíricas infantis - Mitos de origem verbal - Intermezzo: Folclore infantil - Sobre um tema de medida popular - Excurso a propósito da medicina popular - Uma fórmula popular - As superstições dos sonhos. - Livro dos sonhos - Folclore infantil "ex-libris" nas escolas - As superstições - A mesma superstições - Ainda as crianças - Poesia popular - Intermezzo do folclore infantil - Amanhã é domingo - Os problemas populares - As idéias religiosas - Um culto proto histórico - A adivinha é uma das formas cariocas mais ingênuas da literatura popular - Intermezzo do folclore infantil - Cururu e Ciriri - Transformações de espécies folclóricas - Excurso: O Folclore bairrista - A mulher Porfiosa- origens de uma história popular - Rimas e facécias infantis - Um tema de literatura comparada - Folclore infantil: História do embaixador - O Judeu errante - Fábula e Provérbio	Sim	Não	-	-	Testemunho próprio, pesquisa bibliográfica e de fontes	Partitura da cantiga " A Bela Maridada"	O livro tem com base, um curso ministrado pelo autor com o apoio da Biblioteca Nacional, em 1913. O curso foi dividido em: a) O Folclore: métodos de pesquisa. A língua e a literatura popular; b) A novelística nas suas formas literárias; c) Fábulas e histórias de animais: Apólogos; d) Os mitos; Crendices, superstições e práticas religiosas; f) O romance; g) Síntese geral do Folclore. Como estas conferências não foram escritas, o livro é formado por apontamentos. Citando autores como Wundt e adotando conceitos da psicologia alemã, João Ribeiro, propõe um folclore como "ciência humanística", que não se resume a coleta de dados, propondo também interpretações. Sobre a temática da primeira conferência, o autor investiga a origem de "ditados populares" e explica, em texto breve, a paremiologia, que é o estudo dos provérbios. Sobre a novelística, o autor propõe uma análise comparativa de trechos de poetas portugueses, espanhóis e outros, além de analisar a origem de lendas como a do Judeu Errante. No que diz respeito às fábulas e apólogos, o autor faz um estudo sobre: " A Festa no Céu", " A História da Baratinha", " A Fábula do Cão e do Gato" e " A Morte do Galo" João Ribeiro apresenta diferentes versões destas fábulas na Europa e Ásia, explicando as suas origens. O livro analisa a preocupação destas histórias com as metamorfoses dos animais. Estas preocupações são, para o autor, fruto da confusão que fazia-se entre as coisas e os homens. Ao tratar dos mitos, Ribeiro explica os mitos de origem verbal, que são aqueles "que nascem da sonoridade dos nomes, independentes da ideação primitiva". Um exemplo é a idéia de que abacate tem propriedade afrodisíaca. Esta concepção é explicada ao analisar a sonoridade da palavra, que se confunde com ABA CATU em tupi, que significa " Homem viril". Dentro desta mesma temática, também são estudados os vocábulos da medicina popular que são geralmente fruto de misturas linguísticas. Sobre a quinta conferência, Ribeiro transcreve um "Cururu" e um "ciriri" registrados por Schmidt. E também estuda a origem da religião, explicando que a "crença em entes superiores, invisíveis e onipotentes" são fruto da dificuldade humana de explicar a natureza. O autor apresenta diversas crenças resultantes de lendas ou de "fraudes ingênuas", como a crença no poder dos números e das plantas. Apesar de não constar nos títulos das conferências, o folclore infantil é muito estudado pelo autor, que descreve diferentes jogos e suas respectivas versões na América, Europa e Ásia. São eles o jogo de "pega", as "advinhas", o "dedo mindinho", o "filar cigarros", as anedotas, o "quem vai ao vento", o "amanhã é domingo" e os "problemas populares". O autor chama a atenção para algumas características do folclore infantil, como a condensação de uma frase em uma palavra, e o deslocamento de fragmentos de uma cantiga para outra. Todos estes temas são apresentados em quarenta e quatro capítulos que não seguem a ordem das conferências.	Nivea Andrade
139	Duque-Estrada, Osório		Trovas populares- Conferência Literária	Typografia Moderna, Petrópolis - RJ, 1907. 38p	--	FBN (DIV. música) 784.481 D946 T		Sim	Não	música, dança, literatura oral, poesia, quadra, negro.	-	---	Sim	Sim	Primeira década do século XX	CE, PA e outros estados brasileiros não especificados.	Testemunho próprio	Fotografia do autor	Duque-Estrada inicia sua conferência declarando que objetiva mais o entretenimento dos ouvintes. Para um trabalho mais "científico", deve-se buscar Silvío Romero. Informa que há muito material para o estudo das três "raças" formadoras da "nossa nacionalidade": o índio, o branco e o negro. Para o autor, da fusão destas três raças, nasce o mestiço e toda uma "produção intelectual e afetiva" que herdou do branco a língua portuguesa, embora o clima tivesse transformado os cantos portugueses. O autor fornece diferentes exemplos, sem títulos, de "poesias populares brasileiras". São apresentadas como um "monumento literário do mais alto valor, que pode refletir diretamente a alma do povo". Sendo vasta (quadradas, desafios, reitados...) esta poesia, o autor opta por trabalhar com versos gerais, que são "quadras simples", geralmente acompanhadas de viola e dança, servindo para o samba, chibab e cateretê. Citando Silvío Romero, o autor informa que esses versos irão variar de acordo com os três grupos que formam as "populações diferentes" do país: os praiheiros, os matutos e os sertanejos. Duque-Estrada lembra a existência não só de trovas anônimas, como também de individuais, mas que "as massas se apoderaram". Um exemplo apresentado é o do "Rabicho da Geralda", a história de um boi "destemido", que vagava pelo Ceará. Elogiando os desafios por sua "beleza", "presteza" e "precisão de imagens", o autor verifica a existência de "máximas filosóficas", "sentenças morais" e "conceitos sobre a vida". Ao terminar, chama a atenção para os principais temas presentes na trova popular: a "mulher mestiça", a mulata, e à "ojeriza" ao negro.	Nivea Andrade

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
140	Motta, Leonardo		Violeiros do Norte-Poesia e linguagem do Sertão Nordestino	Companhia Gráfica-Editora Monteiro Lobato, SP, 1925	----	FBN (DIV. de música) 784.481 M921V		Sim	Não	música, literatura oral, superstição, fábula, poeta/ trovador		- Musa Matuta - "De rebus pluribus" - Na terra de Romero e Catingueira - Os bichos falam - Moralidade em facécias - A religião na poesia do povo - Os cangaceiros e o folclore - Superstições - Do sertão (Segunda série) - Modismo e Adagiário	Não	Sim	Década de 1910	Norte do Brasil	Testemunho próprio	Resenhas sobre o livro, assinadas por Osório Duque-Estrada, Humberto de Campos, Laudelino Freire, Tristão de Athayde, Mucio Leão, Viriato Corrêa, Ademar Tavares, Fernando Nery, Agrippino Grieco, Araújo Vilagan, Câmara Cascudo, Elcias Lopes, Juvenal Galeno, Aducto Fernandes, Manoel Miranda, Renato de Alencar, Genesio Gambarra, Bezerra Leite, Gilberto Freire, Raphael Corrêa, Augusto Costa, João Vasconcellos, Oscar Brandão, Carlos Garrido, Povina Cavalcanti, Manoel Loureiro, Clodomir Silva, Arthur de Salles, Pedro Calmon, Otávio Simoes, Gastão Guimarães, Epaninondas Castro, Carlos Xavier, Menotti del Picchia, Angelo Guido, João Ribeiro e Amadeu Amaral.	O autor se propõe a lutar "na defesa do sertão esquecido, do sertão ridicularizado, do sertão caluniado e só lembrado quando dele se quer o imposto nos tempos de paz ou o soldado nos tempos de guerra". O livro descreve encontros com diferentes cantadores que tratam de amor, de política, sobre os animais e sobre os cangaceiros. Além disso, o autor transcreve histórias de cunho moral e superstições. No final, o livro tem glossário regional.	Nívea Andrade
141	Gouveia, Daniel		Folk-Lore brasileiro	Empreza Graphica Editora Paulo, Pongetti e Cia, RJ, 1926.		BAA 3980g719		Sim	Não	conceito de folclore, conceito de folclore infantil, música, poesia, música infantil, cantiga de roda, quadras, santo, superstição, oração, adivinha, jogo, São Pedro, negro, português, índio		-Introdução-----p1 - Superstições-----p5 - Orações-----p85 - São Pedro-----p89 - Adivinhas-----p101	Sim	Sim	Início do século XX	Brasil	Testemunho Próprio bibliografia	-	O autor caracteriza o seu livro como isento de uma "classificação sistemática e faltando quase sempre um cunho científico" por significar apenas, os "primeiros passos" em um terreno ainda inexplorado. Porém, Daniel Gouveia demonstra uma preocupação em fugir das "fantasias" comuns a alguns folcloristas, procurando sempre buscar "a verdade". Na introdução, se dedica a apresentar o folclore infantil, justificando-se pela concepção de que as crianças são as maiores detentoras das "tradições de seus antepassados", mas informa que de todas as cantigas infantis, poucas têm "cunho genuinamente brasileiro", sendo estas, "mais raras". O autor se limita a descrever quadras e jogos infantis por considerar estes, "assuntos que devem ser tratados em livros especiais". O capítulo sobre superstições inicia com uma crítica aos folcloristas, que não dão a devida importância a estes estudos. Uma crítica especial é feita à Melo Moraes que apesar de tratar o tema com ênfase, confere aos ciganos o maior papel na formação das superstições brasileiras. Questionando esta afirmação, Daniel Gouveia informa que adere aos "que pensam devermos pouco ao índio, alguma coisa ao negro e muito ao português". Gouveia também critica os estudiosos caem no extremismo ao estudar as populações rurais, distorcendo a verdade para mostrar a inteligência do sertanejo, ou a sua estupidez. Por isso o autor enfatiza sua preocupação com a verdade, narrando diferentes interpretações dadas aos fenômenos da natureza e às superstições vulgares, concebidas como "aquelas que pelo seu uso constante são notadas e observadas diariamente". São 103 superstições explicadas e comparadas como versões existentes na Europa. O capítulo sobre orações transcreve nove orações pequenas, como por exemplo para acalmar a tempestade, preservar dos males etc. O capítulo terceiro analisa a imagem de São Pedro como um "inspetor" celeste, atribuindo esta imagem à amizade com Jesus Cristo. Daniel Gouveia narra algumas lendas sobre este santo, comparando versões brasileiras e européias. O último capítulo se refere as adivinhas, consideradas um "costume que remonta à mais alta antiguidade". O autor desenvolve este capítulo buscando semelhanças entre adivinhas brasileiras, hispânicas e francesas.	Nívea Andrade

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
142	Coelho, José Maria Vaz Pinto.	-	Cancioneiro Popular Brasileiro - Primeiro Volume: O império e as regências	Typografia Carioca, RJ, 1879	O segundo volume trata de 1840 até 1879	FBN- (DIV.música) AI 784-481 C672c	-	Sim	Não	música, literatura oral, hino, sátira, lundu	-	-Hino constitucional brasileiro -Hino Marcial - Independência ou morte - Independência ou Morte - Hino nacional brasileiro - Hino para o batalhão do imperador - Hino patriótico - Hino ao dia 2 de dezembro (1832) - Hino patriótico de 1833 - Hino da legalidade - Hino em regozijo da suspensão do tutor José Bonifácio - Hino do 2 de dezembro (1838) - Hino à maioridade - Hino barbacenense (1842) - Hino mineiro legalista - Hino acadêmico - Hino dos amantes do Brasil - D. Pedro e a Independência - Dísticos Marianenses - Quadras S. Joanenses - Quadras da Câmara em Villa-Rica - Soneto do padre Silvério do Parãopeba - Quadras Paulistanas - Dísticos Paulistanos - Uma quadra em Mondurucú - Nota às composições- D.Pedro e a Independência - Cantigas Sátiras e outros versos - Aos Andradas - Aos corifeus amantes da liberdade religiosa - Soneto de resposta ao precedente - Anúncio Constitucional - Ao Mártir da liberdade, o Dr. J.B> Badaró - Oitava imortal Badaró - Soneto - Ode ao 7 de abril d'abdicção - As armas - Ao 3 de maio - Ao Brasil - Aos eleitores de Sant'anna - A mesa paroquial de Santa Rita - O brasil não retrograda - Aso caramurus - Aos brasileiros - O Brasil quer a liberdade - O velho logrado - É teimoso - Foi de ajuste - À ele - Aos nossos tios papeletas - Letrinhas para rabecção - Viva D.Pedro I - Não chore a sucia desordeira - Enigmas de Lucas - É ode! É ode! - Dos caramurus na Cova - Potência quadrada - Os caranguejos - Os versos da S. Militar - O sinal da cruz do pai café - Que será do pobre sete - O sete e as pastas - O sete extraordinário - O cavaco dos correistas - Que ministros! Que ministros! - Nho-nho Quimquim e a sua aia - O lundu dos Cândidos - A água de Jove e o burro - O morcego e as do9ninhas - Bala do parto - Variante à de Frei Sem Vergonha - Ode ao aniversário do gloriosos dia 7 de setembro - Balofa Atrapalhação - Força de namoro e ... - Antão - Touros na praça - Ao cafre-garimpeiro - O padre Marinho - Notas finais	Sim	Não	RJ, MG,SP	pesquisa bibliográfica e de fontes	-	Este livro é uma compilação de hinos, sátiras e canções impressas de 1822 a 1840, tendo como tema a política no Brasil. Pinto Coelho informa, no prefácio, que não tem um objetivo partidário ao publicar este livro, e que apenas idealiza fornecer um "subsídio para história" do Brasil. O presente livro é visto, pelo autor, como uma manifestação do seu patriotismo e não como um posicionamento político. O autor faz breves notas, explicando o contexto histórico em que foram redigidos os hinos, as sátiras e as canções que, em sua maioria, fazem referência à tentativa de restaurar o trono de D.Pedro I no Brasil. São hinos de aclamação a D.Pedro II, sonetos criticando D.Pedro I, jornais satirizando uns aos outros etc. Concebendo a canção como "a linguagem clara e compreensível do povo", Pinto Coelho dedica uma parcela do livro (menor em relação aos hinos) a registrar versos, cantigas e sátiras. As principais fontes utilizadas pelo autor foram: Correio do Rio de Janeiro, Luz Brasileira, Pregoeiro Constitucional, Diário de Pernambuco, Diário do Governo, Catão, Cometa, Astro de Minas Gerais, Vigilante, Sete de Abril, Guarda Nacional Mineiro, Jornal dos Debates, Parahybuna, Unitário, Itacolunby, Universal de Ouro Preto e Correio de Minas. Além destas, foram transcritas quadras encontradas no pedestal da matriz de S.João d'El Rei, nos arcos de ruas de Mariana, na Rua do Carmo em São Paulo, no Arco da Sé, na praça da Constituição, nas Rua do Ouvidor e Direita, no Rio de Janeiro, e no Campo de Sant'ana.	Nivea Andrade	
143	Duque-Estrada, Osório.	-	Trovas do Norte	Anais da Biblioteca Nacional, 1923, p. 203-222	É uma conferência realizada em outubro de 1915.	FBN I-069,03, 01	-	Não	Sim	música, dança, literatura oral, poesia, negro	-	---	Não	Sim	Norte e nordeste do Brasil	Testemunho próprio	-	O autor inicia a conferência com uma crítica a Sylvio Romero por generalizar a mestiçagem para todo o Brasil. Para Duque-Estrada, há regiões como o Ceará, que sofrem pequena influência africana. O Ceará aparece então como uma região original. O autor descreve as atividades econômicas e culturais do Ceará, fruto do clima e das condições de vida. Osório Duque-Estrada termina sua conferência apresentando uma série de trovas de regiões diversas do Norte e Nordeste brasileiro. O autor informa que são trovas usadas como letras para sambas, chibas e cateretés.	Nivea Andrade	

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
144	Herscovits, Jean Milville		El estudio de lavrador musica negra en el hemisferio occidental	Boletim Latino Americano de Música, Montivideo, vol 5, outubro de 1941. p133-141.	O boletim pertence ao Instituto Americano de Musicologia	FBN (DIV. Música) 780.5 n* IV	Professor de música na Northwestern University (EUA)	Não	Sim	conceito de música negra, conceito de música africana, música, negro		---	Sim	Sim	Século XIX e XX (primeira metade)	EUA, África, Caribe, América Latina, principalmente o Brasil e o Caribe.	Slave Songs of the United States; Alexander Brook, intitulado "Matorral en Georgia". Tal quadro mostra uma paisagem miserável habitada por negros.	Existe uma foto de um quadro (oleo) de essa raça deixou nas Américas.	O autor pretende estudar a música negra, porque ele considera tal música a maior contribuição que essa raça deixou nas Américas. Essa contribuição foi tão forte que a música negra alcançou uma grande popularidade até mesmo entre os brancos "...dispués de lavrador Guerra Civil, y en forma más notoria en los últimos años, com lavrador divulgación de los blues y el desarrollo del jazz y swing..." (p.133) A música negra, nos dizeres do autor, levou muitos "...compositores blancos a tomar los valores estilísticos y las progresiones melódicas de lavrador música negra, como ocurrió..." (p.133), com autores como Dvorak, Powell e Gershwin. Porém a música negra continua sendo muito pouco estudada, já que apenas são estudados "...los cantos religiosos negros, los llamados spirituals, en la forma en que éstos están relacionados com lavrador música religiosa blanca..." (p.134). Herscovits também trabalha com visões acerca da origem da música negra. Segundo o autor, primeiro se acreditou "...que los cantos de los negros representaban el fluir de la angustia experimentada cuando se hablaban esos núcleos humanos bajo la esclavitud." (p.134). Depois, os musicólogos dos EUA acreditaram que para pesquisar as origens da música negra era necessário estudar a África e não as senzalas. A terceira linha de estudo sobre as origens veio a ser a predominante na década de 40. Deve-se ao professor Erich M. von Hornbostel a posição de que a música negra nos EUA não foi fruto do sofrimento do ser escravo ou do transplante da cultura africana para a América. Segundo esta linha, os negros "...desarrollado una verdadera música folklórica, que sin ser européica ni africana, es una expression del génio musical africano para la adaptación, que há surgido en el contacto com valores musicais extraños." (p.135). Herscovits considera que para realizar um estudo apurado da música negra no continente americano deve-se pesquisar muito mais do que somente a música religiosa negra, pois a música não religiosa também faz parte de nossa estrutura musical. Desse modo, faz-se necessário estudar o desenvolvimento da música negra em regiões de predominância ou presença da raça negra, como o Caribe, Guiana e Brasil, além dos EUA e África. Logo, para o autor, é necessário estudar toda é qualquer música negra. O autor considera importante, como método de pesquisa para os musicólogos, a gravação e coleta de músicas, como forma de poder comparar com outras regiões as várias mudanças ocorridas nas áreas de presença negra, tanto na África como nas Américas. Nesse sentido o autor coletou canções africanas e caribenhas, sem descreve-las. Desse trabalho de coleta o autor informa que poucas "... Canciones del Nuevo Mundo (...) Guayana, Haiti, Brasil y EUA, están totalmente libres de influencia europea. En lavrador musica de los negros de Suriname, o en algunas canciones de culto de Haiti, pueden encontrarse melodias y ritmos africanos puros, pero éstos son excepciones." (p.140).	Leonardo da Costa Ferreira
145	Magalhães, Celso de;		A Poesia Popular no Maranhão, São Luís - MA, 1966, 95p.	Departamento de Cultura do Maranhão - em "O Trabalho" de Recife de 1873 e em "O Domingo", o primeiro dirigido por Antonio de Souza Pinto e Generino dos Santos, já o segundo por Arthur Azevedo.	A primeira edição foi publicada em "O Trabalho" de Recife de 1873 e em "O Domingo", "O País", "O Tempo de São Luís", "Jornal do Recife", "Correio Pernambucano" e "Oiteiro Acadêmico"	BAA .851 (81) M188	Nasceu no Maranhão, em 1849 e faleceu em São Luís, em 1879. Formou-se em direito no Recife, colaborando com os seguintes jornais "O Domingo", "Seminário Maranhense", "O País", "O Tempo de São Luís", "Jornal do Recife", "Correio Pernambucano" e "Oiteiro Acadêmico"	Sim	Não	conceito de poesia popular, conceito de poesia brasileira, literatura oral, poesia		---	Sim	Não	-	-	Testemunho próprio do autor	Entre as páginas 36-41, existem três pequenos romances portugueses relacionados, que são: D Martinha de Avisado, Gerinaldo, Noiva Roubada e dos Alferes e Romeirinha. O romance de D Martinha apresenta a variante lusitana e brasileira, onde o autor pretende provar que a miscigenação no Brasil trouxe mudanças nas letras desses pequenos romances. Nas páginas: 44-45, existe a transcrição de um romance chamado "Benal Francês" na versão lusitana e brasileira. Nas páginas 49-52, transcreve-se quatro romances, Conde Alberto, Conde de Alemanha, D Carlos de Montealbar e Passo de Roncesval. Na página 60, o conto do Jesus Mendigo, já nas páginas 61-62, o romance da Madrastra, versão colonial e metropolitana e nas páginas 76-78 o romance Juliana. A fonte dos romances é o livro de Th. Braga; "História da Literatura Portuguesa" - séculos XVI - XVII.	Neste livro, Magalhães pretende provar que a poesia popular do Brasil não possui caráter nacional, em virtude de seu desenvolvimento histórico e da relação entre as três raças. Magalhães se recente da sociedade colonial não ter copiado ou transplantado para o Brasil, o melhor da Europa do século XVI, ou seja, a Renascença, Reforma e etc. Deste modo, segundo o autor, o período da colonização só trouxe matança de indígenas, escravidão e falta de progresso técnico, em virtude da "... fraqueza da raça conquistadora (...) da educação dos frades, e da má qualidade da gente que Portugal exportava, por tudo isso o Brasil ficou estacionário..." (p.32). O cruzamento de índios e brancos com negros, segundo o autor, não trouxe bem algum, ao contrário "Deturpou a poesia, a dança e a música" (p.32); o maior exemplo seria a Bahia, onde "Os bailados, os bandos de São Gonçalo, os sambas, os maracatus, as cantigas, tudo é agregado de saltos e pulos trejeiros e macaquices, gritos roucos e vozes ásperas, um espetáculo de causar vergonha aos habitantes de uma cidade civilizada." (p.32). Logo, a poesia popular brasileira não tem uma identidade nacional poética no povo, porque este transplantou da metrópole para a colônia, seus romances, suas lendas e suas cantigas, com algumas graves mudanças, em virtude da miscigenação. Por fim, o autor se recente "... do povo que aceita a influência de outro, a sua religião, o seu direito, língua e tradições." (p.53).	Leonardo da Costa Ferreira
146	Veríssimo, José		Tradições, Crenças e superstições Amazônicas	Revista Amazônica, TYP do Livro do comércio, parte I = p.205-214 e parte II = p.5-11, Pará, 1883-1884.		FBN II-031.02 ,02		Não	Sim	dança, festa, literatura oral, santo, lenda, lenda do bôto, lenda de jurupira, lenda do matintapêre, festas do Saíre, festa do Divino Espírito Santo			Sim	Sim	Segunda metade do século XIX	Amazônia	Testemunho próprio do autor		Em seu artigo, Veríssimo descreve algumas lendas e festas populares da Amazônia, ressaltando sempre o caráter pouco religioso, em relação ao catolicismo oficial, das manifestações culturais dos habitantes desta região. Dentre as várias lendas da região, o autor destaca a do boto, jurupari e matintaperê. O jurupari seria um demônio evocado pelos pajés, que apavora as populações ribeirinhas, quando estas não obedeciam os mandos dos pajés. O matintaperê seria um duende "... de uma perna só, que não avacua, nem urina, sendo escravo de uma horrível velha, a quem acompanhava nas noites de porta em porta a pedir tabaco." (Tomo I, p.206). O matintaperê também pode ser um feitiçeiro, que possui uma flauta que o faz voar. Quanto a lenda do boto, segundo Veríssimo a mais conhecida e universalizada do mundo amazônico. O autor informa que a lenda caracteriza-se pelo fato de o boto "... aproveitar-se das ocasiões em que as mulheres se banhavam no rio para seduzi-las e goza-las {visto que o boto se} revestia nas formas de um mancebo gentil, vindo as vezes por noite alta partilhar das redes das virgens da floresta, não raro atribua-se ao boto a gravidez dessas virgens. (Tomo I, p.208). No tocante as festas, Veríssimo descreve a do Saíre e do Espírito Santo. Segundo o autor " O saíre é uma cerimônia religiosa e profana; entram nela reza e a dança. Ela {dança} consiste em passos curtos como o marcar - passo dos soldados (...) O canto é uma melodia triste, monótona e roca." (Tomo II, p.5) A festa do Espírito Santo é encenada em sítios, a margem de rios, por homens e mulheres que vagam pela floresta, e que se apresentam em troca de comida. Seu símbolo é uma coroa "...muito cheia de fitas, depois de beijada e de ter pousada num instante sobre a cabeça de cada um dos presentes (...) é colocada sobre uma mesa coberta com a melhor colcha do lugar, e em roda ascendem-lhes velas." (Tomo II, p.10). Durante todo o artigo Veríssimo ressalta que a existência dessas lendas e festas é a prova do caráter rústico e bárbaro dos costumes dos povos amazônicos, cuja continuidade só é explicada pela falta de uma instrução católica (oficial), que os livraria desse atraso.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
147	Batista, Francisco Chagas		Cantadores e Poetas Populares	Typografia da Popular Editora, PB, 1929	Chagas Batista é o próprio confeccionador deste livro.	BAA Res . 12 (813) B222		Sim	Não	conceito de música popular, conceito de poesia popular, música, literatura oral, poesia, repente, desafio		Agostino Nunes da Costap.3 Nicanoro Nunes da Costa.....p.6 Bernardo Nogueira.....p.30 Ugolino Nunes da Costa.....p.46 Francisco Romano.....p.57 Germano da Lagôa.....p.75 Manoel Cabeceira.....p.88 Silvino Pirauá Lima.....p.96 Leandro Gomes de Barros.....p.114 Joaquim Francisco Santa Ana..p.143 Antonio Batista Guedes.....p.150 Manoel Vieira do Paraíso.....p.167 João Melchhiades F. da Silva.....p.176 José Galdino da Silva Duda.....p.195 Antonio Ferreira da Cruz.....p.209 Romano Elias da Paz.....p.222 Antonio Corrêa Bastos.....p.242 Pelino Guédes.....p.246	Sim	Sim	Segunda metade do século XIX e século XX (até a década de trinta).	Nodeste, principalmente o Ceará e a Paraíba.	Testemunho próprio	O livro apresenta 4 fotos: de Chagas Batista, Leandro Gomes de Barros, João Melchhiades e Romano Elias da Paz. Existem cerca de 30 cantigas, poemas e principalmente desafios, que fazem parte da obra dos poetas e cantadores estudados.	Francisco Batista pretende documentar os desafios (versos ditos de improviso) e a vida de poetas populares nordestinos, no intuito de prestar-lhes uma homenagem. Batista considera todos esses poetas ou cantadores como membros do nosso folclore, porém, nesse ponto, não problematiza e/ou analisa o que seria o folclore, porque se considera "...pouco familiarizado com as modernas correntes literárias..." (p.1), que analisam e discutem o que seria folclore. Vale lembrar que o autor não informa qual é essa "corrente literária", porém dá pistas sobre quem seriam seus participantes (ver último parágrafo). No seu livro, Batista apresenta vários desafios, ao estilo dos repentistas atuais, e comentários sobre a vida desses cantadores e poetas ou "...simples notícias bibliográficas de cada cantor..."(p.2). Segundo o autor, os maiores de todos esses poetas foram Nicandro Nunes da Costa e Agostino Nunes da Costa, que conseguiram criar versos das mais inusitadas situações. De acordo com o autor, as obras fundamentais para o estudos do folclore brasileiro, seriam: "Ao Som da Viola", "Cantadores", "Violeiros do Norte" e "Cancioneiro do Norte", de Gustavo Barroso, Leonardo Motta e Rodrigues de Carvalho, respectivamente..	Leonardo da Costa Ferreira
148	Barreto, Ceição de Barros		Cantigas de Quando eu Era Pequenina..	Livraria Pimenta Mello, RJ, 1930. 67p.	Houve a contribuição do desenhista Correia Dias e do poeta Olegário Mariano	BAA .732 (813.4) B273	A autora é professora de música da Escola Normal Oficial de Pernambuco.	Sim	Não	conceito de música brasileira, conceito de música infantil, música, dança, cantiga de roda		prefácio.....p.3 advertência...p.5 Xô, xô, papão...p.10 Ó ciranda, ó cirandinha...p.12 Senhora Dona Sancha...p.14 Lá na ponte da vinhaça...p.18 Carrilhão.....p.22 Sapo cururú.....p.24 Terezinha de Jesus.....p.26 Marcha soldado.....p.28 Ande na roda...p.32 Oh! Senhora viúva...p.36 O velho foi a missa...p.40 Mandei fazer um balaio...p.44 Mamãe, meu menino.....p.48 João ba - la - lã.....p.52 Quando eu era pequenino....p.56 notulas.....p.61 observação.....p.65	Sim	Sim	Início do século XX	-	Testemunho próprio	O livro possui 25 desenhos de Correias Dias, que ilustram as cantigas. Exemplos, a cantiga "Sapo cururú" apresenta o desenho de um sapo, já a cantiga "Marcha Soldado", o desenho de um soldado e etc. Também existem 15 cantigas e suas partituras, em geral de ninar, de brincar e de roda.	Neste livro Ceição de Barros pretende "...impedir (...) que melodias tão singelamente encantadores, algumas, verdadeiras jóias de nosso folclore musical, percam-se no esquecimento, como também contribuir, de algum modo, para o desenvolvimento da música brasileira, cuja formação se acha tão pouco definida." (p.5). Ceição de Barros ainda deseja que seu livro incentive o ensino de música infantil nas escolas e centros de música brasileira, afim de que possa aumentar a contribuição "...para a educação rítmica e o desenvolvimento do sentimento estético." (p.7). A sua atenção dirige-se para cantigas de roda, de brincar e de ninar.	Leonardo da Costa Ferreira
149	Romero, Sílvio;		Novas Contribuições para o Estudo do Folclore Brasileiro - Parte III	Revista da Academia Brasileira de Letras, vol 4, janeiro de 1912. p.57-69.	Revista trimestral	FCRB Rev. ABL 36/40.	-	Não	Sim	conceito de música popular, conceito de poesia popular, música, dança, festa, jogo, literatura oral, modinha, reisado, folguedo das Belas frutinhas, reisado O engenho, dança da Faisca, jogo da Traça, jogo do Maracujá, dança da Sereia, dança do Ferreiro, dança da Geraldina		---	Sim	Sim	Século XIX	Rio de Janeiro e Sergipe	Testemunho Próprio do autor	Transcrição de oito músicas de folguedos, jogos ou danças populares.	Neste artigo, Sílvio Romero pretende comprovar, através da análise de alguns folguedos por ele coletados na cidade do Rio de Janeiro e no estado do Sergipe (não informa data), que as nossas músicas e danças encontram-se tão unidas entre os populares, que torna impossível estudá-los em separado. Nas palavras do próprio autor nossa "... música e dança se entrelaçam por tal modo, que muitas vezes é impossível dizer qual delas predomina." (p.57), nos folguedos populares. O autor, pretendendo comprovar sua hipótese, coletou alguns folguedos, como o jogo ou folguedo da "Traça", o jogo ou brinquedo do "Maracujá", a dança da "Sereia", o folguedo "Belas Frutinhas", um reisado intitulado "O Engenho", a dança da "Faisca", a dança do "Ferreiro" e a dança da "Geraldina". De acordo com Romero, o que os folguedos de natureza tão diferentes teriam em comum seria a união entre a dança e a música. Sílvio Romero descreve todos os folguedos e danças, indicados nos parágrafos acima, destacando-se seus comentários sobre o vestuário, os passos (dança) e versos musicais das festas. No final do artigo, o autor tece comentários depreciativos sobre a modinha e sobre aqueles (não informa quem) que a consideram fruto de nosso lirismo popular e culto. Segundo Romero " As modinhas, ainda que interessantes, não são (...) genuína poesia popular." (p.69), porque tem uma origem puramente literária. Para nosso autor "A forma mais rica da poesia popular são os romances (...) orações, reisados e cheganças..." (p.68).	Leonardo da Costa Ferreira
150	Romero, Sílvio		Novas contribuições para o Estudo do Folclore Brasileiro - Parte II	Revista da Academia Brasileira de Letras, vol 2, abril de 1911. p. 292-305.	Revista Trimestral	FCRB Rev ABL 36/40.	-	Não	Sim	conceito de folclore, música		---	Sim	Sim	Século XIX	Brasil, especialmente os estados de Pernambuco, Rio de Janeiro, Ceará. Além da região sul do país.	Testemunho próprio do autor	sete quadras e canções de caráter político, sobre: a independência, revolta pernambucana de 1824, Pedro II e os primeiros presidentes militares.	Neste artigo, Romero procura mostrar que o nosso folclore não apresenta criações relativas aos acontecimentos de nossa história política, ou seja, Romero percebe uma "... Falta (...) no cancionário brasileiro, de simples referências aos mais notáveis fatos de nossa história social e política e aos seus homens representativos, mais eminentes." (p.293). O autor, nos informa, só ter encontrado duas canções com referência política: uma relativa aos Figueira da revolução de 1824 em Pernambuco e outra à independência em 1822. Romero também encontrou três quadrinhas sobre Pedro II e uam sobre Deodoro e Floriano. Nada se produziu sobre "...as façanhas dos bandeirantes, as guerras dos holandeses e franceses, dos espanhóis no sul, as lutas dos Mascates e Emboabas, as cenas da mineiração, a independência, as guerras da Cisplatina, da prata e Paraguai." (p.294). Para o autor essa falta da política em nosso folclore [é explicado da seguinte forma: "Desde os primeiros tempos da constituição de nossas populações (...) estas se viram sempre segregadas em grupos, esparsas e separadas em si. Circunstância esta já por si suficiente para dificultar a formação de uma forte consciência coletiva, um vivaz sentimento de nacionalidade. Não foi só isso: Uma administração compressora habituou o nsoo povo, desde suas origens, a considerar com maus olhos a sua governança e tudo que com ela se relaciona. Os chamados aspectos políticos não podiam escapar a esse desprestígio, a essa falta de simpatia." (p.304).	Leonardo da Costa Ferreira
151	Brasil, Antônio Americano do;		Cancioneiro de Trovas do Brasil Central	Editora Oriente, GO, 1973. 280p.	Primeira edição do ano de 1925.	BAA RES. 784.4 (817) B823c	Viveu entre 1892-1932, tendo sido professor, folclorista, poeta (publicou "Súmula da História de Goiás"), jornalista (escrevia na revista "A Informação Goiana"), médico (entre 1918-1921), secretário de estado do governo de Goiás (exerceu o cargo na "Secretária de Estado dos Negócios do Interior e Justiça de Goiás") e deputado federal entre os anos de 1921-1923.	Sim	Não	música, dança, festa, literatura oral, poesia, desafio, modas, décima, trova, bumba-meu-boi, festa de reis, reisado, batatão, marimbondo, congado, congada, caruru, batuque, cana-verde, dança dos velhos.		prefácio.....p.1 Primeira Parte: abecês.....p.11 décimas.....p.51 desafios.....p.65 modas.....p.107 Segunda Parte: a saudade, o amor e o casamento na poesia popular.....p.131 o boi e a poesia popular.....p.158 o humorismo na poesia popular.....p.188 a cahaça na poesia popular.....p.197 Terceira parte: quadrinhas e trovas.....p.205 Quarta parte: Danças populares, antigas e atuais, dos sertões goianos....p.257	Não	Sim	Séculos XIX e início do século XX	Planalto central, principalmente o interior ou sertão de Goiás	Testemunho próprio do autor	4 décimas, 7 desafios, 46 poesias, 1 quadra ou trova e 27 danças populares, além de 3 fotos do autor.	O livro está dividido em quatro partes. A primeira (p.11-127) contém décimas, desafios e modas; a segunda parte (p.131-202) possui poesias populares; já a terceira parte (p.205-257), uma trova sem título, e a quarta parte (p.257-280) apresenta as danças populares dos sertões goianos. O autor durante todo o texto procura apresentar uma visão bastante imparcial sobre essas trovas, modas, poesias e danças. Na primeira parte, Antonio Americano Brasil transcreve décimas, desafios e modas por ele coletados, cujos temas (amor, desilusão, desprezo, ingratidão e morte), se expressam através de personagens caricatos. Na segunda parte, o autor retrata, via poesia popular, vários outros temas como a saudade, o casamento, o amor, o boi - bumbá, o humor e o alcoolismo. Deve-se ressaltar que todas as poesias tem como "pano de fundo" cenas típicas do Brasil rural, como a dependência ou subserviência pessoal e/ou relações paternalistas, as brigas entre famílias e casais, a miséria e a pobreza. Na última parte de seu livro, o autor descreve vinte e sete danças populares, destacando-se entre outras as danças do "batatão", do "marimbondo", do "congado", do "caruru", do "tapuio", do "moçambique", do "tatu", dos "coatis", do "boi", do "batuque", da "cana verde" e dos "velhos". Não há preocupação com o estabelecimento das origens.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
152	Albuquerque, Luís Tenório Cavalcanti;	Julio Campina	Subsídio ao Folclore Brasileiro	Editado pela Imprensa Universitária da UFAL, AL, 1977, 82p.	A primeira edição é de 1897.	BAA Res. 800 (810) C 196s	Luís albuquerque (Julio Campina) estudou em 1883 no colégio "Bom Jesus", em Maceio, então dirigido pelo prof. Francisco Domingues da Silva. No ano seguinte foi para o colégio "Sete de Setembro", também em Maceio. Segundo Théo Brandão é tudo que se sabe sobre o autor.	Sim	Não	conceito de folclore, música, literatura oral, poesia, anedota, lenda, conto, ditado	-	Primeira Parte: anedotas sobre caboclos (Alagoas e Pernambuco).....p.1 Segunda Parte: contos, lendas e anedotas diversas.....p.29 Terceira Parte: cantos populares.....p.63 Descrição:.....p.75 Breve Observação:.....p.81 Posfácio (Théo Brandão).....s/p	Sim	Sim	segunda metade do século XIX	Alagoas e Pernambuco	Testemunho próprio	Possui 36 anedotas de caboclo, 17 lendas e contos (sentido de história) populares, além de 3 cantos (sentido de música) populares sobre o povo do sertão. Todas apresentam títulos, porém sem mostrar a autoria.	O livro de Luís T. Albuquerque foi produzido com base em viagens que o autor realizou (não informa o período) pelo sertão nordestino. De acordo com o autor, as poesias foram publicadas "... do modo como são ditas pelo povo; e as anedotas e contos narrados da mesma forma." (p.81). As anedotas, contos, cantos e lendas lembram cenas do cotidiano nordestino, como o servilismo, o paternalismo, a miséria, a fome e a seca. O autor não tece comentários depreciativos sobre os autores dessas poesias, cantos e contos, ao contrário, chega a elogiar sua capacidade de resignação. No final do livro existe uma parte muito interessante que não foi escrita por Albuquerque. Esta parte é o Posfácio, escrito por Théo Brandão, em 1977. Ali estão listadas as obras dos primeiros folcloristas brasileiros, que haviam se dedicado "... a recolher e a descrever aquilo que William John Thoms, a 22 de agosto de 1846, havia denominado de folk - lore." (p.83). De acordo com o posfácio de Brandão, o primeiro folclorista brasileiro foi Nicodemus de Souza Moreira Jobim, com a obra "Lenda anadiense (?) e tradição histórica", de 1871; o segundo, Celso de Magalhães, com a obra "A poesia popular brasileira", de 1872; o terceiro, Couto de Magalhães, com a obra "O Selvagem", de 1876; o quarto seria de Pedro Paulino da Fonseca, com o artigo "A Cruz das Almas: lenda alagoana", de 1881. Segundo Brandão, o folclorista Luís Albuquerque foi "...o primeiro alagoano e o quinto brasileiro a reunir em volume um estudo sobre folclore e seria facilmente o quarto se excluíssemos o nome de Couto de Magalhães cuja obra não é apenas de folclore, mas de etnografia indígena brasileira." (p.86).	Leonardo da Costa Ferreira
153	Arinos, Afonso.	---	Lendas e tradições brasileiras	F.Briguiet e Cia. Editora, RJ, 1937. 2ed.	I edição é de 1917. O prefácio da 2ª edição é de Olavo Bilac.	FBN (DIV. música) 398 F825	O autor já havia falecido na 1 edição do livro. Arinos escreve outros livros como "A unidade da pátria", "Pelo Sertão", "Os jagunços" e outros.	Sim	Não	conceito de folclore, música, dança, festa, literatura oral, lenda, mito, superstição, santo, São João, Santo Antônio, Santa Maria, igreja	-	-Afonso Arinos -Lendas e Tradições brasileiras - As Amazonas e o seu rio, As Iaras. - O São Francisco e suas lendas; A Serra das Esmeraldas; As minas de prata; O caboclo d'água. - A capela da montanha, algumas igrejas do Brasil e suas tradições. - O culto de Maria nos costumes, na tradição e na história do Brasil. - Santos populares. Superstições, festas e danças. - Festas Tradicionais Brasileiras.	Sim	Sim	início do século XX	AM, SP, BA e MG	Testemunho próprio pesquisa bibliográfica	- Programa do 39º sarau realizado pela sociedade de cultura artística no Teatro Municipal de S.P., em 28 de dezembro de 1915.	O livro reúne textos de um curso que Arinos ministrou em 1915. Inicia com esclarecimentos sobre as definições dos termos: lenda, mito, folclore e tradição.O autor considera como lenda brasileira aquela que já traz consigo a cultura mestiça. Arinos apresenta mitos como o das Amazonas brasileiras e lendas sobre o Rio Amazonas e o Rio São Francisco, sobre o padre Anchieta, São João e Santo Antonio.Também narra histórias de igrejas, como a do Bonfim e da Freguesia do Ó, e de certas festas, como a do natal. Dentre as referências do livro, encontram-se: D. Carolina Michaelis, sobre as lendas portuguesas; Bernardo Guimarães, sobre as lendas afro-indígenas; e Abreu de Medeiros sobre "Curiosidades Brasileiras", datado de 1854.	Nivea Andrade.
154	Pereira da Costa, Francisco Augusto;	-	Vocabulário pernambucano	Secretária de Educação e Cultura, PE, 1976, 814p, 2ªed.	A primeira edição, de 1937, foi publicada pela Revista do IAHP	FBN IV-395,6, 4	Nasceu em Recife em 1851 e morreu, na mesma cidade em 1923. Foi sócio do IHGB e IAHP. Em 1889-91, foi membro do Conselho Municipal do Recife, também em 1891 bacharelou-se pela faculdade de Direito do Recife. No ano de 1901, fundou a Academia Pernambucana de Letras.	Sim	Não	literatura oral, música, expressão	-	-	Sim	Sim	Século XIX e XX (até década de 20)	PE	Testemunho próprio do autor e análise de fontes	-	Neste livro, Pereira da Costa pretende reunir e explicar expressões cotidianas (populares), pronunciadas nas ruas de Pernambuco. O presente livro possui mais de 1000 expressões, palavras e citações. Todas são acompanhadas de uma explicação do autor, em forma de verbete. Deve-se ressaltar, que na elaboração desses verbetes, Pereira da Costa faz uso de centenas de jornais, livros e revistas de Pernambuco, tais como: Lanterna Mágica, Jornal do Recife, Diário Pernambucano e A Pimenta. Essas milhares de expressões, palavras e citações referem-se a expressões do dia-a-dia da população (ex. "Cair na vida"- protistuir-se), ou a nomes de danças, músicas e festas (ex. maracatu), e bichos, plantas e árvores (ex. mandacaru).	Leonardo da Costa Ferreira
155	Macedo Soares, Antonio Joaquim de;	-	Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.	Intituto Nacional do Livro, RJ, 2volumes, 1954.	A primeira edição é de 1889, pelos Anais da Biblioteca Nacional.	FBN II - 282,7,24-25	Nasceu em 14/01/1838, na fazenda Bananal, distrito de Ponta Negra - RJ. Faleceu em 1905, na cidade do RJ. Macedo Soares, foi diretor da redação do "Correio Paulistano", entre os anos de 1861-74, também foi delegado, inpetor de ensino, juiz municipal e de orfãos, além de vereador em Araruama - RJ. Desempenhou outras funções, tais como: juiz de direito em Campo Largo (PR), Mar de Espanha (MG) e Cabo Frio (RJ). Formou-se desembargador da Corte de Apelação em 1890; e foi Ministro do STF entre 1891-1905; e sócio do IHGB.	Sim	Não	conceito de nação, literatura oral, expressão,índio, negro	-	-	Não	Sim	-	Brasil	Testemunho próprio do autor e análise de fontes	-	Neste livro, ou melhor dicionário, Macedo Soares pretende completar a construção da independência do Brasil em relação a Portugal, através da adaptação da língua escrita no Brasil à língua falada pelos brasileiros, ou seja, o autor pretende completar a nossa independência política pela "emancipação literária". Segundo o autor, "Já é tempo dos brasileiros escreverem o português que se fala no Brasil deixando de imitar o afrancesado que se escreve em Portugal." (p. XIV). Para conseguir fazer valer nossa "emancipação literária", o autor introduz neste dicionário, mais de 1000 africanismos e brasileirismos, ou seja, expressões, palavras e citações de origem afro-indo-lusitanas, tais como: arayué e bangoê.	Leonardo da Costa Ferreira
156	Correia, Viriato	-	Contos do Sertão	Livraria Garnier, RJ, s/d, 370p.	O livro foi dedicado a Medeiros e Albuquerque	FBN - 302,4,24	-	Sim	Não	????????	-	Terra Maldita-----p1 A Rita do vigário-----p135 A Besta-----p155 Cara a cara-----p169 A Florinda-----p183 A cobra preta-----p197 O aleijadinho-----p211 O Venâncio-----p221 João Quilombo-----p283 Pelo natal-----p303 O Guaribão-----p323 O Toiro-----p333 Façoas-----p343 A Cheia-----p359	Sim	Sim	Final do século XIX e início do século XX	Sertão Nordestino	Poeta autor	-	O livro de Viriato Correia é uma coletânea das principais crônicas, romances e contos produzidos pelo autor. Os contos, romances e crônicas são ambientados em pequenas cidades do sertão nordestino (principalmente os estados do Piauí, Ceará e Maranhão). Envolvem basicamente personagens populares, tais como: pescadores, roceiros, caxeiros, vendeiros, mulheres - prostitutas e esposas. Esses contos apresentam como tema central questões ligadas à morte, amor, saudade, casamento, relações de subserviência e paternalismo.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
157	Romero, Silvío;	-	Novas Contribuições Para o Estudo do Folk-Lore Brasileiro Parte I	Revista da Academia Brasileira de Letras, RJ, volume I, outubro de 1910, p.353-69.	Revista trimestral	FCRB Reve 36/40	-	Não	Sim	música, literatura oral, poesia, conto, quadra, mestiço, negro.	-	-	Sim	Sim	Século XIX	Brasil (PE, SE, RJ, SP, BA e região sul) e Uruguai, região limítrofe ao Brasil.	Testemunho próprio do autor	3 quadras (coletadas pelo autor em PE), com passagens em língua afro. 2 quadras (coletadas pelo autor na BA), em homenagem a S. Benedito e N. S. do Rosário. 1 canto de congo (coletado pelo autor - s/l) 2 contos de roda (um coletado pelo autor na fronteira do BR com o Uruguai, e o outro em SE). Romance, intitulado "O Caso João Alves Flor", recitado por um preto da fazenda de Sant-Ána do parahybuna - RJ. Este romance foi coletado pelo autor e destaca um caso de amor proibido.	Neste artigo, o autor trabalha de maneira muito superficial o que considera o "... mais interessante no estudo das criações populares que se poderia chamr de mestiçamento..." (p.353). Principalmente o mestiçamento presente na linguagem popular das quadras, contos e romances folclóricos. Deve-se considerar que, ao analisar a questão, Romero não tece comentários elogiosos ao mestiçamento, mas também não faz comentários explicitamente depreciativos. Para o autor, o mestiçamento não é um fenômeno dos tempos modernos, visto que, remota à antiguidade, mas é nas "terras modernamente povoadas" que o fenômeno se torna mais flagrante. De acordo com Romero, o primeiro brasileiro a estudar a questão do mestiçamento em nosso folclore foi Couto de Magalhães, que se preocupava em estudar a justaposição entre os versos tupis e portugueses nas poesias populares brasileiras. O autor considera importante os estudos de Magalhães, mas acha que, na questão do mestiçamento, a cultura africana seria muito mais importante que a dos indígenas, devido a maior presença de habitantes negros na população do Brasil. Para o nosso autor, os negros "... mantém suas festas, suas danças, seus costumes em verdadeiro estudo de flagrante mestiçamento com os outros elementos existentes na população do país." (p.356). Romero informa que os momentos onde melhor se fazia sentir a presença da cultura africana na questão do mestiçamento era na época das "... Ocasiones solenes das grandes festas da Igreja (...) e nos brinquedos ou jogos infantis (folguedos, como se diz em Sergipe)". (p.358). Um exemplo dado pelo próprio autor de um folguedo negro, onde se misturam cantos portugueses com dizeres africanos, era o da "Uma-duas-argolinhas", muito conhecido na cidade do RJ. Um aspecto interessante de seu artigo é quando o autor chama a atenção dos folcloristas paulistas (sem citar nomes) sobre um outro mestiçamento que poderia estar ocorrendo no país, o qual seria: entre italianos e brasileiros, em SP, e alemães e brasileiros, no sul.	Leonardo da Costa Ferreira
158	Motta, Leonardo;	-	Sertão Alegre.	Imprensa universitária do Ceará, 1965, 2ªed	A primeira edição é de 1928, terceira de 1968 e a quarta de 1976.	BAA .415M917	Raquel de Queiroz (autora do prefácio), informa que o autor foi advogado e folclorista.	Sim	Não	música, literatura oral, poesia, desafio, anedota, adivinha, romance, sertanejo	-	É uma listagem das poesias e desafios descritos pelo autor.	Sim	Sim	Final do século XIX e início do XX	Nordeste, principal mente o Ceará.	Testemunho próprio do autor	Dezenas de cantigas do folclore nordestino	O livro de Motta, chamado "Sertão Alegre", apresenta dezenas de cantigas do folclore nordestino. Tais cantigas, apesar de terem como tema algumas anedotas, adivinhas e temas do cotidiano, apresentam como "pano de fundo" a fome, a miséria, a seca, a exclusão social, e o banditismo social. A maioria de suas cantiga, romance e poesias foram coletadas durante viagens que o autor realizou pelo sertão nordestino. Segundo Raquel de Queiroz - autora do prefácio e organizadora desse material em livros, Motta "... Reproduzia o falar sertanejo, sem o deformar, sem o caricaturar, e ao mesmo tempo sem o corrigir, como o costuma fazer a maioria dos coletores de material popular." (p.10). Nas cantigas estão presentes personagens da história sertaneja nordestina. Tais como: Lampião e Sabino - cangaceiros; Feliciano Gonçalves Linoes - cantor; Padre Cícero - religioso; além de políticos e populares - vendedores, caxeiros, peões e etc. Enfim, é um livro importante porque apresenta e descreve através de poesias, desafios e cantigas, personagens reais da sociedade do sertão nordestino.	Leonardo da Costa Ferreira
159	Carvalho, José Rodrigo de;	-	Cancioneiro do Norte	MEC, Instituto Nacional do Livro, RJ, 1967. 416p - 3ªed.	1ªed (1903), 2ªed (1928)	BAA 784.4(813)C331c	Nasceu em 1867 no CE e morreu em 1935 em PE. Foi contador do Banco do Ceará e advogado, procurador e secretário geral do estado do CE. Presidiu a comissão de folclore no 1º congresso afro-brasileiro (Recife-PE), além do IAHP.	Sim	Não	conceito de folclore, música, dança, festa, literatura oral, santo, poesia, conto, bumba-meu-boi, côco, festa de São João, literatura infantil, caboclinho, carnaval, festa do mês de maio, embolada,reisado, cancionero	-	Louvação ao Cancioneiro do Norte-----p.7 Prefácio-----p.25 Poesias de diversas origens-----p107 Décimas e cantos-----p164 Notas sobre cantadores-----p335 Alma lírica-----p393 REFAZER O INDICE ESTÁ ERRADO, VER XEROX	Sim	Sim	século XIX	Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte.	Testemunho próprio do autor e análise de fontes	Dezenas de cantigas e desafios do folclore nordestino	O Cancioneiro do Norte teve a sua primeira publicação em Fortaleza, em 1903; e a segunda na Paraíba, em 1928. A terceira edição consultada comemora o centenário de nascimento de Carvalho. O livro está dividido em cinco partes. A parte mais importante é o prefácio, onde o autor faz uma análise não apenas da formação do folclore brasileiro, mas explica também diferentes manifestações por ele observadas e registradas. Dentre essas manifestações, encontramos o bumba-meu-boi, côcos, os festejos de São João, literatura infantil, caboclinhos, carnaval de rua, festas do mês de maio e a embolada. Nas poesias e contos registradas, a variedade de temas é impressionante: amor, sofrimento, natureza, guerra do Paraguai, negros, seca, cangaceirismo e vida nos seringais.	Leonardo da Costa Ferreira.

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
160	Andrade, Mário de;	-	Música, Doce Música	Livraria Martins editora, SP, 1963. 420p.	Organizada por Oneyda Alvarenga.	BAA .7 (81) A 553	-	Sim	Não	conceito de música brasileira, conceito de música norte-americana, conceito de música popular, conceito de música erudita, música, lundu, jazz, fado, negro, músico compositor	Ênfase temática	Parte 1.1) Música de Cabeça.....p 15 1-A música no Brasil.....p 17 2-Crítica do Gregoriano.....p 25 3-O amor em Dante e Beethoven.....p 39 4-Reação contra Wagner.....p 50 5-Terminologia musical.....p 56 6-O Thoremim.....p 60 Parte 1.1.1)Folclore.....p 65 7-O romance de veludo.....p 67 8-Lundu do escravo.....p 74 9-Influência portuguesa nas rodas infantis do Brasil.....p 81 10-Origens do fado.....p 95 11-Berimbau.....p 100 12-Dinamogenias políticas.....p 104 Parte 1.1)Música de Coração.....p 113 1- Marcelo Tupinambá.....p 115 2-Ernesto Nazaré.....p 121 3-Padre José Maurício.....p 131 4-Villa Lobos versus Villa Lobos (I a VII).....p 143 5-Henrique Oswald (obras sinfônicas).....p 165 6-Henrique Oswald.....p 168 7-Luciano Gallet: Canções Brasileiras.....p 171 8-Lourenço Fernandez (sonatina).....p 179 9-Camargo Guarnieri (sonatina).....p 182 10-J. Ferreira Prestes.....p 185 11-Germana Bittencourt.....p 188 Parte 1.2) Música de Pancadaria.....p 191 1-Contra as temporadas líricas (I a VII).....p 193 2-P.R.A.E (I a V).....p 207 3- Luta pelo sinfonismo (I a XIV).....p 219 4-Contra os comerciantes de música (I a VI).....p 248 5- O "Bolero" de Ravel.....p 259 6-O Pai da Xenia.....p 262 7-Amadorismo profissional.....p 265 8-O ditador e a música.....p 267 Parte 1.3) Novos Artigos.....p 271 1-As bachianas.....p 273 2-Música popular.....p 278 3-Música nacional.....p 283 4-Quarto	Sim	Séculos XIX e XX	Brasil, EUA, Europa, Africa e América do Sul.	Testemunho próprio do autor, análise de fontes, ensaio	Dezenas de desenhos (não especifica autor) de partituras e cantigas, a maioria sem referência dos autores.	O livro de Andrade é na verdade uma coletânea organizada por Oneyda Alvarenga nos anos sessenta. Alvarenga informa que o pedido de organização do livro foi feito pelo próprio Andrade, quando se encontrava próximo da morte. Deste modo, " Música, Doce Música" apresenta, segundo o autor "... Centenas de estudos, artigos, críticas e notas musicais que tenho publicado em revistas e diários" (Introdução). A obra esta dividida em duas partes. A primeira chama-se "Música, Doce música", indo das páginas 15 a 393. A segunda parte, chama-se "A Expressão musical nos EUA", indo das páginas 393 a 417. Esta parte, é uma conferência realizada por Andrade no Rio de Janeiro, em 12/12/1940, a convite do Instituto Brasil - EUA (IBEU). Sobre os EUA, o autor realiza um histórico da evolução da música norte - americana, desde a chegada do navio "Mayflower", em 1620, passando rapidamente pela contribuição negra, até chegar ao atual estágio da música norte - americana, que influencia todo o mundo com ritmos como o jazz. A primeira parte está dividida em quatro sub-partes. São elas: Música de cabeça, de coração, de pancadaria e novos artigos. Em música de cabeça, o autor analisa compositores eruditos europeus, entre eles Wagner, Dante e Beethoven - o mais citado. Também são analisados as influências das composições desses autores sobre a estrutura musical da civilização ocidental, na qual insere o Brasil. Ainda nesta parte, Andrade estuda algumas manifestações folclóricas do Brasil, com destaque para as afro - europeias (origens do fado e lundu do escravo). Nas outras partes, o autor reproduz artigos seus publicados em jornais (Diário de SP, O Estado de SP e Folha da Manhã), com destaque para o debate sobre a formação da música erudita, nacional/popular e/ou brasileira, além da descrição e análise de vida de vinte compositores brasileiros, tais como: Ernesto Nazaré, Chiquinha Gonzaga, Luciano Gallet, Camargo Guarnieri e Francisco Mignone.	Leonardo da Costa Ferreira	

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
161	Andrade, Mário de;	-	A Música do Brasil	Editora Guafira, SP, 1941. 79p	O livro foi escrito em 1939, porém é reeditado em 1965 com o seguinte título: Aspectos da Música Brasileira	BAA 60(81) A553	-	Sim	Não	conceito de música brasileira, conceito de música popular, conceito de música erudita, música, dança, festa, fandango, cavalhada, chegança de mouros, chegança de marujos, chegança de cristãos, lundu, modinha	1) Evolução Social da Música Parte I.....p 9 Parte II.....p 15 Parte III.....p 21 Parte IV.....p 27 Danças Dramáticas Iberoamericanas Cheganças.....p 43 Cristãos e Mouros.....p 49 Carvalhadas Dramáticas.....p 56 A Chegança de Mouros.....p 62 Barcas e Fandangos.....p 69 A Chegança de Marujos.....p 74	Sim	Sim	século XVI ao XX	Península Ibérica e Brasil.	Análise de fontes, ensaio	Um retrato de Andrade, desenhado por Portinari e algumas cantigas da "Nau Catarineta".	O livro de Andrade, está dividido em duas partes: A primeira, chama-se "Evolução social da música no Brasil". Já a segunda parte, intitula-se "Danças Dramáticas ibero- americanas". Na primeira parte, Andrade realiza um estudo sobre a história da música da colônia à república. A música, segundo o autor, durante a colônia era profundamente religiosa, porque era controlada pelos jesuítas. Para Andrade, a música jesuíta com o tempo passava "... a funcionar como elemento de religião, isto é, religião, proteção, união e defesa dos diversos indivíduos sociais que se juntavam sem lei nem rei neste ambiente." (p.21) O fim do período colonial, sacramentado pela independência, cria uma música que adquire um caráter amoroso e profano. Segundo o autor, esta música profana se manifesta com características de sensualidade sexual, através da modinha de salão e do melodrama. Para Andrade, a modinha foi uma manifestação restrita inicialmente ao lar e sem importância. Porém, é o melodrama que representará verdadeiramente a manifestação musical erudita do Império, fixando "entre nós" as orquestras de teatro, que terminavam com execuções de baíladões de polcas, valsas e mazurcas, rapidamente absorvidas pelos salões familiares. Deste modo, Andrade acredita que as orquestras brasileiras eram importadas, nada apresentando de nosso teatro popular (reisados, congos, cheganças e pastoris). O autor considera que nas primeiras décadas da república vai surgindo "...um novo estado de consciência coletivo [que começa] a se formar na evolução social de nossa música, a nacionalista" (p.30). Este processo será capitaneado por compositores e músicos, tais como Levi e Neponuceno, que irão nacionalizar, por meio da música popular, a música erudita de nossa nação, "...formando o tronco tradicional (...) da nacionalidade musical brasileira" (p.31). Neste momento, Vila Lobos abandonaria seu internacionalismo afrancesado, aproximando-se de Gallet, Lourenzo Fernandez, Francisco Braga, Barroso Neto, Mignone, Camargo Guarnieri, Frutuoso Viana e Radamés Gnatalli. Na segunda parte do livro, o autor analisa e descreve algumas danças que surgiram na região ibérica e foram trazidas para o Brasil - ainda colônia. Estas danças seriam: Cheganças, fandangos e cavalhadas. Para Andrade, a chegança "...era uma dessas formas musicais, como o fado ou o nosso lundu, indecisa, oscilando entre a dança e a canção solista" (p44). Segundo o autor, a chegança chegou ao país por intermédio dos portugueses, por volta do início do século XVI. Tal folguedo, caracteriza-se por ser uma teatralização de vitórias navais dos lusitanos sobre os mouros durante o processo de reconquista e apresenta vários nomes, tais como chegança de mouros, de cristãos, e de marujos. Andrade informa que as cavalhadas - no geral idênticas às cheganças eram festas realizadas pela nobreza, sempre que se comemorava "...um sucesso importante [vitória militar], casamento de príncipes, inaugurações de igrejas, aniversários de graúdos..." (p.60). O fandango, de acordo com o autor, seria uma espécie de chegança com um uso mais íntimo e generalizado no "povo brasileiro", caracterizando-se por apresentar um "...bom número de coreógrafos diferentes, até valsa (...), uma coreografia complicada, violenta, em que o dançarino parecia endemoniado, batendo os pés." (p.44-45)	Leonardo da Costa Ferreira	
162	Barroso, Gustavo	-	Ao som da viola	Departamento de Imprensa Nacional. RJ, 1949.592p	Edição "corrigida e aumentada" 1ed é de 1921	BCG 398.0981 2 b277	-	Sim	Não	literatura oral, música, dança, lenda, festa das janeiras, reisado, festa de reis, vaquejada, cangaço, congo, poesia, repente, desafio, fábula, superstição	- Duas palavras -Introdução aos ciclos sertanejos I - Folclore tradicional a) O ciclo dos bandeirantes b) O ciclo do natal c) O ciclo dos vaqueiros d) O ciclo heróico ou dos cangaceiros e) O ciclo dos caboclos f) poesias mnemônicas g) Antologia II- Folclore repentista a) Os desafios b) Trovas de amor e de amigo III- Histórias, fábulas, lendas e superstições a) Histórias b) fábulas c) lendas d) superstições	Sim	Sim	Primeiras décadas do século XX	Nordeste	Testemunho próprio	-	Este livro é baseado em artigos que o autor publicou no jornal do Comércio entre 1911 e 1912. Barroso propoe uma nova classificação para o folclore brasileiro, já que divisão baseada na contribuição de índios, negros e portugueses não dá conta da msitura cultural. Por isso o livro é dividido em ciclos temáticos, dentro dos quais, são descritas e analisadas canções poesias e lendas não publicadas. O autor preferiu não tratar das poesias que já haviam sido publicadas. Ao final de alguns capítulos, há uma relação de títulos de autos, poesias e canções sobre os temas tratados. Os ciclos são: dos bandeirantes, dos vaqueiros, do natal, ciclo heróico ou dos cangaceiros, e ciclo dos caboclos. O ciclo do natal é tido como exemplo de um ciclo bem deternado e engloba todas as manifestações relativas à este período. Nos últimos capítulos o autor se dedica a transcrever e analisar poesias populares, desafios, emboladas, fábulas e superstições.	Nivea Andrade	
163	Barroso, Gustavo	João do Norte	Terra de Sol - Natureza e Costumes do Norte	Livraria Francisco Alves, RJ 3 ed, 1930	1 edição: Janeiro, Benjamim de Quaila, 1912	BAA .085 (813.1) b277t	Pertence a academia brasileira	Sim	Não	literatura oral, música, escultura, mestiço	- Dedicatória - O meio - Os animais - O homem - a arte - A lenda	Não	Sim	Primeiras décadas do século XX	Norte	Testemunho próprio	- Fotografia do autor - Desenho das marcas de ferro no gado 9pg. 197 e 199)	O autor expoe as tend-ências que formam o "tipo exato brasileiro do Norte". Para isso descreve os aspectos naturais do sertão, enfatizando o contraste entre as duas estações: a da seca e o inverno. E é na luta com a natureza hostil, nos tempos de seca, que Barroso compreende o desenvolvimento da "inteligência e da coragem" do homem sertanejo. Mas este caráter é dado também, segundo o autor, pela mistura das raças indígena e portuguesa, pois no sertão "o negro é quase raro". Os animais também se transformam com a luta pela vida. Barroso descreve as aptidoes dos caes e cavalos do sertão, além do gado e do avoante, que é um pombo selvagem. Ao apresentar os "tipos dos sertão", Barroso relembra o pasador de gado e o condutor da boiada, que estão desaparecendo conforme o "progresso". Ouro "tipo" é o cangaceiro do Norte, homem "selvático e feroz", sendo assim por viver num meio nômade e desregado". Além de analisar sua postura, o autor narra diferentes histórias como a de Antônio Silvino. Gustavo Barroso descreve também o curandeiro, o vaqueiro e o sertanejo. Ao analisar a arte sertaneja através da arquitetura de suas casas e dos desenhos de ferro no gado, o autor constata a "fraca observação" da arte pelos sertanejos. Por fim, são ressaltados " dois aspectos do caráter do homem do sertão: a tenacidade na luta, quando o meio o hostiliza e procura esmaga-lo; o descuido, a indolência e a imprevidência de quem repousa de longa luta nos tempos bons." O texto também conta com pequenas estrofes de cantigas do sertão.	Nivea Andrade	
164	Pinto, Alexandre Gonçalves	-	O choro	Rio de Janeiro: Edição FUNARTE, 1978. MPB reedições 1.	Edição fac-similar de "O choro- reminiscências dos choroes antigos. RJ: Typografia Glória, 1936.	FBN- divisão de música 780.0920	Gonçalves Pinto era musicista. Tocava cavaquinho e violão, além de cantar modinhas. Era conhecido como "animal" no meio dos "choroes". Trabalhava como correio.	Sim	Não	música, festa, choro, modinha, polca, quadrilha, pagode, serenata, sociedade/cordão carnavalesco, clube carnavalesco, festa do Divino Espírito Santo, Bumba-meu-boi, reisado, festa de reis, músico compositor, musico instrumentista/tocador, musico cantor/cantador, negro, mulato		Sim	Sim	Fim do século XIX e início do XX	Rio de Janeiro	Testemunho próprio	Ilustração da capa da edição original - Carta de Catullo da Paixão Cearense para o autor Poesia de Catullo da Paixão Cearense: o Passado - Poesia de Marx Mar: O Perfil do animal - Poesia de Marx Mar: Fotografia de "choroes" em Paquetá Poema de Heitor da Silva: No silêncio da Noite - Poema de Heitor da Silva: Nas águas dormentes - Propaganda: Bonbons, balas e caramelos BUSI.	Em "O choro" Alexandre Pinto reúne suas lembranças referentes ao meio musical carioca do final do século XIX e início do XX. O autor faz pequenas biografias de mais de 4000 musicistas ligados ao choro e narra algumas situações como as festas, brigas, comidas... Além das breves biografias, Gonçalves Pinto dedica um espaço do seu livro à descrição de uma "quadrilha" comentando cada um dos passos da dança. Também analisa a polca, que considera " a única dança que encerra os nossos costumes, a única que tem brasilidade". Já a modinha, cantada pela maioria dos musicistas citados, é exaltada pelo autor, como a "poesia que diz infinitudes de coisas, da vida real, em todo o seu esplendor transitório". Há no livro a transcrição da letra da modinha "Um dia louco" e também de uma quadra da Festa do divino, marcante na infância do autor. A maior parte do livro é realmente dedicada ao relato dos instrumentistas e cantores de choro.		

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador	
165	Melo Morais Filho		Serenatas e Saraus	Garnier, RJ, 1901, 1*ed. 3 vols, 300p - 287p - 288p		FBN (DIV. Música) 784.481 M827s		Sim	Não	Serenatas, modinhas, recitativos e baçarolas		IREI PROCURAR	Sim	Não	Séculos XVIII e XIX	Piauí, Lisboa e Rio de Janeiro	Pesquisa bibliográfica e testemunho pessoal		"O Bem - Te - Vi ", poesia de Melo Morais Filho e música de Miguel Pertana, p.18, vol 3 / " No meu rosto ninguém vê ", música de Santa Rosa, p. 19-20, vol 3 / " O fatal segredo ", poesia e música de Elias Alvares Lobo, p. 21-22, vol 3 / " A Borboleta do Natal ", sem autor e data, p. 196, vol 1.	A obra constitui-se em três volumes, todos com prefácios feitos por Melo Morais Filho. Serenatas e Saraus é uma ampla ampliação da publicação "Cantora Brasileira" editada pela B.2 Garnier em 1878. Há canções, melodias, modinhas que eram cantadas no Brasil Colonial e na Metrópole. O primeiro volume divide-se em três partes. Na primeira parte encontramos a descrição dos Bailes pastoris. Esta tradição, segundo Morais, ainda representada na Bahia, é exibida no período do natal, e tem a sua origem em Portugal. A segunda parte consiste na publicação de reisados que acontecem em quase todo o norte. Os reisados são representações propriamente "nossas" ("mestiças") contendo sapateados, côcos, fandangos, sólos. Os bailes e os reisados são saraus do natal nas moradias da boa burguesia e nas casas pobres das populações nortistas. Além de reisados, esta parte da obra trata, também, das cheganças. Os fogaréus são regados a serenatas que 'consagram as três raças' e "resguardam" a tradição medieval entre cristãos e saracenos. A última parte deste volume traz a toa canções de Domingos Caldas Barbosa, mulato brasileiro que espalhou o seu litismo no início do século XIX, pelos saraus de Lisboa. O segundo volume desta obra compreende recitativos, cejas cômicas, modernos tangos, monólogos, cançonetas, versos que abordam questões ligadas ao amor. No terceiro volume encontramos a publicação de hinos (bélicos, acadêmicos), modinhas e lundus. Sobre hinos, Melo Moaris Filho, faz um breve panorama da trajetória dos hinos pela história da França e a influência das circunstâncias políticas ao ritmo e desenvolvimento da música. A "tradicional modinha" e o "ardente e lascivo lundu", são representados pelo tom sentimental da primeira e pela sensualidade do segundo. São trazidos de Portugal e ganham, para o autor, características tipicamente nacionais, em contato com as raças que os assimilaram e os enriqueceram.	Rita Paula
166	Araújo, Mozart de;		A modinha e o lundu no século XVIII	Ricordi Brasileira, SP, 1953.		BAA . 738 (81) A663		Sim	Não	Música, dança, modinha, lundu, negros, conceito de música brasileira, música/maestro, música/compositor			Sim	Sim	Séculos XVIII e XIX		Pesquisa bibliográfica e fontes	21 modinhas e lundus, com suas respectivas letras e partituras.	O presente livro de Mozart de Araújo pode ser dividido em três partes. A primeira parte (p. 7 - 49) é o momento em que o autor realiza uma pesquisa histórica e bibliográfica sobre a modinha e o lundu; já na segunda parte (p. 60 - 127), o autor transcreve 18 modinhas e lundus, destacando-se os autores, as letras e as partituras musicais. Por fim, na terceira parte (p. 128 - 158), Araújo também transcreve duas modinhas, sem identificação de autor, mas coletadas por Martuis, em 1818, na Bahia; além de uma ária da autoria de Tomás Antônio Gonzaga, intitulada "Márlia Dirceu". O autor se propõe estudar esses dois gêneros musicais, porque representam os "... pilares mestres sobre os quais se ergueu todo o arcabouço da música popular brasileira." (p.11), além de terem representado, por quase século e meio, a música no Brasil. Araújo ressalta que ambos os gêneros nasceram em berço opostos, ou seja, o lundu tinha uma procedência do batuque africano e a modinha havia sido criado no ambiente aristocrático das cortes. Porém, esta diferença não impediu que lundu e modinha se unissem. O primeiro ia subindo de nível social passando a ser dançado e cantado pelas cortes; o segundo também cantado e dançado pelos populares. Deste modo, nosso autor acredita que tais gêneros musicais favoreceram ao processo de fusão de raças no Brasil, devido, o "... extrordinário poder coletivizante e socializador da música." (p.13). Ressalta-se, neste livro a vontade do autor em encontrar documentos que comprovem o período em que surgiram tais gêneros musicais no Brasil. Será essa a linha de raciocínio que irá conduzir as análises so autor sobre mais de uma dezenas de autores de época. Para além desse fato prevalece a tentativa de comprovar que tais gêneros musicais forma gestados ou criados no Brasil, e não em Portugal, como afirmam muitos autores, como Teófilo Braga - por exemplo. Araújo acredita que o lundu surgiu no Brasil, por volta do século XVIII, descendendo diretamente do batuque africano, só passanfo a ser considerado uma música nacional na primeira metade do século XIX, quando tem fruto a fusão com a modinha - iniciada por Domingos Caldas Barbosa, por volta do final do século XVIII. Logo, no século XIX "...ele não é mais de classe. Não é mais de raça. Não é branco mas já não é negro mais. É nacional." (p.24). Quanto à modinha, a vontade do autor é comprovar que lea é brasileira e não portuguesa. Para o autor a modinha (chamda de canção séria) tinha a característica de ser uma canção que necessitava de acompanhamento, de fundo lírico e sentimental, mas sem apresentar um esquema formal definido. Segundo o autor, o inventor da modinha foi Caldas Barbosa, que ao imigrar para Lisboa - por volta de 1770, levou tal gênero musical do Brasil para Portugal, onde se tornou extremamente popular, o que atestaria - para Araújo - a superioridade de nossa estrutura musical em relação a metrópole.	Rita Paula e Leonardo da Costa Ferreira	

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
167	Baeta, Fagundes	----	Canções de Colombina	Imprensa e papelaria Pacheco - RJ - 1917 - 144p	----	FBN (DIV.M US) AI 784.481 B141C	----	Sim	Não	Musica popular - negros - modinha - fado - cateretê	----	Almerinda P 128 Ai! Maria!P 131 Ao piano..... P 139 ApaixonadoP 102 Bahianinha quitandeira.....P 33 Baratinha..... P 55 Bella morena P 41 Bengala P 91 Canção do marinheiro P 48 Canção do paisano P 10 Canto de amor e tristeza P 64 Carnava avacaado P 133 Cateretê Paulista P 75 Cavalheiros do luar P 85 Ceguinha P 27 Cigarro do soldado ... P 83 Como hadesê P 141 Constelações..... P 135 Coração da mulher portuguesa P 87 Credo dos namorados P 67 Dança, Urubu..... P 117 Deputado Brasileira... P 35 Despedida dos italianosP 25 Dor suprema P 59 Doutora P 125 Feijoada P. 65 Flor do Abacate P 129 Flor do bem P 114 Flor do mal P 65 Flores da Primavera P 69 Florista P 22 Gemido da vaga.... P 19 Hino à França..... P 78 Inderê P 54 Jenny P 6 Jardineiro..... P 70 Lágrimas e risos P 105 Lundu infernal P 109 Matuto do Ceara P 11 Meu boi morreu P 103 Meu ideal ...P 17 Moleirinha..... P 119 Morte do Bicho P 122 Mulata do norte P 23 Olhos negros P 49 Olhos verdes P 28 O orphao P 5 Os que sofrem P 73 Pausinho do guarda civil P 79 Pelo Telefone P 14 Perdão senhor! P 58 Perdão de um coração P 44 Porque fui poeta P 111 Por um beijo P 81 Resposta de colombina P 8 As Catarina P 107 Serenata a Leonor P 46 Teu sorriso P 71 Tua Voz P 89 Tu passastes por este jardim P 51 Tudo passa P 30 Zelia feiticeira..... P 122	Sim	Não	final do século XIX e começo do XX	----	Poesia	62 letras de musica	Este livro e uma coletânea de letras de musica dos mais variados gêneros de musicais com destaque para a modinha. Ressalta-se que esta coletânea foi organizada por Fagundes Baeta, do qual não obtemos nenhuma informação. O conteúdo dessas letras de musica abrange um universo variado de assuntos, porem destacam -se as musicas sobre relacionamento amorosos, imigrantes (portugueses e italianos) e mulheres. No tocante a autoria, grande parte das letras não apresentam seus autores, mas alguns compositores e/ou poetas destacam - se, tais como: Baeta, Guttemberg Cruz, Donga, Eduardo das Neves, Baiano, entre outros.	Leonardo da Costa Ferreira.
168	Gallet, Luciano	-----	Canções populares brasileiras : Recolhidas e humanizadas.	RJ - Carlos Wehrs e Cia - Coleção Andrade Muricy	Apesar de constar no catalago na FBN, so foi encontrado o primeiro caderno da serie.	FBN (DIV.MU S) M 784.481 G - I - 11	-----	Não	Sim	conceito de musica popular - conceito de musica brasileira	----	1 SERIE Ai que coração Morena, Morena A perdiz piou no campo Yaya, você quer morrer Suspira, coração triste Forobodo 2 SERIE Taieras O luar do sertão Toca Zumba Tutu maramba Foi numa noite calmosa Bambalêlé Setaneja Auazoar Puxa o melão, sabra! Sertaneja Eu vi amor pequeno 3 SERIE Acorda donzela A casinha pequena Tutu marambã	Não	Sim	decade de vinte	Montes Claros (MG) e Parana	Testemunho proprio do autor	Canções Populares são partituras de canções harmonizadas por Gallet. O compositor escolheu canções que ouviu em diferentes regiões do Brasil. Ressalta-se que a coleção conta com três series.	Nivea andrade	

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
169	Herskovits, M. J. e Waterman, R. *	-----	Musica de culto afrobaiana	Revista de estudos musicais	Escrita em Evanston - Illinois - USA	FBN - DIV - Música 780-5 Ar 25	Ambos são professores de música na Northwestern University (EUA)	Não	Sim	musica negra candomblé	-----	-----	Sim	Sim	Década de 40 século XX	Bahia e Costa Leste da África (Nigéria e Daomé)	Testemunho próprio autor/Análise bibliográfica e fontes	do Centenas de partituras de 21 cânticos de culto afrobaiano	Neste artigo, os autores estudam os cantos de cultos afrobaiano " ... Los Kétu (de derivación yorubana), Gêge (dahomeyanos), Jesha (También yoruba), Congo - Angola y Caboclo; este último grupo, no obstante, emplea para los nobres de sus dioces una terminologia india, en vez de africana" (p.66) Os autores, informam que o culto afrobaiano de maior popularidade é o caboclo, que mistura rituais ameríndios (guarani) com africanos. Considerando indispensável para a compreensão desses cultos o conhecimento das origens africanas. Para os autores os cânticos e as danças representam a principal fonte para chamar as entidades e são utilizados durante toda a cerimonia, que pode durar até seis horas. Suas principais características seriam "el estilo vocal de estos cânticos de todos los grupos de culto, no solamente por la frecuencia com que se encuentra el pradrón cantor - solista versus coro, como tambien en el fraseo, el timbre de las voces femeninas, los movimientos del cuerpo de los que cantam y la manera de emplear las palmas de las manos " (p.69) Entre as páginas 70-108 encontram-se partituras de 21 músicas de cânticos de cultos afrobaiano. Essas partituras reproduzem os cânticos dos cultos de todas as nações citadas anteriormente. Tais cânticos foram assistidos pelos autores na Bahia e na costa oeste africana. Todos foram gravados em discos no Museu do estado de Salvador, e encontram-se nos Archiv of Americam Folk - Songs, Library Congress, Washington e no Laboratory of Comparative Musicology, Department of antropology, Northwestern University.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
170	Baeta, Fagundes	-----	Lira de um Trovador	Imprensa e Papellaria popular - RJ - 1918 - 7ªed - 180p	está coleção vendeu 32 mil exemplares.	FBN (DIV.M US) AI 784.481 B412L	-----	Sim	Não	música popular - negros - modinhas - fados - lundus	-----	<p>Ai! Morena P 10</p> <p>Amor ingato, modinha... P 34</p> <p>Bemtevi..... P 60</p> <p>Bolim Bolacho P 26</p> <p>Cabocla de Catumby P 53</p> <p>Cangote cheiroso..... P 172</p> <p>Canção napolitana P 76</p> <p>Canção das normalistas P 167</p> <p>Canção de margarida P 129</p> <p>Caridade e justiça, poesia dramática P 37</p> <p>Cavleira da noite..... P 8</p> <p>Chorar na cama P 77</p> <p>Clarim..... P 68</p> <p>Clelia, adeus..... P 150</p> <p>Complicações ... P 44</p> <p>Condutor de bond P 86</p> <p>Coração avacalhado P 101</p> <p>Cozinha..... P 59</p> <p>Criada revoltosa P 139</p> <p>Cruel separação P 118</p> <p>Defeito P 79</p> <p>Despedida em lagrimas P 165</p> <p>Diante do copo... P 152</p> <p>É daninha P 14</p> <p>Estudante alsaciano P 17</p> <p>Esmeralda P 170</p> <p>Eu não vou lá P 148</p> <p>Europa encrecada P 71</p> <p>Exposição canina P 141</p> <p>Fado do si P 116</p> <p>Fado do soldado P 48</p> <p>Falando a Morte P 144</p> <p>Felix Telles Fideles de Meireles P 31</p> <p>Flausina, polka P 35</p> <p>Florinda, recitativo P 33</p> <p>Flor da pitangueira P 128</p> <p>Fon - fon P 109</p> <p>Gentil Maria P 123</p> <p>Gondoleiro do amor P 74</p> <p>Guiomar ... P 143</p> <p>Imposto do selo P 154</p> <p>Judia P 61</p> <p>Luar do Sertão P 120</p> <p>Luciola P 93</p> <p>Leonor P 160</p> <p>Maria, minha mãe P 108</p> <p>Maxixe grelhado P 7</p> <p>Marcia P 132</p> <p>Minha mãe ... P 88</p> <p>Minha paixão P 179</p> <p>Missa de amor P 168</p> <p>Mondrongo taverneiro P 176</p> <p>Morena, escuta ... P 20</p> <p>Mulata da Bhia ... P 124</p> <p>OH ! Lua cheia ... P 124</p> <p>O que é o padre... P 150</p> <p>Partida para a guerra... P 177</p> <p>Pão fesco, cançoneta... P 23</p> <p>Pierrot e comlobina... P 5</p> <p>Queres meu bem ir lá fora? P 112</p> <p>Quitandeira P 92</p> <p>Romã P 174</p> <p>Serenata em São Cristóvão P 126</p> <p>Salve! Rosa do amor P 136</p> <p>Soldado P 69</p> <p>Silencio da noite P 97</p> <p>Stella P 106</p> <p>Talento e formosura P 145</p> <p>Teu nome é uma prece P 131</p> <p>Tristesa camavalescas P 158</p> <p>Tudo está avacalhado P 98</p> <p>Ultima prece P 114</p> <p>Ultimo beijo P 134</p> <p>Urucibaca P 47</p> <p>Vagabundo recitativo P 57</p> <p>Vago - mestre P 161</p> <p>Vatapá P 21</p> <p>Vejo uma linda barquinha P 48</p> <p>Valsa dos apachaes P 83</p> <p>Viola magoada P 90</p> <p>Yara, schottish P 28</p> <p>Zulmira P 12</p>	Sim	Não	primeiras décadas do século XX	-----	poesia	82 letras de música	<p>Este livro é uma coletânea organizada pelo desconhecido Fagundes Baeta. Nesta coletânea encontram-se letras de música dos mais variados gêneros musicais com destaque para as modinhas, fados e lundus.</p> <p>O conteúdo ou assunto abordado por tais músicas é bastante variado, destacando-se: relações amorosas e conflitos ou brigas entre casais; exaltação e degeneração da figura da mulher, principalmente da mulata; assuntos religiosos como missas e novenas; além de questões que envolvem pagamentos de impostos.</p> <p>Quanto a autoria dessas músicas, podemos informar que a maioria das letras tem seus autores declarados, onde destacam-se: Baeta, Martinho Brandão, Guerra Junqueiro, Thomaz Ribeiro,^a Ferreira, Deocleciano Costa, entre outros.</p>	Leonardo da Costa Ferreira.

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador	
171			Album de modinhas brasileiras	C. Teixeira e cia - RJ - 1924 - 6ªed - 64p		FBN (DIV.MUS) AI 784.481 A 345		Sim	Não	música popular - negros - modinhas - lundus - choros - fado		As tuas meias P 3 Quando eu te amei P4 O crepusculo..... P5 Os direitos do homem..... P6 A cabocla..... P 8 Um exemplo P9 Parodia ao sargento enamorado..... P12 Pela grêta porta P14 A minha família p17 Vejo uma linda branquinha P23 Resposta ao talento e formosura P24 Anjo do céu P27 O atraente..... P28 Suplica P30 Missa Campal P31 Geisha p33 Os teus olhos P35 Mulher que amei P36 O pires da Costa Paio P37 A concha e a virgem P39 O chefe da orquestra P40 A boneca P42 Clélia P43 Desvaneios do luar P45 Coplas do mangerico P48 Dor constante P49 A lua P51 A viuva P53 No céu P55 Despedidas p57 A vaga P59 Acorda P60 Meus amores brasileiros..... P62 Desejo P63	Sim	Não	final do século XIX e início do XX		Poesia	35 letras de música		Este livro é uma coletânea de músicas dos mais variados gêneros musicais onde destaca-se as modinhas e os lundus. A obra não possui o nome do autor e organizador. Tais músicas tem sua autoria declarada. Nesse sentido há predominância de músicas de Catulo da Paixão Cearense e Mário, porem destacam-se Ernesto Souza, Luiz de Souza, Gonsalves Dias, Rufino de Campos e etc. Quanto ao conteúdo se caracteriza por ser muito variado, mas destaco assuntos ligados a depreciação e valorização da figura feminina; aos relacionamentos amorosos (brigas de casais e etc) e assuntos religiosos (missas, anjos e etc)	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
172			Cantor Luso Brasileiro	Livraria Magalhães - RJ/SP - s/d - 126p		FBN (DIV.M US) AI 784.481 C232		Sim	Não	música popular - negros - modinhas - lundus - fados - serenatas		tenho um anjop 7 por piedadep 8 quem te amap 8 quando doe uma saudade P 9 no campo.....p10 rosas brancas.....p12 saudades.....p13 horas tristes.....p13 anjo amoroso...p14 amar...p15 aqui esta, que todo é teu...p 16 quizera amar-te.....p16 um sonho.....p17 ternuras do coração...p18 não te esqueças de mim.....p21 o passado.....p22 amizade.....p23 gemidos de alma.....p23 talvez não creias.....p25 lagrimas do coração.....p26 adeus meu anjo...p27 olhos pretos.....p29 olhos verdes.....p30 doce amor.....p32 bem como o orvalho da noite.....p33 morrer.....p34 dezembro.....p35 minha estrela.....p36 o ciúme.....p37 nosso romancep38 coração.....p38 sempre!.....p39 contentamento.....p40 não sei, mas sei.....p40 ai de mim!.....p41 queixas.....p42 se o meu bem nunca mudar.....p43 idílio notorno.....p44 queixumes...p45 suplica.....p46 a vez primeira.....p47 enlevo.....p49 eu sinto a angústia.....p50 meu ideal.....p51 como a rosa, amor só dura um dia.....p53 o sonho.....p54 o que é amor.....p55 sentimento oculto.....p56 dá-me um sorriso.....p58 minha mãe.....p59 o coração.....p60 lembras-te?p61 o canto da virgem.....p64 a ser ingrato também.....p 65 sonhos fagueiros.....p66 dores.....p67 clara.....p 68 desejod.....p69 sempres sohos ...p70 a ausencia.....p72 por mais que brusques abafar.....p73 o poeta e a fidalga.....p 74 os olhos dela.....p77 o gongoleiro do amor.....p80 beijo de amor.....p81 sonhos de virgem.....p82 a fantasia.....p84 repara flor.....p85 as horas que passo.....p86 de ti fiquei tão escravo.....p87 como olvidar-sep89 a hora que te não vejo.....p90 a vida da inocencia.....p91 e so por ti.....p92 gosto de ti.....p93 saudades do passado.....p94 só assim serei feliz.....p95 sinto tristeza.....p96 despedidas.....p97 tarde de outono.....p99 pagina negra.....p101 sempre te amando.....p 103 ao amanhecerp104 acorda anjo.....p106 teu doce agrado.....p107 acorde donzela.....p 108 a brisa.....p 109 quando sozinhop111 vou partir.....p112 rosa do sertão.....p113 virgem santa.....p114 hei de amar-te até morrer.....p115 embora.....p116 a nossa choupana.....p117 minha alma é triste.....p119 arrependimento.....p 122	Sim	Não	final do século XIX e início do XX		Poesia	98 letras de música	"O Cantor Luso Brasileiro" é uma coletânea organizada pela editora Magalhães. Tal coletânea apresenta quase 100 músicas dos mais variados gêneros de música com destaque para as modinhas e as serenatas. Infelizmente são pouquíssimas as músicas que apresentam seus autores, na verdade somente declara-se o autor quando a música pertence a Catulo da Paixão Cearense. Quanto ao assunto ou conteúdo das músicas se caracteriza por ser extremamente variado, com destaque para as letras de música sobre os relacionamentos amorosos e seus conflitos e temáticas religiosas.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
173	Andrade, Mário		Cândido Inácio da Silva e o lundu	revista Brasileira de Música - vol X - 1944		FBN (DIV.M US) 780.5 B1		Não	Sim	música - compositor - lundu - modinha - negros			Sim	Não			Pesquisa bibliográfica		Neste artigo, Andrade faz uma pequena bibliografia de Cândido da Silva, um compositor de lundus do século XIX. Mário constata a inexistência de trabalhos sobre o compositor. Poucos autores, como Renato Almeida, comentaram suas composições. Segundo Andrade, já na segunda metade do século XIX não se houve falar deste compositor. Mas isso não significa que este autor não tenha sido reconhecido em sua época. Nas palavras de Andrade "embora acentuadamente de salão e smi eruditas, com algumas dificuldades de emissão vocal, parece mesmo que as modinhas dele se desnivelaram rapidamente e se difundiram no seio popular". Apesar desta difusão, Andrade conclui que a música deste compositor "ainda é de um eruditismo imposto e importado" e "as modinhas dele ainda são de aristocracia". Porém o aristocratismo de suas modinhas estão repletas da "maleabilidade do nobre" e da "condescendência do senhor colonial". Mário afirma que as composições desse músico são um aproveitamento de elementos populares. Isso ocorre pelo número de vezes que o povo (negros) aparece. Andrade não consegue comprovar, mas sugere que ele fosse mulato. Essa hipótese é baseada na idéia de que o compositor não harmoniza canções populares nem estiliza uma peça popular, pois realmente compunha peças novas. De acordo com Andrade ficava "bem mais fácil criar melodia nova para quem era, como o nosso cantor, compositor profissional também. É por isso que eu suspeito da mestiçagem deste compositor. Este compositor faleceu em maio de 1839.	Nivea Andrade
174	Masi, Pedro Luis		Antologia da serenata: Um século de canções ao luar e violão	Simoes ed - RJ - 1937		FBN (DIV.M US) 784.481 M397	o autor também escreveu Delírios (1948), Antiga Boemia (1951), Sonetos e carnavais (1957) e Santana (1953).	Sim	Não	música - serenata - samba - modinha - valsa		perdão Emiliap 25 quando eu morrerp27 o lirio da campina.....p28 uma ingrata, uma incostante.....p29 vem donzela, na hora extrema.....p30 o laço da fita.....p31 o gondoleiro do amor.....p 33 o canto do cisne.....p 35 eu te adoro.....p 37 até nas flores se encontra.....p 38 lua da estiva noite.....p 39 beijos.....p 40 eu quisera ser eterno.....p 39 o vago - mestre.....p 42 frio manto.....p46 o bem-te-vi.....p48 a mulata.....p50 que valem as flores.....p53 querida Elvira.....p55 Como arosa o amor dura um só dia.....p56 rosa do sertão.....p57 a mulata.....p58 nas margens de um lindo ribeiro.....p60 acorda.....p61 acorda, desperta.....p62 desperta.....p63 serenata.....p64 Vem!.....p66 querida Flora.....p68 Serenata.....p69 a primavera.....p71 virgem santa.....p72 os olhos azuis.....p73 moreninha.....p74 Elvira.....p76 A casa branca da serra.....p77 Lembranças do nosso amor.....p79 Herminia.....p81 serenata do mar.....p83 a estrela.....p84 acorda, Adalgisa.....p85 Estela.....p87 A casinha pequenina.....p91 olhos negros.....p92 lágrimas e risos.....p94 ao luar.....p98 talento e formosura.....p101 ontem ao luar.....p101 luar de Paquetá.....p104 constelações.....p106 Ó! Lua cheia.....p109 rasguei o teu retrato.....p113 a última estrofe.....p114 noite cheia de estrelas.....p116 saudades do Matão.....p117 o ébrio.....p118 patativa.....p119 a pequenina cruz do teu rosario.....p122 a voz do violão.....p124 malandrinha.....p125 Mimi.....p126 Neusa.....p128 Sorris da minha dor.....p129 Boneca.....p130 Número um.....p131 deusa da minha rua.....p132 o silêncio do cantor.....p133 arranha - céu.....p134 violoes em funeral.....p135	Sim	Não	fim do século XIX e início do XX	Brasil	Pesquisa Bibliográfica		Reconhecemos que esta coleção ainda está muito falha. Até no título - usado apenas por expressivo e definir o conteúdo criando talvez uma única dúvida - sobre a intenção do trabalho. Fique então exclarecido: é uma coleção que não pretende ser definitiva das cantigas que hoje se cantam e das cantigas que outrora se cantaram. Desta forma, Masi inicia a apresentação do livro explicando que tem o objetivo de reunir letras de musicas cantadas em serenata. O autor define a serenata como música para cantar ao sereno, sendo uma música que os seresteiros, cantores de rodinhas da madrugada, costumam cantar. Como estes seresteiros tem um repertório que varia das valsas aos sambas, o autor optou por colocar diferentes letras, limitando apenas o período que vai do final do XIX ao XX. Para Masi a serenata não é obra inteiramente popular, sendo o maio termo entre o popular e o erudito, de aceitação geral no povo e seus autores, são, não raro, poetas de talento e em geral eruditos ou semi - eruditos. Masi constata que estes cantores da serenata receberam forte influência do romantismo. Mas este romantismo sofreu transformações. "Estas letras do romantismo evoluem nas mais variadas direções, adaptando-se em geral as novas expressões da vida". Desta transformação do romantismo, Masi explica a transformação do próprio seresteiro: "os seresteiros da transição do XIX para o XX (...) são visivelmente românticos e de boemia desordenada, essencialmente Eduardo das Neves, Cândido das Neves, Hermes Fontes, Catulo da Paixão Cearense. Os seresteiros recentes (abrindo exceção para incluir Noel Rosa entre os românticos de boemia associada a doença, com vida curta, como os nossos meninos da poesia de 1850), em geral tem o padrão de vida elevado dada glória que o sábio proporciona ao cantor e assim deparamos com os maiores cantores hoje vivos, Silvio Caldas e Orestes Barbosa: onde, entretanto ainda encontramos com o nosso longo fim de romantismo".	Nivea Andrade

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
175	Pontes, José Vieira		Lira Popular Brasileira	Livraria Teixeira - SP - 1905 - 316p		FCRB PD 13368		Sim	Não	música popular - negros - mulatos - modinhas - lundus - fado		o Brasil.....p2 a festa e a caridade.....p4 Nestas prais de limpidas arêas.....p12 noivado sepulcro.....p13 o meirinho e o pobre.....p16 uma visita médica.....p18 amor e medo.....p20 era no aoutono.....p24 a judia.....p25 versos a Leonor.....p31 a fome no Ceará.....p32 Branca rosa.....p35 Ouvir estrelas.....p37 como se ama a Deus no céu.....p38 o navio negreiro.....p39 o canto da virgem.....p48 a despedida.....p49 a amante do poeta.....p50 Napoleão.....p52 como o orvalho da noite.....p56 não se me dá que outros gozem.....p57 uma ingrata, uma inconstante.....p58 o espectro.....p59 o filho exilado.....p61 caminho da guilhotina.....p66 o melro.....p68 a lua de Londres.....p79 a caridade e a justiça.....p82 miséria.....p87 pauliceia.....p87 sociedade.....p89 deuses.....p92 Santos Dumond.....p94 o poeta e a fidalga.....p95 canção do boiadeiro.....p97 Poema da luz.....p99 o estudante alsaciano.....p102 lembran,ca da mãe.....p105 bolim bolacho.....p106 o arame.....p107 adoração.....p109 ao céu pedi uma estrela.....p110 o fiel.....p111 perdão! Mioca.....p116 a lagrima.....p118 aos heróis de 1640.....p122 a fandanaguassu.....p124 desalento.....p125 arrulhos!.....p127 pela janela.....p129 como olvidar-te?.....p131 tercetto dos baroes.....p132 a boneca.....p135 o testamento da velha.....p137 o desfalque.....p138 morena.....p139 a noite.....p141 a mulher é o diabo de saias.....p142 o canto do cisne.....p144 o sommo de um anjo.....p145 de luto.....p146 o matir do cavaleiro.....p147 Linda!.....p149 os grandes.....p151 Perdão Emilia!.....p152 como eu te adoro.....p154 salve rainha.....p155 beijo na face.....p156 queres, meu bem , ir lá fora.....p159 a preta mina.....p161 perdão.....p162 Chiquinha.....p163 olá!, seu Nicolão.....p164 muito pedir.....p166 a canção do africano.....p167 rebola a bola.....p170 o vagabundo.....p172 borboleta.....p176 o fado português.....p177 sobre as ondas.....p178 lá para as bandas da noite.....p179 vamos, Eugenia.....p180 o fado da severa.....p181 a sonambula.....p183 o beija - flor.....p184 a cor morena.....p186 saudades da Maura.....p187 a Terra um anjo baixou.....p189 o palida madona.....p190 o canto da noiva.....p191 desperta.....p192 se souberes.....p193 foi nas margens.....p194 o bem-te-vi.....p195 o burro Sr. Alcaide.....p197 não és tu.....p199 rica prima.....p200 misticismo.....p202 Dalila.....p203 sempre te amando.....p206 naqui não te am.....p207	Sim	Não	segunda metade do século XIX		Poesia	156 letras de música	Este livro é uma coletânea de letras de música dos mais variados gêneros musicais com destaque para o lundu e a modinha. Tal coletania foi organizada por Pontes, do qual não dispomos de nenhuma informação. Grande parte das músicas tem sua autoria declarada. Nesse sentido, destacam-se Bilac, Thomaz Ribeiro, Soares Passos, Pinheiro Chagas, Guerra Junqueiro, Guimarães Jr., Castro Alves, Casimiro de Abreu, Laurindo Rabello, Fagundes Varela entre outros. Quanto aos temas dessas músicas, eles envolvem os mais variados assuntos, tais como: casamentos; traições; namoros; além de homenagens a pessoas famosas como Santos Dummond e Napoleão; relatos de injustiças como a fome e a seca no nordeste.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
176	Silva, Joaquim Alberto		A Cantora Brasileira: Nova coleção de modinhas brasileiras tanto amorosas como sentimentais, presedidas de algumas reflexoes sobre amúsica no Brasil.	Livraria Garnier - RJ - 1878.	conta com 3 tomos. O 1* trata de uma coleção de modinhas, o 2* de recitativos e o último de hinos e lundus.	FBN (DIV.M US) AI 784.481 S586c		Sim	Não	música popular modinhas - negros		A LIMA as estrelas se tu me houveras amado canto de amor ALMEIDA GARRET pescador da barca bela ALVARES DE AZEVEDO quando em meu peito ALVES dorme, dorme, ó morena ANTONIO JOSE DA SILVA ciumes avesinha solitária a clori a esperança alegria desengano os encantos do amor a morte enfurecida o ciume sereia encantadora girassol ARAUJO a borboleta o adeus ARAUJO GUIMARAES a ausencia de amor AUGUSTO ZALUAR o coração infeliz BARÃO DE SÃO GONÇALO cesta de natal BITTENCOURT SAMPAIO a despedida CORDEIRO Gelia C. BRANCO despedida triste CALDAS BARBOSA retrato de amelia DAMÃO BARBOSA tristes saudades quando choras RIBAS saudades ESTEVAM DE MAGALHÃES mimosa do campo EUSTAQUO COSTA travessa e voluvél FAGUNDES VARELLA a flor do maracujá F.M.M. Ai meu bem se eu não te amo FEDRERICO CALIM Laura GABRIEL NAVARRO o adeus GONÇALVES DIAS a concha e a virgem minha terra tem palmeiras GONÇALVES LEDO o batão de rosa G.P. Astro do céu INOCENCIO REGO ai de mim BANDEIRA ai uma mocinha J. S. BERNADO dá-me um susto MOURÃO teu suspirar PEÇANHA um beijo só CUSSEM a uma filha do sul se me lembro JOSE ELAY OTTONY a voz intercamente JOSE PEREIRA a primavera e o amor JOSE VICTORIANO grandezas da terra LUCAS JOSE ALVARENGA a minha alma crime e defesa queixa os seus olhos arrependimento esperança a rosa consulta a luz de teus olhos amor aflição sim, senhor a elmira contentamento o passado ALVARENGA a uma rosa LUZ DELFINO	Sim	Não	século XIX		Poesia	centenas de músicas	As modinhas transcritas neste livro estão organizadas em ordem alfabéticas (dos títulos). Para facilitar a busca, o índice é organizado pelo autor. No início do livro há uma reflexão sobre a música no Brasil onde é trasncrito um trecho do livro "Du gout des brésiliens pour la musique" de Ferdinand Denis (1826). Segundo este autor "entre as belas artes, é pois a música uma delas para a qual mais queda sentem os brasileiros".	Nivea Andrade

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
177	Silva, Joaquim Alberto		A cantora brasileira: nova coleções de hinos canções e lundus, tanto amorosas como sentimentais precedidas de algumas reflexões sobre a música no Br.	Garnier - RJ - 1878		FBN (DIV>MUS) AI 784.481 S 586c		Sim	Não	música - conceito de música popular - hinos - modinhas		BRUNO SEABRA fujamos flor das matas CALDAS BARBOSA chuchar no dedo e então ouvir, ver e calar ais de amor zabumba tenho medo do papão sou infeliz tape, tepe, tipe, ti amor brasileiro é mundo, deixa falar não se resiste não mente, mente o seu moleque sou eu a portuguesa abraçadeira leilão só voce é o meu bem aqui está que todo é teu a ternura brasileira diga manhã amor do Brasil aonde está o meubem? Não sou de enganar ninguém o bicho mulher meu bem esta mal com eu é bem feito, torne a amar tá, tá, tá ai segredo soldado do amor apanhe para seu ensino ninguém tenha dó de mim a b c de amor venha amor de ti queixar-me EDUARDO VILLAS BOAS canção do voluntário capenga não forma o cafuné EMILIANO SILVEIRA a sai balão EVARISTO DA VEIGA hino constitucional independência ou morte independência ou morrer hino marcial hino brasileiro hino do batalhão do imperador FONTENELLE a louquinha GUALBERTO PEÇANHA não posso com mais ninguém JOSE BONIFÁCIO cantigas para a mesa NORBERTO hino comemorativo para a independência hino a constituição do império hino niteroiense hino das escolas o soldado e a cosinheira a mulatinha e nnonho JUVENAL GALENO a serenata MACEDO eu quero me casar MARIA TERESA acalantar M.M. A lavedeira engraxate, embernizate a la mode de Paris SALDANHA o ponche do caju NUNES GARCIA não te rias, ó menina OLIVEIRA E MELLO muita a minha alma sofreu PAULA BRITO a corda sinsível o século das luzes a manequinha da yayá viva São João ponto final QUEORIGA tentação retrato de uma mulatinha a negrinha amores brasileiros ai basta nhanhá RIBEIRO SAMPAIO o anjo da saudade SOUZA canção do artista padecimento TEIXEIRA DE SOUZA o progresso TELLES eu não gosto de outro amor UMA FLUMINENSE a cor morena cantiga do nosso eu	Sim	Não	século XIX	--	Poesia	centenas de músicas	As modinhas transcritas neste livro estão organizadas em ordem alfabética para facilitar a busca o índice é organizado por autor. O autor se desculpa por não colocar nenhuma reflexão sobre a música no Brasil. A ideia inicial era transcrever um trecho de Araújo Porto Alegre, sobre a música no Brasil, mas o texto, publicado na revista Brasiliense, em 1836, não foi encontrado.	Nivea Andrade

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
178	Torres, Joaquim Alberto		A cantora brasileira: nova coleção de recitativos tanto amorosas como sentimentais.	Garnier - RJ - 1878		FBN (DIV.MUS) AI 784.481 S586c		Sim	Não	poesia - conceito de poesia popular		ACHILLES VAREGÃO a oração da infância ADEODATO DE MELO quando eu morrer ALMEIDA CUNHA noite de luar a Elvira ALMEIDA E SILVA Julieta AMELIA G. suplicio ALVARES DE AZEVEDO é ella, é ella RÉLLIA o vagabundo se eu moresse amnhã ALVARENGA MELLO a morena BAUAS DE ALBUQUERQUE remorsos B. F. Como és feliz BETHENCOURT DA SILVA o canto da virgem teu doce amor a estátua da vida enlevo B. GATO era no outono lembras-te? CAETANO COTRIM um teu doce agrado CANDIDO PASSOS rosas CARLOS FERREIRA idílios na estrada CARVALHO minhas crenças CASTRO é ella CASTRO ALVES fatalidade hébreia volta da primavera o laço de fita CASIMIRO DE ABREU amor e medo pranto de virgem minha alma é triste pobre criança CELSO DE MAGALHÃES a Alzira CICERO PONTES mulheres e flores EDUARDO VELLAS - BOAS a trasnviada o olhar da virgem ERNESTO CIBRÃO Luiz EZEQUIEL FREIRE murmureos ramagem venis e eu FAGUNDES VARELLA a luz da aurora deixa-me nevoas no ermo FELICIANO LEITÃO não sei mas sei risos e flores rosas brancas FERREIRA NEIVES a suplicio da virgem Elvira messalina o caixeiro o pobre se é crime FRANÇA sempre viva FRANKLIM TÁVARO amor FURTADO COELHO quero fugir-lhe GARCIA MONTEIRO outrora GERMANO COSTA embolada GONÇALVES DIAS se eu fosse querido visão o gigante da pedra GRÁTULINO COELHO nunca GRABEITO PEÇANHA a pensativa carmina no mar vem, meces	Sim	Não	século XIX		Poesia	centenas de poesias	As poesias transcritas neste livro (os recitativos) estão divididas em quatro partes, "conforme o metro e suas pausas em que foram feitas" Os recitativos estão organizados em ordem alfabética (do 1º verso), mas o índice é organizado por autor. E nas "reflexões sobre música no Brasil" é transcrito um texto de Theófilo Braga sobre modinhas brasileiras. Braga considera as modinhas como criação portuguesa que migrou para o Brasil através dos negociantes e colonos. No Brasil as modinhas constituíam-se em árias.	Nivea Andrade

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
179	Melo Morais Filho		Cantares Brasileiros: Cancioneiro Fluminense	Livraria Souza Coutinho - RJ - 1900 - 2vols.	o livro é dividido em dois volumes, o primeiro é a parte poética e o segundo a musical	FBN (DIV.M US) AI 784.481 M827c		Sim	Não	música popular - modinha - lundu - conceito de música brasileira		????????????? ????????????? ?????????????	Sim	Sim	século XIX	Rio de Janeiro	Testunho próprio e bibliográfico	centenas de músicas e poesias	<p>O livro é dividido em dois volumes: a parte poética e a parte musical. O primeiro volume reúne letras de modinhas e lundus. A maioria te indicação dos autores.</p> <p>O segundo volume reúne partituras de canções brasileiras, todas com letra e algumas com indicação do autor.</p> <p>Do primeiro volume Melo Morais escreve uma apresentação em que narra uma história da modinha desde a sua origem no Brasil colonial.</p> <p>Nesta história narrativa, Melo Morais ressalta a transmigração da modinha para Portugal, onde foi apresentada em operetas e comédias de onde partiram a popularizar-se.</p> <p>Segundo o autor, no Brasil, a modinha foi se modificando segundo a contingência dos meios e os ideais das raças que iam mestiçando.</p> <p>O autor também comenta sobre o desenvolvimento do fado brasileiro (provenientes de influência hispânica), da chula e do lundu que chega a Portugal através de Caldas Barbosa.</p> <p>Sobre a música brasileira Melo Morais faz uma ressalva: "se é verdade que o ritmo é o que constitui o caráter das músicas nacionais, uma música brasileira não existe, assim como não existe uma religião, filosofia, literatura, escultura, pintura e artes brasileiras".</p> <p>"Nos tempos modernos, notáveis e distintos são apenas três grandes músicas ou para melhor três grandes escolas: a francesa, alemã e italiana, sendo as outras músicas a elas mais ou menos subordinadas, e sem fisionomia acentuadamente pátria."</p> <p>"Estando provado que todas as coletividades humanas, mesmo as mais bárbaras possuem música popular, não é menos exato que a arte só se tem aproveitado de motivos tradicionais para embelezá-las, porem desapontando-os internamente do que as regras repelem e os métodos regulariazm".</p> <p>Diante desta afirmação, o autor considera a modinha brasileira como uma apropriação da modinha italiana.</p> <p>O autor termina a sua apreciação, enunciando diversos musicistas da modinha.</p>	Nivea Andrade

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
180	Cornélio Pires	-----	Sambas e Cateretês	Unidas ed - SP - s/d - 352p - 1ª edição	Provavelme - nte foi publicado na década de 20 do século XX.	FBN (DIV. MUS) 784.481 P667s	-----	Sim	Não	música popular - negros - mulata - sambas - cateretês	-----	explicação.....p5 moda da viúva....p14 moda da namoração.....p29 o curuceiro.....p61 Benedito Gregório....p69 um desafio.....p74 moda do português do sapé.....p77 moda do galo carijó.....p79 moda da forria.....p80 moda da calçada de quati....p81 moda da grande guerra.....p85 a moda da crise.....p95 moda da Jacuba.....p98 a briga do casal.....p100 a quadra esta ruim...p103 a moça de atibaia.....p105 deus campina da serra.....p110 cobicei o luxo que a menina usa.....p112 sorteio militar.....p114 moda do soteio.....p115 o moço sorteado.....p117 o moço casado que sai sorteado.....p119 vamos morá na choça.....p121 a morte do Zé dos Reis.....p123 dexeí um vendeiro rico.....p132 o patrão veiaço....p137 senti - senti.....p140 orgulhoso.....p143 amoroso.....p146 saudoso....p148 observador.....p150 crítico.....p153 vaidoso.....p157 sentimental.....p160 romancesco.....p165 cômico.....p167 despeitado.....p169 fanfarrão.....p171 homorístico.....p175 cronista.....p180 moralista.....p183 melancólico.....p189 recorte da negra.....p199 recorte dos papos.....p201 recorte da rosa.....p202 recorte do sonho.....p204 outros recortados.....p205 abc do solteiro.....p239 abc da despedida de um moço sorteado.....p246 abc do baile.....p251 bac da cachaça.....p258 rapaziada do meu bairro.....p267 o cabroço geitoso.....p271 o curado.....p276 a briga do matozinho...p280 os bailes de agora....p283 um abc.....p285 o caipira em SP.....p289 quem quiser saber meu nome.....p291 uma briga de veado.....p293 as moças de caipira.....p296 os padres turcos.....p301 Ritinha da Conceição.....p303 eu tou maginano.....p306 o cavalo forte - roge.....p308 os rapaizinhos novos.....p310 apartamento dum castr.....p312 moça do cinturão.....p315 que mundo esquisito.....p317 tenho um canário.....p319 olhos azues.....p321 a geada grande.....p324 peguei nessa viola.....p328 os velhos de agora.....p330 os gafanhotos.....p332 tempo de eleição.....p336 o cachaceiro.....p338 nove tábuas.....p341	Não	Sim	final do século XIX e início do XX	interior de SP	testemunho próprio do autor	possui cerca de 80 letras de música	Em Sambas e cateretês, o autor informa que irá trabalhar com os "... Versos rústicos inventados pelos nossos caipiras..."(p.5). Os caipiras, são provenientes do estado de São Paulo. Segundo o autor, esses caipiras seriam especiais porque "... Resistem a toda e qualquer influência que podiam ter nos seus costumes os costumes das diversas raças e nacionalidades que infiltram por todos os recantos do estado.(p.6). Logo, considerando os caipiras paulistas os mais "autênticos" do Brasil, o autor transcreve cerca de 80 letras de música dos mais variados gêneros musicais onde se destacam os sambas e cateretês. Quanto aos temas, que envolvem essas letras, dizem respeito a casamentos, namoros, brigas entre casais, festas e bailes, além de outros temas que envolvem bebidas, comidas e devoção religiosa.	Leonardo da Costa Ferreira
181	Custódio da Silva Quaresma	-----	Lira popular	Quaresma ed - RJ - 1894 - 256p	-----	FBN (DIV. MUS) AI 784 481 L 992p	-----	Sim	Não	música popular - modinha - lundu - tango - fados	-----	-----	Não	Sim	segunda metade do século XIX	-----	coletania de letras de musica	200 letras de música	O presente livro da editora Quaresma, chamado Lira Popular é na verdade uma coletania de poesias de algumas personalidades políticas do tempo do Império, destacando-se Bonifácio, Pedro Luiz e Francisco Otaviano. O conteúdo dessas pesias românticas são temas que envolvem casamentos, traições e desilusoes amorosas, namoros desfeitos e principalmente declarações de amor. Após estas poesias não datadas, segue-se uma série de letras dos mais variados generos de musicas, principlamente modinhas e lundus. Estas obras não estão datadas porem, suas autorias - em alguns casos - estão declaradas, com destaque para: Nuno Lossio, João Neponuceno, Guerra Janqueiro, Guilherme Braga, Carlos Ferreira entre outros. Ressalta-se que o livro apresenta mais de 200 letras de musica.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
182	Esther Pedreira	-----	Lundus e modinhas antigas: século XIX	Tempo Brasileiro - BA - 1981. 52p	-----	FBN (DIV MUS) 784 481 P371L	Esther nasceu em 20 de maio de 1885. Era filha do juiz Alexandre Pedreira de Cerqueira e de Maria Josefa de matos Pedreira de Cerqueira. Esther ainda vivia em 1981, quando o livro foi publicado.	Sim	Não	musica popular - negros - lundu - modinha	-----	apresentação.....p7-9 as saudades de meu bem.....p11 é tão bom, não dói, nem nada.....p12-13 Iaiazinha, voce mesma.....p14-15 as duas flores.....p16-17 Ária a laranjeira.....p18 eu sou como a graça triste.....p19-20 quis de balde.....p21-22 frio manto de estrelas bordado.....p23-24 não posso mais, ó Formosa.....p25-26 se eu fosse querido!.....p27-28 Amanhã.....p29-30 os olhos azuis.....p31-32 os olhos castanhos.....p33-34 Morena, Morena.....p35-36 na praia deserta.....p37-38 se eu fosse poeta.....p39-40 Acorda, minha querida.....p41-42 Perdão.....p43 sonhei.....p44-45 estribilho.....p46 qual quebra as vagas do mar.....p47-48 linda entre mil.....p49 esquece por uma vez.....p50 saudades.....p51 courana.....p52-53 Benedito para pedir chuva.....p54 cantiga de roda.....p55 ajoelha, Chiquinha.....p56 arrasta o pé no tijolo.....p57	Sim	Sim	segunda metade do século XIX	Bahia	Coletania de letras de musica	30 letras de musica	Neste livro, a autora trascreve lundus e modinhas por ela presenciada ainda na sua infância no interior do estado da Bahia, mas precisamente nas cidades de Juazeiro, Carinhanha e Santo Amaro. Apesar do livro só ter sido publicado em 1981, devido a falta de recursos, a grande maioria das musicas e suas letras data da segunda metade do século XIX, com destaque para as décadas de 70/80. As letras referem-se a situações do cotidiano como noivados, brigas entre casais, casamentos, traições amorosas, namoros desfeitos e declarações de amor. Ressalta-se que o livro possui mas de trinta modinhas e lundus. Por fim, destaca-se que a maior parte das obras tem sua autoria musical declarada, com destaque para os musicos e/ou poetas: castro Alves, Plínio de Lima, Roberto Correia, Gonçalves Dias, Laurindo Rebello e Xisto Bahia.	Leonardo da Costa Ferreira
183	Alberto Lamego Filho	-----	A Planície do Solar da Senzala	Livraria Católica - RJ - 1934	Prefacio de Oliveira Lima	BAA 918.154 L 228p	Membro da Academia Fluminense de Letras	Sim	Não	música - dança - branco - mestiço - aspectos naturais	-----	Geognose da planície capestre Lagos...carnavais...solaris... O solar do colegio Banguês...Engenhos...Usinas... A Enchente Grande O segredo das lagoas A Mana - Chica Muxuango e mcorangos O rio Purus No país do café Relíquia viva Par selvas e mocambos A pedra lusa	Não	Não	Rio de janeiro	Bibliografia	-----	O autor descreve a geografia natural da região fluminense, ressaltando também as naturezas históricas da colonização. Ao produzir descrições historiograficas do Colégio dos jesuitas, dos engenhos de cana de açúcar, das lagoas e rios fluminenses, Lamego tece criticas aos governos anteriores que não deram devida importância a região. Lamego tambem dedica um capítulo a dança da nana - chica. Segundo o autor esta dança é regional, possivelmente de origem no século XVIII. O autor afirma que nana chica e suas derivadas são as que mais nos ensinam a intima penetração das tuas raças, ressaltando a influência da raça branca. Lamego também descreve os dois elementos étnicos do norte fluminense. O muxuango e o mcorango. O primeiro em geral louro e de olhos verdes, habita a costa e a baixada; o segundo é mestiço - alguns negros - e habita montanhas ao nordeste. Na última parte do livro, o autor faz um estudo retrospectivo da Baixada fluminense ressaltando a tenacidade e a combatividade do campista, um tipo étnico, mais ou menos defundo, que já se vai estabilizando.	Nivea Andrade	

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
184	Eduardo das Neves	-----	Mistérios ao Violão	Quaresma editora - RJ - 1905 - 124p	este é o terceiro livro de Neves, sendo os anteriores chamados de O Cantor de Modinhas Brasileiras e o segundo Tovador da Malandragem.	FBN (DIV MUS) AI 784 N 481 N 514m	Eduardo era poeta e palhaço, sabe-se que trabalhou no parque Rio Branco e no circo Francois.	Sim	Não	música popular - negros - mulato - fado - lundu	-----	aviso ao leitor ao leitor serenata no mar serenata a Leonor lola e seu cocheiro o cosinheiro art nouveau parodia a exportação o caixote dúo os frades saudação a Santos Dumond esperança mascote salve saudação a bela Ignez roda Ya ya valsa das cores Creoulo Faceiro nesta rua questão do Acre o pranto da rola desafio Placido de Castro canção da cabocla Ai! Maria a romã - no cimo de uma colina Idilylio do Catete soluçando modinha da mulher ingrata Albertina Carmem Envolta em gase e vaporosa o rouxinol vem longe o dia, grande Deus num bosque deserto mulher ingrata passo a vida corina Arminda Sempre Chorando nimha alma soluça capital federal não confiez na beleza o meu paiz resposta ao violão as delicias de amor passando por certa rua no ardor da paixão a vacina e os ratos a modinha do rato, rato minhas candonguinhas flor do norte o menino de santo Antonio cantigas amor sincero canção ao luar versos a Elza Virginia jura constante ingratidão as grandezas da Virgem Maria miseria a mãe da divina graça lavoeres a Maria Santissima benção e puplicia hino do trabalho perfume da rosa o Espirito Santo a trigueirinha do valle o tropeiro os reis as flores de inverno as flores do inverno tudo mudado os chapéós	Não	Sim	final do XIX e início do XX	-----	Poesia	76 letras de música	Neste livro existem cerca de 76 letras de música dos mais variados generos de musica, destacando-se as modinhas, os fados e os lundus. Ressalta-se que este livro foi publicado pela editora Quaresma. Neste livro, as músicas não se encontram datadas mas apresentam sua autoria revelada. Nesse sentido informa que a maior parte das musicas pertencem ao proprio autor do livro, ou seja, Eduardo das Neves. Outros seriam Figueiredo Pimentel e Augusto da Costa. Quanto ao assunto abordado pelas musicas, em geral, dizem respeito aos relacionamentos amorosos, tais como: casamentos, namoros, brigas entre casais, declarações e fugas de/por amor. Porem descatam-se musicas que ressaltam figuras importantes do pais como Santos Dumomd e até questoes politicas como a luta entre Brasil e Bolívia.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
185			Trovador Moderno	Quaresma editores - RJ - s/d - 114p		FBN (DIV MUS) AI 784 481 T862		Sim	Não	musica popular - negros - mulata - modinha - fados - lundu		<p>bem sei que tu me despresas gentil morena o ciumento um dia louco Elvira (para ser cantada por um rapaz) quanto eu te adoro os olhos azues Elvira (para ser cantada por uma rapariga) na meiga lira o aumento das passagens o cinco de novembro a mulata mostraram-me um dia a mulatinha sonhando - avistei-a a saudade branca maxixe brasileiro cantata da Conegundes a criança morta barcarola na aldeia deserdados o canto da sertaneja o fumo e a bebida o pinto pinica o velho despeito serenata do luar se em meio da noite a minha capa velhinha afeições livre coração virgem casta os treze anos pensativa e triste quem não ama o canto da virgem tristeza da noite no silencio amor sem fim feliz infancia flor da neve a luz da aurora filha não posso desvaneios lagrimas do passado tu e eu a noiva ouça-me nas prais desertas pezares o ebrio a ingratição a vida é um sonho hei de amar-te teu doce agrado nestas prais Carolina gentil Virgem Santa frio manto ora tomas mariquinhas se não me amas oh! mulher os ciumes do bardo</p>	Não	Sim	final do XIX		coletania de letras de musica	64 letras de musica, alem de nas paginas finais do livro apresentar os proximos lançamentos da editora	O Trovador Moderno, livro publicado pela editora Quaresma, não possui qualquer comentário ou apresentação que possibilite maiores informações sobre esta edição. Na verdade, o livro é formado basicamente por letras de musicas dos mais variados generos de musica, com a predominancia de modinhas não datadas e assinadas. Tal livro possui cerca de 64 letras de musica, distribuidas em 114 páginas. As letras em geral dizem respeito a situações do cotidiano com destaque para os casamentos, namoros proibidos ou impossiveis; traições e desilusões amorosas. Tudo envolvendo negros, mulatas e brancos.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
186	João de Souza Conegundes		Trovador de Esquina	Quaresma editores - RJ - 1901 - 159p - 15ª edição		FBN (DIV MUS) AI 784 481 C747t		Sim	Não	musica popular - negros - mulata - modinha - fados - fandangos - lundu		o sapo na lagoa canção da toutinegra do moinho as moças olhai olhai a vareira canção do boemio pepita a engomadeira porque sou eu fantasia um sonho clara morena o coração o remorso menina tenha um canario o beijo lenda dos sinos o velho e o rapaz embora teu olhar ai! morena canto da roceira meus olhos boa noite lundu da marrequinha fujamos testamento perolas soltas moreninha afeições desaforo do branco nessas viagens o papa tudo fogo e gelo recuerdo um improviso de viola o amor tem fogo ponto final pedi-te um beijo o sabiá o trabalho desafio de Bocagre com Caldas penderão a São José o pedido de um beijo a uma vendedeira de cabelhinha na venta perdão a mulata Dalila o yago mestre a briza dizia a rosa o lirio da campina es bela es tão formosa nas vozes da lira Ave, maria tim tim por tim tim a largatixa descuidos rataplan surcouff o chuva das oito as dez a missa campal a capoeira a peste bubonica	Não	Sim	segunda metade do século XIX		testemunho próprio do autor	possui cerca de 60 letras de música	O Trovador de Esquina, é na verdade uma coletânea que apresenta letras de musica dos mais variados generos de musica, com destaque para a modinha. Tais letras foram organizadas a mando da editora Quaresma por João de Souza Conegundes - do qual não dispomos de nenhuma informação. Porem, neste livro, as letras tem sua autoria declarada apesar de não estarem datadas. Nesse sentido, destacam-se as letras dos musicos e/ou poetas: Nicolau Rego, Garrido, Castro Alves, Ferreira da Luz, Calcano, Francisco Pereira, Cezar de Carvalho entre outros. Ressalta-se que o livro apresenta mais de 60 letras de musica. As letras, no geral, dizem respeito a situações do cotidiano humano com destaque para relacionamentos entre negros, mulatas e brancos; casamentos; desilusões amorosas; namoros e traições.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
187	Eduardo das Neves		Trovador da malandragem	trata-se do segundo livro do autor, o primeiro chama-se Cantor de Modinhas Brasileiras.	Livraria Valentim editora - 1926 - 2ª edição	FBN (DIV MUS) - AI 784 - 481 N 514t	o autor era poeta e palhaço	Sim	Não	musica popular - negros - mulatos - modinhas - lundus - choros		declaração canção do índio Santos Dumont a noite Anita uma lagrima a concha e o amor a voz da flauta o baile do ceu saudades da infancia no horizonte desafinação no romper da aleluia amor de uma argentina gargalhada do Bieta um beneficio chula do samba coio sem sorte canção da cabocla o marechal de ferro corta - jaca o imposto do selo pic - nic o poeta e a fidalga uma entrevista na vespere de São João Augusto Severo um justo Bahiania duetto anglo - boer mestre Domingos e sua patroa a festa de Bom Jesus do Tremembé a estrela o amor da mulher surpresa ao França as Ave - Maria Tua barquinha o creoulo Dudu das Neves a ellas como és tu bonitinha dodoca a mulata entrada do ano novo quando vejo uma mulata lembrança de mãe etc...etc... E tal gemendo na lira quando meu peito não gemer nunca mais em horas brandas a creoula (parodia a mulata de Gonçalves Crespo) como esquecer-te flor melindrosa o sino da tarde o nome de quem adoro uma sorte amrgurada paixão de amor é tormento pelas prais vagando o fuzileiro naval (lundu) mulher ingrata acorda, acorda adeus Maria eu de ti me ausento querida Elvira causadora dos meus males flor de abril na flor da minha existencia pela janela o arame olá seu Nicolau, quer mingaú? A peste bubonica pelo portão pelo buraco bólim - bolacho coio sem sorte angu do Barão então seu Serafim, quer capim? A carne verde perdão Miloca fado liró são dez horas vuiva alegre Stella vem cá mulata Alice nasci para sofrer a lua cheia	Não	Sim	do final do XIX até 1902		poesia	85 letras de música	O livro Trovador da Malandragem é composto por 85 letras de musica cujos generos variam, principalmente, entre modinhas, fados e lundus. Na maioria das musicas há especificação de local e data, que variam entre 1889 e 1902. Em relação a localidade destaca-se em sua maioria o RJ, encontrando-se também na Bahia, Belo Horizonte e ainda Alagoas. Não há menção de co - autoria ou outros autores, sendo assim, todas as musicas foram compostas por eduardo. Em relação a temas ou assentos abordados pelas musicas, encontramos uma grande parte que versa sobre o amor: relacionamentos, ciúme, desilusoes, alegrias e tristezas. Destaca-se também temas outros como: o índio, São João e Santos Dumont.	Daniele Romero

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
188	Rossini Tavares de Lima	-----	Ai! entrei na roda!	Eu na Casa Wagner - SP - s/d	colaboração de Centro de pesquisa folclóricas Mario de Andrade	FBN (DIV MUS) 784 481 L732a	catedrático de folclore nacional do Conservatório Dramático e Musical de SP.	Sim	Não	musica - cantigas de roda - musica infantil.	-----	ó José, ó meu José debaixo do mira, mira o preto e a preta mas uma boneca pode entrar no meu quintal Chiquinho caiu no poço o bobalhão esta na roda no dia de 7 de setembro ô, mineiro vem de cima Rosinha não é capaz sereno da meia noite eu sou uma canponesa lá em cima daquele muro Terezinha de Jesus zum, zum, zão mestre Domingos ô limão entra na roda, ô limão de abóbora faz melão lá no centro da cidade se quize dançá o miudinho vamos atras da serra, o calunga jacaré foi na cidade ai! Eu entrei na roda eu sou mineira de minas penedo vai, penedo vem voce gosta de mim, Suzana eu topei com meu bem esta noite tive um sonho entrei na roda, seu sabiá limoeiro abaixa um galho sou eu seu pintor meus senhores e senhoras minha jangada de vela o cordão da saia onda vais bela manquinha pretinho que vem de Angola pombinha branca uma mulher tinha nove filhas vamos, maninha vamos D. João Barão lá de cima daquela montanha lá de cima daquela caixa de água jacaré subiu a serra pai Francisco entrou na roda omeu chapéu de palha Mariquinhas diz que tem sanguiné, sanguiné a rolinha fez seu nimho sobre um rochedo	Não	Não	SP, RJ, SE, ES, MG e PR.	Testemunho próprio do autor	-----	"No estudo e aproveitamento do folclore pátrio é que se jogam as armas da libertação política e economico de uma nação". Com estas palavras Rossini resume seu objetivo de manter as nossas tradições populares como resistência a escravidão economica e espiritual. As rodas infantis são portanto uma forma de aducar as crianças para manter a tradição. Por isso, estas cantigas não podem ser modificadas "nossos musicos comete um crime de lesa ciência folclorica, quando publica rodas infantis bastantes modificadas". Estas cantigas devem ser hamonizadas ou apenas registradas. Fazendo uma apresentação das cantigas, o autor informa "as nossas rodas infantis refletem, ainda hoje, ao lado da crescente influencia da musica erudita ou ppseudo popular reminiscencias, no texto literário ou musical, do material humano que concorreu na formação do nosso povo: o lusitano, espanhol e francês, ou seja, especialmente o indo - europeu". Após esta apresentação o autor transcreve as rodas que estao no indice.Todas vem acompanhada de partituras e de uma data que indicam o onde e quando foram cantadas.	Nivea Andrade	

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
189			Cancioneir o popular moderno de modinhas brasileiras e portuguesas	Teixeira editores - SP - 1921 - 222p - 10ª edição		FBN (DIV MUS) AI 784 481 c 215.2		Sim	Não	musica popular - negros - mulata - modinhas		um dia de louco que sorte, que sina lagrimas do passado pesca seu bem prazeres que eu não sonhava do jardim da minha vida teu nome rosa do sertão o nome de quem adoro o rouxinol se não me amas em horas brandas a casa branca da serra sonhei contigo donzela Nair paixão de amor é tormento acorda Adalgisa cantiga isto é bom a colonia portuguesa o jogo dos bichos vilaceneite mal secreto ai! Maria canção do indio se foi crime canção do exilio a vacina obrigatória o aquidebam borboleta perdoa o beija - folr serenata o caixote do tesouro o gato preto telento e formosura suspiro sou teu escravo constancia desabamento do club de engenho canção perdida sonhei, sorri, amei, descrevi oh! Que delirio nasci para sofrer fado primavera corina ora vaes tu o desastre da central o fado do sobreiro sob o eypestre caninha verde no voar de uma pomba melodia a rosa tirana o canto do cisne o sertanejo enamorado margarida vae a fonte as caboclinhas a lua nova o fado das salas sobre um rochedo o cego de ti fiquei tão escravo adeus a cho;ca fado varella loura trança nasci para te amar as carvoeiras gentil maria amor de argentina Don solidon o colar de joaninha anjos baianos o sino da tarde pirolito sou eu na hora em que se cobre quero fugir-te regadinho invocação a estrela fadi hilario atr nouveau amor sem fim noite serena a cirandinha bemzinho o poeta e a fidalga a aurora papagaio louro o botão sobre o mar a brisa ditoso e puro amor felicina teus olhos modinhas do capadocio o maxixe aristocratico senhorita as duas flores resposta ao violão e vivinha	Não	Sim	segunda metade do século XIX e inicio do XX.		coletania de poesias	de 160 letras de musicas	Em Cancioneiro popular moderno de modinhas brasileiras e portuguesas, a editora Teixeira organizou mais de 160 modinhas. Destaca-se que todas as modinhas brasileiras são de autoria de Eduardo das Neves e Baiano. No tocante, aos temas dessas musicas - não datadas, seriam mais frequentes aqueles ligados aos relacionamentos amorosos e seus casamentos, namoros e brigas. Pore, tambem existem modinhas que tratam da vacinação obrigatória, dos indios e politicos. Quanto as modinhas portuguesas, estas não envolvem temas que não sejam ligados aos relacionamentos amorosos.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
190			Trovador Brasileiro	Quaresma editores - RJ - 1904 - 192p		FBN)DIV (MUS) AI 784 481 T 859b		Sim	Não	musica popular - negros - mulata - modinhas - fado - lundu - operetas		lenda dos sinos coração de bronze quando meu corpo se abasamr na cama pedido de Tricio dous impossiveis canção do marinheiro nevoas eras livres o canto da noiva tenho ciumes quando eu morrer trovas populares dormir e sonhar noite e dia soluços da alma quem era Maria Angu boa noite tem um marido essa cara lá onde estas arminda dá-me um beijo a hora da despedida eu amo a calma já não vive a minha flor Deus esperança minha alma é triste cafuné a hêbrea eu sou banhista amor comercial amo-te acorda, escuta Dalila tanta mudança me faz confusão volta meu anjo a mulatinha e nhonho roxa saudade a tarde	Não	Sim	segunda metade do século XIX		coletania de letras de musica	100 letras de musica	O Trovador Brasileiro é uma coletania de letras de musica dos mais variados generos musicais, com destaque para as modinhas e os lundus. As letras no geral dizem respeito aos relacionamentos amorosos entre negros, mulatos e brancos com destaque para as situações que envolvem casamentos, traições e desilusoes amorosas, namoros proibidos ou impossíveis, fugas e brigas entre casais. O livro apresenta mais de 100 letras de músicas, todas não estão com a autoria assimilada. Nesse sentido, destacam-se alguns musicos e/ou poetas tais como: Casimiro de Abreu, Castro Alves, Laurindo, Fagundes Varella, Thomaz Ribeiro, Julio Tavares entre outros.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
191	João de Souza Conegundes		Serenatas Fadinhas	Quaresma editores - RJ - 1914 - 167p		FBN (DIV MUS) AI 784 481 C 747s		Sim	Não	musica popular - negros - mulata - modinhas - lundu - fados - tangos - fandangos		a moreninha do sertão Chile e Brasil miscelania de um capadocio a luva mulher perdida tango da vassorinha caraboo como a rosa, o amor dura um dia casta mimosa flor lembranças do nosso amor lembranças do nosso amor - resposta de uma senhora meus gemidos soltos em vão sonhei que alegre vieste - o sonho quando os ceus dão-me em teus labios canto de amor uma ingrata, uma inconstante minha terra tem mangueiras foi cruel o meu destino ai! De mim ao trovador - primeira resposta ao trovador - segunda resposta ao trovador - terceira resposta ao trovador - quarta resposta se eu moresse amanhã si o meu bem nunca mudar sonhos fagueiros o louco Alice nas horas longas de uma tarde amena canção do boemio amor ingrato Guiomar canto do cisne - quando eu morrer a noite de natal a vespera de reis outras quadras o Divino espirito santo a missa do galo o malhão a canmha verde fado boemio o fado da mouraria o fado da severa triste fado o fado dos amores si de noites a horas mortas trovas populares tenho saudades de maura messalina branca rosa oração da infancia murmuritos - quando tu cismas o primeiro amor eu tenho ciume dos negros cabelos eu sou pequena como a flor minosa o estudante já passei dias felizes as estrelas mar que outrora nessas prais - tão alegre já me viste menina dos olhos negros ardo por ti de paixão amor do ceo a casa mau assombrada teus olhos revista noturna nevoas hino da cabocla flor singela que o pardo enfeitiça melancolia - eu vejo-a sempre de cabelos soltos primaveras - a primavera é a estação dos riosos quando eu morrer, anjo meu o gigante da pedra um termo sorriso, de amor e amizade sem amor não há ventura o meu suspiro limpeza da cidade a mulata da Bahia com meu chapéu Mimi Bilontra art moveau a exposição o grande Elias o terrível Joli rebola a bola as malas da princesa.	Não	Sim	da segunda metade do século XIX ao inicio do XX		coletania de letras de musica	98 letras de musica	este livro, na verdade uma coletania organizada por Conegundes, estão listadas cerca de 98 letras de músicas, destacando-se as modinhas e os lundus e fados. As letras das músicas dizem respeito aos mais variados assuntos, com destaque para os casamentos, namoros, brigas entre casais, relacionamentos amorosos, exaltação a beleza feminina - principalmente em relação a mulata. Ressalta-se que as letras dessas musicas são datadas mas, sua autoria - na maioria dos casos - esta apresentada. Nesse sentido, são frequentes as letras e musicas de Eduardo das Neves, Mucio Teixeira, Rafael Coelho, Caetano da Silva, Joaquim Serra.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
192	João de Souza Conegundes		Lira do apollo	Quaresma editoras - RJ - 1898 - 248p		FBN (DIV MUS) AI 784 481 C 747L		Sim	Não	musica popular - negros - mulata - modinhas - lundus - fado		donzela escuta o infeliz canção da captiva a baiana hino patriótico amor perdido o estudante foste falsa ontem a noite escuta tem paciência canto do ermo de Marília os olhos lindos saudade inda dizes? A moreninha daqui se eu pudesse amr visão o desterrado o janota Lília virgem a mucama mulata cor de jambo o artista sorrisos e prantos no silencio confidencias Elisa o sonho vem ouvir lá nos palmares conselhos Fagundes Varella de teu rosto um belo gesto peregrina imagem ao luar perdeu-se a chave as mocinhas de hoje em dia o estudante Alsasiano pois foi assim se eu fosse rapaz o jantar do meu comrade o não o clarim catrapuz o meu nariz o naufrago em pello caiporismos duas iniciais tenho vergonha de o dizer as alfacinhas o chapéu alto o barrete a meretriz a atirar ella elle fado marítimo a caça das borboletas a carmelita a violeta o pranto a uma rosa o orphão conselhos o vinho a atirar as senhoras vizinhas a prostituta a moça solteira sobre as aguas do mar lamentos	Não	Sim	século XIX		coletania de letras de musicas	130 lundus, fados e modinhas.	Lira do Apollo é na verdade mais uma coletania organizada por Coengundes para a editora Quaresma. Neste livro estão transcritos mais de 130 letras de musica dos mais variados generos musicais com destaque absoluto para as modinhas e os fados. As letras dessas musicas apresentam temas variados, porem predominam assuntos ligados aos relacionamentos amorosos; casamentos; brigas entre casais; namoros (além da exaltação e/ou depreciação da figura feminina, destacando-se as mulatas e negras). Por fim, mas toda obra publicada pela editora Quaresma, as letras das musicas não se encontram datadas, mas tem sua autoria declarada. Nesse sentido, ressalta-se os poetas e/ou musicos Favilla Nunes, Lisboa, João Machado Sampaio, João Peçanha, Alvaro Machado Sampaio, além do próprio autor.	Leonardo da Costa Ferreira
193	Eduardo das Neves		O Cantor de Modinhas Brasileiras.	Laemmert editores - RJ - 1895 - 678p - 9ªedição.		FBN (DIV MUS) AI 784 481 C232		Sim	Não	musica popular - negros - lundus - modinhas - fados		Parte I: Saudades e costumes Parte II: Romances e descritivos Parte III: Lundus e fados Parte IV: Recitativos Parte V: Trovas e juras Parte VI: Humorísticas	Não	Sim	século XIX		coletania de letras de musicas	possui cerca de 349 letras de musica	O presente livro intitulado O Cantor de Modinhas Brasileiras, apresenta quase 350 musicas de diversos generos musicais, destacando-se as modinhas, fados e os lundus. Tais letras dizem respeito aos temas do cotidiano, principalmente aqueles ligados aos relacionamentos amorosos, com destaque para os casamentos, namoros, brigas e fugas de casais. Ressalta-se o forte humor dessas musicas, principalmente aquelas que tratam de romances inter-raciais. Por fim, devemos esclarecer que essas letras não se encontram datadas e apenas uma nimoria - no universo de quase 350 - tem sua autoria revelada. Neste caso, aparecem os nomes de Laurindo Rabello, Rafael Coelho Machado e Gonçalves Magalhães.	Leonardo da Costa Ferreira

Código	Autor	Pseudônimo	Título	Indicação bibliográfica	Informação sobre a edição	Localização	Dados sobre o autor	Livro	Artigo	Temas	Ênfase temática	Índice	Informações históricas	Descrição das regiões	Período da descrição	Regiões descritas	Fonte do relato	Ilustrações/ anexos	Comentários	Pesquisador
194	Melo Morais Filho		Cantares Brasileiros: Cancioneiro Fluminense	Livraria Cruz Coutinho - RJ - 1900 - 2volumes	o livro é dividido em 2 partes: poética musical.	FBN (DIV MUS) e AI 784 481 M827c		Sim	Não	musica - modinha - lundu - conceito de musica brasileira		beijo a mão que me condena a noite um sonho o cocheiro do bonde espectro a partida cantigas de ciganos o gondeleiro do amor por ter amar sem esperança as taieras partir levando as lembranças amor de artista papai eu quero me casar igualdade ilusória ta, te ti, to ,tu o bumba meu boi nas horas negras da noite palida madona quero partir tu es um anjo eram dez horas poesia e amor meu destino é imutável um ai gerado paixão tristes saudades as clarinhas e as morenunhas teu sorriso serenataa parasita sempre ella cantadas de reis a vida e a morte o bem te vi a rosa murcha cri-te lundu das moças a missa campal morena, teus olhos foi assim o meu amor sonhei as baianas a mulata os mandamentos a noite suspiro da alma a nau capitanea a marrequinha tu es o sol o aumento das passagens as laranja da Sabina eu te adoro boas - noites o amargurado	Não	Sim	século XIX	RJ	testemunho próprio do autor	centenas de músicas e poesias	O livro é dividido em dois volumes: o poética e musical. A primeira reúne letras de modinhas e lundus, com indicação do autor. Já o segundo volume reúne partituras de canções brasileiras, todas com letras e algumas com indicação do autor. Do primeiro volume o autor narra uma história da modinha desde o tempo do Brasil colônia, ressaltando a ida da modinha para Portugal, onde foi apresentada em operetas e comédias de onde se popularizaram. Nesse sentido Melo Morais informa que no Brasil as "modinhas foram segundo as contingências dos meios e os ideais das raças que iam se mestiçando se modificando". O autor também comenta sobre o desenvolvimento de outras músicas como a chula e o fado brasileiro - de influencia espanhola - e do lundu que chegou a Portugal pelas mãos de Caldas Barbosa. Sobre a música brasileira, o autor faz uma ressalva "se é verdade que o ritmo é o que constitui o caráter das músicas nacionais, uma musica brasileira não existe, assim como não existe uma religião, filosofia, literatura, escultura, pintura e artes brasileiras." Nos tempos modernos notáveis são as musicas italianas, alemães e francesas, sendo todas as outras subordinadas a estes três troncos musicais. Logo, a modinha brasileira é uma apropriação da melodia italiana. Por fim, ele inumeras diversos musicistas da modinha.	Nivea Andrade
195	Magalhães, Basílio de		O Folclore no Brasil	Rio Janeiro, Imprensa Nacional IHGB, 1939	Contém 81 contos populares organizados pelo Dr. João da Silva Campos. Foi publicado pela primeira vez em 1928, pela livraria Quaresma, tendo logo se esgotado.	BN 398.2091 81 n 188		Não	Não	folclore, bibliografia de folclore, negros, contos		I - Folclore em verso e folclore em prosa II - Contribuições relativas à mítica indígena e a mítica africana III - Traços gerais sobre as teorias mitográficas e sobre o totemismo e o tabuismo IV???	Sim	Sim	final do século XIX até 1930	Brasil	bibliográfico e coleta	Excelente manual bibliográfico sobre a produção folclórica no século XIX até 1930.	Martha Abreu	